

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus Rio Claro

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

**PEÇAS DE UMA HISTÓRIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA
NA REGIÃO DE MOSSORÓ (RN)**

RIO CLARO - SP
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus Rio Claro

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

**PEÇAS DE UMA HISTÓRIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA
NA REGIÃO DE MOSSORÓ (RN)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ivete Maria Baraldi

RIO CLARO – SP
2012

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

**PEÇAS DE UMA HISTÓRIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA
NA REGIÃO DE MOSSORÓ (RN)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dra. Ivete Maria Baraldi

Prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica

Prof^a Dra. Maria Ednéia Martins Salandim

Rio Claro, 20 de dezembro de 2012.

370.71 Moraes, Marcelo Bezerra de
M827p Peças de uma história: formação de professores de
matemática na região de Mossoró(RN) / Marcelo Bezerra de
Moraes. - Rio Claro : [s.n.], 2012
300 f. : il., figs., tabs., quadros, fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Ivete Maria Baraldi

1. Professores - Formação. 2. Educação Matemática. 3.
História Oral. 4. Rio Grande do Norte. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho a meus pais, que me deram o suporte necessário por todos esses anos, para que, aqui, pudesse chegar. A vocês retribuo a educação recebida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus que, com toda sua magnitude, me concedeu a oportunidade de estar, mais uma vez, entre o número de habitantes encarnados no orbe terrestre, para a busca de meu engrandecimento intelecto-moral. A Ti sou grato pelo dom da VIDA, pelas surpreendentes oportunidades e conquistas feitas até aqui.

A meus pais, Francisco Batista e Maria Emília, agradeço todo o amor em mim impresso, pelos ensinamentos, por todo acompanhamento, pela oportunidade de estudo, companheirismo, auxílio, compreensão, sem os quais não haveria de ser quem sou. A vocês sou grato pelo pleno acompanhamento neste orbe.

Aos queridos irmãos, Marcos, Márcia e Marciana, por todo o amor que, mutuamente, compartilhamos. Sem vocês, a minha passagem por esta existência não seria tão repleta de momentos marcantes e felizes. Com vocês, os problemas são transformados em oportunidades de união e crescimento em conjunto, aliás, união que nunca faltou. Agradeço a amizade, o amor, o carinho, os risos, as “piadas”, as “loucuras”, as “armações”, até mesmo os “choros”, enfim, por tudo o que vivemos. Com vocês e nossos pais a minha vida é mais COMPLETA.

A minha linda menina, Graziane Praxedes, pelo companheirismo, compreensão, paciência, dedicação, conversas, sorrisos... Agradeço por me fazer me sentir tão pleno. Ao teu lado minha vida ganhou um ar mais gracioso, minha princesa!

A meus cunhados, Maria das Graças, Jean e Diego, pela força que nos é concedida. A vocês agradeço pelo companheirismo, solidariedade, amizade e risadas.

Aos meus sobrinhos Juliana (Juju) e Bruno (Nego!), por complementarem, de forma tão especial, nossas vidas.

A mestra/amiga/mãe/orientadora Ivete, pela orientação e paciência para a elaboração/realização deste trabalho, que foram de suma importância para a conclusão do mesmo. A ti agradeço por todo o companheirismo para o desenvolvimento dessa pesquisa. Contigo aprendi muito mais do que apenas as obrigações acadêmicas. Muito obrigado!

Aos caros professores Felisbela, Joabel, Arimatéia, Maria das Graças, Alcir, Luiz Carlos, Raimundo e Chiquito pelas prazerosas conversas e, principalmente, pela grande atenção a mim destinada. Sem a colaboração de vocês, esse pesquisa não seria possível. Muito obrigado por tudo!

As coordenações dos colégios Estadual Jerônimo Rosado e (o extinto) União Caixeiral, por nos permitirem o acesso aos arquivos dessas instituições, que nos foram tão valiosos.

Ao professor Ascendino, por nos enviar, tão gentilmente, o maravilhoso material que encomendou a produção sobre a história do CECINE.

Aos professores Vicente e Maria Laura, pelas grandes e magníficas colaborações dadas no momento do exame de qualificação desse trabalho. Certamente contribuíram muito para o resultado final.

As eternas mestras, que também colaboraram com esta pesquisa, Socorro e Graciana, com quem já aprendi muito e continuo a aprender.

Aos queridos amigos/irmãos do Movimento Espírita, a quem, cada vez mais, devo as minhas conquistas. Estes, sem sombra de dúvidas, estão e estarão sempre presentes em minha atual existência. A vocês agradeço todo o amparo e todos os ensinamentos, que me auxiliaram a construir o ser que sou hoje.

A todos os tios e amigos que, sempre dão força e perseverança para persistir lutando pelos estudos.

Aos amigos e colegas do GHOM, com quem tanto venho aprendendo. A vocês agradeço as sugestões, as leituras, críticas, companheirismo, amizade. Certamente a passagem dentro deste grupo me fez enxergar muito além do que os meus olhos eram capazes de ver. Agradeço, em especial, a Tati, ao Filipe e ao Jean, que sempre estão dispostos a auxiliar quando é preciso. Agradeço também ao Washington e ao Anderson (Koxin) pela cara hospedagem assim que cheguei a Rio Claro, serei sempre grato por isso. A Tati e ao Jean, novamente, pelo companheirismo e amizade na divisão da moradia, aprendi e me diverti muito durante todo esse período (rs). A todos, muito obrigado!

Aos amigos da PPGEM, pelas brincadeiras e momentos de descontração, com vocês foi mais fácil passar este tempo na universidade. Serei sempre grato a vocês pelos momentos felizes que passamos.

Aos caros amigos Cláudio, Júnior, Janilson e Djoni, que são grandes e verdadeiros irmãos, prontos para auxiliar em qualquer situação. A vocês agradeço a amizade. Com vocês aprendi muito durante todo este tempo.

A FAPESP, pelo apoio financeiro concedido, e de extrema importância, para o sucesso deste trabalho.

A UNESP por ter concedido o espaço e a oportunidade de elaboração/desenvolvimento deste estudo.

Enfim, a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente na minha formação e realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores que atuaram no ensino de Matemática na região de Mossoró (RN), alusivo ao período que vai de meados da década de 1940 ao ano de 1974, o qual marcou a criação do mais antigo curso de licenciatura em Matemática da região. Para atingirmos o nosso objetivo, desenvolvemos uma pesquisa de caráter qualitativo, onde trabalhamos com a História Oral (temática) como principal metodologia de investigação. Utilizamos não só as fontes orais, na forma de depoimentos de professores de Matemática que atuaram e se formaram na região, como também documentos escritos. Além da História Oral, apoiamo-nos em teóricos que trabalham com História, Narrativas, Memórias, Tempo e História da Educação Matemática. Este trabalho está inserido em um projeto maior do GH OEM (Grupo História Oral e Educação Matemática), que visa realizar um mapeamento sobre a História da Educação Matemática Brasileira, em específico sobre a formação de professores de Matemática das distintas regiões que compõem o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Matemática. História oral. Formação de professores. Mossoró. Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

This work has as its main objective to sketch an historic version of the Math teachers' formation and their practices in the Brazilian northeast region, specifically in Mossoro, in the state of Rio Grande do Norte (RN) when there were no specific superior courses to prepare them. So, the study focuses the period before the seventies (in 1974 was created the first undergraduate program to prepare Math teachers in such region). Our methodological approach was the Oral History in a modality called "thematic", but not only oral sources – depositions of former math teachers – were used. We had written materials and other sources to support the historical version we were trying to build. Some essays constitute this thesis, each one of them focusing distinct themes as History, Oral History, Narratives, Memory, Time and the History of Mathematics Education. Last, but not least, we present our historic version in a narrative form. Such research is a piece of a larger project in History of Math Education in Brazil, developed by the GH OEM (Research Group "Oral History and Mathematics Education") that intends to draw a mapping of how Math teachers were formed and which were their practices in the past.

KEYWORDS: Mathematics Education. Oral History. Teachers Formation. Mossoró. State of Rio Grande do Norte (Brazil).

SUMÁRIO

DESENLACE – PARA UM (NÃO) ESTRANHAMENTO: ADAPTANDO-SE A UM NOVO JOGO.....	10
Adaptando-se a Arte de pesquisar.....	12
Adaptando-se a um novo percurso: pesquisa.....	14
Adaptando-se a uma forma: escrita.....	16
Adaptando-se a um desafio: propor um novo jogo.....	19
SOLO – PEÇAS QUE SE ENCAIXAM: HISTÓRIA, TEMPO, MEMÓRIA?.....	21
REGIÃO – PEÇAS QUE MONTAM UMA IMAGEM: DESCOBRINDO OS CAMINHOS DE UMA REGIÃO.....	31
CAMINHO – PROCURANDO AS PEÇAS: HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA.....	56
Entalhando novas peças... ..	58
EXTERNO – PROFESSORA FELISBELA.....	67
DEPOIS – PROFESSOR JOABEL.....	86
UNIVERSIDADE – PROFESSOR ARIMATÉIA.....	102
MUDANÇA – PROFESSORA GRACINHA.....	123
PADRES – PROFESSOR ALCIR.....	141
POLÍTICA – PROFESSOR LUIZ CARLOS.....	153
EDUCAÇÃO – PROFESSOR RAIMUNDO.....	178
PRÁTICA – PROFESSOR CHIQUITO.....	199
NOVA – PEÇA, MAPA, VERSÃO, HISTÓRIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DE MOSSORÓ.....	212
(RE)COMEÇO.....	274
REFERÊNCIAS.....	275
APÊNDICES.....	286



*Desenlaçaremos nós
De um processo não acabado:
Um SOLO que transformou
O que era pesquisado
E uma REGIÃO a percorrer,
Num CAMINHO iniciado...*

*Do EXTERNO que se fez
Intenção se transformar,
DEPOIS que alguém buscou
A formação estudar,
Antes da UNIVERSIDADE
Um curso ali criar.*

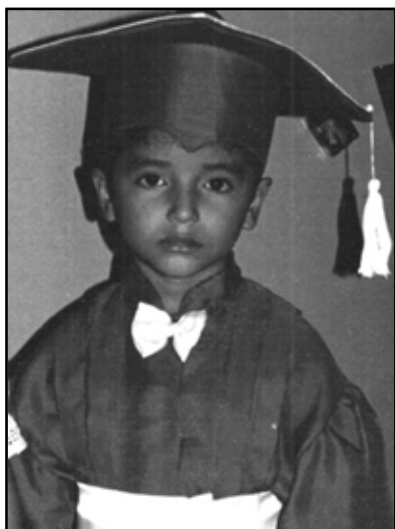
*Na formação, desde então,
MUDANÇAS puderam ver;
Desde PADRE a POLÍTICA
É o que vamos saber,
Pois quem narrou sua história
Fez questão de nos dizer.*

*Isso é o que da EDUCAÇÃO
Agora vamos focar,
Pois é sobre a formação
Que vamos aqui falar,
E da PRÁTICA que fez
NOVA história aqui criar.*

Para um (não) estranhamento: adaptando-se a um novo jogo

As primeiras histórias só começam por um acontecimento, por mais banal que seja, mas este acontecimento, que no início é só inquietude, desconforto, choque sensível, signo sem sentido, desnortamento, potência viril, lacuna senil ou inocência infantil, começa a fazer sentido, começa a se tornar fato, começa a ganhar contornos quando começa a ser contado, narrado, relatado. O fato, o evento, não pode ser reduzido nem somente a irrupção real de uma ação, de uma prática sem sentido, sem significado, incômodo sensível que nada significa, nem somente à sua barroca e grandiloquente narrativa. (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 27).

Figura 1 - Marcelo Bezerra de Moraes



Fonte: arquivo pessoal

Poderíamos resumir nossa história e dizer que uma pergunta de pesquisa “simplesmente” surgiu, mas optamos por narrar, ressignificar, brevemente, uma história do processo de formação de um pesquisador... Poderíamos, ainda, começar a contar desde a infância, a influência de uma irmã para o início de sua vida escolar, ou quem sabe de um balaio, ou cesto de pães, carregados por uma bicicleta cargueira; poderíamos narrar ainda o evento de ter ido para uma recuperação de nota da disciplina Matemática na quarta série do antigo ensino fundamental menor, ou o esforço imensurável realizado por seus pais para tornar o seu estudo possível, ou quem sabe a

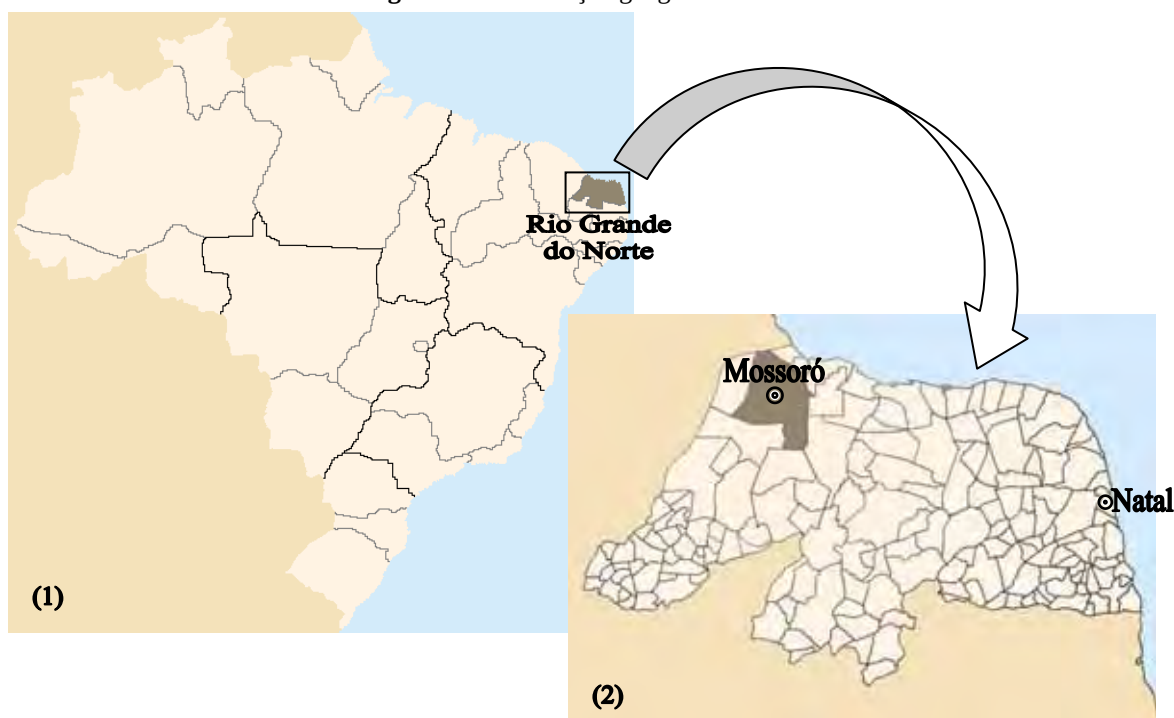
influência dos outros irmãos nesse processo... Isso se faria legítimo, por serem eventos importantes para o processo de formação deste pesquisador, que aqui narra um processo de descobertas, ou, poderíamos fazer isso, simplesmente, por serem eventos importantes de sua história, que deixaram marcas na memória (esse também seria um argumento legítimo).

Porém, não sendo a história do pesquisador o evento mais importante a se narrar nesse texto, nos deteremos em sua vida acadêmica, contando, assim, quais acontecimentos o levaram “às primeiras histórias”, como dito por Albuquerque Jr., e como este pesquisador decidiu organizar e contar as mesmas.

Adaptando-se à arte de pesquisar

O pesquisador, Marcelo Bezerra de Moraes, é natural de Mossoró (região localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, a aproximadamente 277 Km da capital Natal), como mostra a Figura 2:

Figura 2 - Localização geográfica de Mossoró



Fonte: (1) <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/RN-no-Brasil.png>
 (2) <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RN-mapa-Mossor%C3%B3.png>

A parte destacada em cinza na figura anterior representa a região que foi o cenário do início de sua vida acadêmica, pois cursou todo o ensino fundamental e médio, além de sua graduação, em Mossoró. Graduou-se (2010) em Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde teve oportunidade de iniciar-se na pesquisa. No primeiro ano de sua graduação, entre 2006 e 2007, participou de atividades de iniciação científica no campo da Matemática Aplicada trabalhando com telecomunicações. Entretanto, o pesquisador não se reconheceu pertencente a essa área, decidindo, no segundo ano de seu curso, procurar a coordenadora do Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) daquela instituição: Maria do Socorro Aragão Paim. Nessa oportunidade, desenvolveu atividades vinculadas ao processo de ensino e de aprendizagem da Matemática, tornando-se estagiário bolsista do LEM.

Reconhecendo-se como pertencente ao campo de conhecimento da Educação Matemática, decidiu enveredar-se por ele, como pesquisador. No entanto, seu curso ainda não

oferecia tantas oportunidades de pesquisas em Educação Matemática, pois os professores dessa área eram pouquíssimos. Mesmo assim, o estudante (pesquisador) não se contentou em apenas desenvolver trabalhos no LEM, mas ousou, sem muita técnica ou conhecimentos apropriados, desenvolver estudos e observações das atividades desenvolvidas no laboratório, o que lhe rendeu alguns trabalhos e participações em eventos. Esse esforço seria isolado, se ao seu lado não contasse com amigos e com a coordenadora do LEM, que, também não tendo formação ou experiência em desenvolver pesquisa, aceitou o desafio e, juntos, realizaram um processo de descobertas e de formação.

No quinto período de sua graduação, em 2008, o pesquisador e os outros colegas de turma receberam a notícia que teriam que desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma monografia. Ao saber disso, e um pouco mais próximo da atividade de pesquisa, procurou uma professora que há pouco havia chegado à instituição e que desenvolvia estudos e pesquisa em nível de mestrado. Graciana Ferreira Alves Dias, de pronto, aceitou orientar tal pesquisa de conclusão de curso.

Inicialmente, ideias foram muitas e, como é característica de quase todo aspirante a pesquisador, muito amplas. De uma coisa ele estava certo: gostaria agora de começar a trabalhar com a relação história e Matemática, pois, concomitantemente a este processo, vislumbrando continuidade de estudos após o término da graduação, o aspirante a pesquisador começou a fazer contatos com alguns professores de um programa de Pós-Graduação para o qual havia se interessado em prestar seleção, o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Rio Claro.

A pesquisa efetuada resultou em seu trabalho monográfico (MORAIS, 2010), que tratava do uso da História da Matemática como recurso didático e pedagógico para o ensino de Matemática, e tinha como objetivo geral “saber se a História da Matemática está sendo utilizada, em sala de aula [na cidade de Mossoró], como recurso metodológico facilitador para a aprendizagem do aluno” (Ibidem, p. 10).

Próximo do final de sua graduação, em 2010, ocorreu a seleção para futuros alunos do Programa de Pós-Graduação de interesse do jovem pesquisador, que se inscreveu enviando proposta de projeto de pesquisa no campo da História da Educação Matemática, abordando, especificamente, o Movimento Matemática Moderna.

Quão grande e feliz não foi a surpresa de saber que havia passado na primeira fase da seleção, sendo convocado à segunda, momento de realização de uma entrevista. Nessa

oportunidade, o aspirante à vaga conversou com duas professoras extremamente simpáticas: Ivete Maria Baraldi e Heloisa da Silva. Nessa oportunidade, ainda soube que a primeira dessas professoras havia se interessado em orientar o candidato (o que, de fato se concretizou), questionando-o se haveria algum problema, caso fosse necessário, em mudar a proposta de pesquisa (por estar inserida em um grupo que trabalha com outros contextos). Após a entrevista, ficou acertado que, se selecionado, o candidato iria pensar em um projeto de pesquisa que tratasse da formação de professores de Matemática na região de onde o pesquisador é natural.

Ao sair o resultado da seleção e saber de sua classificação, o pesquisador (já tendo iniciado) deu passos sólidos em busca da reestruturação de seu projeto. Por fim, após um período de estudos, escritas, revisões, reflexões... nos encontrávamos com um projeto de pesquisa estruturado que resultou no trabalho que ora se faz ler.

Adaptando-se a um novo percurso: pesquisa

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática dos níveis correspondentes aos atuais ensinos fundamental e médio, na região de Mossoró, no período anterior ao ano de 1974, e específicos: identificar e descrever qual formação tinham os professores que lecionavam Matemática na região de Mossoró, antes da implantação do curso de Licenciatura em Matemática; por meio de depoimentos de professores, elaborar uma compreensão dos cursos, ou programas, responsáveis pela formação de professores na região de Mossoró, à época; elaborar uma versão – uma mobilização – de como os professores, no período de interesse, articularam suas práticas frente às reformulações, oficiais ou não, dos currículos escolares.

Esses objetivos de pesquisa se delinearam por Mossoró ser, juntamente com algumas outras cidades, uma das mais importantes regiões do Estado. Esta região se compõe, não apenas, mas, principalmente, pelo aspecto geográfico e econômico, tendo como centro a cidade de Mossoró. São cidades circunvizinhas que formam, pela divisão geográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Oeste Potiguar, mas, antes ainda da divisão em mesorregiões realizadas por esse órgão, essa região já era formada e popularmente conhecida como Região de Mossoró, como usaremos para identificar nossa área de inquérito.

A cidade de Mossoró se destaca, na região em que está localizada, por muitos aspectos; um deles é o econômico: segundo Costa (2008, p. 97), a cidade tem por base

econômica “a exploração do sal, do gesso, do petróleo e do cimento [...], riquezas essas que aliadas a outras produções industriais, fazem de Mossoró uma cidade pólo de crescimento na região Nordeste”, dando ainda destaque à produção agrícola da fruticultura irrigada e abundância de águas termais na cidade, que fortalecem ainda mais sua economia.

Outro aspecto que poderíamos ainda destacar é o cultural: Costa (2008) apresenta que a cultura mossoroense é composta de grandes escritores (cordelistas e/ou repentistas, poetas, cronistas, entre outros) e por diversos artistas, eventos, pontos turísticos, entre muitos outros que poderiam ser destacados. Entretanto, gostaríamos de ressaltar o aspecto educacional, em específico, no que se refere à formação de professores de Matemática. A cidade possui hoje três cursos de licenciatura em Matemática ofertados por instituições públicas de ensino, mostrando-se também como um pólo de formação de professores de Matemática para a região de Mossoró. As instituições são: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA) – este último no formato de Educação à Distância (EaD).

Os cursos de Licenciatura em Matemática da UFERSA e do IFRN possuem datas de criação bastante recentes, 2007 e 2009 respectivamente.

Conforme o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Matemática da UERN, este é o curso mais antigo da região, “foi criado através do Decreto Municipal nº 21/73, e implantado em 1974, tendo a sua oferta suspensa em 1981, quando houve sua transformação em Curso de Ciências (licenciatura curta) com habilitação plena em Matemática no período de 1981 a 1992” (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 2009, p. 3).

O curso retomou a oferta como Matemática, licenciatura plena, em 1993 conforme Resolução nº 07/93-CONSUNI, e seu reconhecimento se deu por meio da Portaria Nº 1.115/96-MEC de 01 de novembro de 1996, com validade de cinco anos, publicada no Diário Oficial da União de 05/12/96.

Pensando então sobre esses cursos, nos questionamos quanto à formação de professores de Matemática na região antes da criação do curso mais antigo: se a criação deste curso data do ano de 1974, como se dava a formação deste profissional antes desse período? A região não contava com oferta regular, alguma, de curso superior de formação de professores de Matemática? Havia professores de Matemática na região?

Encontramos, em nossas pesquisas, falando sobre a capacitação de professores de Matemática naquela região, o trabalho de Gutierre (2008, p.76) afirmando que foi realizado

[...] no período de 8 de janeiro a 26 de fevereiro de 1965, o III curso de treinamento de professores leigos da cidade de Natal, Mossoró, Caicó, Santa Cruz, Pau dos Ferros, Angicos e São José do Mipibu. [...] O objetivo geral do curso era ‘melhorar o nível técnico pedagógico dos professores, assegurando-lhes melhorias de vencimento e melhores condições de trabalho’.

Porém, a autora trata de formação continuada, ou do que podemos chamar de capacitação de professores (leigos) que já atuavam lecionando Matemática. Assim, nos perguntamos quem foram os professores que participaram desta capacitação? Qual o perfil dos professores de Matemática que lecionavam nesta região? Onde eles se formaram, haja vista a ausência de cursos na região? Como foram suas formações? Foi suficiente para suprir suas necessidades enquanto professores de Matemática?

Assim, com a finalidade de esboçarmos compreensões acerca das questões e dos objetivos apresentados e também de fornecermos as fontes necessárias para a construção de uma versão histórica sobre a formação de professores na região de Mossoró, decidimos fazer o uso da História Oral Temática como metodologia de pesquisa, pois esta trabalha

[...] com o testemunho oral de indivíduos ligados por traços comuns. A utilização desta metodologia [...] fornece novas perspectivas para o entendimento do passado recente, possibilitando o conhecimento de diferentes versões sobre determinado tema. O testemunho oral, obtido através de entrevistas, constitui-se como o núcleo da investigação, ou seja, o trabalho investigativo leva em conta as trajetórias individuais, eventos ou processos que não poderiam ser compreendidos de outra maneira. Isso obriga o pesquisador a buscar respaldo em outros referenciais teóricos, principalmente os que discutem sobre as relações entre escrita e oralidade, memória e história, tradição oral, bem como sobre os conceitos apontados pelos colaboradores. (BARALDI, 2003, p. 216).

Com isso, temos que essa metodologia pode nos fornecer os recursos necessários para compormos traços narrativos sobre essa história.

Adaptando-se a uma forma: escrita

Ao longo do processo de desenvolvimento de nosso estudo, ao lermos outros trabalhos do Grupo “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM), no qual estamos inseridos, e pensando na cultura da região objeto de estudo, passou pela cabeça do pesquisador propor uma escrita diferente; a Literatura de Cordel, esta forma literária de escrita que “tem sido

responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos” (VIANA, 2010, p. 12).

Essa empreitada se justificaria por ser uma forma de escrita extremamente presente na cultura da região do pesquisador e por ser também a região de interesse deste estudo. Além disso, esses folhetos foram, “em muitos casos, o único tipo de leitura a que tinham acesso as populações rurais na primeira metade do século XX” (Ibidem, p. 12), o que traz uma grande importância para o estilo de escrita, a história e a cultura daquele povo. Assim, teríamos a possibilidade de tornar mais próximo o leitor daquela cultura, além de valorizá-la e tentar, num movimento de escrita, perceber quais as potencialidades que essa forma de escrita pode ter para colaborar para um trabalho científico e para a construção de narrativas históricas.

Entretanto, o pesquisador, enxergando ainda muito restritamente, via-se desmotivado ao pensar na quantidade de material que teria que escrever nesta forma que, obedecendo a regras de métrica e rima, torna-se extremamente complicada para aqueles que não têm tanta prática nessa escrita. Entretanto, em uma conversa de orientação, a orientadora dessa pesquisa inspirou-se com a mesma ideia. Mais cautelosa e experiente, porém, propôs escrever a introdução e conclusão em forma de Literatura de Cordel, o que tornou a animar o pesquisador quanto à escrita. Após algumas conversas e ajustes, decidimos que escreveríamos uma introdução para cada texto ou “capítulo” em forma de cordel.

Daí, a realização de um mergulho em busca de informações sobre esses livretinhos.

Entre muitas outras coisas importantes a se falar sobre a Literatura de Cordel, como sua história, seu formato, decidimos nos deter às técnicas para que o leitor não as estranhe.

O Cordel é formado em sua estrutura por *estrofes* e *versos*. O verso é cada linha do texto, “é a unidade rítmica da composição poética” (VIANA, 2010, p. 36), a estrofe é um conjunto de versos que, normalmente, possui um sentido completo. Para nosso trabalho, resolvemos escrever as estrofes em *redondilha maior*, que é um conjunto de versos escritos em sete *sílabas poéticas*. A sílaba poética se diferencia da gramatical; por exemplo, “minha amiga” tem cinco sílabas gramaticais (mi-nha-a-mi-ga) e quatro sílabas poéticas (mi-nhaa-mi-ga). Além disso, a contagem das sílabas poéticas se dá apenas até a última sílaba gramatical tônica do verso.

O Cordel é escrito seguindo um padrão de *métrica* que seria “a medida das sílabas de cada verso, em determinado gênero de estrofe” (VIANA, 2010, p. 3); um padrão de *rima* que é “a correspondência de sons, com palavras diferentes” (Ibidem, p. 34), e um outro de *oração*. Entre várias opções para escrever o Cordel, lançamos mão da escrita em *sextilhas*: “uma

estrofe de seis versos, geralmente dispostos da seguinte maneira em nosso cordel tradicional: são rimados entre si os versos pares, ou seja: o segundo com o quarto e com o sexto, enquanto que o primeiro, o terceiro e o quinto são livres” (*Ibidem*, p. 35).

Assim, as introduções de nossas “peças” (explicaremos mais adiante) serão apresentadas por conjuntos de quatro estrofes escritas em sextilhas, com versos em redondilha maior.

Além disso, trouxemos mais um componente da Literatura de Cordel para nosso trabalho: a *xilogravura*. A xilogravura é “uma arte milenar que se desenvolveu em diversos recantos do mundo”, onde são esculpidas, em madeira, as matrizes para se fazer cópias de um mesmo desenho. Durante muito tempo, a xilogravura foi o único formato de capa utilizado para os livretinhos. Embora hoje não seja a única forma de se fazer as capas dos livretos, decidimos por transformar as fotos de nossos colaboradores em imagens próximas às geradas pelas matrizes de xilogravura, pois, assim, nos aproximamos mais das intenções de aproximação dessa forma literária. Para isso, utilizamos um *software* de edição de imagens gratuito: o *GIMP*.

Adaptando-se a um desafio: propor um novo jogo

Certos do que gostaríamos de estudar, munidos da metodologia adequada e com uma proposta para a escrita do trabalho que faz uma aproximação com a cultura da região estudada, surge um novo desafio: pensar em subverter a ideia de quebra-cabeça para a escrita do trabalho. Essa proposta foi lançada pela orientadora da pesquisa ao observar que, nos mapas, as regiões se unem num movimento muito próximo do jogo de quebra-cabeça. Entretanto, como subverter a ideia de um jogo que parece contrariar tudo o que defendemos no GHOEM?

Como usar a ideia de um jogo que propõe a junção de peças que formem uma imagem única, em que só há uma maneira correta de se encaixarem as peças, e, isso feito, monta uma imagem completa, perfeita?

Figura 3 – Fazendo peças



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_BcdNeAm6Dxl/TBpNtgGg-I/AAAAAAAAABhc/V4hFDEbYkok/s1600

Pensamos, então, em propor um novo jogo, com finalidades diferentes do outro: um jogo que não monta uma imagem completa, um jogo que não se feche, em que as peças não precisem, necessariamente, se encaixar, onde tenhamos peças formadas por outras peças, em que, numa aplicação de *zoom*, formassem um outro quebra-cabeça. Um jogo que aceite todos os tipos de peças, sejam com bordas arredondadas ou quadrangulares, ou quem sabe, criemos outros formatos de peças: hexagonais, triangulares, pentagonais... e que essas peças possam montar um objeto final de várias formas. O importante é essas peças formem uma imagem, não necessariamente perfeita, ou com todos os detalhes, mas uma imagem em que seja possível ver algo, uma forma plausível ou caótica.

Essa proposta de quebra-cabeça que não se completa, vem para reforçar a ideia de que nunca conseguiremos apreender, com esta metodologia, ou qualquer outra, a totalidade das experiências ou das versões de determinado acontecimento, por isso a ideia das peças do quebra-cabeça não se encaixarem perfeitamente; ela vem para defender que toda história sempre está aberta a novas versões, novas mobilizações, novas apropriações, estando, assim, sempre aberta a outras interpretações, por isso o quebra-cabeça não se fecha; vem ainda para reafirmar que a subjetividade é ponto importante e sempre presente em toda pesquisa, por isso o quebra-cabeça poder ser montado de várias formas e sempre formar uma imagem possível; vem, por fim, com a finalidade de apresentar peças, novas peças, de uma pesquisa maior do GHOM, que busca realizar um mapeamento histórico sobre a formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática nas mais diversas do Brasil.

Assim, proposto um novo jogo, apresentamos ao leitor treze novas peças que trouxemos para montar nosso quebra-cabeça, sendo este uma nova peça para o grande quebra-cabeça do GHOM. Decidimos que não seria necessário organizar nossas peças em uma sequência dada, o que aconteceria ou, pelo menos, levaria a crer se denominássemos as peças por uma ordem numérica ou alfabética. Com isso, decidimos, em nossas peças, colocar nomes que resumem, de um modo geral, a ideia central daquilo que as mesmas tratam. Além disso, cada peça possui uma forma diferenciada: possui uma forma específica; padrões específicos de estilo e escrita; diferentes formatações do texto. Esses padrões podem se repetir em outras peças, ou não. Isso nos permite reforçar que cada peça é única (embora múltipla) e foi constituída a partir das nossas intenções e subjetividades.

A *Peça Desenlace* trouxe-nos uma caracterização resumida da vida acadêmica do pesquisador, bem como de suas intenções nesta pesquisa. “Desenlace” por que se caracteriza desta forma: é o desfazer dos nós que estão por trás de nossas peças; é o arremate das

intenções dessa produção; é a peça resultante de todo um caminho percorrido até a conclusão deste trabalho.

A *Peça Solo* oferece o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, apresentando as ideias centrais defendidas e utilizadas para o desenvolvimento do trabalho; essa peça configura um “solo” seguro, às vezes movediço, onde o pesquisador possa “seguir por uma região”, nome dado à próxima peça. Na *Peça Região*, apresentamos a cidade que dá origem a esta investigação, bem como a região de que tratamos a pouco, apresentando importantes aspectos econômicos, culturais e educacionais, numa perspectiva histórica, para que o leitor possa conhecer e se inserir no contexto da região que penetraremos, a partir de então, nesse trabalho.

Na *Peça Caminho*, apresentamos a metodologia de pesquisa adotada, bem como o percurso realizado pelo pesquisador até o processo de análise do material colhido e constituído.

Com a *Peça Externo*, trazemos a narrativa da Professora Felisbela Freitas de Oliveira; na *Peça Depois*, a narrativa do Professor Joabel Azevedo Dantas; em seguida, a narrativa do Professor José Arimatéia de Souza, na *Peça Universidade*; a *Peça Mudança* foi elaborada a partir da entrevista com a Professora Maria das Graças Bezerra Sathler e a *Peça Padres*, a partir da entrevista com o Professor Alcir Leopoldo Dias da Silveira; na *Peça Política*, é dada a voz ao Professor Luiz Carlos da Trindade; já na *Peça Educação*, isso acontece com o Professor Raimundo de Freitas Melo; e na *Peça Prática*, a vez de contar suas histórias é do Professor Francisco de Assis Silva (Chiquito).

Por fim, apresentamos a *Peça Nova* que traz nossa narrativa sobre a formação e atuação de professores de Matemática na região de Mossoró, antes e durante o movimento de criação do mais antigo curso para formação superior de professores de Matemática daquela região.



*Em algo que fosse firme,
Nós queríamos pisar
Para não titubear
Quando fossemos andar,
Foi assim que um novo solo
Começamos a formar.*

*Entretanto entendemos:
Não vai dar pra alcançar
Pois o solo não é firme,
Ele está a se moldar
E sempre que nele pisa
Uma marca vai ficar.*

*Mesmo assim continuamos
Nesse solo a trabalhar:
“Mesmo sendo movediço,
Ele vai nos ajudar!”.
E então continuamos
Para um dia caminhar...*

*Esse solo é formado
De muita reflexão,
Falamos de muita coisa
Com cuidado de montão,
Mas queremos saber mesmo
Qual a sua impressão...*

Peças que se encaixam: História, Tempo, Memória?

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos de objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Olhando por outro ângulo: talvez estejamos imersos em inumeráveis quebra-cabeças... Peças que se juntam de inúmeras formas possíveis. Desde *segmentaridades*¹ que nos cercam, à *multiplicidade*² que somos. Não que queiramos montá-las para torná-las sólidas, petrificadas, territorializadas... Pelo contrário. Talvez essas peças estejam num processo de busca de *lisuras*, e não de *estrias*³. Não lisuras para narrar uma única história, pois essa também é múltipla, mas lisuras em relação à aproximação das ciências, de concepções, em que possamos não ter mais fronteiras entre disciplinas, de uma escrita que nos leve para outros rumos e abra outros horizontes⁴, talvez, para isso, nos juntando às intenções de outros.

Para realizar isso, não conseguiríamos fazê-lo sozinho, nem o fizemos, muitas vezes estivemos acompanhados por outros a nos guiar, mesmo nos momentos em que estivemos, materialmente, sozinhos⁵. Assim, nos foi possível formar um “solo firme” (ou não, solos sempre se transformam com o tempo), onde poderíamos dar os primeiros passos (como uma criança ao aprender a caminhar) até um dia, quem sabe, trilharmos caminhos nômades...

Mas, como falamos, não estivemos sozinhos, mesmo quando aparentemente estávamos, como se em todos os momentos, outras vozes nos dissessem o caminho a percorrer, a direção a seguir, as ideias a ter, o que ver na cidade que estávamos por ora a

¹“Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações.”. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.77).

²“Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10).

³“O espaço liso e o espaço estriado, — o espaço nômade e o espaço sedentário, — o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, — não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso.”. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 158).

⁴ (SOUZA, DIGIOVANNI e VIANNA, 2010).

⁵ (HALBWACHS, 2006).

visitar, isso por que “bastaria que eu houvesse lido as descrições da cidade, [...] bastaria que alguém me houvesse aconselhado a ver tais ou quais aspectos dela ou, ainda mais simplesmente, que eu houvesse estudado o seu mapa”⁶. Isso se dá porque nossa memória é um aglomerado de acontecimentos, de experiências, de intenções, inspirações coletivas. Sem estarmos inseridos em um contexto, em uma sociedade, em um grupo, em meio às coisas que nos levam a recordar, teríamos memória? Esses grupos nos ajudam observar certas coisas, saber outras, viver de certa forma, bem como recordar algo; somos a todo instante moldados pelo meio em que vivemos.

Isso porque essa *memória coletiva* “permite ao grupo ser visto de dentro e durante uma lógica temporal que corresponde à duração média da vida humana, o que facilita a criação de ‘quadros sociais da memória’”⁷. Assim, a memória infantil (contida na *memória individual*), não é a sua mais antiga memória, esta ultrapassa as barreiras de sua própria vida, são as memórias que apreendeu com seus pais, avós ou com os outros mais velhos.

Essa memória individual “é aparição irrepetível de uma distância que nos separa de um momento vivido, é como se o tempo tivesse sido suspenso por instantes; é a redescoberta do tempo e ao mesmo tempo a consciência do tempo perdido”. Não que esta memória esteja simplesmente, e completamente, armazenada no inconsciente do indivíduo e surja quando algo a convoque, “ela depende sempre dos quadros sociais em que o indivíduo está mergulhado neste presente; [a memória individual] não é uma evocação do indivíduo que recorda apenas, mas ele evoca porque um signo do contexto em que está inserido assim o obrigou”⁸, sendo esta memória individual obrigada a vir à tona.

Vale ressaltar que a memória individual é uma multiplicidade de saberes coletivos, “por isso, a ‘memória coletiva’ não é somente um somatório das ‘memórias individuais’, mas, ao contrário, é um campo discursivo e de força em que estas memórias individuais se configuram”⁹. Assim, à medida que a memória individual se configura na memória coletiva, essa última se amplia (re)moldando outras memórias individuais.

A *memória involuntária*, um dos níveis da memória individual, tem seu caráter social mais explícito quando observamos nossas atitudes diárias, que são bem delineadas, quase mecânicas, frutos de uma normatização, disciplinamento, pelo meio em que estamos inseridos, pelo convívio social, suas regras, culturas, histórias¹⁰.

⁶ (HALBWACHS, 2006, p. 30).

⁷ (SOUZA, 2012, p. 146).

⁸ (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 201 e 202).

⁹ (*Ibidem*, 2009, p. 204).

¹⁰ (HALBWACHS, 2006; ALBUQUERQUE JR., 2009).

A todo instante somos moldados pela sociedade que nos cerca, “assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas”, entretanto, “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referência de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos”¹¹. Ou seja, somos atravessados por novas intenções, por novas concepções, por novas percepções... É o meio em que estamos inseridos, o momento, outros grupos, outras vivências, outras práticas, costurando nossas memórias e adaptando-as ao que somos hoje.

Muitas vezes, as intenções que nos guiam, no presente, nos levam a realizar um trabalho de rememoração, nos induzem às lembranças ou *memórias voluntárias* (outro nível de memória individual), que é uma recomposição do passado, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”¹².

Essas ressignificações são sempre verdadeiras para aquele sujeito, são as verdades subjetivas: em que observamos, em determinado evento, aquilo que nos é visível, aquilo que nos torna experiência, aquilo que, de algum modo, nos atravessa, nos toca, nos transforma¹³, são os ângulos de observação para cada observador, são as experiências pessoais. Por isso que ao chamarmos “juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas ao mesmo evento), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade”¹⁴, pois não estamos mais representando-os a sós.

Assim, um acontecimento, uma experiência, nunca vai poder ser apreendido por completo, o que conseguiremos são versões (re)significadas, (re)contadas, (re)criadas, (re)vividas; com isso, embora “se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem”¹⁵.

Para ter, então, contato com essas memórias, por vezes são utilizados importantes instrumentos de combate às “perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal”¹⁶,

¹¹ (HALBWACHS, 2006, p.29).

¹² (BOSI, 1994, p. 57).

¹³ (LAROSSA, 2002).

¹⁴ (HALBWACHS, 2006, p. 29).

¹⁵ (FOUCAULT, 1999, p. 12).

¹⁶ (LE GOFF, 2003, p. 419).

que são também instrumentos utilizados para que o homem se marque no tempo: fotos e documentos. Entretanto, um dos mais importantes atos mnemônicos é o narrativo, pois o “ato narrativo possui também função psicológica (ou fisiopsicológica) de organização mental das ideias que mantêm, ou reconstituem a memória”¹⁷.

Entretanto a narrativa não se mostra importante apenas para a memória, mas também para a história, pois essa pode formar uma parceria, juntamente com “a questão da memória e do esquecimento, na luta para tirar do silêncio, através da narrativa, um passado que a história oficial não conta”¹⁸.

As *memórias históricas* surgem como reinvenções do passado, a partir dos dados do presente projetados nesse passado. Há que se ressaltar uma distinção entre memória histórica e história: a memória histórica é formada de eventos convencionados para certos grupos ou pessoas que possuam alguma importância para eles, já a história é “a reinvenção do passado”, é o passado escrito por pessoas que utilizam teorias e metodologias refinadas, adequadas a esta prática e que tentam falar deste passado com suas múltiplas versões¹⁹.

Deve-se atentar aos cuidados no uso das memórias para a historiografia, pois, comumente, os que a utilizam para esse fim, não o fazem “como um ponto de vista sobre o real, mas como uma realidade individual, como uma totalidade fechada em si mesma e não como uma singularidade num dado campo discursivo”²⁰. Como afirmamos anteriormente, são versões de determinados acontecimentos, subjetivações, são memórias individuais, pontos de vista de uma memória coletiva²¹.

Interessante saber que, durante muito tempo, o que se tinha de historiografia eram as chamadas “história-relato” e “história-testemunho” por ser o relato da história vivida, narrado oralmente. Esses tipos de história nunca se ausentaram da história enquanto ciência. Contudo, com a escrita, com a organização de bibliotecas e a estruturação da história como ciência, passou-se a utilizar, por um longo período, como principal fonte histórica, os documentos escritos, acreditando que estes eram a forma mais segura de se fazer história, de se ter “a verdade dos fatos”²².

Por isso houve muitos (e ainda há) a dizerem que as narrativas da memória se distanciavam da história, não podendo ser utilizadas como fontes para a escrita desta, por se

¹⁷ (SOUZA, 2012, p. 141).

¹⁸ (SOUZA e SOUZA, 2006).

¹⁹ (ALBUQUERQUE JR., 2009).

²⁰ (*Ibidem*, p. 200).

²¹ (HALBWACHS, 2006).

²² (LE GOFF, 2003).

aproximarem da ficção, da invenção, e se afastarem da realidade. Entretanto “o real – longe de ser o mais concreto, o mais passível de ser conhecido e apreendido; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser compreendida – seria o que escapa à compreensão”²³. Foi-se o tempo de achar que o que a história faz é contar “o real”, “a verdade”, “o fato”.

Hoje encontramos-nos com outras concepções de história, em outro regime de historicidade²⁴. Dentro do atual, utilizamos não apenas os documentos, ditos oficiais, para compormos tramas históricas, como também lançamos mão de outras fontes para realizar pesquisas de cunho histórico: orais, iconográficas, arquitetônicas, e qualquer outra fonte que possa ser usada para produzir, ou produza por si, *narrativas*²⁵. “A História, em nosso tempo, não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, discurso voltado para compreender o fragmentário que somos, as diferenças que nos constituem, o dessemelhamento que nos habita”, além disso, “deve ser um discurso de contestação a memória dos poderosos, deve injetar rebeldia nas palavras, deve desconstruir seus monumentos a marteladas”²⁶.

Muitos são os interesses da historiografia e daqueles que a praticam, pois pensamos “ser papel do historiador arejar a memória coletiva; tornar irrespirável seu cheiro de morte e sua condição de lugar comum, não deixar as versões aceitas do passado se petrificarem; [...] ensinando a encarar o passado com senso crítico e lúdico”²⁷. A história se preocupa não mais só com os grandes fatos, os grandes acontecimentos, com os poderosos, os monarcas. Ela preocupa-se também com o pobre, o excluído, o marginal; os heróis anônimos para uns, mas conhecidos para outros; com o pequeno, com a sujeira, a gramínea, o rio; com os esgotos, a poluição, a decomposição de corpos; com os sentimentos, as emoções, as verdades relativas, as subjetividades, as parcialidades, as versões e as (re)invenções; até mesmo com as ficções que sempre dizem algo: uma intenção, um sonho, um desejo²⁸.

E como se conseguiria alcançar tudo isso que é desejado apenas com os documentos escritos? Estes documentos, na maioria, seguem regras, normas, que os calam frente aos pequenos e “desnecessários” detalhes, que os aprisionam em suas masmorras e calabouços de

²³ (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 45).

²⁴ Regimes de historicidade “[...] são ferramentas teóricas, paradigmáticas, o que e como somos e podemos ser, quais são – e quais não são – os discursos permitidos e em decorrência, *condicionam* nossas ações e, particularmente, condicionam as operações historiográficas por explicitarem uma articulação entre passado, presente e futuro que vai nortear as (e, ao mesmo tempo, é norteadas pelas) práticas de produção acadêmica.” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 224, *itálico dos autores*).

²⁵ (GARNICA, 2010; GAERTNER e BARALDI, 2008).

²⁶ (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 87 e 88).

²⁷ (*Ibidem*, p. 86).

²⁸ (ALBUQUERQUE JR., 2009).

regras ditas científicas, oficiais, normalizadoras, fazendo com que se esconda a beleza das insatisfações, das críticas, exaltações, murmurações; emoções que, pelas folhas, são contidas. Emoções vividas, mas não ditas naqueles papéis que se amontoam em gavetas, armários, fichários. Como buscar entender e contar alguns outros aspectos que não apenas os rígidos? Como (re)contar, criar, inventar, embora saibamos que a totalidade não será alcançada?

A memória individual recriada e atravessada pela oralidade “é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”, é nela onde “os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas de populações excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra”²⁹.

Alguns dos grandes interesses pela memória estão nessas cercanias de buscar outras versões, outras singularidades que não poderiam ser contadas por outros em suas outras versões. Muitas são as metodologias utilizadas pelos historiadores (não só por eles) para utilizar “as memórias” para a prática historiográfica. Uma delas, popularizada durante a década de 1970, foi a História Oral³⁰. Ela tem suas origens enraizadas no movimento que repensou o modo como se concebe a história e as práticas historiográficas, conhecido como *École de Annales* (Escola dos Annales)³¹, que nos levou ao regime de historicidade em que vivemos.

As narrativas, elaboradas a partir da memória fazendo-se uso da metodologia da História Oral, criadas e mobilizadas para utilização em operações historiográficas, nesta perspectiva, mobilizadas como fontes, não são ingênuas, assim como as fontes documentais não o são, são criadas pelos pesquisadores com suas intenções, percepções, observações, concepções, ou seja, suas subjetividades.

Aqueles que possuem o intuito de realizarem operações historiográficas findam em *invenções* de histórias – preferimos utilizar o termo *invenção* por nos remeter “a uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a

²⁹ (BOSI, 2003, p. 14).

³⁰ Não mais nos aprofundaremos na história desta metodologia, pois muitos outros trabalhos primorosos já o fizeram, a saber: Baraldi (2003); Gaertner (2004); Galetti (2004); Thompson (1992); Silveira (2007); Ferreira e Amado (2001), Meihy (2000). Sobre como mobilizamos a metodologia História Oral em nossa pesquisa é apresentado na *Peça Caminho* deste trabalho.

³¹ A Escola dos Annales foi um movimento vivido por historiadores franceses no início do século XX, responsável por repensar as práticas historiográficas e teve três fases: na primeira, “de 1920 a 1945, [o movimento] caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos”, na segunda fase, foi a que mais se aproximou “verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), e a última fase foi “marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores”. (BURKE, 1992, p. 8).

singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica”³² – sobre determinados eventos.

Há aqueles que defendam navegar neste rio do tempo, aproximando-se mais de uma margem conhecida por seus objetos cristalizados, definidos, estruturados, rígidos, criados, ao seu tempo, para nos contar “a verdade”, “o fato”, “o acontecimento como realmente aconteceu”, outros se aproximam de uma outra margem do rio, com sua crença de que “os fatos seriam apenas fabricações discursivas, os sujeitos e os objetos existiriam apenas no e como texto, como instâncias textuais; a realidade seria apenas uma construção narrativa, um efeito de realidade”. Enquanto na primeira margem quem constrói o conhecimento é o próprio fato, na segunda, pode-se cair no “extremo de negar qualquer materialidade para o fato ou acontecimento”³³, que são ideias não comungadas por nós, outros, que ao navegar nesse rio, decidimos por tentar aproximarmo-nos de uma margem que surge em nosso caminho: uma *terceira margem*³⁴ desse rio. “Uma margem onde as duas anteriores, fruto das atividades de purificação, da racionalidade, de construções humanas e sociais de objetos e sujeitos como entidades separadas vêm se encontrar, vem se misturar no fluxo, no turbilhonar das ações e práticas humanas”³⁵.

Assim, navegamos nesse fluxo, utilizando todos os registros que foram possíveis de ser conhecidos. Sem negarmos a materialidade do evento, mas não sendo guiados por ele, pois esses só se “tornam”, efetivamente, “eventos”, “fatos”, “acontecimentos” quando a eles atribuímos significados, quando deles falamos, quando lhe damos um contorno, quando os moldamos num tempo e num espaço, a partir de nossas narrativas (e/ou daqueles que neles viveram, e que permitiram/proporcionaram o registro de suas narrativas). Sem isso, “os fatos” não seriam nada, seriam lembranças perdidas, memórias esquecidas, passado.

É sempre nesse meio, sempre na terceira margem que tudo ganha força, onde as outras margens se sedentarizam e se misturam com as águas do tempo que nele correm, é estando no

³² (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 20).

³³ (*Ibidem*, 2009, p. 25 e 26)

³⁴ Albuquerque Jr. (2009) em sua obra “História: a arte de inventar o passado” faz uma diferenciação entre história social, história cultural e propõe uma nova forma de se fazer historiografia, que denomina “terceira margem”. No entanto, cumpre lembrar que o termo “terceira margem” ele mobiliza de Guimarães Rosa. O conto “A terceira margem do rio” é sobre um pai que decide construir uma canoa e “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.” O homem nunca mais pisou em chão firme, sempre ficou entre as margens. Esse conto constrói um paradoxo e nos convida a abrimos mão de formas convencionais de pensar.

³⁵ (*Ibidem*, p. 26)

barco (que navega pela terceira margem, pelo rio, pelo tempo) que pretendemos escrever a história, é estando em um *rizoma*³⁶ que pretendemos narrar determinado evento...

Esse meio também é o lugar de uma brecha do tempo, que fica entre “forças antagônicas” que nos impulsionam: o passado e o futuro³⁷. Essa brecha, essa marca, essa ruptura que demarca o tempo é o que chamamos de presente, que num instante é futuro, no outro já é passado, “[...] um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino de memória”³⁸.

O tempo, esta coisa alguma – ou alguma coisa – que participa de nossas vidas, divide nossos momentos, brinca com nossos cabelos, com nossa pele, com nossa energia, bem como com nossas memórias. E isso é perceptível: ao ver outros rememorando, ou ao ler memórias individuais é possível perceber que a infância é vasta, parece ter sido o tempo mais demorado nas vidas daqueles que a viveram, a juventude não fica tão distante disso, entretanto, “a partir da idade madura, a pobreza de acontecimentos, a monótona sucessão de horas, a estagnação das narrativas no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza”, entretanto, isso se dá, pois “é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro”³⁹.

É a tal “aceleração do tempo”, todos vamos ficando acelerados, entrando no ritmo das tecnologias que vêm para nos dar mais tempo, mas acabamos preenchendo este tempo “extra” com outras atividades... e assim vamos correndo cada vez mais e fazendo as coisas tornarem-se experiências cada vez menos. “O presente é rápido e, em sua rapidez, mostra-se como uma extensão do passado – não há mais passado: há um passado presentificado, pois também ele tornou-se presente e esvai-se com a mesma rapidez – e engole o futuro”⁴⁰.

“Essa aceleração [...] talvez seja um sinal de emergência de um novo regime de historicidade. [...] Vivemos, assim, num mundo em que se tornou febril a produção de

³⁶“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). [...] É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.”. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 38 e 39)

³⁷ (ARENDR, 2011).

³⁸ (BLOCH, 2001, p.60).

³⁹ (BOSI, 1994, p. 415).

⁴⁰ (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 222).

possíveis *lugares de memória*”⁴¹. Com isso, inúmeros são os trabalhos e artifícios para criação de locais específicos para arquivamento de dados e memórias.

Talvez imersos nessa aceleração, nesse tempo que corre (e corrói), é que estejamos “correndo” em busca das peças de que falávamos no início... Ah, as peças! Essas peças ricas em memórias individuais, mais ainda em memórias coletivas e históricas (e outras ainda cheias de histórias), inundadas de verdades e subjetividades; percorreram também longos caminhos durante os tempos, caminhos estes que veremos num horizonte mais adiante...

⁴¹ (*Ibidem*, p. 222 e 223, grifos dos autores).

*R*egião

*E aqui conheceremos
Pouco mais d'uma região,
Seu passado, sua história
E a sua evolução.
Essa é apenas uma história
Para a sua compreensão.*

*Falaremos de cultura
E sua forte extensão,
De uma grande economia
E da sua expansão,
De influência na política
Criando um centro-região.*

*Focaremos, no entanto,
A questão da educação
Sua história, crescimento,
Da chegada até então,
E como fez, nesse sentido,
Tornar centro a região.*

*Ainda é tema nessa história
O poder de uma família,
O domínio, o comando:
Uma grande oligarquia.
É o grupo dos Rosado,
Que dominam na política*

Peças que montam uma imagem: descobrindo os caminhos de uma região

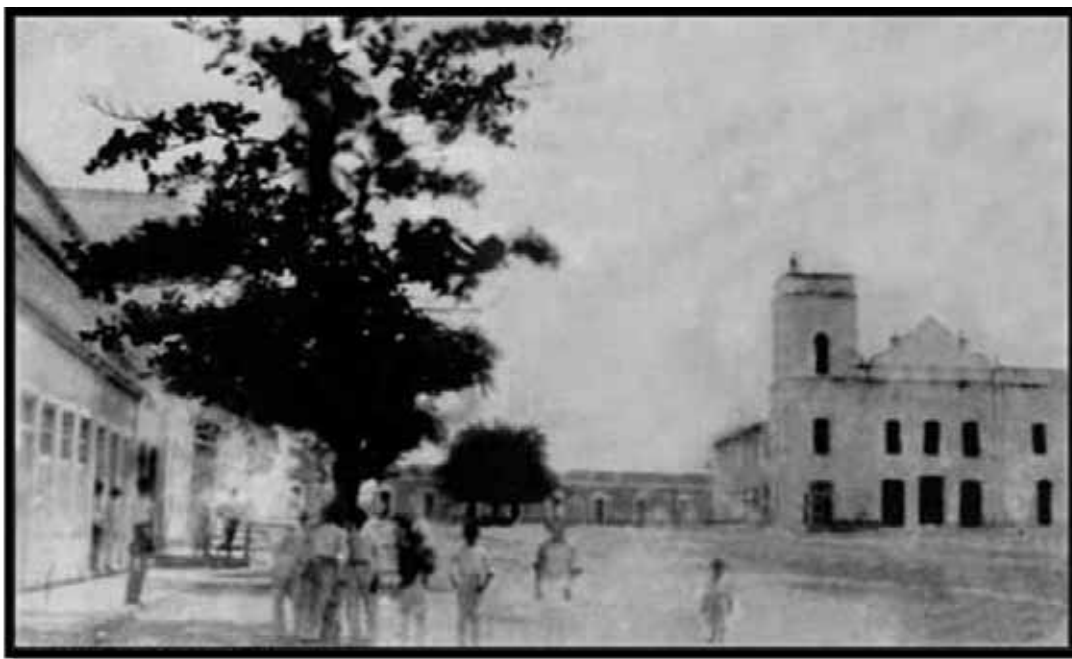
Toda ou qualquer história que eu tente contar para montar mais uma peça – qualquer peça, na verdade, todas as peças do meu quebra-cabeça – vai ser sempre uma visão sobre aquilo, sempre será invenção. Jamais conseguirei narrar ou, tampouco, escrever tudo o que eu li, tudo o que vivi, tudo o que ouvi. Sempre será uma releitura, uma ressignificação, outra, nossa, simples e pura significação...

Sempre terei que optar por recortes, por rumos a seguir, partes a contar... Como num retrato, o que vocês verão (lerão) aqui, é apenas um dos possíveis ângulos daquela (dessa) imagem. Talvez essa esteja com zoom, o que já me induz a, além de mostrar apenas um ângulo, fazer outros cortes. Enquadro, assim, nessa minha peça, nessa imagem, a parte que gostaria que vocês conhecessem o melhor ângulo, o melhor enquadramento, o nosso ângulo.

Talvez essa foto saia sem cores, talvez com outras cores, uma manipulação da imagem, talvez. Mas sempre quem decide como apresentar a foto, a imagem, sua criação é o fotógrafo. Nesse movimento, apresentamos a nossa peça-foto.

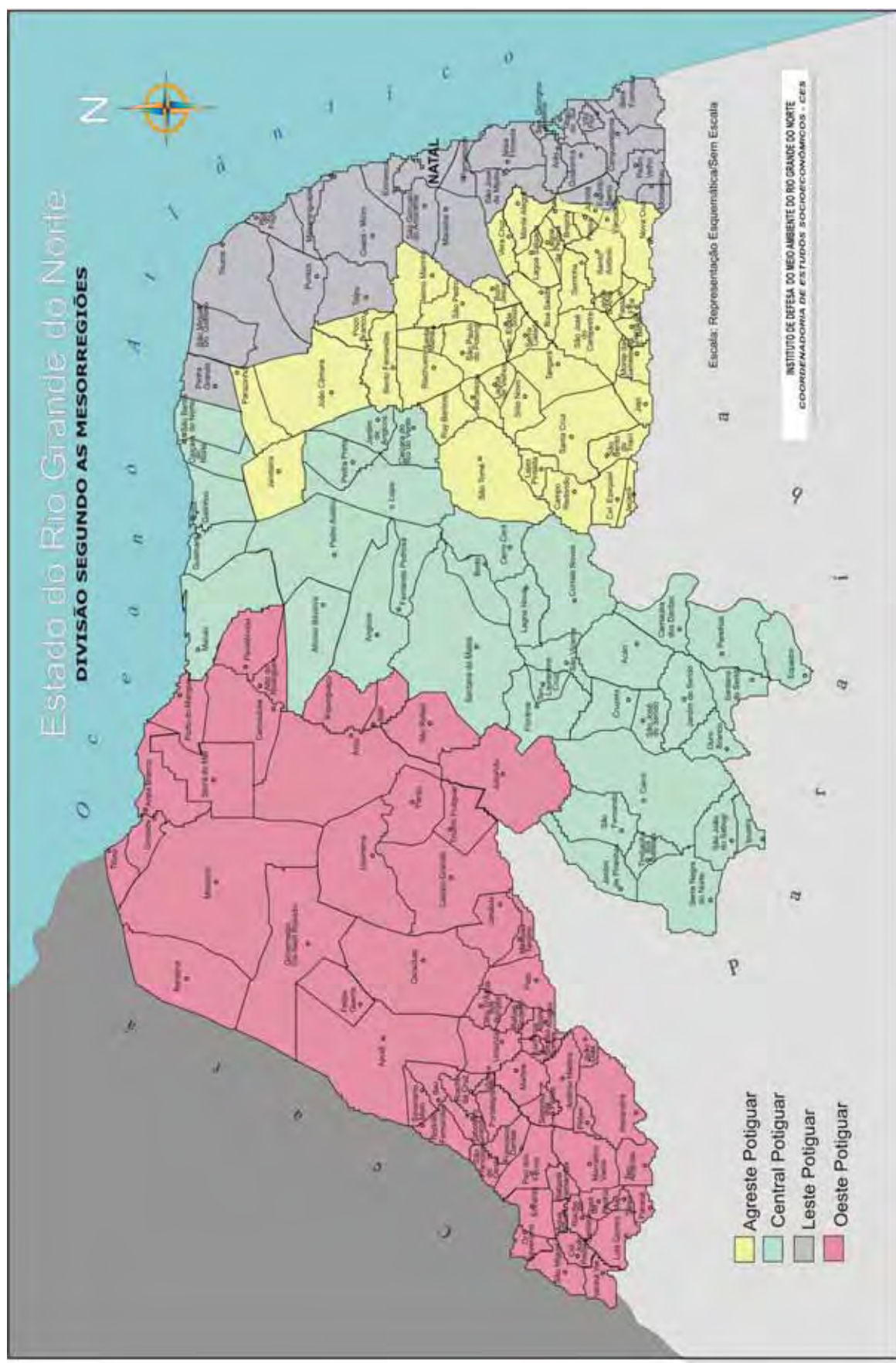
Esse é o nosso trabalho, esse é sempre o trabalho daquele que, como nós, enveredou por narrar história, criar peças, histórias para um possível quebra-cabeça. Assim, começamos (re)cortando, (re)contando, (re)criando, (re)focando uma cidade, ou apenas uma paisagem desta: Mossoró.

Figura 4 - Mossoró em 1904. Ao segundo plano, lado direito, Catedral Santa Luzia ainda sem as duas torres.



Fonte: Memória Fotográfica (<http://telescope.zip.net/sociedade>).

Figura 5 – O Rio Grande do Norte e suas mesorregiões



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1418572>

Mossoró está localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte a, aproximadamente, 277 quilômetros da capital Natal, e 240 quilômetros da capital do Ceará, Fortaleza. Pela significativa influência que a cidade já exerceu sobre uma grande região e por ainda ser um importante centro econômico do oeste potiguar, deixou essa região popularmente conhecida como a “região de Mossoró”. A região de Mossoró, portanto, não se restringe apenas com o perímetro urbano da cidade, mas se estende por uma “extensa área circunvizinha que a ela recorre, quer quando necessitam de seu equipamento terciário, quer quando para ela encaminham o resultado da sua labuta no setor primário ou mesmo no setor secundário” (BRITO, 1982, p. 88).

Mossoró foi desmembrada de Assu em 1852, pela Lei Provincial nº 246, de 15 de março de 1852, quando foi elevada à categoria de vila, formando assim, um novo município, se tornando cidade pela Lei nº 620, em 09 de novembro de 1870 (SOUZA, 1949).

Nesse período, Mossoró já começava a despontar como cidade central de uma região, principalmente no que diz respeito ao comércio. O ponto chave para esse processo foi a grande seca de 1877, pois trouxe à Mossoró “um contingente enorme de flagelados, ‘retirantes’ que vinham buscar sua subsistência na cidade mais rica da região, e concentra, naquele momento histórico, a ‘ajuda oficial’, os programas de emergência que, de forma imediatista, são criados [...]” (FELIPE, 2001, p. 18).

A partir de então, Mossoró se fixou como cidade polo da economia da região. Com a criação, no início do século XX, mais especificamente em 1915, da estrada de ferro de Mossoró, o desenvolvimento foi acontecendo de forma ainda mais rápida. Esse crescimento da cidade ocasionou (sendo também ocasionado por) uma grande migração de pessoas do campo em busca de oportunidades de emprego em Mossoró.

Essa expansão migratória é ainda mais nítida a partir da década de 1940, quando é criado, para as cidades do porte de Mossoró e as capitais, “um falso mercado de trabalho urbano [...] e programas governamentais como ‘Cidades de Porte Médio’” (FELIPE, 1980, p. 32). Com isso, o número de migrantes em Mossoró é ainda maior nas décadas seguintes, o que ocasionou um crescimento populacional repentino na cidade, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1 - População de Mossoró 1940/2010

Anos	Urbana	Rural	Total
1940	13.730	17.785	31.515
1950	20.088	20.593	40.681
1960	41.476	16.214	57.690
1970	80.922	20.353	101.275
1980	125.949	23.638	149.587
1990	177.331	14.936	192.267
2000	199.081	14.760	213.841
2010	237.243	22.572	259.815

Fonte: IBGE, Filgueira (2006) e SANTOS (2010).

Isso se deu porque a “estrutura urbana do Rio Grande do Norte reflete o tratamento que os programas e políticas públicas têm determinado para este Estado, onde algumas cidades foram historicamente privilegiadas pelos investimentos em detrimento de outras” (SANTOS, 2010, p. 71). Com isso, é possível perceber a maior concentração de capital e população nas duas maiores cidades do estado, Natal e Mossoró, e uma maior fragilização das outras cidades, que se tornam cada vez mais dependentes política e economicamente, desses dois centros.

Muitas pessoas migraram para Mossoró com a esperança de conquistarem melhores condições de vida, todavia, encontrando, muitas vezes, outra realidade. E essa, “no seu cotidiano, se encarrega de destruir seus sonhos, suas esperanças, no momento em que aumenta a sua miséria, consolidada agora pelo desemprego, subemprego e fome” (FELIPE, 1980, p. 19).

Esse crescimento avultado “tem gerado em Mossoró o desemprego aberto, criando uma população ‘marginal’ às necessidades mínimas de vida, mas perfeitamente inserida como ‘exército de reserva’ dentro da economia capitalista que a produziu” (FELIPE, 1980, p. 34).

Essa marginalização trouxe consigo o “surgimento de favelas, espaços novos, marcado pela presença dos migrantes, advindos das zonas rurais ou áreas urbanas dos municípios polarizados por Mossoró” (FELIPE, 2001, p. 23). Também, trouxe os altos índices de violência – furtos, assaltos e até homicídios, colocando Mossoró entre as cidades mais violentas do estado.

Alguns outros problemas que Mossoró apresenta é a ausência de investimentos em meios de transportes eficazes para a exportação de suas produções, prejudicando o comércio e o desenvolvimento da cidade. Mossoró não mais possui as estradas de ferro que já foram tão úteis; o aeroporto que existe é carente de infraestruturas, por falta dos investimentos, o que acarreta a proibição do tráfego aéreo; e, por fim, o famoso “porto de Mossoró” (na verdade o Porto de Areia Branca), que seria outra possibilidade de escoamento da produção da região, necessita de recursos para reforma e melhoria nos serviços.

No entanto, mesmo com essas mazelas, Mossoró é uma cidade polo de crescimento na região Nordeste (COSTA, 2008), principalmente porque tem por base econômica a exploração do sal, do gesso, do petróleo e do cimento, além da fruticultura irrigada e abundância de águas termais na cidade.

Mossoró concentra o maior número de refinarias que vende o sal produzido no “litoral da costa branca” (litoral norte do Estado), principalmente das cidades de Grossos, Areia Branca e Macau. A produção de sal no Brasil concentra-se nos estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Ceará e Piauí, mas a maior participação é do Rio Grande do Norte que chega a cerca de 95% da produção nacional; deste percentual, só a região de Mossoró produz 55,5%. Esta grande produção de sal se deve a união de fatores climáticos favoráveis para tanto,

como é o caso do alto teor de salinidade das águas, os altos índices de evaporação e o vento seco que sopra sobre as áreas de salinas. A produção do sal na região começou ainda no início do século XIX, estando, a partir de então, sempre ligada à economia da região (SANTOS, 2010).

Figura 6 - Salinas



Fonte: <http://mossoro.olx.com.br/o-melhor-sal-do-brasil-so-aqui-iid-175394047>

Figura 7 - Extração de Petróleo

Fonte: <http://neacontece.blogspot.com.br/2012/05/empresas-de-mossoro-sao-premiadas-pela.html>

A produção de petróleo, no Estado, também se concentra na região de Mossoró. No entanto, Mossoró tem a fama de maior produtora, pois sedia as instalações da PETROBRÁS, recebendo a produção das cidades circunvizinhas. Os estudos para verificar a possibilidade da região ser produtora de petróleo começaram ainda na década de 1940, mas em Mossoró o primeiro poço só foi perfurado em 1979. O que consolidou a produção de petróleo na região foi a descoberta, em 1986, do Canto do Amaro, o maior campo produtor de petróleo em terra

do Brasil. Assim, Mossoró fica nacionalmente conhecida por ser a segunda maior produtora de petróleo do país e a maior produtora do “ouro negro” em terra. A produção de petróleo em Mossoró chega a ser de 40.000 barris/dia (SANTOS, 2010).

A outra principal fonte econômica da região é a produção da fruticultura irrigada que, livre da *Anastrepha Grandis*, popularmente conhecida como "Mosca da Fruta", consegue fazer sua produção ser adquirida pelos mercados consumidores mais exigentes, como é o caso da Europa, Estados Unidos da América e Japão. O Rio Grande do Norte é responsável por 90% da produção brasileira da fruta que é exportada, sendo o melão a fruta de maior produção. Dessa maneira, o Rio Grande do Norte aparece como o maior produtor dessa fruta no Brasil, mas também produz outras frutas como melancia, banana, manga, entre outras, só que em menor escala. Essa produção na região começou nas décadas de 1960 e 1970, mas só veio se consolidar em 1980, principalmente por conta da construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no município de Assu. Uma das empresas pioneiras e que teve uma grande importância para o desenvolvimento agrícola da

Figura 8 - Produção de Frutas.

Fonte: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/saldo-de-geracao-de-empregos-no-rn-e-no-pais-e-negativo/220472>.

região foi a Mossoró Agroindústria S/A (MAISA), criada na década de 1960. Essa empresa obteve projeção nacional e internacional, estando à frente da produção de frutas do Rio Grande do Norte durante mais de 25 anos, sendo fechada em 2001 (SANTOS, 2010).

Mesmo tendo em vista o importante aspecto econômico, Mossoró não é conhecida como centro da região apenas por isso. Outro aspecto que poderíamos destacar é o cultural: a cidade possui um grande número de escritores (cordelistas e/ou repentistas, poetas, cronistas, entre outros), de artistas; dispõe de vários pontos turísticos e ainda promove vários eventos artístico-culturais.

Historicamente, Mossoró se consagrou culturalmente devido aos festejos de “Mossoró Cidade Junina”, “Festa da Liberdade” e “Festa de Santa Luzia”. São festas típicas culturais, sendo que a primeira comemora a festa dos Santos Antônio, Pedro e João Batista, acontecendo durante todo o mês de junho. Um dos pontos chave dessa festa é a apresentação do espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró”, que encena, ao ar livre, uma “dos feitos atribuídos à cidade, que foi a expulsão do bando do cangaceiro Lampião, ocorrido em 13 de Junho de 1927 (até então, nenhuma cidade invadida pelo bando havia apresentado resistência). Além desse espetáculo, foi criado na cidade, em homenagem a esse acontecimento, um grande museu aberto, o “Memorial da Resistência de Mossoró”, que conta, em suas telas, uma das histórias desse acontecimento. Esse memorial apresenta, desde os cangaceiros do bando, passando pelo contexto histórico da cidade, até os “heróis da resistência”, como ficaram conhecidos os mossoroenses que fizeram parte do grupo que apresentou resistência ao bando (COSTA, 2008).

Figura 9 - Espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró”.



Fonte: <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/>

Figura 10 - Memorial da Resistência de Mossoró.



Fonte: <http://www.prefeiturademossoro.com.br/2009/noticias.php?codigo=137>

A segunda dessas festas é realizada no final do mês de setembro para comemorar a libertação dos escravos de Mossoró, que aconteceu em 1883, cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea. Essa festa também conta com um espetáculo, “Auto da Liberdade”, que aborda quatro acontecimentos históricos de Mossoró: além da resistência ao bando de Lampião (1927) e a libertação dos escravos (1883), o “Motim das Mulheres”, como ficou conhecido o movimento feminista contra o alistamento obrigatório, no exército, dos maridos e filhos (1875) e o “Primeiro Voto Feminino da América Latina” (1928) (COSTA, 2008). Esse espetáculo foi, em 2002, incluído no *Guinness Book* (o Livro dos Recordes), como o maior

espetáculo do mundo encenado ao ar livre, contando com 2.200 atores, num palco de 2.500 metros quadrados.

O terceiro grande evento, a Festa de Santa Luzia, é promovido pela igreja católica, em comemoração da padroeira da cidade. Essa festa ocorre em dezembro e também conta com a apresentação de um espetáculo ao ar livre, o “Oratório de Santa Luzia”, que conta uma história da vida de Luzia.

Figura 11 - Espetáculo “Auto da Liberdade”.



Fonte: <http://jornalatromba.blogspot.com.br/2010/09/auto-da-liberdade-em-cartaz-ate-o-dia.html>

Figura 12 - Espetáculo “Oratório de Santa Luzia”.



Fonte: <http://santaluziamossoro.blogspot.com.br/2010/12/oratorio-de-santa-luzia-em-sua-decima.html>

Além dessas festas e apresentações que consagraram a cidade como centro cultural, há também que comentar a criação, em 1949, da editora “Coleção Mossoroense”. Essa editora possui, hoje, mais de 4.000 títulos publicados. Até 2007, a Coleção Mossoroense não possuía cunho comercial, assim, seus livros não eram vendidos. O maior número de títulos publicados

é de caráter histórico, que falam sobre o problema da seca, ou sobre a região, com enfoque, a maioria deles, na família Rosado. Os títulos dessa coleção são divididos em séries, indo de “A” a “G”. A série “A” é dedicada aos folhetos de grande formato, com temas focalizando os problemas, necessidades e recursos de Mossoró; na série “B”, encontramos os livros que não trazem Mossoró como tema central; na série “C” são os livros que já foram publicados por outras editoras, artigos de jornais e monografias; a série “D” publica cordéis; a série “E” contempla os periódicos; na série “F” são publicados trabalhos sobre personalidades da cidade; e, na série “G”, são publicados os relatórios e discursos dos presidentes da província do Rio Grande do Norte, de 1835 a 1888 (FELIPE, 2001; NÓBREGA, 2007).

Um outro aspecto que colocou a cidade de Mossoró como centro de uma região, foi o aspecto educacional. Até o final do século XIX, só era possível, no interior do estado, ter acesso ao ensino primário. Mossoró, por exemplo, contava com duas instituições de ensino desse nível, sendo uma para cada sexo, tendo sido criadas em 1827 e 1831. Ainda com a Proclamação da República, o governo criou escolas mistas nos povoados que faziam parte da zona rural de Mossoró: Santo Antônio, Alto da Conceição, São Sebastião e Rincão (todos fazem parte da atual zona urbana da cidade), mas todas as instituições criadas eram de nível primário. Além dessas, existiam algumas instituições particulares.

Mas foi no último ano do século XIX, no ano de 1900, que foi aberta a primeira instituição com ensino secundário no interior do Estado, o Colégio “Sete de Setembro”, exatamente na cidade de Mossoró. Era uma instituição privada, do coronel Antônio Gomes de Arruda Barreto, que fora para Mossoró por convite e insistência de Jerônimo Ribeiro Rosado. Antônio Gomes era natural da Paraíba e por ser muito amigo do farmacêutico Jerônimo Rosado e por estar, a sua instituição, passando por problemas financeiros, aceitou o convite para mudar sua escola do município de Brejo do Cruz, na Paraíba, para Mossoró. Essa escola ficou em Mossoró até o ano de 1904, quando, por problemas financeiros, mudou-se para a cidade de Martins-RN (SOUZA, 1949; RODRIGUES, 1991; VINGT-UN, 1992; CASCUDO, 1995).

Figura 13 - Colégio “Sete de Setembro”, foto de 1904.



Fonte: http://telescope.zip.net/sociedade/arch2009-11-01_2009-11-30.html

No ano seguinte ao da fundação do Colégio “Sete de Setembro”, foi fundado o Ginásio Diocesano de Santa Luzia, sob a direção do Cônego Estevão José Dantas. O Diocesano teve três fases de funcionamento: a primeira entre 1901-1904, quando fechou pela primeira vez. Reabriu em 1912, fechando novamente em 1922. E, por fim, reabriu em 1924, funcionando até os dias de hoje. Essa instituição era responsável por formar a população masculina da cidade. Funcionou por muito tempo no centro da cidade, ao lado da Catedral, quando, em 1956, mudou-se para uma nova sede, onde funciona até os dias de hoje. Tanto o Diocesano quanto o Sete de Setembro tinham suas atividades voltadas para a educação masculina.

Figura 14 - Primeira sede do Ginásio Diocesano de Santa Luzia, foto de 1960.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Figura 15 - Atual sede do Ginásio Diocesano de Santa Luzia, foto de 1959.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

No ano em que o Diocesano foi reaberto pela primeira vez, em 1912, Mossoró ganhou também a primeira instituição de ensino ginasial voltada para educação feminina. Essa era o Ginásio Sagrado Coração de Maria, dirigido pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, tendo como superior a Madre Maria Leocádia do Menino Jesus. Essa instituição também funciona até os dias atuais. O Ginásio Sagrado Coração de Maria fundou o Curso Comercial em 1926 e a Escola Doméstica em 1949 (CASCUDO, 1995).

Figura 16 - Ginásio Sagrado Coração de Maria, foto do final da década de 1950.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Figura 17 - Outro ângulo do Ginásio Sagrado Coração de Maria, capela de São Francisco de Assis.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Os Ginásios, Diocesano e Sagrado Coração, foram responsáveis por formar, durante muito tempo, a elite da região de Mossoró, bem como a de outras cidades ainda mais distantes, como do interior da Paraíba e do Ceará. Essa projeção dos ginásios acarretou a migração daqueles que possuíam um pouco mais de recursos e que estavam em busca de uma melhor educação, uma educação em nível secundário, para os filhos.

Além dessas instituições, foi também em Mossoró que começou a funcionar o primeiro Grupo Escolar do interior do Estado, o Grupo Escolar “Trinta de Setembro”, criado pelo Decreto nº 180, de 15 de novembro de 1908 e inaugurado em 1909, funcionando no mesmo prédio em que havia funcionado o “Sete de Setembro”. Nesse mesmo estabelecimento passa a funcionar também a Escola Normal Primária de Mossoró, dividindo espaço com o “Trinta de Setembro”. A Escola Normal foi criada pelo então governador Antônio José de Melo e Souza, pelo Decreto nº 195 de 1922, sendo também a primeira instituição desse tipo a funcionar no interior do Estado (CASCUDO, 1995).

Figura 18 - Escola Normal Primária de Mossoró, foto de 1924.



Fonte: http://telescope.zip.net/arch2009-12-01_2009-12-31.html

Figura 19 - Escola Normal de Mossoró, foto de 1950.



Fonte: http://telescope.zip.net/arch2009-12-01_2009-12-31.html

O primeiro diretor da Escola Normal Primária de Mossoró foi o Bacharel Elizeu Viana, com 38 normalistas inscritas para a primeira turma. Dessa turma, formaram-se, em 1924, 11 alunas. Essa instituição foi equiparada à Escola Normal de Natal em 1934, pelo Decreto nº 694. A partir de 1939, essa instituição também oferece o ensino secundário completo. Com isso, Mossoró não se torna apenas um centro onde poderiam estudar, mas, também, um centro de formação de professores para o interior do Estado.

Além dessas escolas, é fundada, em 10 de fevereiro de 1935, a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, tendo como primeiro diretor José Thiers Diniz Rocha e o vice Raimundo Nonato da Silva. Essa escola foi fundada pela Sociedade União Caixeiral, que era

dirigida por um grupo de comerciantes e bancários de Mossoró. A União Caixeiral oferecia cursos técnicos de Contabilidade e Propedêutica. Foi por muito tempo a única instituição de ensino técnico de Mossoró e região, sendo extinta no início dos anos 2000 (COSTA, 2008; CASCUDO, 1995).

Figura 20 - Sede da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, 1945.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Em 1937, é inaugurado mais um centro de educação ligado à igreja para a região, também o primeiro do interior do Estado: o Seminário Santa Terezinha. Até então, a formação dos aspirantes a padres era feito na capital do Estado. O seminário Santa Terezinha passa a receber as crianças e os jovens de Mossoró e do interior dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, que desejam servir à Igreja, tornando-se, para muitos, também, uma oportunidade de formação.

Figura 21 - Seminário Santa Terezinha, 1945.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Figura 22 - Seminário Santa Terezinha, 1960.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

Em 1959, é criado o Instituto de Educação de Mossoró, que congregou a Escola Normal de Mossoró, o Grupo Escolar “Trinta de Setembro”, e os, recém-criados, Jardim de Infância Modelo e Colégio Estadual de Mossoró. O Instituto tinha o objetivo de agrupar, em um único espaço, vários níveis de ensino, à época, do ensino pré-primário ao ensino colegial, o que equivaleria hoje aos ensinos infantil e médio. Para o período, foi algo moderno e contemporâneo, característica das políticas do então presidente Juscelino Kubitschek – que governou o país entre 1955 a 1960. A busca pela modernidade se refletiu na estrutura arquitetônica criada para o novo instituto.

Figura 23 - Instituto de Educação de Mossoró, 1959.



Fonte: <http://telescope.zip.net/sociedade/>

O Instituto de Educação de Mossoró foi, principalmente por ser uma instituição pública que agregava todos os níveis de ensino, mais um atrativo para que famílias inteiras migrassem para a cidade de Mossoró, em busca de melhores condições de vida e de estudos para os filhos. Após esse período, em relação ao ensino, poderíamos ainda destacar a criação, em 1960, da primeira instituição de ensino superior no interior do Estado, a Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM), também sendo, por algum tempo, mantida pela Sociedade União Caixeiral. Como Mossoró despontou como cidade polo de desenvolvimento, em relação à Educação, tornou-se também um centro aglutinador de propostas inovadoras que eram direcionadas para implantação no interior do Estado. Assim, por muito tempo, concentrou os níveis de ensino que, normalmente, não eram possíveis de ser encontrados em outras cidades do interior do Estado. A consequência disso era a ampliação, cada vez maior, da desigualdade dessa cidade em detrimento das outras.

Esse destaque dado a Mossoró aconteceu na – ou por conta da – política da região. A cidade está, desde o ano de 1960, em poder de uma oligarquia familiar. No entanto, pode-se pensar que essa situação começou a ser implantada desde o início do século, quando chegou a Mossoró o patriarca da família, Jerônimo Ribeiro Rosado.

Jerônimo Rosado, como ficou mais conhecido, era farmacêutico e o patriarca de uma família de vinte e um filhos, frutos de seus dois casamentos com as irmãs, Maria Amélia e Isaura. Uma peculiaridade bastante interessante é que seus filhos receberam em seus nomes, a partir do terceiro, e em sequência, um numeral ordinal na língua francesa ou latina.

Do primeiro casamento, com Maria Amélia, nasceram três filhos: Jerônimo Rosado Filho, Laurentino Rosado Maia (que morreu antes de completar um ano de idade) e Jerônimo Tercio Rosado Maia. Este último foi o primeiro filho da prole a ser enumerado. Após ficar viúvo, de seu segundo casamento com Isaura vieram: Isaura Quarta Rosado Maia, Jerônimo Quinto Rosado Maia, Isaura Sexta Rosado Maia, Jerônima Sétima Rosado Maia, Maria Amélia Oitava Rosado Maia, Isauro Nono Rosado Maia, Vicência Décima Rosado Maia, Laurentina Onzième Rosado Maia, Laurentino Duodécimo Rosado Maia, Isaura Treizième Rosado Maia, Isaura Quatorzième Rosado Maia, Jerônimo Quinzième Rosado Maia, Isaura Seize Rosado Maia, Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, Jerônimo Dix-huit Rosado Maia, Jerônimo Dix-neuf Rosado Maia, Jerônimo Vingt Rosado Maia, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia.

Não se sabe o motivo da excentricidade de colocar nos nomes dos filhos os numerais ordinais em Latim ou Francês, na sequência em que iam nascendo. Alguns cogitam a possibilidade de ser ter sido uma influência dos livros de farmacologia, ou por serem, nesse período, línguas comuns entre médicos e farmacêuticos.

Mas, para os maçons que conviveram com Jerônimo Rosado, ele não agia por improvisos, todas as suas ações eram “mediadas e meditadas dentro de um princípio fraternal [...] (os filhos numerados não eram peças isoladas, eram partes de um conjunto, elos de uma corrente) [...] Numerando-os, transmitia-lhes a ideia da indivisibilidade, do entrelaçamento e de união” (MEDEIROS, 1987, *apud* FELIPE, 2001, p. 72).

A família Rosado teria tido, a partir de Jerônimo Rosado, uma característica singular, que seria a educação dada pelo patriarca aos filhos. “Influenciados pelo Iluminismo europeu, estes foram educados para a política, mas com responsabilidade sobre o lugar. Uma educação para a formação de uma elite política, mas com sentimento de retorno, dever, obrigação com o lugar ou o povo de seu lugar” (NÓBREGA, 2007, p. 20).

Jerônimo Rosado tentou passar aos filhos, através da prática cotidiana, que a educação e a civilização eram atributos de humanidade. “Educar pela civilidade, pelo respeito aos outros, trazendo todos para uma sociedade. Uma escola do cotidiano. Uma escola do cotidiano, marcada pela presença, a vizinhança, a cooperação, uma emoção de fidelidade à cidade [...]” (FELIPE, 2001, p. 74), como se essa fosse a missão a ser cumprida. A educação dada por Jerônimo aos filhos teria, portanto, um sentimento de amor e respeito à cidade.

“Esses valores comportamentais de reconhecimento do lugar não foram características apenas de Mossoró. No contexto da época, início da República, era comum a elite tentar

integrar o lugar, a sua localidade, a região à nação” (NÓBREGA, 2007, p. 21). É então esse sentimento de pertencimento que Jerônimo demonstrava na prática cotidiana, ao reivindicar o que achava ser a solução dos problemas para o desenvolvimento de Mossoró: instrução dos jovens, a construção da estrada de ferro Mossoró – São Francisco, e a resolução dos problemas da seca. Sua prática de reivindicação foi absorvida por outras pessoas da elite local.

Dessa maneira, obteve força política para convidar Antônio Gomes para instalar sua escola em Mossoró, instituição em que lecionou as disciplinas de Química e Física. Além disso, Jerônimo Rosado ainda atuou na política local nos triênios 1908-1910, 1917-1919 – estando neste como presidente da intendência (administrador de Mossoró) – e 1920-1922.

Na primeira vez em que esteve ligado ao poder do município, conseguiu viabilizar o início da construção da Estrada de Ferro de Mossoró. E no seu mandato, iniciou os trabalhos de represamento das águas do Rio Mossoró para evitar que o mesmo secasse nos longos períodos de estiagem.

Jerônimo Rosado, em 1911, começou a trabalhar com a extração e exportação de gesso, na região do Distrito de São Sebastião, hoje Governador Dix-Sept Rosado. Essa ação foi o que deu suporte econômico para o projeto político familiar que incluía seus filhos. Jerônimo Rosado morreu no ano de 1930.

No período de Jerônimo Rosado era muito comum ter uma família numerosa. Isso, “antes de significar cultura, nas classes dominantes, tinha um significado político”. (NÓBREGA, 2007, p. 27). Pertencer a uma parentela (família extensa) constituía uma importante afiliação organizacional. Talvez essa fosse a intenção de Jerônimo Rosado ao formar uma família extensa: a de formar uma parentela organizada, inclusive, pela ordem numérica. O sentido de entrelaçamento, indivisibilidade, união poderia facilitar a formação de uma oligarquia política.

Depois que Jerônimo morreu, quem passou a comandar os Rosado, no cenário político, foi um dos genros, Aldo Fernandes Raposa de Melo. Ele foi casado, primeiramente, com Laurentina Onzième e, depois que fica viúvo, com a irmã Jerônima Sétima. Aldo Fernandes chefiou a política dos Rosado entre os anos de 1930 e 1943. Nesse período, o primeiro neto de Jerônimo Rosado, Jerônimo Lahire Melo Rosado, teve um mandato como vereador entre 1937 e 1941, sendo o presidente da Câmara Municipal nesse período.

Em 1945, três filhos de Jerônimo Rosado se filiaram a um partido político, Dix-sept, Dix-huit e Vingt. Dix-huit Rosado foi eleito Deputado Federal e Vingt Rosado vereador em

1946; Dix-sept Rosado foi eleito prefeito de Mossoró no ano seguinte. Os Rosado possuíam duas situações favoráveis: a financeira e a imagem de “homens preparados para o fazer político”. Os Rosado representam, durante os seus mandatos, o papel de “cumprimento do ‘sagrado’ das ordens e dos ‘sonhos’ dos ancestrais” (FELIPE, 2001, p. 92). A ideia era a de que poderiam e deveriam realizar os sonhos que os grandes homens que estiveram à frente de Mossoró não conseguiram. Com isso, há uma supervalorização da cultura e da história da cidade.

Dix-sept, por exemplo, em seu mandato como prefeito, cria a Biblioteca Pública de Mossoró, o Museu Municipal e o Boletim Bibliográfico – este publicaria pesquisas, arquivos, textos de escritores locais, atas da Câmara Municipal e obras das culturas regionais. Esse Boletim é o germe da criação, anos mais tarde, da Coleção Mossoroense. Para comandar o Boletim, Dix-sept coloca à frente o irmão mais novo Vingt-un Rosado. A partir daí, este “transforma-se no homem de cultura da família. O intelectual, o acadêmico, o mecenas que, através das páginas dos livros da Coleção Mossoroense e nas festas de comemoração das datas magnas do município, resgata os heróis do passado e seus feitos memoráveis” (FELIPE, 2001, p. 91).

Com isso, sob a liderança de Dix-sept, os Rosado criam um grupo familiar político, com delimitação de atividades entre os irmãos, fortalecendo a estrutura da base, que era a família. Assim, num primeiro momento, o definido por Dix-sept Rosado, Vingt que já estava no cargo de vereador, iria manter a função desse poder local; Dix-huit, que já estava como deputado federal, seria o parlamentar do grupo; “Vint-un, Dix-neuf e Duodécimo compunham o sustentáculo financeiro do grupo, cuidando das empresas da família [...], mas Vingt-un exercia também uma outra função, a de intelectual do grupo e homem ligado à educação [...]” (FELIPE, 2001, p. 93, 94 e 95). Assim, os irmãos Duodécimo, Dix-sept, Dix-huit, Dix-neuf, Vingt e Vingt-un formam a primeira equipe política da família Rosado.

No ano de 1950, Dix-sept ganha a eleição para governador do Estado, mas só passou cinco meses no comando, pois morreu na queda do avião em que estava quando ia para o Rio de Janeiro tentar resolver os problemas causados pela estiagem. Com isso, é criado mais um mito para a cidade: “Dix-sept é o herói cívico, o mártir que se sacrifica para resolver os problemas da água em Mossoró e no Rio Grande do Norte” (FELIPE, 2001, p. 103).

A partir de então, há a necessidade de uma reestruturação do grupo político da família. Vingt surge como o novo líder do grupo, candidata-se para prefeito em 1952, quando é eleito, com uma campanha baseada no “pagamento de promessas”: retoma a ideia de que necessita

realizar os sonhos que não foram cumpridos pelos grandes homens da história e que ele não era o substituto de Dix-sept, pois o mito era “insubstituível”.

O outro cargo que desejaram “recuperar” era o de governador do Estado. Com isso, “caberia a Dix-huit retomar a trajetória com a morte do irmão” (FELIPE, 2001, p. 107). Entretanto, esse cargo não é conseguido pelo irmão, pois, por três vezes, o governo militar, durante a ditadura, escolheu os outros candidatos a governo.

Mesmo assim, a família continua com as suas atividades oligárquicas na região de Mossoró e no parlamento. Vingt Rosado foi vereador (1948-1953) e prefeito de Mossoró (1953-1958), deputado estadual (1959-1963) e, por sete mandatos (1963-1966, 1967-1970, 1971-1974, 1975-1978, 1979-1982, 1983-1987), deputado federal; Dix-huit foi deputado estadual (1947-1950), deputado federal duas vezes (1951-1955, 1956-1958), senador (1959-1966) e prefeito de Mossoró por três mandatos (1972-1975, 1982-1987, 1992-1996) e presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA).

Desde o ano de 1948, a família Rosado só deixou de estar à frente do poder de Mossoró em um único mandato, 1969-1973.

No final da década de 1990, houve uma cisão na família Rosado. Formou-se em Mossoró duas frentes do mesmo grupo oligárquico, sendo que, agora, eles disputam entre si. Por exemplo, em 2012, as duas principais concorrentes à prefeitura de Mossoró eram do grupo Rosado, uma de cada frente do grupo. Qualquer uma das duas que ganhasse a eleição, a administração da cidade continuaria, ainda, na mão do grupo. Além disso, cabe frisar que a atual governadora do Estado, Rosalba Ciarline Rosado (casada com Carlos Augusto Rosado, filho de Dix-sept Rosado) é membro desse grupo, já tendo sido prefeita de Mossoró, por três mandatos (1989-1992, 1997-2000, 2001-2004) e senadora do Estado (2007-2010).

Algo muito interessante de frisar é a relação que os Rosado possuem com a educação local. Além de o genitor ter sido responsável pela instalação, no município, da primeira escola com ensino secundário, os filhos estiveram envolvidos com a criação e instalação das instituições de ensino superior da região. A Escola Superior de Agricultura de Mossoró, por exemplo, foi criada em 1967 por um convênio entre a Prefeitura de Mossoró e o INDA, exatamente quando Dix-huit estava como presidente deste instituto, sendo que nenhum órgão do Ministério da Agricultura poderia criar alguma instituição de ensino superior, pois isso era atributo do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Entretanto, o presidente do órgão “criou um esquema com o aquele Ministério, onde os recursos dele provenientes seriam repassados

para a Prefeitura Municipal via FUNCITEC¹, para a construção da ESAM, ficando a escola lealmente vinculada àquela Fundação” (FILGUEIRA, 2006, p. 40).

Mas a criação dos cursos não é o único envolvimento dos Rosado com o ensino superior da região. Durante muitos anos, mais especificamente entre 1973 e 1985, os Rosado estiveram à frente da administração da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN).

De 1968 (quando a FURRN foi criada) a 1972, não houve sinais de que a família tenha utilizado a Universidade por conta de interesses políticos. O primeiro ato que foi praticado, que demarcou a entrada do grupo frente à administração da Universidade, foi a Lei 01/73, de 19 de fevereiro de 1973, em que o prefeito Dix-huit Rosado desmembra a administração da Universidade entre presidente da Fundação mantenedora e o reitor da Universidade, concedendo os poderes ao presidente da Fundação. Isso aconteceu porque Dix-huit era contra a ocupação da reitoria pela professora Maria Gomes de Oliveira, colocada no cargo pelo ex-prefeito Antônio Rodrigues de Carvalho.

Com isso, o grupo passa a agir como deseja dentro da Universidade. Uma das principais ações tomadas pelo grupo foi a utilização da imagem da FURRN para sua promoção, além de utilizar o espaço, cargos e abonação de mensalidades, como formas de clientelismo.

Com isso, é nesse período que ocorre uma grande expansão de cursos e até mesmo *Campi* Avançados. Em 1977, com apenas nove anos de existência, a FURRN já possuía treze cursos de graduação, sendo que, a partir de 1980, já contava com três *campi* avançados, sem possuir condições financeiras e acadêmicas.

Na tabela abaixo é possível notar o avultado crescimento dos números da instituição em relação ao quadro de pessoal entre 1974 e 1985:

Tabela 2 - Crescimento de pessoal no âmbito da FURRN

Anos	Alunos	Professores	Funcionários
1974	1.106	52	50
1975	1.750	72	67
1976	2.090	94	83
1977	2.679	121	111

¹Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, criada em Mossoró em 1963 com o objetivo de manter, criar e agregar cursos em nível superior, bem como implementar projetos para impulsionar o desenvolvimento regional. Mais tarde essa fundação se tornaria a Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte - FURRN.

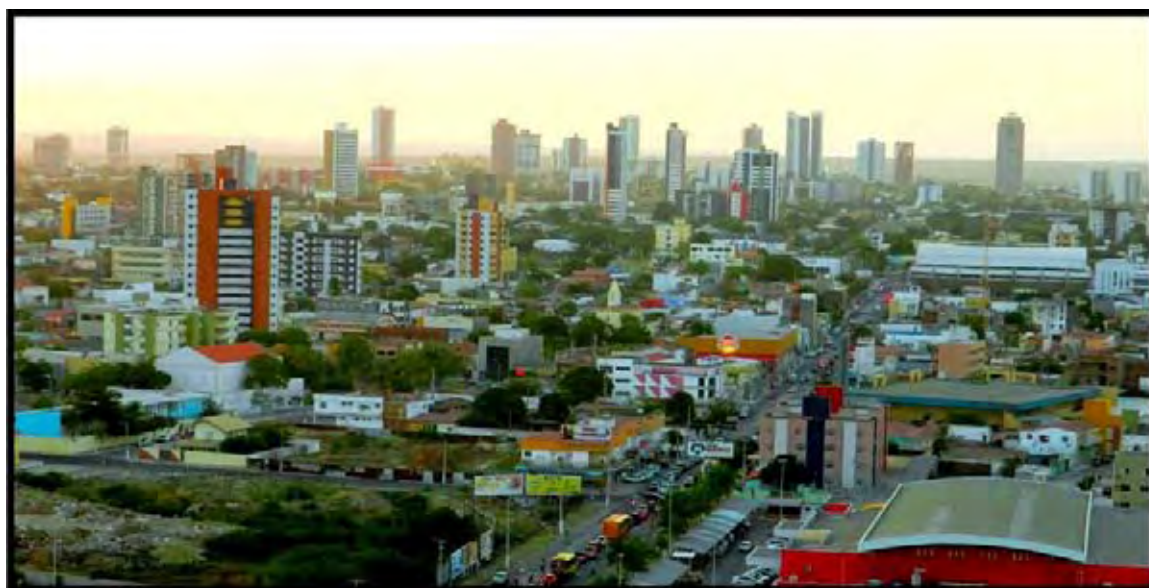
1978	3.270	142	133
1979	3.459	176	145
1980	3.565	201	170
1981	3.704	215	179
1982	3.970	247	194
1983	3.916	265	211
1984	3.980	273	219
1985	3.955	284	225

Fonte: Filgueira (2006, p. 86).

Com o crescimento acelerado, a instituição que possuía alguns problemas no que diz respeito ao pagamento de pessoal, ficou meses sem pagar alguns professores e funcionários, esperando a liberação das verbas estaduais e federais, passa por uma de suas maiores crises, pois não estava recebendo as parcelas do Estado, nem as verbas vindas do MEC e a prefeitura havia reduzido o orçamento para a IES.

Diante desse quadro, inicia-se uma resistência por parte dos professores, quando é fundada, em 1980, a Associação dos Docentes da FURRN (ADFURRN) que consegue, após muita luta, reverter a situação e tirar os Rosado do poder da Universidade. Entretanto, estes ainda continuam na oligarquia da cidade de Mossoró.

Figura 24: Mossoró 2012.



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1557085>

Essa, como está, é a nossa foto de Mossoró, uma região que pode ser montada com inúmeras peças, essa é apenas uma (montada a partir de algumas). Como falamos, essa é a nossa, uma única, múltipla, mas única. Fora desse retrato, deixamos outros ângulos que poderíamos mostrar outros horizontes, que poderíamos focar outras histórias, outras vidas, outras invenções. Tantos nomes, tantos contos, tantos acontecimentos... e apresentamos essa peça como uma imagem, aparentemente estática de uma região que a ela, pura e simplesmente, se reduz. Mas, precisávamos tirar essa foto, apresentar essa peça, montar esse quebra-cabeça, contar, narrar, brincar para, assim, poder andar por uma região para começar a entender melhor o que falam(os)...

*C*aminho

*Em busca de novas peças
Percorremos um caminho,
Como o homem de um conto,
Não estávamos sozinhos...
Descobrir o desconhecido
É um percurso com espinhos.*

*Precisávamos de um método
Pra o trajeto percorrer,
Escolher a História Oral
Foi importante acontecer,
Pois precisávamos buscar
Outras peças conhecer.*

*Fizemos todos os passos
Dessa metodologia,
Atracados com a sua
Grande e longa teoria,
Pois sabemos que sem ela
Só outra técnica seria.*

*Falamos nosso processo
Pra tentar colaborar,
Pois esse em formação
Sempre se encontrará,
E nossa motivação
É que temos que estudar...*

Procurando as peças: História Oral como metodologia de pesquisa

Neste jogo estamos num processo (inacabado) à procura de peças: ora essas são escritas, ora são faladas, ora nem uma coisa nem outra, peças vistas (iconográficas). Peças que nos auxiliarão na montagem do nosso quebra-cabeça...

Para isso, não foi preciso ir à procura de um rei, se posicionar na porta das petições e pedir um barco para sairmos em busca de uma ilha desconhecida, como em um conto¹. Ou foi preciso fazer isso? Talvez! Estávamos em busca de histórias, memórias, vozes desconhecidas, não sabíamos se conseguiríamos encontrá-las... Bem parecido com a ilha desse conto. Um rei? Um barco? Talvez... Vejamos: Pedimos a um rei (no nosso caso uma rainha) um barco, queríamos caçar essas peças desconhecidas, a rainha muito gentil nos ofereceu outro instrumento para buscarmos as peças que gostaríamos de encontrar, uma tal “ferramenta” chamada História Oral.

Assim, estávamos como o homem em busca da ilha desconhecida, buscando, nos outros, peças desconhecidas... Entretanto, assim como o homem não sabia velejar, não sabíamos utilizar essa “ferramenta”, mal sabíamos o que era na verdade...

O homem foi mais afoito, falou que o mar o ensinaria a velejar, nós decidimos buscar informações acerca dessa nova “ferramenta” que chegou a nossas mãos. Nessa busca, descobrimos que é melhor a chamarmos de metodologia, por não ser “apenas um conjunto de ferramentas e procedimentos, mas também a fundamentação teórica sobre a pertinência dessas ferramentas e procedimentos”, pois é “com o que se abre todo um novo campo de determinações e exigências que implica concepções muitas vezes diferenciadas das atualmente vigentes”².

Descobrimos que a História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memórias e que, por não “apreender a totalidade de uma experiência, nem mesmo a entrevista que se prolonga por várias sessões, como no caso, às vezes, da história de vida”³, não possuem a intenção de construir uma história totalizante ou, tampouco, tentar provar uma verdade absoluta. Assim, similarmente ao homem que ganhou um barco daquele rei para caçar a ilha desconhecida, ganhamos, nós outros, a nossa ferramenta para sairmos em busca das peças desconhecidas...

¹ O Conto da ilha desconhecida (SARAMAGO, 1998).

² (GARNICA, SILVA e FERNANDES, 2010, p.2).

³ (POUPART, 2010, p. 225).



Entalhando novas peças...

Em nossa busca, adotamos como metodologia de pesquisa a História Oral Temática, entendendo ser essa uma pesquisa contida no paradigma qualitativo por: não trabalharmos com a possibilidade de afirmação ou refutação de uma hipótese inicialmente levantada; não propormos a imparcialidade do pesquisador no trato com os dados, sabendo que este estará analisando-os segundo suas vivências e experiências, acompanhando-os pelas lentes de autores de seu referencial teórico; sabermos que os mesmos dados aqui trabalhados poderiam, por outras lentes, ser ressignificados, contando assim outras versões históricas; não buscarmos uma totalização, generalização, dos resultados encontrados. (GOLDENBERG, 2004; GARNICA, 2007).

Entendemos que metodologia é um “conjunto de procedimentos que não teriam sentido sem uma fundamentação” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 232). Certamente trata-se de um conjunto de procedimentos que consideramos legítimos para produzir pesquisas com História Oral no campo de conhecimentos da Educação Matemática (mas não apenas, ou exclusivamente), “mas, além disso, trata-se de saber quais as potencialidades e os limites dessas ações, quais seus fundamentos, qual o terreno em que tais ações se assentam” (*Ibidem*, p. 233).

Compreendemos, então, que esta metodologia, assim como qualquer outra, está em processo constante de desenvolvimento. Com isso, mobilizamos uma teoria, seus entendimentos, seus procedimentos, para que compreendamos, em uma operação historiográfica, como se dava a formação dos professores que atuavam no ensino de Matemática na região de Mossoró, localizada no interior do Rio Grande do Norte, tendo como ponta de *iceberg*⁴ para nossa investigação a data de criação do mais antigo curso de Matemática (daquela região), ocorrido no ano de 1974.

⁴ “Datas são como pontas de *icebergs*. O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas imersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grande distâncias. Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se veem? [...] Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes.” (BOSI, 1992, p. 19).

Assim, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento desta metodologia de pesquisa, traremos nossas *experiências*⁵, com a finalidade de buscarmos novas compreensões sobre a História Oral como metodologia de pesquisa no campo da Educação Matemática.



Embora compreendamos que metodologia não se trata apenas de procedimentos, no GH OEM, adotamos alguns processos que achamos legítimos para a constituição de documentos que serão as fontes para a nossa pesquisa. Assim, procedemos da seguinte forma: elaboramos uma pergunta diretriz que nos guiou durante nossos estudos, nossa busca; realizamos estudos prévios sobre o tema a ser abordado; buscamos colaboradores/depoentes que nos cederiam as entrevistas para a composição dos documentos; elaboramos um roteiro de entrevistas; realizamos as entrevistas; fizemos as transcrições das mesmas; textualizamos a entrevista transcrita; retornamos este material para o colaborador com a finalidade de legitimação do texto criado; solicitamos a assinatura de uma carta de cessão de direitos; analisamos os documentos constituídos (agora fontes orais e escritas) e outros encontrados.

Adotar certos procedimentos não implica dizer que os mesmos são imutáveis, ou que seu desenvolvimento seja realizado, necessariamente, nesta sequência: apenas é uma forma legítima que um grupo encontrou para fazer suas pesquisas, pois, como toda pesquisa, é um processo, e como tal, ocorrem idas e vindas.

Em nosso estudo, seguimos os passos acima pontuados: elaboramos inicialmente nosso objetivo de estudo – já apresentado – e fomos em busca dos nossos colaboradores de pesquisa. Decidimos procurar por professores que tivessem começado a lecionar na região antes do ano de 1974 e, por intermédio da internet, entramos em contato com duas professoras que haviam ensinado ao pesquisador durante sua graduação: Graciana Ferreira Alves Dias e Maria do Socorro Aragão Paim. As duas professoras logo se prontificaram a ajudar: a primeira, por não ser da região, buscou por outros professores do Departamento de Matemática da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (onde também está lotada), para pedir as informações por nós solicitadas, conseguindo com o professor Rafael Arcanjo Marinho (que também foi professor do pesquisador) nomes de cinco possíveis colaboradores: Raimundo Filgueira, Spíndola, Roberto, “Gracinha” (Maria das Graças) e Luiz Carlos da

⁵ “A experiência é o que nos passa, que nos acontece, que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] é aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 21 e 26).

Trindade; a professora Socorro Aragão nos indicou seu tio Raimundo Melo como outro possível colaborador. Entretanto, nada mais tínhamos além desses nomes.

Em um segundo momento, foi possível, pessoalmente, buscar por acervos e outras informações sobre esses professores. Fomos à 12ª Diretoria Regional de Ensino e Desporto do Rio Grande do Norte (DIREN) em busca de documentos. No entanto, nos informaram que esta repartição não arquivava documento algum, todos se encontravam alocados nas escolas. Mas, ao explicarmos o objetivo de nossa busca, nos encaminharam para falar com Fátima Queiroz, pois essa trabalhava há muito tempo com Educação na região. Ao nos encontrarmos com essa professora, ela nos apresentou a alguns outros nomes que poderiam colaborar com nossa pesquisa, mas também sem saber dar maiores detalhes, foram eles: Luzimar Firmino, “Zé Maria Moreno”, “Zé Maria Galego”, Carlos Andrade (mais conhecido por “Esquerdinha”) e Neto.

Guiados por estudos paralelos ou conhecimentos pessoais sabíamos que em algumas escolas, em seus acervos, poderíamos encontrar alguns nomes de possíveis colaboradores; seriam elas: Escola Estadual Jerônimo Rosado, por ser a maior e uma das mais antigas escolas públicas da região; o Colégio Diocesano Santa Luzia e o Colégio Sagrado Coração de Maria, por serem as duas instituições, em funcionamento, mais antigas da cidade; e o acervo da antiga Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, desativada em 2002, por ter sido um dos mais importantes colégios técnicos da região.

Buscamos os acervos dos colégios Diocesano Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria, mas não tivemos muito êxito. Na primeira instituição, a pessoa responsável pelo acervo disse estar muito ocupada com outras atividades da escola, solicitando o nosso retorno em dezembro, período em que essas já teriam cessado. Na segunda instituição, nos informaram que não havia nenhum documento no acervo que pudesse nos ajudar. Na Escola Estadual Jerônimo Rosado, tivemos livre acesso ao arquivo (bem conservado e organizado) e encontramos Livros de Atas, Livros de Correspondências, Livro de Recortes de Diário Oficial (jornal) falando sobre a Escola Normal de Mossoró, Livro de Pontos, Livro de Registro de Títulos, entre outros. Assim, buscando nestes documentos, encontramos nomes de vários possíveis colaboradores, valendo registrar os nomes que conseguimos e com os quais entramos em contato: Aroldo Gurgel, Felisbela de Freitas Neta e Maria Valderez Torquato (ex-professora de Desenho, que aceitou conceder entrevista caso fosse necessário). Ao buscar o acervo da União Caixeiral, que está em uma sala do antigo prédio da escola (onde hoje funciona a Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte), conseguimos acesso aos documentos,

mas vimos que os únicos que ali estavam se referiam aos alunos, tendo apenas um Livro de Registro de Posse misturado aos demais documentos. Nesse livro, tivemos acesso aos outros nomes e, novamente, ao nome do professor Raimundo de Freitas Melo, indicado pela professora Socorro Aragão.

Nesse contexto, Maria Emília Bizerra de Moraes, mãe do pesquisador, munida de informações básicas, esforçava-se na tentativa de colaborar com a pesquisa, entrando em contato com familiares, amigos e vizinhos. Ela (“mainha”) conseguiu informações, por meio de uma sobrinha do professor, sobre o senhor Joabel, que lecionou em Mossoró, na década de 1970, sem muita precisão do período.

Tentamos nos organizar para entrevistar professores da seguinte forma: dois professores que tivessem ensinado na União Caixeiral, por ser uma escola que formava técnicos em contabilidade, pois acreditávamos que de lá poderiam sair muitos que iriam lecionar Matemática em outras instituições na região; dois que tivessem ensinado no Diocesano de Santa Luzia, por ser o colégio mais antigo da região e, por ser famoso como “Colégio dos Padres”, tínhamos a impressão de que muitos dos que ensinavam lá eram, também, padres; dois que tivessem sido da primeira turma do mais antigo curso de Matemática daquela região, para elaborar compreensões sobre o curso e sobre a busca de formação quando já estavam lecionando; dois que tivessem participado do processo de implantação ou instalação do curso; dois que tivessem ensinado Matemática na Escola Superior de Agronomia de Mossoró, para compreender a formação dos professores que ensinavam naquela instituição e por formar alguns dos que atuavam, talvez, no ensino de Matemática na região; por fim, dois que não tivessem tido vínculos com essas instituições, para elaborarmos compreensões outras. Vale ressaltar que o perfil dos professores não foi, necessariamente, o que havíamos pensado inicialmente.

Assim, de posse de alguns nomes, de uma possível configuração, ou perfil, dos entrevistados com quem gostaríamos de conversar, fomos à busca de alguns desses professores. Muitas ligações, muitas idas e vindas em busca de endereços, muitas pessoas gentis a nos atender... Entramos em contato com dez potenciais colaboradores. Apenas um deles, Aroldo Gurgel, agora morando em Fortaleza, disse não poder atender ao nosso convite por estar passando por alguns problemas pessoais; mas todos os outros se prontificaram a colaborar.

Assim, conseguimos entrevistar, em um primeiro momento, sete professores: Felisbela Freitas de Oliveira, Joabel Azevedo Dantas, Maria das Graças Bezerra Satler, José Arimatéia

de Souza, Alcir Leopoldo Dias da Silveira, Luiz Carlos Avelino da Trindade, Raimundo de Freitas Melo. Num segundo momento, o professor Francisco de Assis Silva (Chiquito) e outro professor que participou do processo de criação do curso da UERN⁶ também nos concederam entrevistas.

De alguns desses professores não tínhamos os nomes antes, como é o caso dos professores Alcir Leopoldo e José Arimatéia, mas foi possível chegar a estes professores pelo *critério de rede*, processo em que alguns colaboradores convidados a participar da pesquisa indicam outros. (GARNICA, SILVA e FERNANDES, 2011).

Antes, ainda, do contato com os colaboradores, decidimos pela utilização não de um roteiro de entrevista, mas de Fichas Temáticas para a realização da pesquisa. Essa escolha foi baseada nos trabalhos de Rolkouski (2006) e Vianna (2000), que fizeram uso de fichas temáticas para o desenvolvimento de seus estudos. Entretanto, uma escolha nos diferenciava: esses pesquisadores utilizaram fichas, mas deixaram que seus colaboradores escolhessem a sequência dos temas que gostariam de tratar. No entanto, decidimos por utilizar as fichas em uma sequência dada. Essa escolha se deu por acharmos que, seguindo determinada sequência, os colaboradores poderiam ter menos dificuldade de continuar num mesmo raciocínio, colaborando, assim, para as memórias.

Utilizamos um total de vinte e sete fichas⁷: *Apresentação pessoal; Família; Infância; Juventude; Cotidiano da cidade em que cresceu; Cidade e educação; Costumes; Política; Escola e rotina escolar; Disciplinas marcantes; Professores marcantes e suas aulas; Sistemas de ensino; Dificuldades nos estudos; Dificuldades em realizar os estudos; Mudanças na educação durante os estudos; Primeiros contatos com o ensino; Ingresso no magistério; Formação; Escolas e cotidiano durante o exercício do magistério; Dificuldades no exercício do magistério; Mudanças durante o Magistério; Mudanças na formação de professores de Matemática; Mossoró no início do magistério; Magistério em Mossoró; Mossoró no contexto atual; Ensino de Matemática hoje; Considerações.*

Munidos, assim, de nossas fichas e do gravador, partimos para as entrevistas, que “são diálogos acerca de algo (o objeto da pesquisa) e são tanto mais ricas quanto mais ocorrerem num clima de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado”. (GARNICA, 2007, p. 32).

⁶ Não citaremos o nome do professor por não nos ter concedido o direito de publicação de sua entrevista. Mais a frente será esclarecido sobre este acontecimento durante o processo de desenvolvimento de nossa pesquisa.

⁷ Cabe ressaltar que, durante o exame de qualificação, uma das ressalvas feitas pela banca foi em relação aos superlativos existentes nas fichas (dificuldades e marcantes), que podem ter enviesado um pouco as entrevistas, tendo nos sido recomendado cuidado quando fôssemos realizar a análise. Entretanto, retornando as entrevistas, notamos que, os colaboradores, em sua maioria, falavam sobre as dificuldades que passaram antes de aparecerem as fichas com essa temática.

Sabíamos que “[...] uma pesquisa nunca é neutra, pois traz sempre traços de quem a desenvolve ou do contexto e da época em que ocorre. /.../ [Assim] a construção dos dados não é neutra nem atemporal”. (RIBEIRO E GUEDES, 2007, p. 101) Com isso, optamos por realizar todas as entrevistas onde os colaboradores se sentissem mais à vontade, sendo que todos escolheram suas residências. Optamos também por apenas gravar o áudio da conversa, por acreditarmos que seria menos inibidor, tentando realizar a entrevista em clima de cumplicidade para que o colaborador se sentisse mais seguro para elaborar sua narrativa. Decidimos que não iríamos entregar os temas das fichas antes (a não ser que solicitado pelo colaborador): gostaríamos que eles narrassem sem uma prévia preparação. Apenas um professor, Francisco de Assis Silva (Chiquito), solicitou os temas antes da entrevista, mas o mesmo nos contou no dia da entrevista que não teve tempo para organizar-se previamente.

No momento da entrevista, apresentávamos as fichas, uma após a outra, na sequência aqui exposta, e solicitávamos ao colaborador que falasse sobre aquele tema. Apenas fazíamos interferências quando achávamos que cabia alguma outra pergunta, com a finalidade de obtermos maiores informações sobre determinado tema ou evento.

Notamos algumas limitações do pesquisador no que diz respeito à experiência para a realização de pesquisas utilizando entrevistas. Em alguns momentos após as entrevistas, até mesmo nos momentos de avaliação do trabalho (exame de qualificação e defesa), percebemos pontos em que poderíamos ter realizado interferências, tendo como objetivo a ampliação e o aprofundamento de temas.

Realizadas todas as entrevistas, partimos para o processo de transcrição. A transcrição é um processo literal, rigoroso, isolado e, por vezes, cansativo: trata-se da passagem para o papel da entrevista anteriormente gravada, com todos os erros, gaguejos, vazios, repetições e interferências.

Concomitantemente a este processo, realizamos a textualização, que é o processo de elaboração de um documento escrito, obtido a partir da transcrição. Em hipótese alguma afirmamos ser, esse texto, o concedido pelo entrevistado, mas, sim, um texto obtido da entrevista, construído juntamente com o entrevistado, que o legitimará, afirmando reconhecer-se no mesmo. Como a textualização não exige padrões, decidimos por deixar o entrevistado aparecer nesse texto em um monólogo, em que o colaborador narra uma história, guiado, implicitamente, pelos nossos temas e perguntas.

Encerrado o processo de textualização, todo o material elaborado retornou aos entrevistados para que pudessem legitimar os textos. Há que ressaltar que há grande

importância na legitimação dos textos, pois, antes de qualquer coisa, essa legitimação indica que o leitor conseguiu se reconhecer no texto criado na parceria pesquisador-colaborador. Há, ainda, a concessão dos direitos autorais e de publicações com a assinatura da *carta de cessão*, cujo modelo está no APÊNDICE I.

Como em toda pesquisa, podemos, ao longo do processo, nos deparar com acontecimentos inesperados. Na última etapa do desenvolvimento de nossa produção dos documentos orais, legitimação e cessão de direitos, ficamos sabendo que não poderíamos mais contar com uma das entrevistas que realizamos.

O colaborador entrou em contato conosco, em um primeiro momento, comunicando que não gostou do texto produzido (textualização), por ter se expressado mal em algumas coisas e ter falado muitas coisas que julgou desnecessárias. Perguntou se poderia “refazer o texto”, retirando algumas coisas e incluindo outras que talvez nos interessassem mais. Como é natural no processo de negociação do documento final, respondemos afirmativamente para a solicitação, esclarecendo que, para nós, nada do que constava na textualização da entrevista era desnecessário, pelo contrário, tudo nos interessava. Dessa maneira, deixamos o professor à vontade para fazer as reformulações que julgasse necessárias e depois negociaríamos o que fosse indispensável.

Entretanto, após algum período aguardando o retorno desse professor para sabermos como ficaria o seu texto, eis que ele nos envia o “novo texto” por e-mail. Ao abrirmos o arquivo, ansiosos para ler a nova (re)leitura dada à entrevista, nos deparamos com apenas uma lauda contendo algumas informações, tais como: naturalidade, onde desenvolveu seus estudos, onde e por quanto tempo trabalhou; considerações sobre o curso da UERN.

Tão grande foi a nossa surpresa que, imediatamente, procuramos um meio de entrar em contato com o professor para tentarmos negociar o texto. Ao conseguirmos o contato, concluímos que nossa tentativa era em vão. O professor estava irredutível.

Respeitamos sua decisão e, portanto, resolvemos não publicar as poucas linhas de informações que foram autorizadas. No entanto, essa situação vivenciada, nesta pesquisa, é uma oportunidade de reflexão para quem trabalha com entrevistas e história oral. Entendemos, ainda, que os dados poderiam ter sido publicados, mas que pouco influenciariam na finalização do trabalho.



Na concepção segundo a qual trabalhamos, a constituição do documento é algo inevitável, sendo na verdade um dos objetivos das pesquisas que utilizam como opção metodológica a História Oral. Do mesmo modo, a realização da análise é, para nós, indispensável, por não compartilharmos aqui a ideia do presentismo, que visa apenas à criação de fontes historiográficas.

Assim como os “historiadores clássicos” optam por construir suas narrativas a partir da fonte dos arquivos, optamos por realizar a nossa análise a partir dos arquivos que produzimos (sem menosprezar, todavia, os outros documentos encontrados durante a pesquisa). Assim, nos trabalhos desenvolvidos pelo GHOM, em muitos deles, entende-se esse momento como o arremate da pesquisa, um aventar de possibilidades de compreensão, um identificar de evidências.

Portanto, sobre a análise dos dados, corroboramos Baraldi (2006, p. 14 e 15), que nos apresenta que o “[...] inventário de possibilidades é, já, uma forma de análise, ainda que parcial por não esquadrihar todas as possibilidades críticas”. Entendemos que o processo analítico já está ocorrendo a partir do momento em que propomos estudar algum fenômeno. “Sendo assim, o ‘processo de análise’ inicia-se com a explicitação da pergunta de pesquisa e com a escolha dos depoentes-colaboradores. Detectar tendências é um – dentre os muitos – momentos de análise”. Entretanto, “muitas vezes, o processo analítico não se restringe ao momento de detectar tendências, efetuando um trabalho de preenchimento de lacunas”.

Cabe explicar o que, aqui, se entende por análise dos resultados nas pesquisas em Educação Matemática, com a utilização da História Oral como metodologia de pesquisa. Segundo Garnica, Silva e Fernandes (2010, p. 9) “não cabe ao pesquisador julgar as narrativas orais, já que estas funcionam como suportes para a história contada pelo pesquisador sobre o fenômeno pesquisado”.

Assim, corroborando estas concepções de análise de entrevistas, compreendemos como processo de análise dos resultados não a análise do que foi dito nas entrevistas, com o objetivo de julgá-lo, mas, como o processo de “amarramento” das informações, sendo, na verdade, este “amarramento” a constituição da narrativa do pesquisador, realizado mediante as considerações feitas nas entrevistas e nos documentos escritos (encontrados durante a pesquisa).

As considerações são as evidências, tendências, ou singularidades que se conseguiu notar entre as entrevistas, valendo ressaltar a responsabilidade ética frente ao que foi posto e confiado pelo depoente às mãos do pesquisador, sendo “[...] grande a responsabilidade do

pesquisador em relação ao que produz e aos seus depoentes”. (GAERTNER E BARALDI, 2008, p. 59).

Assim, para a realização da análise elaboramos um texto narrativo, nossa versão, nossa invenção histórica sobre a formação dos professores que atuaram no ensino de Matemática na região de Mossoró (RN). Para isso, corroboramos as ideias defendidas por Bolívar (2002) e Garnica (2010b), que dizem haver uma possibilidade de uma análise paradigmática das narrativas, mas há também a possibilidade de uma análise narrativa de narrativas.

A primeira, a análise paradigmática, consiste em realizar a separação de unidades significativas para a realização das análises das versões históricas narradas, já a segunda, a análise narrativa de narrativas – que aqui exercitamos para a realização de nossa análise – consiste em realizar “uma análise que geraria um texto diferenciado, do ponto de vista da forma, daquela narrativa primeira: uma outra narrativa, em que estariam patentes a subjetividade do intérprete”, além disso, estariam patentes também “as malhas das compreensões que ele retira de quaisquer fontes por ele julgadas potenciais contribuições para a compreensão de uma dada situação ou modo de narrar”. (GARNICA, 2010b, p.11). Elaboramos, portanto, um texto narrativo no estilo adotado por Cury (2007 e 2011), realizando a análise narrativa de narrativas.



Este foi o nosso processo de procura, nosso caminho marcado pelo aprendizado de esculpir peças, novas, únicas (com possibilidades múltiplas), como o artesão ao produzir sua arte, cada peça é única... Um pouco diferentemente do homem do conto, não estamos mais à procura das peças, descobrimos que tínhamos que produzi-las. Assim, não foi preciso nos pintar de “As peças desconhecidas”, mas foi preciso sair de nós, para encontrarmos nos outros as outras peças múltiplas, foi preciso mergulhar em um conjunto de peças que apareceram à nossa frente, à procura de entendermos um texto, um contexto, outras histórias, outras buscas sobre uma mesma ótica: formação dos professores que ensinam Matemática no Brasil.



E*xterno*

*Vamos ver o que do externo,
Dessa história a gente sabe.
Pois quem narra sua vida
E nos fala dessa parte,
É a professora Felisbela,
Que é até de outra cidade.*

*Nasceu em quarenta e nove,
De Patu é natural.
Mas no tempo do ginásio
Na mocidade floral,
Foi morar em Mossoró,
Terra do sol e do sal.*

*Chegando foi estudar
No Jerônimo Rosado.
Colégio que acabara
De ser reinaugurado.
Completo o estudo
Que lá era ofertado.*

*Ainda no colegial,
Começou a lecionar.
O ensino de Matemática
Não pode continuar.
Pois “rasteira” do Estado
Não esperava levar.*

Professora Felisbela

Meu nome é Felisbela Freitas de Oliveira. Nasci em Patu¹, Rio Grande do Norte, em 27 de fevereiro de 1945. Meus pais eram da área rural e por isso nós moramos muito tempo na fazenda. Eu conheço muito bem a vida no campo, foi uma infância maravilhosa. Adorava tirar ninho de passarinho, subir nas árvores pra tirar resina. Fui uma criança muito levada nesse sentido, de subir em árvore, descer de árvore... Gostava muito. Tomava muito banho de açude, muito banho de rio. Apesar das dificuldades financeiras, foi uma infância muito feliz.

A infância, foi infância de criança do campo mesmo. A gente acordava, ia pro curral, tomava leite, varria os terreiros, pastoreava o gado, ia pro roçado... Agora, como eu era a mais velha das mulheres (eu sou a segunda filha na escala dos vinte que meus pais tiveram); como eu já era uma das maiorezinhas, com sete anos, eu já ficava em casa cuidando dos outros irmãos mais novos e olhando as panelas no fogão. Eu era pequena, botava um tamborete, subia no tamborete pra ir olhar o feijão, se ainda tinha água, e fazia o cuscuz. Com sete anos eu já tinha uma responsabilidade pra ficar olhando os irmãos menores. Mas, apesar da responsabilidade de olhar a casa, a gente tinha tempo pra brincar. Nós brincávamos muito nas árvores. Como não se dispunha de outras brincadeiras, a gente brincava nas árvores. Eu lembro que, vizinho a uma casa em que nós morávamos, havia um pereiro² bem grande, e tinha uma galha que era bem flexível. Então a gente brincava na galha dizendo que estava no avião. A gente balançava a galha que subia e descia, subia e descia... descia até o chão e subia bem alto. Era uma festa! E lá pras tantas, nessa brincadeira de subir e descer no avião, a galha quebrou-se... Nós caímos todos com a galha! Só um irmão meu ficou pendurado na parte da galha que ficou lá em cima. Era Joalba (Joalba Vale, Administrador, Pedagogo e Ex-vereador de Mossoró, por 5 legislaturas. Seu nome é uma junção de Joaquim e Albaniza, os nomes de papai e mamãe), meu irmão mais velho, ele ficou pendurado lá em cima, bem alto, e gritava assim: “o que é que eu faço?”. Aí a gente dizia: “solte as mãos! solte as mãos!”. Aí ele soltou-se e esparramou-se em cima das pedras. Mas era assim. Foi uma infância muito gostosa, eu tenho boas recordações da infância. Por conta dessa vida livre que a gente levava no campo. Sem preocupação. Porque na cidade, a gente já começou a sofrer mais repressão, no sentido de não poder ir mais pra rua, não correr riscos, e no campo não, a gente levava uma vida bem livre. Uma infância maravilhosa.

¹ Cidade localizada na região Oeste do estado do Rio Grande do Norte, distando aproximadamente 300 km da capital Natal e 132 km de Mossoró.

² Tipo de árvore nativa do bioma caatinga.

Mas para que eu pudesse estudar, meus pais se transferiram aqui pra Mossoró. Nós saímos de Patu pra Mossoró. Aqui em Mossoró nós fizemos de tudo pra sobreviver. Meu pai tentou uma padaria, não deu certo. Tentou uma saboaria, não deu certo. Aí ficou trabalhando numa olaria. Ele fazia tijolos com os meus irmãos e nós todos trabalhávamos, [as mulheres] faziam os deveres de casa: engomar, lavar roupa, arrumar casa e ainda ajudávamos os parentes que viviam em melhores condições, pra receber um dinheirinho pra investir no material escolar. Trabalhamos de tudo. Fizemos de tudo. Vendemos coentro, vendemos pirulito... Eu ajudei muito a cuidar dos resguardos das mulheres dos meus tios, fui babá dos meus primos, mas, apesar da luta, nós conseguimos, graças a Deus, conquistar nosso espaço.

Apesar de meus pais serem apenas alfabetizados (minha mãe fez o terceiro ano primário e meu pai se alfabetizou, depois de casado, com minha mãe). Mas a educação do berço (tomando como modelo a minha família), eu acho que é fundamental. Como a educação do período era uma educação muito rígida, eles eram rígidos, mas eles se preocupavam com a formação do ser humano enquanto cidadão. Nós não éramos impedidos de sair, nós saíamos, mas tínhamos responsabilidades pra chegar. Nós tínhamos direito de levar a chave (que eu acho que para aquela época era uma vantagem muito grande). Nós podíamos levar a chave, mas era tudo conversado. Íamos e voltávamos na hora que eles determinavam. Havia umas surrazinhas, umas pisazinhas, umas palmatoriazinhas na hora que era preciso... Se um filho não seguisse a ordem, ia mesmo pro castigo. Castigo brabo. A gente reconhecia que estava errado. Apesar de levar as chicotadas, as palmatoradas, não havia revolta. Todo mundo trabalhava. Eu acho que essa questão hoje de dizer que a criança não pode trabalhar, eu não concordo muito. Eu acho que não pode ser explorada. Porque realmente há uma exploração de criança no interior. Mas eu acho que os filhos trabalharem com os pais no campo, trabalharem com os pais na cidade, eu não vejo problema algum. Todos nós trabalhamos muito e isso não nos impediu de estudar, de vencer na vida. Eu acho que se criavam jovens mais responsáveis, mais comprometidos do que os que estão hoje sem trabalhar. Nem estão trabalhando, nem estão querendo estudar. Estão se constituindo problemas para a sociedade.

Meus pais sempre tiveram cuidado para que todos estudassem. Apesar de sermos uma família de quinze irmãos vivos, cinco não sobreviveram, nós todos estudamos. Dos quinze irmãos, somos doze formados. Dos outros três que não se formaram, duas ainda fizeram o vestibular, mas desistiram do curso antes de concluir e só tem um irmão que não fez seleção para a universidade.

Hoje, todos ainda somos vivos, meus pais também ainda são vivos. São dois bebezinhos agora, um com noventa e quatro anos, outro com oitenta e nove. Mas somos uma família feliz.

A minha juventude foi de muita responsabilidade. Como eu fui a primeira irmã a começar a estudar, meus pais se mudaram pra aqui, [pra Mossoró], pra que eu pudesse fazer o ginásio. Então... eu sempre tive muita responsabilidade na minha vida. A minha juventude foi muito séria, pois diante da dificuldade financeira em que nós vivíamos, eu não dispunha de dinheiro pra ir pra festa, pra ir pro cinema, quer dizer, a minha juventude foi muito mais de trabalho do que de diversão. Foi muito trabalho e muito estudo. A gente trabalhava em casa, eu ajudava os meus tios quando era necessário e quando eu terminei o ginásio, eu já comecei a trabalhar no comércio e quando eu estava fazendo o terceiro ano colegial, eu já comecei a trabalhar como professora. Na época eu tinha vinte e um anos.

Sobre as cidades?! Em mil novecentos e cinquenta e nove (1959), a gente foi da fazenda pra sede do município, em Patu. Era uma cidadezinha pequenininha, do interior. Só tinha energia até dez horas da noite e a gente, geralmente, brincava, jogava sueca³, à noite, enquanto tinha energia. A gente ficava no pé do poste, jogando sueca, conversando com os colegas, porque em casa não tinha energia elétrica. A cidade não tinha cinema... A única diversão que eu tinha era jogar sueca mesmo e ir pras missas no domingo. Era uma cidadezinha calma, tranquila, mas eu tenho boas recordações de Patu.

Aqui em Mossoró, quando eu cheguei, em mil novecentos e sessenta, foi um mundo completamente diferente do que eu vivia. Nós chegamos aqui, à noite, e quando eu vi a quantidade de luz acesa, a cidade muito grande, lembro que me impressionei com a beleza. As praças eram muito bonitas. Tudo era novidade. Hoje eu procuro ver essa beleza, mas... ou o encantamento acabou, ou Mossoró não se desenvolveu suficientemente, ou destruíram o que ele tinha de bonito. Porque quando eu cheguei eu vi uma Mossoró linda! Já era uma cidade que contava, na época, com dois cinemas. Tinha um serviço cultural grande. Era uma cidade bem movimentada. Mas como eu era uma pessoa sempre muito reservada, muito caseira, eu não participava muito das atividades culturais da cidade.

Minha prática cultural era ir pra igreja e assistir à missa, rezar, bater um papo na praça. As pessoas, como não tinham muita coisa a fazer, sempre iam pra praça do Pax⁴, onde funcionava um dos cinemas e lá ficavam sentadas nos bancos ou passeando, enquanto outras

³ Jogo com cartas de baralho, muito conhecido na região.

⁴ Praça Rodolfo Fernandes, localizada no centro de Mossoró, conhecida como praça do Pax, por ficar em frente ao prédio do antigo Cine Teatro Pax, inaugurado em Mossoró no ano de 1943, desativado em 2005. (COSTA, 2008).

pessoas assistiam ao filme. Havia sorveteria, eu me lembro, muita gente frequentava a sorveteria.

Na década de 1960, havia um movimento de jovens muito grande em torno da igreja católica, havia os clubes de jovens. Inclusive eu participei de um ligado à igreja de São José. Era um grupo de jovens muito eficiente. A gente estudava, a gente discutia, nos reuníamos semanalmente. Saíram muitos professores, muitas pessoas boas desse grupo de jovens. Havia discussões bíblicas, mas também discussões culturais, sociais, políticas...

Quanto à política, eu vivi, mais ou menos, aquela revolução de 1964, o regime militar. À época, eu estava concluindo o ginásio e a política era ferrenha...

A política aqui em Mossoró sempre foi uma política muito acirrada. Geralmente eram os Rosado contra os Duarte⁵. Eu me lembro de uma campanha entre Vingt-un⁶ e Doutor Chico Duarte⁷, na década de sessenta. Doutor Vingt-un era candidato dos Rosado e o candidato dos Duarte era Antônio Rodrigues⁸, foi uma campanha acirradíssima. Parece que o Antônio ganhou, por setenta e poucos votos. Mas sempre foi Rosado contra Duarte. Depois... os Rosado sempre têm dominado, porque agora são dois grupos Rosado⁹. Ou é um ou é outro que está no poder. Mas eu não me envolvia muito na política, não.

Assim, em termos nacionais, eu acho que a revolução, embora algumas pessoas sejam contra, eu acho que a revolução de sessenta e quatro (1964) foi válida. Houve uma moralização maior do país. Eu só acho que o erro da revolução foi os militares terem permanecido no poder. Era para eles terem feito a revolução e terem devolvido o poder para os civis. Mas na época, eu acho que foi válida porque a corrupção era muito grande, como hoje a gente tem vivido uma corrupção muito exagerada. A corrupção era grande, o país vivia de greve, era uma situação muito difícil. Eu acho que foi um período muito efervescente. Eu acho que os jovens eram mais batalhadores, trabalhavam mais, se envolviam mais. Eu acho que só nas Diretas Já¹⁰ houve um movimento semelhante ao de sessenta e quatro (1964).

⁵ Famílias tradicionais da região.

⁶ Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, foi vereador de Mossoró e esteve à frente da implantação da antiga Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), além disso, fundou a Coleção Mossoroense, uma das editoras brasileiras com o maior número de títulos publicados.

⁷ Francisco Duarte Ferreira Filho.

⁸ Antônio Rodrigues de Carvalho.

⁹ A professora se refere a uma família oligárquica, os Rosado, de muita tradição política na região de Mossoró, que está no comando da cidade desde 1945. Este grupo, que antes era um só, hoje está dividido e vem disputando, nas últimas eleições, o poder local.

¹⁰ Movimento civil ocorrido no Brasil nos anos de 1983 e 1984, reivindicando eleições presidenciais diretas.

De política... acho que nós tivemos nesse período, início da década de 1960, no governo, a vitória de Aluizio Alves¹¹. Eu acho que o Rio Grande do Norte teve dois momentos, um antes de Aluizio Alves, outro depois de Aluizio Alves, porque ele foi um homem de visão. Foi o primeiro governo que se preocupou com um planejamento estratégico para o Estado. Houve a preocupação com a água; foi criada a CAERN¹²; foi criada a COSERN¹³; o primeiro conjunto de casas habitacionais. Depois ele foi cassado, não sei se realmente tinha culpa ou se foi perseguição dos adversários. Eu não sei. Mas, em termos de planejamento, eu acho que foi um dos melhores governos o de Aluizio Alves.

Eu não me envolvia muito com a política. Agora, como observadora, eu acho que o prefeito Dix-Huit¹⁴ Rosado foi um grande prefeito e Mossoró desenvolveu-se muito em seu governo.

Sobre os estudos... Na infância, como morávamos na fazenda, até os sete, oito anos, nós não frequentávamos a escola. Não havia escola na fazenda. Nós estudávamos no período das férias quando um tio meu, Mário Vale (Bioquímico, hoje dono da Policlínica Médica de Mossoró), por quem eu tenho profunda admiração, admiração pelo esforço dele, pela boa vontade que ele tinha, pelo desejo de ver os sobrinhos estudando. Ele estudava na Paraíba, em Patos¹⁵, fazia o ginásio e quando ele vinha de férias pra fazenda, ele dava aula pros sobrinhos. Então, a gente fez a carta de ABC e a cartilha (porque na época era assim: a carta de ABC, depois a cartilha, depois primeiro ano...), no período de férias com esse meu tio que estudava na Paraíba e vinha pra fazenda e nos ensinava. Depois, quando eu estava com nove anos, é que começou a funcionar uma escola na fazenda e a professora era uma tia minha, tia Delurdes (Maria de Lourdes Vale, professora, catequista, irmã de minha mãe), também uma mulher muito humana e de uma visão muito ampla, uma pessoa muito boa. Eu me lembro que, em 1958, ela levou um filme, “O Gordo e o Magro” (era um filme ainda mudo), pra passar pros alunos da escola isolada, lá no interior do Rio Grande do Norte. Quer dizer, era uma pessoa fantástica, porque naquela década de cinquenta ela teve essa visão de levar cinema pros alunos...

¹¹ Aluizio Alves foi um importante político do Estado, tendo sido governador nos anos de 1961 a 1966, foi cassado pelo AI-5 em 1969.

¹² Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN).

¹³ Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN).

¹⁴ Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia foi prefeito de Mossoró, deputado estadual, deputado federal e senador do Rio Grande do Norte.

¹⁵ Cidade do interior da Paraíba, distante aproximadamente 294 km da capital João Pessoa e 274 km de Mossoró.

Na época, o nível escolar se dividia em escola primária, que ia do primeiro ao quinto ano; ginásio, que ia da primeira a quarta série e depois pedagógico¹⁶ ou científico, ambos com 3 anos de duração. E antes do primário, o aluno precisava dominar a carta do ABC e a Cartilha. Equivaleria ao pré-escolar de hoje. Então, o que correspondia ao primário, eu fiz até a terceira série numa escola isolada na fazenda Jerusalém, município de Patu. No ano seguinte (terminei a terceira série em mil novecentos e cinquenta e sete); em 1958, fiquei sem estudar, porque como era escola isolada, só funcionava até a terceira série. Fiquei um ano sem estudar, com 13 anos; mas fiquei ajudando outra tia minha, Maria Francelino de Moura, irmã de meu pai, que veio para substituir Maria de Lourdes, na Escola Isolada de Jerusalém. A sala era polivalente: havia alunos da carta do ABC até o terceiro ano. Eu já fazia um papel de professora auxiliar.

Depois fomos para outra fazenda, também, no município de Patu. Em Patu, nessa época, só tinha o Grupo Escolar [João Godeiro] que funcionava com o primário até o quinto ano. Em 1959, meus pais se mudaram para a sede do município, pra que eu pudesse fazer o quinto ano. Eu não fiz o quarto ano. Eu fiz o terceiro, e do terceiro eu me matriculei no quinto ano. Aí no quinto ano eu tive uma professora formada, muito boa, dona Maria Elisa. E ela foi fundamental para despertar meu interesse por Matemática. Ela era uma professora muito eficiente, pois, no quinto ano primário, nós estudávamos até raiz cúbica. Quando eu terminei o quinto ano, eu sabia extrair raiz quadrada, extrair raiz cúbica, trabalhava com números decimais, com máximo divisor comum, com mínimo múltiplo comum que, naquela época, era muito avançado para um 5º ano primário. Na época, a gente fazia uma seleção pra entrar no ginásio¹⁷, foi o primeiro ‘vestibular’ que eu enfrentei. A gente fazia prova de Português e Matemática, escrita e oral, e de Geografia e História só a prova escrita. Eu fiz a seleção e passei. E fiz o ginásio aqui em Mossoró. Depois, quando concluí o ginásio, fui fazer o técnico em contabilidade na União Caixeiral¹⁸ (Sociedade "União Caixeiral", entidade destinada a assistir social e educacionalmente à classe de empregados do comércio de Mossoró). Vale salientar que o professor de Matemática do 1º ano Técnico, tinha sido meu colega, no curso ginásial. Fizemos a 4ª série juntos e no 1º ano do técnico, ele era meu professor, tanto era a carência de professor de Matemática. Era o professor José Maria, sobrinho de Dona Maria

¹⁶ O curso que ficou conhecido como Pedagógico, era o curso Normal, previsto na Lei 4.024/61, que era oferecido nos níveis ginásial e colegial. Esses cursos, à época, eram responsáveis por formar os professores do, então, ensino primário, que equivaleria às turmas das séries iniciais do atual ensino fundamental.

¹⁷ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

¹⁸ Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, criada em 1935, deixou de funcionar em 2002.

Elisa, que tinha sido minha professora no primário. Fiz o primeiro ano técnico do comércio, mas não gostei; mudei, fui fazer o 2º ano Pedagógico no Centro Educacional Jerônimo Rosado¹⁹. Nesse ano, só tivemos um bimestre de aula de Matemática, porque não havia professor. Fizemos uma prova no bimestre e a nota foi repetida nos demais. Quando eu ia fazer o 3º ano do Pedagógico, e como havia essa carência grande de professor de Matemática, eu fui pra Natal fazer um curso de aperfeiçoamento²⁰ e comecei a ensinar Matemática. Fazia o terceiro ano e ensinava Matemática no ginásio.

Tivemos uma vida difícil aqui em Mossoró, nós éramos quinze irmãos, meus pais eram pobres, a gente teve uma vida muito sacrificada. Mas eu sempre me dediquei ao estudo e consegui vencer, graças a Deus, graças à dedicação ao estudo.

Quando mudei para Mossoró, já havia a Faculdade de Economia e a de Serviço Social, muitas escolas municipais e muitas estaduais. Em 1960, foi inaugurado o Centro Educacional Jerônimo Rosado, que foi uma escola modelo à época. Uma escola muito boa, muito grande, muito bonita. E eu fui uma das primeiras alunas a entrar nesse colégio, o Centro Educacional Jerônimo Rosado, ainda hoje funcionando. Foi construído no governo, não sei se de Aluizio Alves. Era uma escola assim... um negócio fantástico pra época.

Nós tínhamos diretores muito bons, professores excelentes. Eu tive como professor o Padre Sátiro²¹, o Padre Alcir²², Dom José Freire (bispo aqui de Mossoró), Padre Humberto, Padre Édson, Monsenhor Raimundo Gurgel, João Batista Cascudo Rodrigues (que depois foi reitor da universidade), Doutor José Araújo (que depois foi diretor do Centro Educacional Jerônimo Rosado, era formado em odontologia, ou era farmácia, não me lembro qual era a formação), Doutor José Nogueira que também era formado em odontologia. Quer dizer, nós tivemos professores excelentes, não eram professores formados na área, não tinham formação pedagógica, mas eram professores que tinham domínio de conteúdo, que eram competentes e muito dedicados. Eles não eram por formação, mas eram professores por amor. Professores excelentes. Eu acho que eu sou professora graças ao incentivo que eu recebi dos professores excelentes que eu tive.

¹⁹ Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

²⁰ O curso a que a professora se refere é o curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES); mais à frente a professora falará sobre este curso.

²¹ Padre Sátiro Cavalcante Dantas, desde a década de 1950 é diretor do Colégio Diocesano Santa Luzia, o mais antigo colégio em funcionamento da cidade e ainda um dos mais importantes.

²² Alcir Leopoldo Dias da Silveira, professor colaborador de nossa pesquisa, sua narrativa está na *Peça Padres*. Em outros depoimentos poderão ser encontradas referências ao professor Alcir como Padre Alcir.

No ginásio, nós tínhamos da primeira a quarta série. Na primeira e na segunda série, nós estudávamos onze disciplinas, porque a gente tinha Música, Latim, Geografia do Brasil e Geografia geral, História geral, História do Brasil, Português, Artes Plásticas, Inglês, Francês, Educação Física. Eu sei que eram onze disciplinas até a segunda série e treze na terceira e quarta séries ginasiais. Mas a gente levava numa boa. Quando nós fomos pra 3ª série, houve uma reforma²³ (eu não sei qual foi a reforma do ensino), em 1962. Diminuíram as disciplinas, aí nós passamos a estudar, eu acho que, nove disciplinas. Mas eu não acho que melhorou porque reduziram as disciplinas, não!

Na primeira e na segunda série do ginásio, nós não tivemos muitos problemas com professores, mas logo após essa reforma os profissionais que nos ensinavam ou passaram para a universidade, ou se dedicaram mais à profissão, eu sei que a gente teve algumas dificuldades, principalmente com professor de Matemática.

Havia muita carência e nós tivemos, quando fazíamos a terceira série do ginásio, um professor de Matemática que era economista e que não dominava muito o conteúdo. Nós tínhamos uma colega que era muito boa em Matemática e, às vezes, havia discussão entre o professor e essa aluna. É o que eu me lembro de problemas com professores do ginásio, foi com esse professor de Matemática. Foi na época em que o professor Solon Moura, um grande professor de Matemática daqui, muito rígido, mas que era um fenômeno em Matemática, adoeceu, aí deixou de dar aula. O filho dele, que a gente chamava Juju (Solon Moura Júnior), assumiu as aulas dele, mas não dava pra dar conta de todas, então, houve a necessidade de convocar outras pessoas pra trabalharem com Matemática.

Quando eu mudei do Curso Técnico em Contabilidade para fazer o Pedagógico, abriram a Universidade, com os cursos de Letras, História, Filosofia (que corresponde hoje à Pedagogia), Ciências Sociais e Geografia; já havia o curso de Economia e de Serviço Social. Isso foi em 1967.

O sistema de ensino era assim: na fazenda, na escola isolada, a gente tinha aula no turno da manhã. A gente fazia a carta de ABC, fazia a cartilha, era considerado alfabetizado. Quando a gente começava no primeiro, segundo e terceiro anos, eram “pontos”. A professora dizia: “É preciso aprender os pontos”. O professor explicava e dava uns pontos pra você decorar, por exemplo, a “História do Rio Grande do Norte”. Você decorava e era cobrado sobre aquele assunto. Em Português era fazer cópia, ditado. Em Matemática, a gente estudava as quatro operações, eu vim ter noção do máximo divisor comum, do mínimo múltiplo

²³ Pelo período a que a professora se refere, acreditamos que se trata da promulgação da lei 4.024/61.

comum, de fração, de números decimais, no quinto ano. Depois eu vim aqui pra Mossoró. Aqui tinha a prática de Educação Física, às cinco horas da manhã, duas vezes por semana. A gente ia pra educação física e estudava no turno da tarde. Nós tínhamos aulas de segunda a sábado. A metodologia variava de professor pra professor. Havia professor que era mais expositivo. As aulas predominantes, geralmente, eram aulas expositivas, não havia muita participação do aluno ou trabalhos em grupo. Não se passava tanta atividade pra casa, os alunos é que tinham mais responsabilidade de fazer questionários dentro do conteúdo, de fazer resumo. Não havia assim, como há hoje, a preocupação dos professores de passar atividade pro aluno fazer, mas eu acho que o aluno era mais comprometido, apesar de o professor não estar cobrando exercícios.

Eu gostava de estudar. Eu me lembro de que o meu primeiro contato com leitura se deu com a literatura de cordel. O meu pai, apesar de ser analfabeto, era um homem de muita visão e ele gostava, então, ele comprava os versos-livretos, um opúsculo do cordel e levava pra fazenda. Então, toda noite eu lia um livreto do cordel e decorava. Eu lembro que tinha “O pavão misterioso” que eu achava lindo, eu decorei, eu sabia o livreto todinho. E tudo o que passasse na minha frente eu lia. Eu lembro que eu ia varrer a casa, mamãe brigava muito comigo... porque, no meu tempo de criança, as mercadorias eram embrulhadas em jornais velhos e eu aproveitava, enquanto tava varrendo a casa, escorava na vassoura e ficava lendo todo o jornal e mamãe brigando, porque eu não terminava de varrer a casa. Não li mais por conta das dificuldades financeiras que impediam de adquirir livros. Na época, não havia muita disponibilidade nas bibliotecas. Agora, essa minha tia Delurdes, que foi minha professora de primeiro e segundo anos, me dava muitos livros, inclusive livros de formação moral e sexual. Com onze anos ela já trazia livros de formação sexual pra eu ler.

Eu acho que hoje há uma preocupação maior do professor em fazer com que o aluno aprenda, mas eu acho que está havendo um desencanto maior dos alunos. Os alunos não estão preocupados em aprender, eles estão interessados em outras coisas. Eu estudei sempre em escola pública, não conhecia a realidade da escola particular.

Hoje eu vivo mais próxima à escola particular, então fica difícil comparar, mas eu acho que, naquela época, como os alunos, de um modo geral, eram alunos carentes que viam no estudo a possibilidade de vencer, então, havia maior compromisso com a aprendizagem.

Eu nunca tive dificuldades para aprender. Eu tive dificuldades para enfrentar a escola, dificuldades financeiras pra comprar farda²⁴, para adquirir livros. Geralmente não podia

²⁴ A professora se refere ao uniforme escolar.

comprar os livros, eu pedia livro emprestado aos colegas pra copiar a matéria. Mas precisava trabalhar! Sempre. Quando eu terminei o ginásio e entrei no, hoje correspondente, ensino médio, eu já comecei a trabalhar. Eu sempre trabalhava e estudava. Às vezes, tinha que estudar às duas horas da manhã, às três horas da manhã, porque durante o dia não dava tempo. Depois que chegava da faculdade, tinha que corrigir prova e ainda estudar pra universidade. Porque eu ensinava e fazia faculdade simultaneamente. Mas... foram lutas das quais hoje eu tenho boas recordações.

O meu primeiro contato com a prática de ensino, foi com minha tia, pois ia ajudá-la. Depois fui ajudar a mamãe. Eu ensinava a carta do ABC e a cartilha, ainda pequenininha, e mamãe tomava conta dos maiores. Quando ia começar o terceiro ano pedagógico, meu tio Mário, que tinha me ensinado na infância, estudava aqui no Diocesano²⁵, me convidou pra ir pra Natal, fazer um curso da CADES²⁶. Era um curso de aperfeiçoamento e eu fiz para ensinar Matemática, porque a carência de professor era muito grande. Nos meses de férias, janeiro e fevereiro de 1966, fiz o curso. Passei um mês em Natal, fazendo o curso de aperfeiçoamento, que foi muito bom, estavam introduzindo a Matemática moderna, a Matemática com os quadradinhos, uma Matemática mais contextualizada. Eu tive dois professores excelentes, o professor João Faustino (João Faustino Ferreira Neto, ex-deputado federal, ex-candidato ao governo do Estado em 1986, ex-secretário de educação), em Didática da Matemática, e a professora Maria Isaura (Maria Isaura de Medeiros Pinheiros), em Didática Geral. Deram muitos subsídios para atuarmos em sala de aula.

Quando eu voltei, o Colégio Diocesano me chamou para lecionar. Mas, lá só havia curso ginásial pela manhã e eu não pude ficar no Diocesano, porque eu estudava, no terceiro ano do pedagógico pela manhã. Fiquei no próprio estadual, fazia o pedagógico de manhã e a tarde eu ensinava Matemática no primeiro ano ginásial. Foi um ano maravilhoso, tive alunos brilhantes, outros meio trabalhosos, mas eu gostei muito da experiência com o ensino da Matemática. Isso foi em mil novecentos e sessenta e seis.

Em 1967, eu tinha que voltar pra Natal, pra fazer a segunda etapa do curso da CADES, do aperfeiçoamento em Matemática, mas eu passei o ano trabalhando para o Estado e não recebi nada! Então, eu tinha acabado com tudo, com sapato, com roupa, com tudo e não dava pra ir pra Natal, porque não tinha dinheiro. Eu tinha saído do emprego pra ensinar. Eu

²⁵ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

²⁶ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

trabalhava na Casa Ferreira e tinha deixado pra ensinar. Como o governo passou o ano sem pagar eu não pude voltar a Natal para fazer a segunda etapa da CADES de Matemática.

O curso da CADES era excelente! Era um curso que preparava muito bem! Era um curso com os melhores professores de Natal. Fundamental na minha formação para o primeiro (e único) ano de professora de Matemática.

Quando eu fiz o curso, foi a primeira vez que foi dado em Natal. Eu fiz a primeira etapa (e eram duas etapas esse curso)²⁷. Todos os professores que não eram formados na área faziam esse curso. Professor de Ciências, professor de Português (porque na época também não tinha o curso de Letras aqui em Mossoró)... Na época em que eu fui, eu me lembro, íamos pra ensinar no Diocesano. Fui eu e Chiquito²⁸ como professores de Matemática; meu esposo (Aproniano Martins de Oliveira, que na época era só amigo), fez Ciências; e Socorro Rego foi como professora de Português. A gente ia pra receber exatamente a parte pedagógica, a parte didática pra ensinar as disciplinas no ginásio. Agora, eu sei que o curso aconteceu nesses dois anos. Foi no início de mil novecentos e sessenta e seis e início de sessenta e sete. Depois como eu mudei, fui fazer Letras, aí não acompanhei. Não sei se houve continuidade desses cursos. Pelo menos pra Português, para os professores daqui, não houve mais, porque já tinha Faculdade de Letras aqui.

Em 1967, abriram o curso de Letras e por influência do professor Alcir, que tinha sido o meu professor de Português no Ginásio e no Pedagógico, e que era um professor muito bom, eu resolvi fazer Letras. Passei no vestibular pra Letras e mudei de Matemática pra Português. Eu fazia o primeiro ano de Letras, e já estava ensinando Português.

Quando nós começamos, a faculdade era particular, uma fundação municipal, nós pagávamos uma mensalidade simbólica. Nos primeiros anos a gente pagava a universidade, e não era muito fácil pagar a universidade; pra quem não tinha muito dinheiro era difícil. Mas eu sempre encarei as dificuldades.

Quando nós terminamos a faculdade, o diretor da faculdade, o professor Alcir, escolheu os cinco melhores alunos para trabalhar com ele no curso de Letras. Aí algumas foram ser professoras e eu fui trabalhar como coordenadora adjunta do Ciclo Geral²⁹, que era

²⁷ Normalmente, os professores que ministravam os cursos da CADES recomendavam que os alunos não prestassem o Exame de Admissão ao término da primeira etapa do curso.

²⁸ Francisco de Assis Silva, mais conhecido como Chiquito, é colaborador de nossa pesquisa, seu depoimento pode ser encontrado na *Peça Prática*.

²⁹ O Ciclo Geral foi uma proposta instituída pela lei 5.540/68, muito conhecida como Reforma Universitária, e tinha como objetivo recuperar a insuficiência que os alunos possuíam, percebidos nos vestibulares. Este Ciclo era realizado no primeiro ano do curso e era comum para todos os cursos, sendo realizados estudos básicos para as formações específicas que teriam posteriormente.

o primeiro ano da faculdade, unificado, depois era que diversificava. Os alunos pagavam³⁰ Português instrumental, Matemática, Filosofia e metodologia do trabalho científico. Depois, quando terminavam o primeiro ano, iam pra os cursos profissionalizantes: Administração, História, Geografia, etc., cada um pra sua área.

Em 1972, houve necessidade de um professor de Estudos de Problemas Brasileiros, e eu entrei na universidade para ensinar essa disciplina. Depois é que eu trabalhei com Português instrumental, nos cursos profissionalizantes, e só quando eu já estava pertinho de me aposentar é que eu passei pro Curso de Letras, onde ensinei sete disciplinas.

Então... eu comecei minha carreira no magistério, no Estadual, ou seja no Centro Educacional Jerônimo Rosado, instituição onde cursei o ginásial e o pedagógico; depois ensinei na União Caixeiral, ensinei no Colégio Dom Bosco³¹, no Ginásio Municipal³²; fui professora fundadora do SENAI³³ de Mossoró, depois trabalhei em Natal: no SENAI, no Colégio Walfredo Gurgel, no Colégio Edgar Barbosa. Aqui em Mossoró, ensinei também na FURRN (Fundação Universidade do Rio Grande do Norte, hoje UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte). Essa é minha vida de professora, mas só ensinei Matemática um ano.

Sobre a formação dos professores, só em 1966 começaram a aparecer esses cursos de preparação de professores, aí os professores começaram a se preparar melhor. Mas, até então, qualquer profissional que dominasse o conteúdo e que quisesse ensinar, ia ensinar! É o que eu imagino da realidade no Estadual. Eu não sei na escola particular como funcionava. No Diocesano, geralmente, quem ensinava eram os Padres; no Ginásio Sagrado Coração de Maria³⁴, eram as freiras. Na época, início da década de 1960, eram as escolas que havia, depois teve o Colégio Dom Bosco. Meu esposo, por exemplo, foi professor de Ciências e de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), quando ele fazia ainda o segundo grau. Ele já ensinava Ciências no ginásio, depois ele fez vestibular pra Agronomia e continuou ensinando ciências e OSPB. Ele era uma pessoa muito responsável, muito dedicada, ensinando Ciências, sem nenhuma formação pedagógica, mas os alunos o adoravam como professor. A pessoa tinha habilidade para a disciplina, ia lá e dava conta do recado. E isso não

³⁰ Termo muito utilizado na região para dizer que os alunos cursaram as disciplinas.

³¹ Instituição particular de Mossoró, ainda em funcionamento.

³² O antigo Ginásio Municipal, que depois passou a se chamar Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges, não se encontra mais em funcionamento. Esta instituição foi a primeira municipal a oferecer ensino em nível ginásial. No mesmo prédio que funcionou essa escola, hoje funciona a Escola de Artes de Mossoró.

³³ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

³⁴ Colégio Sagrado Coração de Maria, mais conhecido por Colégio das Irmãs; instalado em Mossoró no ano de 1912, ainda encontra-se em funcionamento.

impedia que houvesse bons professores, apesar de não terem a formação específica, eles amavam o que faziam.

Se houve mudanças de quando ingressei no magistério? Logo no meu período inicial de magistério, acho que não houve muita mudança. A mudança que eu acho que aconteceu mais foi na escola pública. Era uma escola de pessoas mais comprometidas, o que não acontece hoje. Os alunos da escola pública eram mais comprometidos do que os alunos da escola particular. Geralmente, ia pra particular quem não queria estudar, porque como na escola pública tinha que fazer a seleção, os alunos que iam pra escola pública já eram alunos melhores do que os alunos que iam pra escola particular.

Comparando a minha época de estudante, com a época de hoje... as mudanças são bem acentuadas! Mas entre o período que eu estudei e o que eu comecei a ensinar, ainda sendo aluna do ensino pedagógico, eu não achei que houve muita... Eu acho que havia alunos danados, alunos inquietos, havia alunos bons, como ainda acontecia quando eu assumi a sala de aula.

Em relação ao funcionamento, depois houve outras mudanças na educação, mas eu não me ligava muito às mudanças. A gente só tinha pedagógico e científico. Depois veio o profissionalizante e o não profissionalizante (que correspondia ao científico). Depois mudaram de científico pra segundo grau. Depois de segundo grau pra ensino médio. Mas eu não me situei muito, eu não ligava muito pra essas histórias da vida, para essas nomenclaturas!

Analisando o hoje, dá para perceber que houve muita mudança. Eu acho que durante muito tempo o professor era o detentor da verdade, do conhecimento. E hoje a gente tem que ver o aluno como sujeito, é preciso que o professor se sinta mais como um orientador do que como dono da verdade. Houve uma mudança muito grande nesse sentido. É pra melhor, é pra pior? Eu não sei. Eu acho que é melhor o aluno ser mais consciente, mas os alunos estão vivendo um período difícil na educação, porque não estão interessados no que os professores estão querendo passar. É preciso o professor ter muito jogo de cintura. Eu digo muito aos meus professores no CEAMO³⁵, que o maior papel do professor, na sala de aula, é despertar no aluno o prazer pela sua disciplina. Ele não precisa fazer outra coisa, se ele conseguir despertar no aluno o prazer de aprender a sua disciplina, ele já cumpriu o seu papel. Porque quando o aluno quer, ele vai e caminha sozinho.

³⁵ Centro Educacional Aproniano Martins de Oliveira.

Eu acho que com a fundação da Universidade³⁶, com a criação dos cursos da área pedagógica, melhorou o nível do professor na área pedagógica. Mas não melhorou tanto no domínio do conteúdo. Tinha muita gente boa nas primeiras turmas que saíram, saíram muitos profissionais bons, mas depois eu acho que houve um decréscimo na qualidade do professor em termos de domínio de conteúdo.

Eu trabalhei muito com Português instrumental nos cursos de Ciências Contábeis e Matemática. Durante cinco anos eu fui professora do curso de Matemática no ciclo geral, trabalhava com Português. E mesmo trabalhando com Português, como eu gostava de Matemática, eu observava o problema existente. Na época, décadas de 1970, 1980, o vestibular era classificatório, às vezes, entrava aluno com média um, com média um e meio, a procura não era tão grande, e entravam no curso de Matemática com média muito baixa. O que é que acontecia? Às vezes, a gente encontrava alunos no curso de Matemática, se preparando para ser professor, e não sabia fazer a média da Universidade porque envolvia números decimais. Eu dizia: “O que é que você vai ensinar, meu filho? Como é que você vai ensinar Matemática? Por que você está aqui, a Universidade não vai ensinar números decimais! Como é que você vai ensinar, voltar pra sala de aula, se você não domina o básico?”. Então, eu acho que melhorou em termos pedagógicos, mas em termos de domínio de conteúdo, depois de certo período, ficou a desejar.

A criação da Universidade foi um marco. A criação do curso de Matemática foi fundamental pra o ensino, porque era feito por profissionais de outras áreas, não por professores formados, muitas vezes, por economistas. Houve uma evolução muito grande nesse sentido. Embora a gente saiba que tenham saído alguns professores não muito bem preparados no conteúdo. Mas a culpa não é da faculdade, é aquilo que eu disse, é do critério de seleção do professorado, aliás, dos universitários. Selecionavam pessoas fracas e a universidade não vai dar a base. A base, a pessoa tem que ter quando chega à faculdade já dominando.

Eu nunca tive dificuldades com o magistério. Eu acho que eu fui uma pessoa abençoada. Eu era muito exigente, mas era uma exigente que compreendia o aluno. Se eu sentia que o aluno tinha dificuldade, eu conseguia levá-lo a aprender, colocava pra estudar, mas eu não era uma professora que reprovava muito. A minha dificuldade era com aluno que não queria estudar de jeito nenhum, me preocupava bastante e pegava no pé. Mas não foram dificuldades que me deixaram marcas, não! Eu tenho boas lembranças da vida de professor.

³⁶ Refere-se à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Mossoró... Nessa época, final da década de 1960 e início da década de 1970, Mossoró era uma cidade em ascensão, representava o centro comercial de toda região Oeste Potiguar e atendia também o Ceará. Em termos culturais estava vivendo um momento muito efervescente por causa da criação da Universidade, foi um marco muito importante na história de Mossoró. E conseqüentemente, com a criação da Universidade, mudou completamente a visão de formação de professores aqui em Mossoró. Quando estudei, fiz até o quarto ano ginasial, eu não me lembro de nenhum professor com formação pedagógica, na área. Todos eram professores de outras áreas que ensinavam as disciplinas com as quais se afinavam. Então, eu acho que houve uma mudança interessante nesse aspecto e, também, em termos de crescimento de escolas. Foram construídas muitas escolas, o campo para o magistério ampliou demais de lá pra cá. Nesse sentido eu acho que Mossoró se desenvolveu muito com a implantação da Universidade. Depois a criação da ESAM³⁷ foi importantíssima, também, porque os alunos da ESAM ensinavam. Os bons alunos da ESAM geralmente eram professores de Matemática, de Ciências, Química, Física, etc.

E eu acho que Mossoró, no contexto atual, está vivendo um crescimento educacional fantástico novamente. Nós já contamos com quatro universidades. Temos a UnP³⁸, temos a Mater Christi³⁹, a UFERSA e a UERN. E ainda temos a faculdade isolada de enfermagem da FACENE⁴⁰. Foi criado o curso de Medicina, na UERN e essa instituição aumentou muito o número de vagas; a UFERSA também cresceu escandalosamente. Tanto a UERN como a UFERSA tem campi em outras cidades. Eu acho que Mossoró vive um período muito bom, em termos de expansão educacional. Em termos de qualidade educacional, eu acho que há uma diferença em relação à capital e em relação ao Ceará, porque na capital você sente mais o envolvimento do aluno com a sua aprendizagem, aqui em Mossoró os alunos ainda estão muito desinteressados, muito desencantados, muito voltados [pra outras coisas]... Agora, eu faço essa análise a partir da minha visão do CEAMO, porque é onde eu estou tendo essa prática hoje. Apesar de a escola se esforçar, treinar... no CEAMO, nos reunimos duas vezes por mês para o aperfeiçoamento do professor, trabalhamos o que tem de mais novo em termos de metodologia de ensino, mas a gente sente que quanto mais a gente se envolve, menos o aluno está querendo. É a sensação que se tem. Eu fico preocupada: “Meu Deus, o que é que vai ser desse alunado?”. Eu não sei! “Será que nós estamos dando tudo muito pronto? Muito

³⁷ Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada em 1967, atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

³⁸ Universidade Potiguar.

³⁹ Faculdade de Ciências e Tecnologia Mather Christi.

⁴⁰ Faculdade de Enfermagem Nova Esperança.

mastigado? E tá desencantando o aluno?”. Porque no treinamento com os professores, procuramos orientar para que o professor trabalhe de forma contextualizada, que trate de temas de interesse do aluno, mas mesmo assim os professores ainda reclamam do desinteresse da grande maioria.

Além de formar as pessoas de Mossoró, a Universidade trabalha com muitos alunos de outras cidades. Vem de Upanema⁴¹, de Aracati⁴², de Russas⁴³ e de outras cidades do Ceará próximas de Mossoró. E além da força da universidade, também há a força dos cursos técnicos.

Hoje, no CEAMO, nós temos três professores de Matemática. Dois formados em Matemática e um engenheiro agrônomo. Os dois que são formados em Matemática eu acho que estão fazendo um trabalho bom, mas o professor que não é formado em Matemática, é um bom professor também, mas ele, às vezes, peca um pouquinho na parte didática. É um professor que está sempre sendo acompanhado. Assim... ele é muito bom, muito responsável, domina bem a matéria, sabe Matemática, sabe Química, sabe Física, sabe Biologia, é um espetáculo como professor em termos de conhecimento, mas na parte didática, realmente, está sendo trabalhado. Por que estamos trabalhando com esse professor e não com um professor formado em Matemática? Porque há uma carência muito grande de professor de Matemática que domine o conteúdo, aquilo que eu vinha dizendo no início, estão entrando fracos e a universidade não melhora, porque a universidade não trabalha a base, trabalha outros aspectos mais profundos da matemático e a didática. Então, esses professores quando vêm, ou são fracos no conteúdo, ou não têm domínio de classe. Nós precisamos de professor que domine o conteúdo, porque é fundamental para o aluno se sentir seguro no que o professor está dizendo, e que tenha domínio de classe. Às vezes, a gente pega uns professores de Matemática ditadores. É o que eu digo, o professor tem que conquistar o aluno, é preciso que coloque o aluno para pensar, é preciso que contextualize a situação. E para fazer isso, ele tem que ter domínio de classe com autoridade, sem autoritarismo. Mas eu faço essa análise a partir da realidade do CEAMO. Não estou falando, não estou generalizando, porque não conheço a realidade das outras escolas, mas a gente teve alguns probleminhas com alguns professores de Matemática por conta disso. Eles, ou não tinham domínio de classe, ou não tinham domínio de conteúdo.

⁴¹ Cidade localizada no Oeste Potiguar, distante aproximadamente 268 km da capital Natal e 55 km de Mossoró.

⁴² Cidade litorânea do estado do Ceará, distante aproximadamente 150 km da capital Fortaleza e 92 km de Mossoró.

⁴³ Cidade interiorana do estado do Ceará, localizada na mesorregião do Jaguaribe, distante aproximadamente 165 km da capital Fortaleza e 93 km de Mossoró.

Então hoje existe uma carência de professores de Matemática em Mossoró, por essa razão. Não é porque não tenha professores formados. Infelizmente, não é a falta do professor formado. É a falta do professor competente. Que tenha essas duas habilidades: domine o conteúdo e domine a classe. Essa é a realidade que eu sinto a partir da visão do CEAMO. Isso daí, com certeza, nós temos dificuldade de conseguir.

Entrevista com a professora Felisbela Freitas

Duração da Gravação: 1h 17min 23s

Local: Residência da Colaboradora (Mossoró/RN)

Data da entrevista: 18/10/201



epois

*Fala o professor Joabel
O que experienciou,
Dando ideia do cenário,
Que em Mossoró ficou,
Depois de implantado o curso
Que na cidade fixou.*

*Caçula entre dezesseis,
No ano cinquenta nasceu.
De Assu é natural,
Mas em Mossoró cresceu,
Viu muita coisa mudar
Pois aqui sempre viveu.*

*Decidiu sempre estudar,
Pois queria gente ser.
Contra gosto de seu pai
Decidiu comparecer
Sempre numa escolinha,
Pois seu sonho era crescer.*

*No ano de setenta e sete
Passou no vestibular
E por conta desse fato,
Começou a ensinar.
Passando por muita coisa
Vendo o ensino transformar.*

Professor Joabel

Meu nome é Joabel Azevedo Dantas, tenho sessenta e um anos de idade. E sou formado em Matemática. Era, o curso era Matemática mesmo, porque quando eu fui terminar o nome era Ciências Exatas e Naturais¹. Nasci em dez de junho de mil novecentos e cinquenta. Sou natural de Assu²! Mas tenho sessenta anos que moro em Mossoró.

A minha família... Nós viemos do sertão, tivemos dezesseis irmãos, já morreu dez, só tem seis vivos. Família pobre. Pobre mesmo! Não passou fome porque meu pai era um homem trabalhador, viajava naquele tempo pra Currais Novos³ (aqueles mundos). A maior parte dos filhos, meus irmãos, nasceu tudo em Currais Novos. Aí veio de lá pra cá... Só eu que nasci em Assu. Meu pai viajava muito naqueles jumentos com aquelas cargas, passando noites e noites para chegar de uma cidade a outra. Quando chegou aqui a Mossoró, aí mamãe botou [na escola] porque queria que a gente estudasse. Meu pai era contra, ele não queria que a gente estudasse, queria que a gente trabalhasse.

A minha infância foi mais ou menos. Não foi uma infância que todo mundo tivesse esses privilégios, não, porque minha infância foi mais trabalhando. Eu cheguei a brincar, cheguei a jogar bola. Mas era assim: a gente acordava bem cedinho, ia pro mercado; chegava de tarde, eu como era o menor, era o caçula, os outros iam limpar com a enxada pra plantar, um botava o milho e eu atrás que era pequenininho só com o pé enterrando a cova; aí quando terminava isso daí (folgava isso, pensando que já tava livre), papai dizia: “apanhar algodão”, botava um saquinho aqui nas costas, um pano, e enchia de algodão; quando era a noite pensando que ia brincar, papai chegava, reunia todo mundo: “rezar” (rezar o terço); quando terminava de rezar, naquele tempo terminava de rezar, já era quase oito horas, todo mundo dormir.

Cheguei aqui, me lembro bem a partir de oito anos, e não existia isso aqui tudo. Isso aqui no Nova Betânia até próximo ao cemitério era tudo mato fechado, era tudo algaroba⁴. Meu irmão gostava de matar rolinha, eu ia atrás, mas pra entrar na mata era o maior sacrifício do mundo, porque furava. Só tinha um caminhozinho com duas cercas no terreno, só passava um carro. Se viesse outro, o de lá da ponta tinha que esperar. Muitas vezes, quando a gente

¹ O curso foi criado em 1974 e ainda era Matemática; no início da década de 1980 é que, por conta da legislação, o curso passa a se chamar Ciências Exatas e Naturais.

² Cidade localizada na microrregião do Vale do Assu, distante aproximadamente 207 km da capital Natal e 74 km de Mossoró.

³ Cidade localizada na região central do Estado, distante aproximadamente 172 km da capital Natal e 195 km de Mossoró.

⁴ Planta arbustiva típica da região.

vinha, lá vinha uma boiada... a gente já tinha que se lascar, todo mundo em cima das cercas pra pular pro outro lado, por que o gado era brabo.

A cidade era tranquila, boa de se morar, até sono... Até vinte anos atrás, aqui a gente dormia no meio da rua. A gente ia pras festas e, quando vinha, vinha todo mundo de pés descalços. Era areia. Areiazinha boa. A gente tinha liberdade, não existia [essa violência]... Ladrão existia um que chamava “farinha com sal” e outro. Pronto. Havia um roubo, sabia que eram eles dois. Não existia esse negócio dessa droga, desses assaltos, não existia nada disso não. Todo mundo conhecia todo mundo. Comércio eram só aqueles mais antigos. A produção daqui era sal. O comércio, o povo vivia aqui só de sal. Não existia petróleo. Foi onde deu muito movimento, foi o sal.

Aqui passava no trem... A cidade cresceu muito, mas eu acho que ela diminuiu muito... acabou-se muito. Aqui nós tínhamos três companhias aéreas boas, hoje não tem nenhuma. Não sei quantos cinemas, não tem nenhum, a não ser lá no shopping, que é caro pra entrar. Tinha não sei quantos hospitais, está fechando tudo. Acabou-se o carnaval, o carnaval era bom demais. Lá na praça todo mundo pulava, era um movimento e tal. Acabou-se. Não temos uma rodoviária, uma cidade desse tamanho. Ali não é uma rodoviária, ali é um coito onde botar um ônibus. Está muito longe de ser a metrópole, eu acho. Porque pra ser metrópole ela tinha que ter, agora, um aeroporto. Não temos segurança, não temos saúde e o pior, a educação está lá em baixo. É a pior que existe.

Não sei por que os governos não gostam de professor e eles estudaram com os professores. É! Não sei porque esses governos, deputados, têm tanta raiva de professor, porque se não fosse o professor, nenhum deles era nada. Mas eles são contra, eles não dão uma educação digna. Tem país aí que investe na educação. Se tivesse uma educação boa nesse país, não existiam tanto essas coisas: o aluno fica na ociosidade, o colégio não tem normas, não tem uma segurança, porque eu acho que era pra ser de farda⁵, pra entrar identificar-se com o crachá, mas não, a moça vai nua! Rapaz vai de boné numa sala de aula, vai de todo jeito, entra todo mundo, ninguém é corrigido... Por que era pra ser o que? Com crachá, com detector de metal, aí eu queria ver se havia problema. Daqui a uns tempos, ninguém vai querer ser professor, porque os alunos vão querer matar, vão querer dar, tá vendo os exemplos aí, e é o que eles estão fazendo. Ameaçando. Aí não vai dar...

Porque enquanto misturar política e polícia, política e educação, não vai pra frente nunca. A polícia era pra ser separada do governo, a educação era pra ser separada da política.

⁵ O professor se refere ao uniforme escolar.

Aí não. Vai ser secretário da educação quem? Uma pessoa que não entende nada de uma sala de aula. Não entende nada, aí quer escravizar.

Eu acho o seguinte: em termos de município, ainda tá mais ou menos, o município ainda está mais arrumado, agora em termos de estado, a educação está zero! Zero de estímulo, zero os prédios, a escola não tem carteira adequada, não tem funcionário e, vou fazer mais uma crítica, teve uma agora... Nessa greve, o juiz obrigou a voltar dentro de vinte e quatro horas, senão pagava dez mil, e o mesmo juiz, que fez essa regra, por que não chegou pro governo e disse: “você também tem vinte e quatro horas pra arranjar professor pra estar dando aula”? Porque está sem professor. Então o aluno não se prejudicou porque houve a greve, não! Já vem prejudicado há muitos anos. Há muitos anos já vem prejudicado. Por quê? Por que não tem professor. É como a polícia. Não tem polícia adequada pra estar dando conta da situação da cidade. Está faltando muito professor. Ta aí, olhe! Já voltaram os professores, agora olhe aí se no colégio todas as salas têm professor.

A política é a mesma coisa, nunca muda. Como sempre é uma politicagem. Troca apenas... vou falar em português, não desprezando, mas vamos pôr: troca só de coleira! São as mesmas pessoas, é farinha do mesmo [saco], tudo uma coisa só. Quando houve essa greve, todos os senadores, deputados, não foi ninguém pra dizer assim: “governadora, a senhora está com o povo... o povo foi quem fez você. Tome uma decisão aí, ou você toma uma decisão ou nós ficamos contra...”. Não! Todo mundo caladinho, baixou a cabeça ali do lado dela. Não veio um defender, a não ser Fátima Bezerra⁶, foi a única que veio lutando contra Lula, mesmo do lado de Lula. O resto nenhum defende nada!

Na minha época, década de 1960, não tinha muita escola. Muito pouca do Estado também. A escola famosa aqui, naquele tempo? Primeiro o União Caixeiral⁷, depois o Estadual⁸. O colégio Diocesano⁹, que era uma das grandes escolas de Mossoró. Ai, foram surgindo outras e outras, aí foram crescendo, você sabe como é... Mas no município era muito pouco.

Mossoró foi muito importante pra região! Ela fica logo, primeiro, entre duas grandes cidades, entre Fortaleza e Natal, e sempre o povo, das cidadezinhas pequenas, vinham fazer seus comércios aqui em Mossoró (que hoje ainda vêm e muito). Então, é uma cidade que

⁶ Maria de Fátima Bezerra, deputada estadual do Rio Grande do Norte.

⁷ Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, criada em 1935, deixou de funcionar em 2002.

⁸ Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

⁹ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

sempre foi crescendo através desse valor. E eu acredito que ela tenha crescido mais naquele período, que aqueles políticos mais [dedicados]... Que ninguém nem se lembrava muito deles, que nem o Vingt Rosado¹⁰, que trazia as coisas, Dix-Huit¹¹ que ia a Brasília e só dizia ao prefeito: “Olhe, está lá pronta, já. A verba tal, tal, vá buscar, já está pronto isso aqui.”. Quer dizer... E hoje? Não tem mais não. Só tem essas coisas, porque, pela lei, mesmo que seja adversário, eles têm direito àquela conta, senão não tinha crescido nada!

Dos costumes, mudou tudo. Primeiro o medo. Tinha o costume de ir pra praça conversar com as pessoas, o costume de ficar do lado de fora na calçada conversando com o vizinho. Hoje ninguém tem coragem de ir conversar lá fora com o vizinho. Eu, pelo menos, não saio lá fora pra ir de noite conversar com um vizinho, é sempre com o portão fechado. Por quê? Porque é mesmo que está vendo [um assalto]... Havia festa, todo sábado a gente ia lá pro ACEU¹² se encontrar com os amigos. Quando havia um desentendimento, ninguém estava armado, era um empurrão pra lá, outro pra cá, chegava a turma: “deixa, deixa, separa, pronto, acabou-se”. O costume de carnaval, a gente tinha que se trajar, todo mundo se trajava... Foi se acabando tudo. Até o costume de você ir à igreja, os pais hoje nem quer levar os filhos à igreja. É todo tempo dizendo que está ocupado. Os meninos, hoje em dia, diz logo: “eu não vou!”. Aí pronto: “o menino não quer ir, deixe!”. Mas antigamente a gente ia, a gente tinha o costume de ir ouvir [a missa]. O costume maior que tinha aqui em Mossoró eram os cinemas. Mossoró, dia de sábado e domingo (dia de domingo principalmente), a gente tinha que sair daqui de cinco horas pra poder assistir um filme de cinco e meia por causa da fila grande, senão, não pegava.

A família está acabada! Os pais não dão mais atenção. Se for rico é assim: trabalhar pra dar um carro ao filho. Aí muitas vezes o filho de um rico quer conversar com o pai, quer um carinho, mas o pai não tem tempo. O pai não tem pulso, a mãe não tem pulso, fica dizendo: “não pode bater”. Não tem tempo de acariciar: “vem aqui, vamos conversar”. Não vai na escola buscar, chega lá: “professora, como está essa pessoa aí, mas quem ele está andando, o que ele está fazendo?”. Mas, não! Aí quando vem saber já é tarde. Não tem problema nenhum sua mãe dizer assim: “eu estou preocupada com você, com quem é que você está andando? Quem é esse rapaz?”. Mas não. A educação, a família, está zero! Só tem um jeito: é se nascer tudo de novo!

¹⁰ Jerônimo Vingt Rosado Maia foi vereador e prefeito de Mossoró, deputado estadual e federal do Rio Grande do Norte.

¹¹ Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia foi prefeito de Mossoró, deputado estadual, deputado federal e senador do Rio Grande do Norte.

¹² Associação Cultural Esportiva Universitária.

Naquele tempo era totalmente diferente, década de 1960 e 1970, os pais tinham moral: “não! É porque a coisa mudou.”. Mudou não! Não é negócio de mudou não! É por que os pais afrouxaram. A televisão ajudou, incentiva demais, aí o menino não quer estudar. Quando chega é direto no computador, não pega num livro dia de domingo, não quer estudar dia de domingo, não quer estudar no sábado. Qual o problema dele estudar num sábado, num domingo? Já que não está fazendo nada, não quer arrumar uma casa, não quer fazer nada: “bote aí, senta na mesa, vai estudar.”. Mas, não! Aí quando o menino faz uma coisa errada (eu digo por que tenho experiência, tenho vinte e sete anos em sala de aula), eu vejo mãe dizer: “meu filho é um santo, meu filho é bom, meu filho não é isso, meu filho não é aquilo!”. E eu só observando: “ah! Se tivesse uma câmera filmando aqui, pra eu mostrar pra mãe dela, essa menina, quem é o filho dela, que ela chega dizendo na escola que ela é uma santa”. Era muito diferente.

Quando eu estudava, como falei, meu pai não queria que a gente estudasse. A prova é que, eram dezesseis, nove todo dia acordava de três horas da madrugada para acompanhar ele no mercado pra ajudar lá. Eu, com oito anos de idade, acordava e já ia, tudo na filazinha. Meu pai na frente e a fila atrás. E eu sempre querendo estudar. Quando chegava na quarta série para fazer a quinta, meu pai dizia que tinha que ser pago na União Caixaral (uma roupinha, um negócio), aí meu pai dizia que não. Aí eu fazia a quarta série de novo, depois fazia de novo. Aí, quando fui insistindo, ele disse: “eu não pago seus estudos, mas boto um comerciozinho pra você – eu menino, rapazinho, seus quinze anos, quatorze – boto um comerciozinho aí pra você e você se vire”. Foi quando eu fiz [um concurso], com a maior dificuldade, pra passar pra quinta série (muito mais difícil do que o vestibular de hoje). Eu fui dormir numa fila com mais de oitocentas e tantas pessoas pra fazer esse curso pesado e eu consegui passar. Já tinha se acabado as oitocentas fichas, aí uma pessoa desistiu, disse que não ia mais, me deu, peguei a última.

Mas depois que já fiquei rapazinho, foi que tive mais um pouquinho de liberdade, foi quando eu estudando botei o meu comércio. Aí, além de estudar, ainda tinha meu comércio e também, preparando para jogar bola também, porque ia jogar nos times.

Mas a escola era dura! Prova muito difícil! A gente estudava mesmo pra poder estudar, todo sábado e domingo a gente se reunia, passava o sábado até meia noite estudando. Cinco, seis, reunidos. Estudava até uma, duas horas. Tinha as festas, tinha filme, num sei o que, eu não ia pra esses cantos. A turma na escola dizia assim: “olhe, vai ter um filme bom, vai ter um comício, vamos, num sei o que...”. Eu: “vou não, vou ficar na sala”. Não ia. Era

duro! Eu me lembro que eu estudei com Frei Basílio, Moraes e Cívicas e ele botou cento e vinte questões pra tirar dez, pra prova. Eu tive que decorar as cento e vinte questões. Não vou nem chamar aprender. Decorei as cento e vinte questões. E não tinha esse negócio de: “mata meu filho prova de Português, depois prova de Matemática”. Nesse tempo que eu estudava, tinha isso não. Chegava o professor de Matemática e dizia, no horário dele: “prova”; “teste”. Quando terminava, aí chegava o de História, e dizia: “teste”. Chegava o outro: “teste”. “Você está estudando pra quê? Pra se preparar?”. “Não, é porque um...”. Hoje não: “Eu não estudei, não, professor. Vai fazer prova sem eu ter estudado?”. “E você num está assistindo as aulas, num é obrigação sua estar em dias com a matéria? Precisa pegar você de surpresa? O goleiro precisa estar dizendo que não está esperando a bola? O goleiro tem que esperar a bola até do outro goleiro”. Então, quem estuda, é pra estar com a matéria em dias, não: “sábado vai ter, então vou estudar hoje”. E o que é que você está fazendo na sala de aula? Tem sua dúvida, por que não pergunta?

Nunca estudei em escola paga, só escola pública. Estudei no Estadual, estudei no Elizeu Viana¹³, estudei no anexo da ESAM¹⁴ à noite, estudei no Kennedy¹⁵, estudei no Lions¹⁶, estudei no Dom João Costa¹⁷, pronto. Só essas escolas aí que eu estudei. Foi quando fiz o vestibular e passei.

A gente fez o terceiro ano lá na ESAM, porque parece que no Estadual, no Elizeu Viana não coube. Parece que o Estadual chegou a ter na faixa de oito mil alunos... Parece que era o maior colégio Norte-Nordeste. E era aula de manhã, intermediário, vespertino e noturno. Tinham quatro turnos. E todos quatro aquelas salas tudo cheias. Hoje estão pagando pra o aluno estudar. Estão dando dinheiro: “tome pra você estudar, senão você não vai”.

Mas vim começar a estudar mesmo com vinte anos de idade, assim, valendo mesmo. Aí com vinte e sete eu terminei. Em mil novecentos e setenta e sete eu fiz vestibular em Administração e Matemática, eram dois cursos que a gente podia optar. Aí eu optei primeiro pra o curso de Matemática, e segundo Administração, e passei. Aí nesse curso eu não me formei em quatro anos porque houve um problema comigo: morte da minha mulher, morte da minha mãe, morte do meu irmão, tudo de surpresa, sem esperar, e outra, quebrei uma perna

¹³ Centro de Educação Integrado Professor Elizeu Viana.

¹⁴ Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

¹⁵ Escola Estadual Presidente Kennedy

¹⁶ Escola Lions Clube Mossoró.

¹⁷ Escola Estadual Dom João Costa.

também, passei um ano e tanto deitado. Aí perdi umas matérias, tive que pagar de manhã e de tarde. Sei que era pra ter terminado em oitenta, terminei em oitenta e um.

Curso muito bom. Eu, quando começou, não gostava muito, mas... Grandes professores que nós tínhamos. Inclusive hoje tem, como o professor Rafael¹⁸, o professor Elias¹⁹. Tinham vários deles lá: o Luiz Carlos²⁰, que era o cobrão de cálculo integral um e dois, era o craque; Amorim²¹, um grande professor de Matemática; Gerilusa, uma professora de Matemática também; Chiquito²²; tinha seu Raimundo²³, que era de desenho. Eram ótimas, excelentes pessoas.

Eu gostava de estudar porque eu tinha um fim, eu tinha um objetivo, que era ser alguma coisa na vida. Por isso que eu estudava. E com responsabilidade. Não quero dizer que fui o melhor aluno, que eu não fui. Eu dava conta do recado. Só fiquei em recuperação, me lembro, na faculdade, porque quebrei a perna, mas sempre minhas notas eram boas, principalmente aquelas provas que eu não gostava, então eu estudava mais. Então, eu sempre gostei de estudar, porque o futuro da gente (e hoje mesmo) é o estudo. Que você, hoje, se você não tiver o estudo, você não entra na Petrobrás, nem entra em emprego nenhum se não tiver pelo menos o segundo grau. Até pra concurso da polícia, se você não tiver o segundo grau, não entra. Estão exigindo até pra servente o segundo grau...

A disciplina que eu mais gostei foi Matemática e depois, a disciplina que eu gostava muito, era Morais e Cívica, mas nunca gostei de Biologia, nem Química, porque era muito decorativa.

Professores bons? Tivemos muitos, graças a Deus. Professor bom foi Luiz Carlos da universidade, grande, marcou mesmo esse professor, de bom, professor Francisco, chamavam cowboy, de Matemática, ensinava divinamente bem e tinha moral, Josimar, de Química, ensinava muito bem e tinha moral e têm vários outros professores que marcaram demais. Muito bons, muito amigos, muito compreensivos. Tinha um Geraldo, na ESAM, que era um excelente professor, ensinava no terceiro ano a gente. Então, tem muitos professores bons.

O sistema de ensino e a metodologia daquele tempo, dá dez vezes um estudo de hoje de uma universidade. Parece que eles ensinavam por amor, com vontade, com saber. Tão

¹⁸ Rafael Arcanjo Marinho.

¹⁹ Elias das Neves Freire.

²⁰ O professor Luiz Carlos da Trindade é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na *Peça Política*

²¹ Francisco das Chagas Amorim.

²² O professor Francisco de Assis Silva, mais conhecido como Chiquito, é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na *Peça Prática*.

²³ Raimundo Filgueira de Oliveira, formado em Matemática pela UFRN, chegou a Mossoró em 1974 e foi um dos primeiros professores, com formação específica, do curso de Matemática da FURRN.

prova é, que tinham professores que chegava o período de se aposentar e não queriam se aposentar. Porque quando você termina, quer logo se aposentar, já está reclamando que não... Mas esses não. Eu sei que, quando o médico me afastou, pra eu me aposentar, eu senti muito, porque eu gostava muito dos meus alunos, apesar de que eu era duro com eles, rigoroso, moralista, mas eu gostava deles. Eles me ensinavam muito e eu ensinava a eles... Então, eram muito marcantes meus alunos para mim. Cada dia que passava eu aprendia uma coisa com eles, construía uma amizade... Hoje eu tenho aluno deputado, tenho aluno vereador, tenho aluno, muito aluno, aqui em Mossoró, médico. Aí hoje é uma manha maior do mundo: “não, meu filho vai fazer três provas hoje?”. Naquele tempo não existia isso não, o professor botava zero e acabou-se! Hoje não, agora não pode botar zero. Hoje se ninguém souber nada e você reprovar, você é chamado aos carretel²⁴. Tem um colega meu, que trabalhava no Eliseu comigo, que todo ano ele era chamado, porque ele era duro e os alunos não estudavam e nem queriam nada. E ele ensinava bem. Aí o que foi que ele fez? Ele disse: “olhe, nunca mais eu vou ser chamado”. Chegou no final do ano, aí disse: “vou aprovar tudinho!”. Pronto, foi ótimo, recebia era medalha. É! Se você reprovar os alunos, você é chamado porque eles estão sendo reprovados, mas eles não querem saber: “por que é que os alunos não estudam?”. Não. Eles querem saber só se vai em cima do professor.

Não lembro se meus professores tinham formação. Eu não me lembro, bem, assim, deles conversarem sobre isso na sala... Poucos que chegavam e diziam que chegaram ali no sacrifício. Aí aconselhava a gente e dizia: “lute, batalhe, não desista”. Como eu sempre dizia aos meus alunos: “sabe aluno, você não vai pegar nada fácil não, você só vai pegar fácil se acertar na loteria, você vai ter que sofrer muito. Vai ter muita rosa, no meio da rosa vai ter muitos espinhos. O caminho é longo. Não vá pensar que você vai pegar uma cruz pesada, a cruz mais pesada que você pegar, a de Jesus era maior.”.

Eu tive dificuldades. Tinha dificuldade dentro do próprio curso de Matemática. Não me considerava um grande professor de Matemática, porque dentro da parte de geometria e trigonometria eu não era bom, tinha muita dificuldade. Professor ensinava bem direitinho, mas eu não tinha jeito de [aprender]... Hoje essa menina aqui, [minha filha,] sabe mais do que eu, mil vezes. Ela ensina geometria, sabe os gráficos. Eu nunca aprendi aquilo ali, eu me dediquei mais à parte de álgebra. Em álgebra eu era bom. Mas pendeu pra parte de geometria, trigonometria, essas aí, eu me perdia. A prova é que nunca quis ensinar o terceiro ano, só ensinava os primeiros anos, no máximo segundo, por aí. Nunca ia ensinar o terceiro ano, nem

²⁴ Quer dizer chamar a atenção, uma forma de repressão.

ia ensinar física, porque precisa muito de gráfico e eu nunca fui bom em gráfico. Nunca! Até hoje eu não aprendi ainda.

Pra realizar os estudos também, foi uma dificuldade muito grande para eu terminar meus estudos. Por que eu tinha meu comerciazinho, aí botei uma pessoa minha lá e não quis tomar de conta, eu chegava de quatro horas da manhã, estudava até duas horas da madrugada, às quatro e meia, cinco horas, já chegava lá pra abrir minha banca e só fechava de seis horas, pra de seis e meia já ir pra o colégio, nesse caso eu ia pra faculdade. Aí deixei meu irmão tomando de conta e meu irmão tinha preguiça. Então, ele chegava o que? Oito da manhã, quando era três e meia da tarde fechava. Aí não tava dando certo. Eu tive que [cuidar de lá], no sacrifício, ensinando no Diocesano de manhã e de noite, fazendo faculdade de noite, ensinando no intermediário no Antônio Fagundes²⁵ e vespertino no Manoel Assis²⁶. Foi um giro de corpo. Isso com morte da minha mulher, que foi de vez, morte do meu irmão, que foi de vez, a morte de mamãe e a morte de meu tio.

Ah! E estagiando à tarde no Estadual. Então eu tinha que faltar no Manoel Assis para fazer o estágio. Aí um professor muito bom lá, professor Anselmo, me ajeitava, aí eu voltava lá [pro Manoel Assis]. De manhã eu ensinava no Diocesano e quando chegava onze, onze e meia, era prá estar ali no [Antônio Fagundes]... Isso, eu bem ligeiro, tomava banho, mal comia e chegava lá. Tinha dia que chegava atrasado, aí eram quatro turmas lá. Eu pegava de onze e meia às duas e meia, pegava o outro turno pra completar as quarenta horas, aí voltava de novo pra o Estadual, pra pegar o estágio. Quer dizer, foi difícil.

Na própria faculdade, quando eu tava lá, não aprendia mais nada, terminei quase sem aprender. Porque eu tava lá e no quadro eu via a minha mãe, via minha mulher, via meu irmão, não tava vendo era mais nada! Terminei no maior sacrifício do mundo pra poder conseguir. Mas como eu gostava de ensinar, fiquei. Troquei o futebol pelo comércio, aí depois troquei o comércio pelo professor, pensando que tinha futuro. Se eu tivesse o meu comércio hoje, tava rico.

Tem muita diferença na educação. Hoje ninguém estuda não! Antigamente, nas décadas de 1960 e 1970, o aluno era responsável, hoje... A prova é que, o índice de reprovação antigamente era pouco. Hoje se não for o dinheiro, se não fosse o governo pagando (não desse esse dinheiro pra bolsa escola, bolsa família), não passava mais ninguém. Se botar na peneira, num passa dez por cento. Se o professor bom for ensinar como ele sabe, hoje não passa dez por cento, porque não estuda. Só passam por que o professor dá uma

²⁵ Escola Municipal Professor Antônio Fagundes.

²⁶ Escola Municipal Professor Manoel Assis.

maneirada, porque ele sabe que, se cinquenta por cento for reprovado, o governo vai culpar o professor: “ele não está sabendo ensinar”. Mudou demais a educação. Antigamente era um estuda mais sério, mais rigoroso, mais responsável. Hoje é na brincadeira, um gazeado de aula maior do mundo, qualquer coisinha [vai embora]... Antigamente tinha aula vaga, o aluno ia chamar o professor: “professor tá vaga a aula, vamos dar aula pra gente aqui”. Hoje, não: “Vamos embora”. Dá fé vem embora, tendo aula e não vão assistir. Está tudo desmantelado hoje.

Eu acho que esses ministros da educação... Eu não sou ninguém para criticar um ministro da educação, mas eu posso dar uma opinião, porque ninguém nasceu sabido. Esses secretários da educação, hoje, eles não têm nada na cabeça! O que é que esses deputados estão querendo? “Lei para topless, lei para não sei o que...”. Não estão preocupados com as coisas não, são só as besteiras.

Comecei a ensinar em mil novecentos e setenta e sete, no ano mesmo que eu entrei na faculdade. Entrei em março, em março mesmo me chamaram. Comecei a ensinar porque eu passei no vestibular! Aí quando passei no vestibular, fui nessa escola perguntando se tinha uma vaga. Aí essa diretora (que até hoje é minha amiga, quero muito bem a ela), Maria José, disse: “olhe, agora não tem, mas quando tiver eu lhe procuro”. Aí eu não deixei meu nome, nem deixei meu endereço, aí ela perguntou o que eu estava fazendo, eu disse: “Matemática, primeiro ano”. Tinha começado agora, tinha entrado em março... No fim de março, quando dá fé, chegou o professor de lá procurando uma pessoa que falou, não sabe o nome, com a diretora do Manoel Assis e ela disse que quando precisasse chamar, não sei o que... Aí Chico Bochecha disse: “foi eu!”. Eu fiquei calado. Quando o rapaz saiu, eu chamei ele, disse: “venha aqui. Olhe, essa mulher aí, com quem ela falou foi comigo”. Aí ele disse: “pois ela disse que você fosse lá”. Aí eu fui, ela disse: “tá aqui quatorze aulas pra você”. Ela viu que eu tinha moral e tudo, aí me deu quarenta no outro ano.

Ela me deu a pior quinta série que já viu na história, talvez, de Mossoró. Ninguém queria ensinar a eles, ninguém queria aplicar uma prova lá. E o pior que, quando Maria José Frota me chamou e eu fui, ela nem me apresentar, apresentou. Eu fui sozinho. E quando cheguei lá, era uma bagunça. Aí eu fazendo a chamada, zoada, grito... Fiz a chamada bem baixinho. Foi no segundo dia que eu cheguei, a zoadeira, fui chamando normal, aí fui baixando [a voz], foi parando, eu [falando] bem baixinho, eles: “psiu, silêncio”. Quando eu consegui, falando bem baixinho, que eles parassem, ficou um silêncio, aí eu montei: “Já pararam?”. Aí eu disse: “olhe, vocês não me conhecem, devem estar me confundindo com

algum professor, eu não vim aqui pra adular ninguém, eu vim tratar bem e ensinar. Se vocês me jogam rosas, eu jogo flores, se me joga brasa, eu jogo fogo. Meu sistema é esse. Pra começar, vamos fazer as filazinhas aí, arrume as cadeiras. Arrume as cadeiras aí.”. Tava um em cima do outro assim. Cinquenta e um alunos numa salinha daquela. Aí montei, expliquei. A turma mexeu pra lá, mexeu pra cá, mas foi se ajeitando. “Eu dava um cocorote e alisava”. Fui construindo, quando foi no dia dos professores, eu fui o que mais recebi presente, fui o mais aplaudido na festa e fui o mais querido, modéstia à parte, com essa turma... E ela terminou uma das melhores turmas lá do Manoel Assis. Hoje, aluno ainda se lembra de mim, desse tempo. Lógico que tem uns que não gostaram, porque eu sempre fui assim: quando a galinha quer voar, aí você corta as asas dela que ela não voa. Quando eu via que tinha aluno que não queria nada, e quer misturar uma laranja podre no meio das outras, aí eu cortava logo as asas. Já não deixava ele atingir os outros. Sei que tive que botar uns pra fora, suspendi outros... Fiz muita coisa que realmente a educação, hoje, não permitiria. Se eu fosse fazer hoje, quem era o expulso era eu. Não abri mão de nada. Hoje é tudo armado, já tinham me matado.

No Abel Coelho, tinha uns elementos lá perigosos. Eu lá sentado, aí entrou um com um tamanco, camiseta, fazendo zoadas: “prá, prá, pá, pá, pá”. Todo mole. Aí chegou lá atrás, puxou uma cadeira, sentou-se e eu lá sentado, na cadeira, olhando, silêncio, todo mundo grilado. Aí quando levantou a cabeça eu disse: “você aí”. “Eu?”. “Sim! Venha aqui”. Bichão mais alto que eu muito, eu disse: “olhe, você está vendo essa porta aí?”. “Estou”. “Isso aqui não é casa de mãe Chica, não. Você vai fazer o seguinte, você vai chegar nessa porta aí, pedir licença para entrar e sem bater esses tamancos e a partir de amanhã traga o material e venha de camisa”. Aí ele: “pois não”. Voltou: “dá licença?”. Eu digo: “ele vai dar em mim, quando terminar. Quer ver?”. Aí eu disse: “Pois não!”. Aí sentou-se, no outro dia veio comportado, com um caderno. O cara chegava sem caderno eu dizia logo: “não, você não vai assistir aula, traga seu material, pegue uma folha aí, um lápis e vai escrever. Ficar sem fazer: ‘não professor, vou copiar, não’. Aqui não!”. Aí ele sentou-se na frente, eu fui fazendo amizade com ele, aí ele muito inteligente, peguei como monitor, meu substituto. Eu pedia para ele ensinar aquele grupo, porque ele dominava bem. Ele foi ensinando, e foi, e foi... Terminou um dos maiores amigos que eu tive. Inclusive foi me dizendo que ia desistir, aí eu incentivei muito, chamei, conversei, aí os outros professores diziam: “pelo amor de Deus, deixe esse homem ir embora, deixe esse homem não vir mais não”. E eu dizia: “não! Ele é muito bom”. Porque eu sempre dizia: “não interessa que você não respeite ninguém, você me respeitando o

tanto que eu te respeito... Se um dia eu faltar respeito com vocês, vocês podem faltar respeito comigo; se um dia eu der um grito em vocês, vocês podem dar um grito em mim; no dia que eu bater no birô²⁷, ou pedir silêncio: ‘psiu’, no dia que eu fizer isso, vocês podem fazer também; no dia que eu chegar com a camisa aberta aqui, vocês podem tirar a camisa; no dia que eu sentar no birô, vocês podem sentar em cima das carteiras; no dia que eu deixar o quadro sujo, vocês podem me chamar a atenção...”. Nunca deixei giz, esponja, nem deixei quadro sujo. Se não dá tempo, vai tocar, termino... Quando eu terminar digo: “olhe, pessoal! Vocês tem dez minutos ai, cinco minutos para conversar, falar da vida alheia, podem conversar, podem brincar, o que quiserem.”. E sempre assim fui levando. Brincava com eles, separava as cadeiras, fazia roda. Fiz maratona de Matemática lá no Diocesano. Fui levando para igreja, Padre Sátiro aprovou. Fui o único dos professores que teve essa ideia, Padre Sátiro gostou demais. Ele disse: “rapaz, você vai perder o dia, vai deixar de dar aula?”. Eu disse: “vou deixar de dar aula não, vou ganhar aula”. Isso foi a maior festa do mundo, as equipes... Porque a que fosse campeã ganhava dez, todo mundo. Foi ótima! Fiz em dois anos seguidos, no tempo que eu trabalhava lá.

Eu ensinei no Manoel Assis, parece que foi quatorze anos. Ensinei no Elizeu Viana, Estadual, Diocesano, de manhã e de noite, no Pereira Lima²⁸, lá no Alto da Conceição, na escola de Jucuri²⁹ e Nossa Senhora de Fátima³⁰, terminei lá.

Não foi difícil buscar formação. Já tinha sido criado o curso de Matemática... Agora, ainda não estava reconhecido no MEC, quando eu terminei o curso em oitenta e um. Parece que reconheceu o curso em oitenta e dois, se eu não estou esquecido. Eu mesmo peguei o próprio diploma, porque a gente pegava uma declaração. Eu tenho o diploma, reconhecido pelo MEC, assinado e tudo. Eu tenho o diploma de Matemática, [por que, antes,] você pegava uma cópia pra o trabalho, pra ensinar num canto, no estado, uma coisa, aí leva a declaração dizendo que você terminou aquele curso. O diploma mesmo era caro naquele tempo, não era de graça não. Formação só tinha a UERN, ESAM só era agronomia. Tinha o magistério no Estadual à tarde, as meninas que faziam o magistério era tudo arrumadinha, fardazinha azul, a blusa branca... Eram tudo competente, tudo bem arrumada.

Enquanto eu ensinava mudou muito, religião que não existia e é obrigado hoje. Eu acho que era pra ter obrigação do hino nacional todo dia uns dez minutos. Que é que custa

²⁷ Mesas com gavetas. É muito comum na região chamar as mesas dos professores de birôs. Essa palavra vem de Bureau, da língua francesa.

²⁸ Escola Estadual Ambulatório José Pereira Lima, esta escola não encontra-se mais em funcionamento.

²⁹ Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto, escola localizada na zona rural de Mossoró.

³⁰ Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima.

todo dia cantar, cinco minutos, o hino nacional? Ou na própria sala mesmo, todo mundo cantar o hino nacional. Mudou Moraes e Cívicas, que era muito boa na formação do cidadão, hoje não existe mais. Mudou muita matéria.

Mudanças na formação? Ocorreram muitas mudanças e boas. Nós temos hoje, nas formaturas de oitenta e um pra cá, muitos grandes professores de Matemática. Dedicados. Eu acho que o curso de Matemática cresceu muito em relação aos anos setenta e sete a oitenta e um, meu período. Cresceu muito. De lá pra cá mudou muito, o curso teve mais condições, material didático. A gente não tinha material didático naquele tempo, não tinha nada, era só um giz e um caderno. Hoje já tem computador, tem isso, tem aquilo... Mudou muito. Eu não estou acompanhando bem, mas eu vejo os formandos e formados em Matemática, são muito bons.

O ensino em Mossoró, naquele período, década de 1960, no interior não existia escola. Aí quando os pais podiam, com o maior sacrifício do mundo, reboavam, traziam pra Mossoró, inclusive pra Casa do Estudante. Os pais querendo que os filhos fossem alguma coisa, porque se ficasse lá no sertão, nas cidadezinhas, no fim não ia ser nada. Iriam limpar mato.

Então, como Mossoró é um ponto estratégico entre duas grandes cidades, Natal e Fortaleza... Se vai de Fortaleza pra Natal, você passa em Mossoró, se você for pra Fortaleza, vindo de Natal, aí passa [também]... Quer dizer, Mossoró cresceu nesse termo de chamar atenção de vir gente, vem muita gente. Eu acho que oitenta por cento do povo de Mossoró, nem é de Mossoró, hoje. E tá chegando todo dia cada vez mais. Uns vêm em busca de aventura e outros vêm em busca de crescer, ser gente, de estudar. Prova é que, quando faz esses vestibulares (hoje não, que hoje já tem espalhado), mas vinha tudo fazer vestibular onde? Aqui! Não é?

O magistério em Mossoró foi bom! Agora, foi bom porque os próprios alunos queriam e ajudavam. Esse mesmo magistério, quando comecei em Mossoró, se fosse hoje eu não gostava... Porque, pra começar, como é que uma escola vai pra frente? Os alunos querendo, a comunidade ajudando, os pais cooperando. A escola não é só os professores. A escola é a comunidade, os alunos, o diretor, o órgão responsável (nesse caso a Prefeitura ou o Estado). Então, quer dizer, se fosse hoje... não tem isso. Não tem conselho de pais e mestres, não se chama pra ir pra uma reunião dessas. Chame agora para ir para uma reunião de seis horas para ver quem é que vai! Você marque: tem trezentos meninos naquela escola, se for trinta pais, vai muito. Mãe ainda vai umas vinte, faz cinquenta. E é todo tempo olhando pro relógio:

“Terminou? Vou-me embora que eu vou fazer a janta do marido que vai chegar”. Você vê que pela pesquisa, do Rio Grande do Norte, justamente Mossoró, salva um pouquinho o Município. O município ainda é um pouquinho mais arrumado. A escola do Estado tá caindo, o quadro que escreve é na parede. Como é que o aluno vai ter o gosto de estudar, se não tem uma sala para reunião, um campo para jogar futebol, num tem um canto para assistir um teatro, fazer uma apresentação, num tem um incentivo para no intervalo ficar na sombra ali brincando, não tem nada disso. A não ser esses CAIC³¹ que tem espaço, mas é tudo arrombado.

E sobre a importância de Mossoró pra região... Mossoró hoje é uma atração. Eu acho que, proporcionalmente, é a cidade que, na minha opinião, está mais inchando, que está mais crescendo no Brasil, porque ela é uma mina de ouro. Tudo o que você imagina, aqui tem. Tem petróleo, tem sal, tem... Agora, tá faltando mais fábrica. Tinha um monte de fábrica, só que acabou-se tudo. A sorte é que chegou essa de Baraúna³², essa fábrica de cimento, tem lá a fábrica de artesanato³³, mas tá precisando de mais fábrica pra ela crescer.

Mas é isso. Eu gostei da entrevista! Eu tava meio enferrujado, se eu disse alguma coisa que não está no contexto, então vá me desculpando aí. Mas muito obrigado pela entrevista.

Entrevista com o professor Joabel Azevedo

Duração da Gravação: 01h 22min 44s

Local: Residência do Colaborador (Mossoró/RN)

Data da entrevista: 18/10/201

³¹ Centro de Aprendizagem e Integração de Cursos.

³² Cidade localizada na microrregião de Mossoró, distante aproximadamente 36 km de Mossoró.

³³ O professor quis dizer fábrica de azulejos.



*U*niversidade

*Fortemente em sua fala,
Está a universidade.
Pois está em sua vida
Desde sua mocidade,
Este é o Arimatéia
Narrando a sua verdade.*

*De Mossoró é natural
E em cinquenta nasceu.
Afirmou em sua fala
Que na igreja cresceu.
Foi o único irmão
Que estudar escolheu.*

*O seu sonho na verdade,
Era um bom médico ser.
Mas na sua mocidade
Assim não pôde fazer,
Por conta das condições
De lá fora se manter*

*Como assim não pôde ser,
Foi tentar vestibular
Para um curso que era novo,
Que acabara de chegar.
Esse era a Matemática,
Que gostava de ensinar.*

Professor Arimatéia

Meu nome é José Arimatéia de Souza. Sou filho de um salineiro e de uma mulher que nunca estudou, analfabeta. Mas esse salineiro foi quem teve uma família, uma prole de dezesseis filhos e, no qual, na sua vida profissional, trabalhou numa salina, carregando sal no ombro, num balaio, depois num carro de mão e posteriormente ele foi ser feitor dessa salina, administrar essa salina. Ele dizia lá em casa que queria que todo mundo estudasse. Só que, dos dezesseis, faleceram muitos. E só, hoje, presente mesmo, nós somos seis. Mas só quem quis estudar fui eu. Eles nunca quiseram. Papai sempre levou eles para a salina para carregar sal, eu nunca fui com ele. Quando eu ia ajudar meu irmão, papai brigava comigo porque eu estava ajudando. Mas a vida é assim. Depois de muito, todos têm sua profissão, são casados, tem filhos. Mas estudar mesmo, só eu.

Eu sempre zelei, dizia: “no dia que eu me casar, meus filhos terão que estudar, meus filhos vão ter que ir para a escola, eu quero eles todos numa faculdade e tal...”. Porque a minha faculdade foi um pouco sofrida. Eu queria ser médico. Mas papai não tinha condições, aí eu fui ser professor. Com muita honra. Sou satisfeito.

Também queria que meu filho fosse médico. Nenhum dos três quis. Nenhum! Minha filha foi até a biologia do sétimo período, mas também não terminou. Resolveu casar. E os dois filhos que eu tenho, todos dois são agrônomos e ambos são engenheiros de segurança. Hoje, estou aqui nessa casa só eu e ela [minha esposa]. Nenhum filho dentro de casa, minha filha mora em Natal, Viviane, meu filho Thiago mora em Fortaleza e meu filho caçula, Samuel, está lá em Manaus, lá dentro dos matos, numa firma chinesa, como engenheiro de segurança.

Sou mossoroense, sou de igreja. Nasci em nove de maio de mil novecentos e cinquenta, lá no bairro São José¹. Sou da igreja São José, nasci lá dentro, fiz catecismo e me crismei lá dentro.

Minha juventude foi toda na Igreja e, graças a Deus, uma juventude muito boa! Porque vinculado à igreja tinha o clube da juventude. A gente treinava discurso nas nossas reuniões. Eu não me lembro de um maconheiro, de uma droga, dentro do clube da juventude, de pessoa que hoje está perdida, daquela turma todinha. Alguns são casados. Outros são solteiros? São. Agora, formados? Quase todos! Os que não são formados trabalham, têm uma profissão.

¹ Bairro localizado na região centro-norte de Mossoró.

Então essa educação foi muito boa! E olhe que a gente morava perto de uma zona de cabaré. Mas nossa vida está lá como testemunha de juventude bonita.

Na minha juventude, eu levava meus colegas de sala de aula pra ensinar lá em casa. Meu pai tinha uma cisterna muito grande. Botava o quadro negro (chamado quadro negro), aquele giz branco e eu ia dar aula pra gente se preparar para entrar no vestibular. No guarda-roupas lá de casa (camiseiro naquela época), eu coloquei todas as fórmulas de Matemática, de Física, de Química na porta, que era pra [aprender]... Eu estava dedicado. E eu fazia isso (levava meus colegas pra ensinar) bem novinho, um menino... Só porque eu sabia um pouquinho mais de Matemática. Não sabia nada de Português, mas Matemática até que eu gostava. Eu me interessei, (quando eu resolvi que não podia ir fazer pra medicina, por causa das condições), inventei de fazer um curso de Matemática que apareceu em Mossoró. Em 1974, primeira turma! Eu digo: “Rapaz, eu vou fazer, eu tenho tendência para cálculo”. E fiz o vestibular de Matemática e passei. Na primeira opção, Matemática, na segunda opção, Educação Física. Jogava bola. Na minha folga era jogar bola! Não tinha bebida, não tinha nada, não tinha. O namoro era assim paquera ... Mas o negócio era jogar bola. Joguei bola no colégio Estadual² e no colégio Diocesano³.

E eu me casei também em Mossoró, minha esposa é lá da cidade do Encanto⁴, entre Pau dos Ferros⁵ e São Miguel⁶. Ela veio estudar aqui, morar perto da minha casa. Então, começamos a namorar e casamos em setenta e sete (1977).

Os costumes da cidade eram ficar, quando chegava de noite (quem não quisesse estudar), na igreja. Sentado na igreja, jogando bola na calçada da igreja. Não tinha televisão, a gente ficava na calçada da igreja jogando bola, jogando dominó, castanha, gol a gol...

Quem quisesse ir pra jogar bola ia, quem não quisesse ia pras festas. Na época não tinha cinema. Apareceu cinema quando eu já estava com vinte anos, o Cine Pax⁷, o Cine

² Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

³ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

⁴ Cidade localizada na mesorregião do Oeste Potiguar (microrregião de Serra de São Miguel, ou como é mais conhecida no Estado, na “tromba do elefante”), distante aproximadamente 412 km da capital Natal e 165 km de Mossoró.

⁵ Cidade localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 400 km da capital Natal e 154 km de Mossoró.

⁶ Cidade Localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 444 km da capital Natal e 190 km de Mossoró.

⁷ Cine Teatro Pax, inaugurado em Mossoró no ano de 1943, desativado em 2005.

Caiçara⁸, o resto era aquele rolo de fita passando. Quando terminava a atração, às sete horas estava todo mundo sem energia, todo mundo ia pra casa.

Na minha juventude, o cotidiano da cidade era festa no clube Ipiranga e na CDP⁹. Eu, solteiro, filho de salineiro, não tinha dinheiro, só tinha que estudar mesmo, mas os filhos de rico me chamavam pra eu dar aula, preparar para o vestibular (então eu ainda namorava minha esposa). A semana todinha até sábado, quando terminava aula da faculdade às dez horas, eu ia pra aula na casa dos filhos dos homens que tinham dinheiro. Preparava eles pro vestibular. Quando era no sábado, sexta-feira de noite, às vezes, eles me levavam pras festas, porque eu não tinha dinheiro pra entrar, mas os pais deles eram os presidentes desses clubes, aí eles me levavam. Eu ia pra ver (curiosidade), mas não tinha o dinheiro pra tomar uma cerveja, não tinha nada, era só conhecer. Mas eu tenho um ciclo de amizade muito grande, porque essa turma que estudou no Diocesano, que era financeiramente bem, hoje são todos formados e os pais deles me reconhecem como professor. Então, onde eu chego sou bem recebido, por exemplo, no comércio: “chegou o professor Arimatéia”. Então minha vida ficou dentro de Mossoró, minha filha quer que eu vá morar em Natal, não tenho coragem... Costumo dizer pra ela: “minha filha, lá em Mossoró eu sou professor, em Natal vou ser povo...”.

A educação, na cidade, era precária em relação ao [transporte] coletivo, tínhamos que ir a pé mesmo. Quem tinha um transporte, era uma bicicleta. Pra você ter uma ideia, eu morava no São José, estudava no Diocesano, olhe a distância... Diocesano, colégio Estadual, longe! Passei na UERN¹⁰, a primeira turma daquele campus¹¹ somos nós de setenta e quatro (1974). Ia a pé, não tinha a Leste-Oeste¹², ia pelo auto de São Manoel. Ia e voltava a pé, por dentro... A gente passava por dentro da ESAM¹³ pra chegar na pista do Alto de São Manuel. Estrada de barro. A gente vinha até brincando com as pedras, um com o outro. Eram homem e mulher, tudo a pé...

Depois, quando a cidade foi se desenvolvendo, nós alugamos um carro, todo mundo deu uma cota, pro carro ir deixar e ir buscar (inclusive era um aluno da faculdade, que o pai dele tinha uma Rural). Então, o que a gente fazia? Se encontrava num canto, entrava aquela

⁸ Cine Caiçara de Mossoró, cinema inaugurado em 1955, não mais em funcionamento.

⁹ Antigos clubes de festa de Mossoró.

¹⁰ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o professor se refere a um período em que a instituição se chamava Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN).

¹¹ Refere-se ao local onde se encontra o atual Campus Central da UERN, localizado na região Leste de Mossoró, no bairro Costa e Silva.

¹² Avenida Dix Neuf Rosado, mais conhecida como Leste-Oeste, importante complexo que atravessa o Rio Mossoró, ligando a região do centro da cidade com o Bairro Costa e Silva (região Universitária).

¹³ Escola Superior de Agricultura de Mossoró, atual Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

turma, mulher e homem, dentro do carro, às vezes, vinha até no colo. A gente ia e voltava nesse carro e ainda pagava a gasolina a Zé Eudes. Eudes formou-se em Economia. E a vida da gente era assim. Eu dava aula também, nas quartas-feiras depois das dez horas, no cursinho. Um cursinho que uma turma de Fortaleza montou aqui de frente à igreja São Vicente, na década de 1970. Eu disse: “olhe, assim que terminar a aula eu quero o dinheiro”. Só sei que eles pagaram só três quartas-feiras, na quarta fez um vale comigo, nunca mais recebi. À noite aqui não tinha violência, mas as aulas de noite não tinham muito campo, porque os alunos da faculdade estudavam à noite.

No primário, a gente estudava no colégio particular. Eu estudei no Trinta de Setembro¹⁴, onde hoje é a Faculdade de Enfermagem, no centro da cidade. Era só primário. Mas a gente ia pra uma aula de reforço, com as professoras antigas que não tinham formação, como Dona Caindinha. Ela sabia Matemática pelo destino, só sabia a tabuada. Ensinava a gente a somar, subtrair, multiplicar e dividir. E aquele que não aprendesse, era a palmatória. E chegando em casa se dissesse que levou palmatória, levava de novo. E papai ainda usava os caroços de milho. A gente botava os caroços do milho no chão e ficava de joelho: “cinco vezes quatro?”. “Dezoito”. “Dezoito? Você vai sofrer esses dezoito pra saber que aquilo não é dezoito, é vinte. Cinco vezes quatro são vinte”. Ficava de joelho em cima dos caroços de milho e levava nove palmatórias em cada mão. E foi indo assim... E todo mundo daquela época tinha palmatória e respeitava os pais. Ou você estudava ou apanhava! Não tinha como... Papai passava a semana todinha na salina, chegava em casa, os meninos tudo comendo e não querendo estudar, levava “peia”¹⁵! Hoje ninguém mais bate. Mas nós apanhávamos...

Na cidade não tinham muitas escolas. Se eu ainda me lembro bem (fora as escolas particulares de reforço: Seu Maurício, Dona Caindinha, Juarez...) era o colégio Trinta de Setembro, que a gente estudava, o Grupo Escolar Cunha da Mota, o Grupo Escolar Antônio Gomes, o Grupo Escolar Dix-sept Rosado¹⁶, naquela região ali [mais central]; tinha pra cá o Moreira Dias e o Alto da Conceição (colégio antigo mesmo, hoje está até acabado); no Alto de São Manoel¹⁷ tinha o Dinarte Mariz. Em 1960 já tinha escola pública.

A política continua sendo dos Rosados. Desde que eu me entendo de gente, são os Rosados mandando em Mossoró e até hoje. Já tenho dois netos, e eles vão ver a família Rosado mandando em Mossoró ainda. E está do mesmo jeito. Cresceu? Sim, em termos

¹⁴ Grupo Escolar Trinta de Setembro, criado em 1909 no governo de Alberto Maranhão, segunda instituição pública de ensino instalada na cidade.

¹⁵ Mesmo que surra.

¹⁶ As instituições citadas pelo professor, eram todas escolas de Mossoró.

¹⁷ Extenso conjunto de bairros localizado na região leste do Município.

proporcionais; porque o dinheiro que entra hoje, e a vida que eu vi, era pra estar melhor Mossoró. Mossoró ainda não tem [transporte] coletivo com seriedade. Não tem um asfalto na cidade, tem umas ruas asfaltadas. E assim vai com essa vida hoje que está do mesmo jeito. Os políticos que são as mesmas pessoas que a gente vem votando, mudam os cargos. Antigamente, diziam que mudavam as coleiras, os cachorros são os mesmos.

O sistema de ensino das escolas? Era dando aula mesmo normal e tinha respeito. Se brincasse botava pra fora da sala de aula, sabia que a coisa era séria. Hoje se botar pra fora, o aluno acha bom. No Diocesano, quando a gente deixava de ir um dia sem meia, não entrava, chegava em casa e sabia: Peia! E no outro dia nunca mais deixava de usar meia. Um dia não deu tempo colocar o cinturão? Peia! E assim vai... No colégio Diocesano toda quinta-feira, a gente cantava o hino nacional. Tocava, todo mundo entrava no seu lugar. Aí passava um minutinho, tocava. Todo mundo vinha de fila lá pra fora para hastear a bandeira Nacional e cantar o Hino Nacional. Acho que todos nós que estudamos no colégio Diocesano, de 1964 para cá, sabe o Hino Nacional. Eu acho que meus filhos não sabem cantar o Hino Nacional.

Disciplinas marcantes? Matemática! Matemática ficou na minha cabeça desde menino. Eu fazia todas as fórmulas, colocava na testa da cama e por dentro do guarda-roupa. Todas as fórmulas.

Eu sempre tive gosto pelos estudos. Não era um estudioso profundo, de passar o dia [estudando]... Eu jogava bola! Jogava bola, queria jogar bola, mas também nunca deixei de me sentar para fazer meus deveres. Isso eu ensinei para os meus filhos. Minha mulher também é formada, em História, pela faculdade daqui em Mossoró. Então nós temos essa cultura de zelar [pelo estudo]. Ela criou os três filhos, não foram criados por empregadas. Eu fiz de tudo pra ela ficar com os três filhos, pra dar esse exemplo. E graças a Deus, estão todos formados na profissão que quiseram.

Professores marcantes, que ficaram na minha vida: primeiro Dona Caidinha, porque nunca apagou a marca da palmatória. Marcou-me muito forte, mesmo, foi Padre Alcir, no Diocesano, nas aulas de Português. Ele puxava até a orelha da gente, pra aprender. Quando eu ficava de castigo, era de frente pra parede, ele vinha com o giz escrevendo, escrevendo e dava um chute na bunda da gente. Era bruto. Mas isso marcou porque todo mundo estudou. Me lembro que estava na sala de aula do Diocesano, era prova do Padre Alcir, no primeiro horário. Todo mundo entrou, eram cinco filas de carteira, uma porta e uma janela, eu era da segunda fila, vindo da porta pra cá. Chegou todo mundo, esperando e Padre Alcir não chegava. Padre Sátiro, o vice-diretor do colégio, entrou sozinho: “olhe, todo mundo se cala,

todo mundo fica estudando, que Alcir vem já”. Quando Padre Sátiro saiu, fechou a porta, eu disse: “não vai dar tempo de fazer a prova, não”. Ele voltou e me botou pra fora! Eu nunca esqueci... Já contei isso lá numa reunião, contei pra ele: “você adivinhou ali?”. “Não, eu vi nos seus olhos que foi você que falou”, diz ele! Essa minha turma, nós estamos nos encontrando uma vez por ano. Já é o terceiro ano que a gente se comunica e na véspera de Santa Luzia a gente se encontra aqui dentro do colégio Diocesano, o Padre celebra uma missa pra gente.

Na turma de Matemática, não posso deixar de dizer que foi Raimundo Filgueira¹⁸. Raimundo Filgueira foi tudo de Matemática! Ele deu Matemática um, dois, três e começou Cálculo. Depois veio Borges e veio Luiz Carlos pra ensinar pra gente. Ele era o diretor e também ensinou Desenho Geométrico e Geometria Descritiva pra nossa turma. Raimundo Filgueira, durante os quatro anos de faculdade, deixou sua marca devido à quantidade de aulas que lecionou para nossa turma. Outro professor que me marcou foi meu professor da primeira série [ginasial], o Chiquito. Ele era professor, fazia a quarta série [ginasial] no Diocesano e ensinava Matemática na primeira série. Ele foi meu professor e foi meu colega durante quatro anos de faculdade e demonstrou lá dentro ser um excelente professor. Geografia, Nevinha foi boa. Mas foram eles dois que me chamaram mais atenção, de me forçar a estudar: Raimundo Filgueira e Padre Alcir.

Minha vida foi estudar no Ginásio Municipal¹⁹. Estudei no Diocesano no quinto ano de admissão (naquela época tinha o exame de admissão). Passei no primeiro exame de admissão. Com pouca condição, papai, na marra, botou os meus quatro irmãos para estudarem no Diocesano. O pai deixou de pagar, porque não tinha condições e os cabras não queriam estudar, era só eu, ele tirou todos. Eu fiz a sétima série no ginásio municipal, porque lá eu fui trabalhar. Papai já estava um pouquinho aperreado, me disse para ir trabalhar na fábrica de rede, em frente da minha casa. Eu fui trabalhar na fábrica de rede, fazendo a sétima série ginasial. Nessa série, eu fui reprovado, porque eu passava o dia todinho trabalhando. Não jogava bola, ia trabalhar, e de noite ia pra sétima série do ginásio municipal. Saí do ginásio municipal, fui pra sétima série no colégio Estadual, e terminei lá o primeiro e o segundo grau. Meu terceiro ano científico foi feito na ESAM; um convênio entre o Estado e a ESAM. Assim, os professores do terceiro ano científico eram da ESAM. Nessa época, início da

¹⁸ Raimundo Filgueira de Oliveira, formado em Matemática pela UFRN, chegou a Mossoró em 1974 e foi um dos primeiros professores, com formação específica, do curso de Matemática da FURRN.

¹⁹ A primeira escola municipal de Mossoró, que depois passou a chamar-se Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges, deixou de funcionar em 2010. No antigo prédio, atualmente, funciona a Escola de Artes de Mossoró.

década de 1970, o diretor era Pedro Almeida, Marcelo Pedrosa (que foi diretor da ESAM) foi professor de Matemática, Adilson que foi professor de Matemática também...

Eu tenho uma lembrança muito grande de uma preparação para o vestibular, era eu, Messias, Emanuel e Maurício (morreu agora, nosso amigo, teve uma parada cardíaca). Eu ensinava Matemática a eles, Maurício ensinava Biologia, Emanuel ensinava Português e Messias Física. E assim a gente fazia as cinco disciplinas, cada um tinha a missão de se aprofundar para passar para os outros quatro. Passávamos a noite estudando, num quatinho estreitinho. As nossas mães faziam, cada uma, uma garrafa de café, levavam pão, bolachas. Passamos no vestibular, eles passaram em Agronomia e eu em Matemática. Eu prestei para Agronomia também, mas não passei. Errei o texto de Português, misturei o autor e tirei uma nota péssima em Português. Mas, concomitantemente, eu estava fazendo o vestibular para Matemática e eu passei.

Fui da primeira turma daquele campus. Só tinha um bloco. Secretaria e cinco salas de aula, que era Matemática, Pedagogia, Economia... Os cursos que existiam, cada um numa sala. Tinha o ciclo geral²⁰. Eu estudei com gente que fazia Economia, pois eram as mesmas disciplinas. Então, passei muito tempo no ciclo geral, todas as disciplinas pra todo mundo.

Naquela época era giz e cuspe²¹. Não tinha mais nada! A gente não tinha livro, não! A gente sentava, Raimundo Filgueira dava aula, levava a lista de exercício e a gente copiava. As cópias (“xerox”) vieram depois. A biblioteca surgiu com poucos livros. Então, a gente escrevia mesmo. E ele tinha que falar, senão não tinha aula. As carteiras pequenas. Era giz e quadro e cuspe. Não tinha outra coisa não! As folhas de papel almaço...

Tive dificuldades! Porque você tinha que ter uma base e eu muita dificuldade porque não tinha a base. O ginásio municipal não ensinou muita coisa, porque pegavam professores que não eram nem acadêmicos. A gente teve dificuldades? Teve. Hoje não. Você vê que o aluno só tem dificuldade se ele quiser. Porque tem fontes pra ir buscar, mas a gente não tinha!

Tive dificuldade financeira, não tenha dúvidas. No entanto, papai só tinha eu, como já falei, me deixou a vontade: “Tá aí, você fica, já que você quer!”. Eu ia pra faculdade mesmo, tinha uma condiçãozinha. Não tinha dinheiro pra comprar livro. O livro passava de um irmão para outro. Naquela época, meus irmãos mais velhos estudavam e eu vinha pra casa do outro

²⁰ O Ciclo Geral foi uma proposta instituída pela lei 5.540/68, muito conhecida como Reforma Universitária, e tinha como objetivo recuperar a insuficiência que os alunos possuíam, percebidos nos vestibulares. Este Ciclo era realizado no primeiro ano do curso e era comum para todos os cursos, sendo realizados estudos básicos para as formações específicas que teriam posteriormente.

²¹ Quando o professor Arimatéia fala em “giz e cuspe” na sistemática de ensino, refere-se à ação de falar e escrever. Ele está utilizando uma expressão recorrente sobre um modo de dar aulas: aulas sem utilização de outros recursos, senão o quadro e giz e a oralidade.

pra pegar o livro (a sobra dele), ia pra casa, apagava, apagava, apagava, pra poder estudar. Eu tinha muita dificuldade, sim!

Houve mudanças na educação. O aluno é mais mal educado hoje, o aluno não respeita mais o professor. Nós respeitávamos. Nós os tínhamos como uma segunda família. Papai conhecia os professores, ia pra reunião de pais e mestres, ou a minha irmã mais velha, Nair. A gente tinha respeito. Mas hoje... No Abel Coelho²² quantas reuniões eu não fiz e poucos pais foram? A mudança é muito grande em termos de educação. Agora, mais estrutura do que aquele tempo da minha, tem! Os alunos são mal educados porque querem. A família não vai pra escola! Você vê hoje que o aluno adora sair da sala de aula pra ficar no meio da rua. Eu estou aposentado, já perguntaram se eu quero dar aula. Eu não quero mais! Tenho medo. Meu estilo de vida, meu estilo de ensinar, no vai dar certo com aqueles que não querem aprender. Aí, eu não tenho mais coração ... prefiro não ir.

Ocorreu mudanças no sistema também. De lá pra cá você vê as facilidades que têm pra você passar, a média é cinco. É possível estudar a distância, pelo computador, de dentro de casa e as provas por e-mail. Eu não sei como é, não sei como é o conhecimento e não sei se concordo com isso. Se o aluno tiver na hora, acompanhando, como o americano tem, eu aceito, mas como é que você vai construir uma circunferência, se ele não tem ali? Você vai calcular o seno e o cosseno de uma circunferência, como é que você vai calcular, se ele não tem? Ou você vai pro quadro, riscar a circunferência, traçar o eixo, fazer o triângulo, saber o teorema de Pitágoras, pra calcular e dizer quem é seno e quem é cosseno, se você não mostrar e você for aqui no computador [só digitando], ele faz como? Eu discordo! Eu acho que a Matemática, até hoje, eu ainda digo: “pincel e cuspe” e garganta.

Pra começar a ensinar eu fui convidado. Sabiam que eu gostava de Matemática, estavam precisando de professor e alguém falou: “chama Arimatéia, homem, aquele menino ali da São José, que ele dá aula pros colegas dele...”. Eu fui dar aula. Eu me lembro que eu fui dar aula no União Caixeiral, para uma turma do terceiro ano científico. Eu recebia quando terminava a aula. Dona Eva Mônica me levou pro colégio Estadual, para lecionar para quinta série, isso foi mais ou menos em 1972. Eu lecionava onde hoje é a Faculdade de Enfermagem, porque o colégio Estadual estava caindo. Eu estava lecionando [no prédio do colégio Estadual] e caiu o gesso da sala todinha. A diretora não estava presente nessa hora, peguei a minha cadeira (porque minha parte do gesso não caiu, que tava encostado na parede), botei na minha cabeça e sai pegando menino a menino e botando para fora. E as placas de gesso

²² Escola Estadual Abel Freire Coelho, instalada na cidade no início da década de 1980.

penduradas, os meninos cortados, sangue por todo canto. Quando eu tirei os meninos todos, peguei aqueles mais feridos e coloquei num táxi e levei para o Hospital de Caridade Duarte Filho, para fazer curativos. Comecei a minha vida desse jeito. Ensinei também no Eliseu Viana²³ para substituir uma pessoa, mas não tive vínculo nesta escola e nem no colégio Estadual. Na União Caixeiral assinaram minha carteira pela Prefeitura. A Prefeitura assinou minha carteira do colégio Sólon Moura também, por dezoito meses, e eu recebi pela Prefeitura. Mas o resto era particular, dando aula particular.

Eu entrei na faculdade com vinte e quatro [anos]. O meu primeiro sobrinho terminou com vinte e dois. Antigamente, a gente só ia pra escola depois que nascesse os dentes, com sete, oito anos. Hoje, com um ano e oito meses coloquei minha filha no colégio. Meu caçula terminou a faculdade agora com vinte e um, vinte e dois anos. Mas a gente não tinha como, tudo velho. Eu comecei a brincar de dar aula lá em casa com uns quinze anos, mais ou menos. Fiz o primeiro período, segundo período de Matemática, chamado ciclo geral na UERN. No terceiro período, houve o vestibular e faltou professor para a próxima geração. Em mil novecentos e setenta e cinco (1975), eu fazia o terceiro período, Raimundo Filgueira me indicou pra ser monitor do primeiro período. Antes de Raimundo Filgueira me chamar, quando eu fazia o primeiro ano em setenta e quatro, o Ginásio Municipal, onde eu estudei, me chamou para lecionar de dia.

Pra ensinar na periferia, ia somente quem fazia o apadrinhamento: “eu sou padrinho do vizinho que é compadre do prefeito”. “Padrinho, compadre, bote aquele rapaz ali que é filho do meu compadre, não sei o que...”. Colocavam para ensinar porque era amigo de um amigo do prefeito. Mas no ginásio municipal a estrutura já era outra. O diretor era o Padre Raimundo Gurgel e depois foi João Bosco, todos muito responsáveis. Eles chamavam sempre a turma da academia para lecionar e eu fui para ensinar a sétima série, na qual fui reprovado (mas não foi em Matemática). Mas tive que sair para ficar como monitor da cadeira de Elementos de Matemática, no curso de Serviço Social, de manhã. Isso no primeiro período. Quando foi no segundo período, não houve aula de Elementos de Matemática (era um semestre e outro não). Em mil novecentos e setenta e seis (1976), o colégio Diocesano me chamou para lecionar. Mundinha, Padre Sátiro, Nevinha (que foi reitora), me convidaram para ir dar aula no colégio Diocesano. Eu estudava de noite e dava aula de manhã no ginásio do colégio Diocesano.

No Diocesano trabalhei por doze anos, mas não parei com as aulas de monitoria da faculdade. Nunca! E fiquei lá no Diocesano, lecionei de quinta série aos cursinhos pré-

²³ Escola pública, Centro de Educação Integrada Professor Elizeu Viana.

vestibulares e de domingo eu lecionava para os seminaristas que estavam em recuperação. Nesse ínterim, em janeiro de mil novecentos e oitenta (1980), faltando dinheiro na Universidade (chegou a atrasar treze meses o salário) e só ganhava um pouco no Diocesano, houve o chamamento no Estado para professores de Matemática para criar o Abel Coelho. Nós fomos para Natal, eu e vários colegas que hoje estão na Universidade: Chico Barros, Valdomiro, Rafael, Sandoval, João Dércio... Fomos para Natal fazer um curso para ensinar no Abel Coelho. Passamos um mês. A abertura do Abel Coelho! Colégio arretado! Isso financiado pelo BIRD²⁴, Banco Mundial. Era um colégio de alto nível. Tudo! Não faltava nada. E nós tínhamos que estudar.

Das três primeiras turmas do Abel Coelho, todos passaram no vestibular. Hoje nós temos médicos, advogados, engenheiros e eles elogiam esse curso. Nós éramos dedicados. Então, nesse ínterim, eu fiquei dando aula de manhã no Abel Coelho, de tarde no Diocesano, isso que era turma de segundo grau (eu já estava num nível bem diferente) e à noite na universidade.

Concluí a universidade em mil novecentos e setenta e sete (1977). Quando eu concluí, minha carteira profissional deixou de ser monitor, passei a ser professor. Mas professor apenas de duas turminhas. Eram duas turmas de Elementos de Matemática, uma para Direito e outra para o curso de Economia. Trabalhei doze anos no Diocesano e dez anos no Abel Coelho, na rede estadual. Passei mais de dez anos lecionando quatorze aulas por dia, cinco no Abel, cinco no Diocesano e quatro na universidade.

Em mil novecentos e oitenta e seis, Padre Sátiro foi ser reitor pela Estadualização. Ele chegou pra mim e disse: “quer ir pra Universidade com dedicação exclusiva?”. Eu digo: “Quero! Agora, a gente tem que receber o dinheiro, senão a gente morre de fome.”. Ele disse: “Vamos pra Universidade que agora vai ser estadualizada.”. Deixei o Abel (dez anos de Abel) e o Diocesano (doze anos de Diocesano), fiquei só na universidade. Eu lecionava quatro aulas, todo dia. Quarenta horas sem chorar. Era professor na Faculdade de Matemática, era ICEN (Instituto de Ciências Exatas e Naturais), cujo primeiro diretor foi Raimundo Filgueira e eu fui o vice. Depois vieram os professores Chiquito, Aroldo, Lúcio Ney, Amorim, Braz, Rafael, Josélia (lá de Assu), tem Teté (de Pau dos Ferros), Maria Pereira, Socorro Aragão. Nós éramos dezessete da primeira turma, essa turma quase toda ficou na universidade. Gorete e Fátima que não quiseram ir.

²⁴ Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento.

Essa turma está toda lá ainda, uns aposentados e outros trabalhando. Eu tinha essa minha dedicação exclusiva, sem ter naquela época esse nome. Fui vice-diretor de Raimundo Filgueira, só seis meses, houve uma eleição.

Depois há mudança do ICEN²⁵ para a FANAT²⁶. Eu fiz parte do processo. Trabalhei na comissão de reconhecimento, cujos nomes era o Padre Sátiro que indicava. Era eu e Francisco José de Carvalho, da turma de Pedagogia, nós éramos responsáveis.

Eu participei de todos os conselhos da universidade! Com exceção do Curador. O Diretor foi criado depois. Esses dois eu não participei como membro, mas o resto eu fui. CONSUNI, CONSEPE e CPPD²⁷.

Todos os anos nós éramos indicados, eu e Francisco José, pro reconhecimento do curso de Matemática, que ocorreu no início da década de 1980. Capistrano já era o reitor. Padre Sátiro saiu, com dois anos, e Capistrano assumiu. E eu fiquei nessa responsabilidade, eu e Francisco José, de fazer um documento, e nós fizemos e foi aprovado. Compramos umas bombas e soltamos por lá.

Minha vida de lecionar na universidade foi dedicação exclusiva. Nas minhas férias, era o mês de janeiro e o mês de julho (não tinha tanta greve naquela época), eu ia pra Fortaleza, Ceará. Eu ia dar curso na UVA (Universidade do Vale do Acaraú). Ia atrás de dinheiro, que a universidade atrasava. De oitenta e seis pra cá (1986), Geraldo Melo²⁸ passou seis meses sem pagar, mas depois voltou à normalidade. Quando voltou a normalidade, cansei e deixei de viajar tantas noites, passava as minhas férias todinhas no Ceará dando aula. E não tinha as férias, era dando aula mesmo na UVA. Aqui foi criado o PROFORMAÇÃO²⁹, eu fiquei na universidade e neste curso.

Eu conheci vários reitores. Antes do Padre Sátiro me chamar mesmo para ser professor, foram presidentes: Elder, Genivan, Laplace, Canindé Queiroz... eu ainda era estudante. Na minha vida profissional foi Padre Sátiro, com quem tive uma convivência no magistério (Laplace eu me lembro, mas foi pouco tempo), Capistrano, Gonzáles, Nevinha, Walter, Walter, Milton e Milton.

²⁵ Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN).

²⁶ Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (FANAT).

²⁷ Conselho Universitário (CONSUNI), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD).

²⁸ Geraldo José da Câmara Ferreira de Melo foi governador do Rio Grande do Norte eleito em 1986.

²⁹ O Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO) é um programa do Governo Federal para formação de professores em nível médio, suas atividades são desenvolvidas a distância com atividades presenciais concentradas aos sábados e nos períodos de férias.

Eu era assessor de Padre Sátiro, quando eu terminava a missão de Padre Sátiro, veio Capistrano, então a gente fazia a carta de entregar o cargo. Quando terminava de Capistrano (a gente fazia carta), entregava ao outro, e ao outro, e eu sempre fui ficando como assessor do Departamento de Legislação e Normas do Ensino (DELNE). Eu e Francisco José, nós éramos os assessores de fazer documento para o MEC, de reconhecimento de curso e de dar parecer àqueles documentos quando solicitavam novo curso, nova habilitação. Se você terminasse Economia e queria fazer Direito, então você fazia o documento e nós é que fazíamos o parecer de encaminhá-lo ou não (dependendo das normas, dependendo da sua vida curricular, você fazer Direito ou não...).

Quando Walter assumiu, em sua gestão, ele me tirou da assessoria e me deu a responsabilidade de ser diretor da biblioteca. Uma coisa que me chocou, porque eu não entendia nada de bibliotecário, mas houve um concurso para bibliotecário e ninguém passou. E o MEC estava exigindo uma coordenação da biblioteca, porque tinha que ter alguém para responder e ela estava abandonada. Ele me tirou da assessoria da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) e me colocou como diretor e eu fiquei por sete anos. Quando terminou o mandato de Walter, Milton me tirou da PROEG e me nomeou assessor da reitoria, diretor de obras. Também não sou engenheiro. Mas a questão que ele dizia: “não quero que você vá construir nada, eu quero que você fiscalize as obras da construção do laboratório de odontologia de Caicó³⁰ e de Santa Cruz³¹ e de Nova Cruz³², os laboratórios de enfermagem”. E passei a ser o assessor de Milton para prestar contas de um orçamento de um milhão e poucos mil. Quando faltava dinheiro para a construtora, tenho uma carta dele (representando o reitor), ia até a Secretaria da Saúde e da Educação, em Natal, descobrir o porquê que não estavam soltando dinheiro para a construção que, aqui e acolá, parava.

Consegui isso tudo da minha vida dentro da universidade. Eu passei a trabalhar doze horas por dia na Universidade. Fora vestibular e concurso que eu vivi. Quase enfartei, foi preciso eu me aposentar, tamanha que foi minha dedicação. Eu trabalhei quase três meses, manhã, tarde e noite. Tive que sair por que eu não aguentava mais. Trinta e cinco anos de faculdade, fora mais dois anos que eu lecionei umas aulas na Prefeitura nos anos passados... Somando tudo dá trinta e oito anos de magistério, só ensinando Matemática. Ensinei

³⁰ Cidade localizada na região do Seridó, centro-sul do Estado, distante aproximadamente 256 km da capital Natal e 179 km de Mossoró.

³¹ Cidade localizada na mesorregião Agreste Potiguar, distante aproximadamente 111 km da capital Natal e 238 km de Mossoró.

³² Cidade localizada na mesma região descrita acima, distante aproximadamente 282 km da capital Natal e 300 km de Mossoró.

Matemática, ensinei Física e ensinei Estatística. Química eu ensinava no colégio Diocesano, quando faltava um professor eu dava aula de Química na parte de orgânica.

Mas minha vida foi assim, magistério. Eu sempre gostei de Matemática, mas foi sofrida. Vocês hoje já levam uma coisa diferente. Hoje já termina o seu curso e já vai fazer mestrado. Nós passamos muito tempo sem fazer uma especialização. Em mil novecentos e oitenta e um houve uma especialização em Mossoró, de Matemática. A UFRN³³ veio dar o curso aqui para os dezessete alunos de Matemática. Principalmente, para os que estavam na universidade. Então, teve alguém que fazia, a outra turma que veio fazer também a especialização. Amorim fez com a gente, não era da primeira turma, mas fez. Rafael também fez, que não era da primeira turma. Aí, eu fiz a especialização e houve um aumento financeiro bom!

Quando terminamos a especialização, fomos fazer mestrado em Fortaleza. Isso em mil novecentos e oitenta e três. Quando estava fazendo o mestrado em Fortaleza, a minha mãe faleceu e eu vim pra cá em janeiro de oitenta e quatro pro enterro. E nesses sete dias de luto, houve uma reunião aqui, o reitor era Genivan (se eu não me engano), pra fazer o plano de cargo e salário. Nessa negociação estavam presentes todos os professores e autoridades, inclusive o reitor (de Natal). Também estava presente um cabra de Nova Cruz, o Adauto Cunha. Nessa reunião decidiram: quem entrou de setenta e cinco pra trás, seria titular da cadeira. Tornei-me titular da cadeira só com a especialização! Iria só mudando: de tanto a tanto, a de titular três; de tanto a tanto titular, quatro; de tanto a tanto, até auxiliar. Então, pra o cabra chegar a ser titular tem que passar por esse período todinho, certo? De dois em dois anos mudando, mudando, mudando... Teve um dia que mudaram: “titular é só um. Titular! Acabou-se, não é um dois três quatro, não!”. Aí ficou: adjunto quatro, três, dois, um; assistente quatro, três, dois, um; auxiliar quatro, três, dois, um. Pronto. Então pra chegar no meu nível o cara tinha que passar esse período todinho estudando... E hoje pra ser titular tem que fazer concurso. E não tem interesse mais na universidade em fazer concurso para titular. Porque quando você chega a ser doutor, passa a ser adjunto quatro. Então, sua tese vai ser para ser adjunto quatro. Pra fazer titular para ganhar mais, a universidade não tem interesse, porque você não vai levar tese nenhuma pra desenvolver.

O sofrimento naquela Universidade foi grande... Vi aquela Universidade pobre, e agora eu estou vendo essa Universidade rica. Muitos professores formados e rápido. Eu vejo colegas meus, que foram meus alunos em Contabilidade, em Economia, Administração,

³³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Matemática... Você não foi meu aluno não, mas eu já estou vendo você mais alto do que eu, porque, faz quanto tempo que eu terminei? Você terminou agora, está sendo mestre, não é? Nunca fui mestre. E os meus alunos que estão lecionando, que me encontram quando eu passo pelo corredor e: “professor, não sei o que... Aqui foi meu professor”.

Então a facilidade que hoje a universidade está tendo, está muito diferente da nossa. Na nossa universidade passada, foi sofrida. Sofrida mesmo! Faltou dinheiro. Naquela época, na década de 1970, a gente pagava mensalidade. A prefeitura dava treze por cento do seu orçamento, transferia para a Universidade para pagar os professores, e o aluno pagava a diferença. Nós fomos recorrer ao presidente da República pra fazer o crédito educativo, hoje é FIERNS³⁴. O crédito educativo, na época, dava a mensalidade da faculdade e uma ajuda de custo. Quando você terminava a faculdade, dois anos depois, você iria pagar as duas coisas, o restante da mensalidade e o empréstimo para manutenção que ele fazia para você. Só sei que com essa manutenção (que era pequenininha), cruzeiro (não me lembro bem o nome da moeda), com essa manutenção eu comprei essa aliança e comprei geladeira e fogão. Que eu fui me casar.

Me casei em mil novecentos e setenta e sete (1977), que eu me formei nesse mesmo ano. Casei em dezessete de julho de setenta e sete e me formei doze de dezembro de setenta e sete.

Fui trabalhar. Esse meu sacrifício de trabalhar no Abel Coelho, Diocesano e faculdade para ganhar um dinheirinho, era pra pagar também isso aqui [o dinheiro do empréstimo] e manter o casamento. Só sei que eu juntei assim, uns cinco, ou seis meses sem pagar. Não tinha dinheiro. Cinco meses sem pagar nada do crédito educativo, pensava: “quando vierem me botam pra fora, me batem e me levam preso. Fazem que nem pras outras pessoas”. Dois anos depois que João Figueiredo³⁵ entrou, deu anistia, ninguém pagou mais nada do [crédito educativo]. Ainda tenho o carnê bem grosso ali dentro, quando eu me lembro, agradeço a Deus.

Mas a vida é assim, ela é gostosa porque ela foi sofrida. Por isso que eu zelei muito pela Universidade. Eu zelo a universidade. O cara que mexe na Universidade está bulindo em mim. Bulindo na minha família, porque eu eduquei os três aqui dentro com esse dinheiro da universidade. Minha vida está dentro daquela Universidade. Eu zelo por essa Universidade... Os cabras, às vezes: “mas a greve!”. Eu faço greve, mas eu não vou destruir a minha

³⁴ O programa Financiamento Estudantil (FIES), é um programa do Governo Federal, que financia os estudos em instituições particulares de ensino superior, para alunos de baixa renda.

³⁵ João Baptista de Oliveira Figueiredo governou o país no último período da ditadura militar, de 1979 a 1985.

Universidade, não. As negociações se puderem livrar, livra. Passei a ser assessor, vários anos do reitor, pra zelar pela Universidade.

Pra você ter ideia, a eleição que houve, Lúcio Ney o primeiro e eu o segundo. Dagmauro foi o quarto, da lista sêxtupla. Era Lúcio, eu, Francisco José, Dagmauro Aroldo e Antônio Marcos de Estatística. Éramos nós seis. O prefeito³⁶, dos quatro, nomeou Dagmauro. Tinha nada a ver. Dagmauro era gerente da Esplanada. Olhe a política lá dentro. Então, nós sofriamos isso. Mas hoje, graças a Deus, a universidade hoje tem uma eleição diferente. Hoje não tem essa história, eu acredito que o reitor nomeia aquele que for mais votado. Não sei como vai ser a próxima geração, a próxima direção. Eu não sei como é que vai ser não, porque se não for uma pessoa que entenda de política, não dá certo. Política no sentido acadêmico, não é política partidária.

Não tive dificuldades pra ensinar. Nas escolas eu fui dedicado por causa dessa história de gostar. Eu ia na maior simplicidade, natureza... Eu não tinha nada. Não tinha medo, não fiquei com medo. Quando me chamaram pra ir pra faculdade eu tive medo, mas Raimundo Filgueira foi quem me disse: “Não! Nunca diga que não sabe! Tente!”. Aí eu fui! E não estou arrependido não.

Naquele período, era difícil buscar formação, porque você tinha que se dedicar e estudar e ter condições. Pra você ser médico, na década de 1970, era preciso o cabra ter coragem de estudar e passar fome. Ou então ter dinheiro. Aqueles que tiveram coragem de passar fome são melhores profissionais do que os que tinham dinheiro. Porque os ricos daqui, foram se formar, mas não estudaram tanto quanto aqueles que passaram fome na Casa do Estudante³⁷ lá em Natal. Eu tenho vários amigos que são médicos hoje, que eles contam: “rapaz a diferença é grande. Eu me dedicava todo dia debaixo e em cima de um livro, e meu vizinho, filho de fulano de tal no meio da rua, se formou, mas era no meio da rua. E eu to aqui, na batalha”. A dificuldade era grande. O pobre era dedicação mesmo e na Casa do Estudante. Olhava lá pra casa, a janta era o caldo de feijão que sobrou do almoço. Pra gente comer, aquela fila de meninos.

Antes de criar o curso da UERN, aqui não tinha formação. Não tinha, não! Na área de Matemática não tinha. Só tinha Economia, Pedagogia, Agronomia apareceu também, mas com muita dificuldade. Agronomia teve um vestibular que só passou um.

³⁶ O professor se refere ao prefeito da cidade. Nesse período, a prefeitura, que já estava sobre domínio da família Rosado, tinha inteiro poder sobre as atividades da universidade. Cumpre lembrar que nessa época, a Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) era mantida pela prefeitura de Mossoró.

³⁷ É uma instituição filantrópica de apoio aos estudantes do Estado, a instituição de Natal está localizada no bairro Petrópolis.

O cotidiano das escolas era só sala de aula. Não tinha divertimento. Não tinha outra metodologia. Era pra quem quisesse mesmo estudar. Meus irmãos foram pra sala de aula? Foram. Mas não quiseram.

Eu encontrei dificuldades no magistério. Pra você se dedicar, você tinha que ter tempo. Quantas vezes chegava em casa dez horas da noite, a mulher deitada com os meninos, e eu ia pra sala, pra cozinha, demorava lá até uma, duas horas da manhã, preparando aula, corrigindo prova, corrigindo trabalho e quando eram seis horas tinha que estar em pé pra dar aula? Dificuldade. Quando eu passei a ser dedicação na universidade... Eu me aposentei agora na universidade com duas turmas só. Duas turminhas e acabou-se. Eu lecionava oito aulas por semana e acabou. Dá aula ruim se quiser, não prepara aula se quiser, condições tem, livro tem, computador tem, tem tudo. Eu só não quero falar, mas já vi gente que... a história do computador é [sentado e] “Bá, bá, bá, bá, bá, bá, bá, bá....”, olhando aqui pro computador. Eu não sou assim. Eu dava aula em pé e fazia exercício. Eu não sei dar aula sentado, eu estou aqui, quando eu me sento eu fico assim [inquieto]. A minha esposa diz: “homem, sente aí...”. “Eu não sei, trinta e oito anos que ensino é em pé”. Ontem a gente tava na missa, aí eu me levantei: “eu quero dar uma voltinha!”. Mania de [professor]... Eu gosto de aula.

Se teve mudanças? Sim! A Lei de Diretrizes e Bases³⁸ veio para mudar tudo. Você tem que seguir a Lei de Diretrizes e Bases, porque ou você anda de acordo com a lei, ou você fica perdido, principalmente numa universidade. Você tem que ter limite de dias letivos, você tem que ter média, você tem que ter projeto, você tem que ter a sua programação dentro da universidade, e você tem que dar satisfação dentro da universidade. Há mudança sim. Antigamente não tinha isso, não! Antigamente ninguém fiscalizava nada. E hoje não tem muita fiscalização, não. Porque se tivesse mais fiscalização, era mais rigoroso na cobrança. A reitoria coloca seus pró-reitores, coloca seus coordenadores, coloca os diretores, coloca os chefes de departamento, mas eles não têm força de exigir que você faça aquilo, aquilo outro. Não tem como penalizar. Mas a mudança existe. E eu acho que é pra melhor. Hoje é pra melhor.

Mudança na formação? Mudança assim de conhecimento? Com todo respeito. Eu acho que nós tínhamos mais conhecimento que vocês. Nós nos dedicávamos mais. Eu fui assistir a aula de um estagiário de Matemática, eu tive pena dele. Eu disse até aos professores: “rapaz, ou vocês mudam essa metodologia, ou esses cabras não vão dar aula não...” “Rapaz, se vocês não trabalharem agora, olhe, ele tá assistindo aula de Álgebra, de Cálculo três, vai dar [aula]

³⁸ O professor se refere à LDB de 1996.

de equação de primeiro grau, de segundo grau, de logaritmo... Ele não sabe mais não. Homem, você têm que voltar pra cá, tem que ter uma disciplina aqui pra dar o estágio". Na aula de estágio, eu acho que o professor era pra dar uma aula, na sala de aula, daquela matéria que ele vai dar aula, recordando.

No PROFORMAÇÃO os meninos lecionaram Matemática em São Miguel, já agora nos anos 2000. Quando foi no estágio, me botaram. Aí foram estagiar em função. Falei assim: "pode começar, amigo". Me apresentei: "tal, tal, tal...". Disse que queria: "assim e tal, tal, tal...". Deu o formulário, tudo direitinho: "quando é sua aula?". "Tal dia". "Pronto. Eu venho". Não sabia x mais quatro igual a oito. Não sabia. Y igual a x mais quatro, quando y for oito, quanto é x ? Quatro. Pra formar o par ordenado? X , quatro; y , oito. Ele não soube fazer nada. Ele não sabia onde era x no plano, nem sabia onde era y . E errou a subtração. E não sabia fazer equação de primeiro grau. Eu disse: "pronto, eu não vou colocar sua nota, não! Na próxima semana eu venho pra cá e vou dar aula pra vocês! Eu vou dar aula aqui, vocês não vão dar aula, quem vai dar aula sou eu". Eu fui dar aula de função do primeiro grau. Pra ver se passava pelo menos função de primeiro grau, ou então, ia se acabar o curso. Iam ficar perdido. Meu coração é maior que a razão. Eu fui dar aula, ensinei pelo menos a fazer a função de primeiro grau. Que de segundo grau, aquela parábola, ele não faz nunca! Hoje ele não faz essa parábola! Quer nada não, eles não querem estudar.

Agora eu vejo os nossos professores da UERN, eles são muito dedicados à formação dos alunos. Tem muitos que não ligam, não têm metodologia. Houve uma mudança de formação muito grande. Eu acho que nós, a nossa turma, tínhamos mais uma postura de conhecimento e de como se apresentar como professor. Que se você na faculdade é um professor, você lá no ginásio é outro. Seu conhecimento é o mesmo, dois mais dois são quatro lá e dois mais dois são quatro aqui. Agora na faculdade você se transforma e aqui tem que se apresentar direito, porque aquele aluno se espelha muito no professor. E quando ele gosta da matéria, ele leva tudo. O conhecimento que ele está passando e a postura que ele vê, dentro e fora da sala de aula. Não adianta você dar uma aula aqui, e mais tarde estar bêbado no meio da rua, deitado no chão. Rasgado, fumando droga. É o que a gente vê muitos professores, eu vejo muitos colegas meus... Padre Sátiro botou pra fora uns quatro, naquela época. E os alunos vivem lá fora. Que postura é essa? E a gente vê muito aqui dentro. Muito professor da rede Estadual que se droga. E aquele aluno que está na sala do científico, segundo grau (dentro do ensino médio hoje), está lá na festa bêbado também. Se houver uma [festa] na

Estação das Artes³⁹, eu vou tomar uma cachaça, brigar lá e ficar todo diferente daquela postura que eu tenho? Então se acaba com isso a educação, não tenho mais força lá dentro...

Hoje a formação ainda não está como o desejado. A estrutura ainda está deficitária. Hoje você vê ainda falta de carteira. Não tem mais sentido. Século vinte [e um], para uma universidade de nome. Com quase mil professores, quase mil funcionários, quase doze mil alunos efetivos, trinta mil alunos em todo o Rio Grande do Norte (com cursos de extensão, tem na faixa de trinta mil). Essa Universidade era pra estar com o nome diferente. O orçamento dela, eu acho que é o mínimo que se possa dar para estrutura, mas infelizmente o governo do Brasil ainda sente o prazer de abandonar a educação. É sentir o prazer. Porque saber que precisa de melhoria, sabe! Mas quer que sofra. Eu assisto a TV Senado, a gente vê, só fala: “priorizar a educação”. É mentira, pra mim. Eles não querem prioridade pra educação, porque se quisessem, não tinha essa história... Se aprovaram um salário base, cumpra! Bote pra fora o prefeito que não pagar, o governo que não pagar. Mas não... Eles fazem, se acomodam e está aí a educação perdida. Ai, a saúde e a violência. Eu acho que eles sentem prazer em destruir. Agora também, nós estamos muito culpados na nossa consciência de no dia três de outubro⁴⁰, votar nele de novo. Sadismo. Só gosta mesmo apanhando.

A coisa mais triste do mundo é o professor perceber que o aluno se transforma porque não gosta da sua aula. Ele não gosta por quê? Porque aquele professor não estuda pra dar aula. Por quê? Por que não estuda? Porque não tem estrutura, não tem a parte financeira, não tem livro pra pesquisar. Então, uma coisa vai juntando com outra, então desestimula. Fica perdida a educação. As escolas não deixam a gente ficar à vontade. Eu me lembro quando eu ensinava no Abel Coelho, no Diocesano e na universidade, eu jogava bola com meus alunos. A gente marcava encontro dia de domingo. Professores jogavam bola com os alunos. No Diocesano havia disputa, professores e alunos, dia de sábado. A gente ia. Então há um prazer de apertar a mão como um professor e apertar a mão como um colega. De ficar brincando: “ganhei de você de um a zero, não sei o que e tal”. É uma família. Entendeu? É uma interação. Você trabalhava com eles fora da sala de aula. Quando a gente se encontrava no meio da rua apertava a mão. O respeito: meu aluno, meu professor. Já apartei briga com aluno, ele brigando com outra pessoa lá dentro numa festa. Eu cheguei: “ei rapaz, que é isso?”. Ai: “não, é por que...”. Acalmava, trazia pra cá, apartava o outro lá. Eu já apartei briga em festa, aquele

³⁹ Estação das Artes Elizeu Ventania, antiga Estação Ferroviária de Mossoró, foi reformada e é o espaço onde, hoje, acontecem grandes eventos culturais da cidade.

⁴⁰ O professor falou essa data, pois, por alguns anos, as eleições aconteceram nela.

respeito que ele tinha por mim, porque lá dentro da sala de aula eu me impus. Como eu já vi também aluno fazer o que não devia com um professor. Eu já vi!

Em termos de salário, sempre Mossoró sofreu. E os prefeitos nunca quiseram também [resolver os problemas educacionais]. Raimundo Soares fez aquele colégio [o ginásio municipal], e só. Mas fazer o colégio resolve? Tem que manter o colégio. Chegou outro: “ah! O colégio tá feito, tá bom, continue aí, que aqui não tem dinheiro.”. Mas tem! Ele prefere gastar o dinheiro na política pra se manter. Todos são assim.

Eu agradeço por ter me escolhido para realizar essa conversa.

Entrevista com o professor José Arimatéia

Duração da Gravação: 01h 32min 31s

Local: Residência do Colaborador (Mossoró/RN)

Data da entrevista: 19/10/2011



*M*udanças

*A professora Maria das Graças
Fala agora de mudança.
Agrônoma de formação
Mas lecionou desde criança.
Batalhou muito na vida
E traz na memória a lembrança...*

*Nasceu em Mossoró,
No ano de cinquenta e três.
Não esconde um só sorriso
Contando as peraltices que fez,
Lembra detalhes da vida,
Pois esses agora têm vez.*

*Falou da organização e rigor
Das freiras, no colégio que estudou.
Lembra que pra ela foi um “choque”
As diferenças pra onde mudou.
Ainda narra experiências dos lugares
Por onde depois voltou e ensinou.*

*Cedo, pela ESAM se aposentou,
Pois logo começou a lecionar.
Da Matemática disse sempre gostou
Até quando parou de trabalhar,
Coisa que desde pequena ficou
Ao lado de seu pai a realizar.*

Professora Gracinha

Eu sou Maria das Graças Bezerra Sathler, sou mossoroense, nasci em quatorze de outubro de mil novecentos e cinquenta e três. Minha formação é em Engenharia Agrônoma, com mestrado em Engenharia Agrícola pela UFV¹ (em Viçosa/Minas Gerais). Eu sempre trabalhei com ensino, aos quatorze anos de idade já tinha uma escolinha particular em casa, e depois que eu entrei na faculdade passei a trabalhar nos colégios da cidade, e quando terminei o curso de graduação, fui contratada pela UFERSA² (antiga ESAM), onde eu passei o resto de minha vida profissional, até me aposentar, mas sempre trabalhando com magistério. Foram vinte e sete anos em sala de aula.

O meu pai é Manoel Bezerra da Cunha, minha mãe Francisca das Chagas Cavalcante Bezerra. Ele era do interior, veio pra cá para tentar a vida, meu pai trabalhava e estudava. Aqui em Mossoró, fez o curso Técnico da antiga União Caixeiral³, o Técnico Comercial. Depois, ele virou um pequeno comerciante, e eu, na minha fase de infância e adolescência, trabalhei com ele, nessa lojinha. Lá, em todos os momentos que era preciso de alguma forma usar a Matemática, fazer alguma conta, ele sempre [me chamava]... Ele me dizia que Matemática era muito difícil, mas sempre me incentivou muito a estudar Matemática. Então, talvez tenha sido a primeira pessoa que me influenciou a procurar, a estudar mais, me aperfeiçoar e me dedicar à Matemática. Depois, o colégio das freiras⁴, onde eu estudei, conhecido pelo rigor e pela competência, acho que talvez tenha tido também alguma influência. Minha mãe sempre foi dona de casa. Eles sempre estimularam os filhos a estudar, se preocupavam com isso. Tenho mais três irmãos, somos uma família pequena. E hoje meu núcleo família: meu esposo, Nilson Sathler, foi professor também, já está aposentado, e eu tenho duas filhas, a Julianne Bezerra Sathler, que é farmacêutica, bioquímica, mas atualmente está fazendo Direito, e outra filha Marianne Bezerra Sathler é advogada e mora em Brasília. Pronto. Minha família é basicamente isso, e é um presente de Deus.

A minha infância não teve muita coisa especial... Eu costumo até dizer que se eu fosse criança hoje, seria absorvida pelo PETI⁵, porque eu fui uma criança que sempre trabalhou muito. Digo também às pessoas que não sei nadar nem andar de bicicleta, e que isso é coisa

¹ Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/Minas Gerais.

² Universidade Federal Rural do Semi Árido, antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM).

³ Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, criada em 1935, deixou de funcionar em 2002.

⁴ Colégio Sagrado Coração de Maria, mais conhecido por Colégio das Irmãs; instalado em Mossoró no ano de 1912, ainda encontra-se em funcionamento.

⁵ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

de infância mal resolvida, porque, como lhe disse, desde a infância eu trabalhava com meu pai numa lojinha e quando não tinha freguês no balcão, eu estudava. Sentava num tamborete de couro, me lembro demais, com um livro no colo... Então, minha infância foi assim... Sou sobrevivente, tive uma febre tifoide que foi muito forte, fui desenganada, em Fortaleza. Escapei porque... era pra sobreviver! Mas, a minha infância foi assim, uma infância normal, natural, em casa com os irmãos, estudando, trabalhando... sem muita coisa de especial, sem nenhum fato marcante.

Trabalhando e estudando, também foi a juventude em Mossoró! Poucas festas, quase nenhuma viagem... Tibau⁶. Sempre me dediquei muito aos estudos, coisa que me acompanhou durante toda a vida. Sempre! Principalmente Matemática. Eu me lembro que ficava bastante insatisfeita quando chegava o final do ano e os professores não cumpriam todos os capítulos, não davam o conteúdo todo do livro. Então, eu pegava os livros de Matemática e estudava sozinha nas férias, até fechar todo o conteúdo. Assim a infância e a juventude foram basicamente isso... Estudar!

O cotidiano da cidade? Vixe, era muito diferente. Muito diferente. Durante a infância, como eu lhe disse, era muito trabalho e o tempo que a gente tinha mais pra brincar era à noite. Eu morava na Rua Tibério Burlamaqui, naquela casa onde funcionou a Repet⁷. Ali a rua era de areia. A Rua Prudente de Moraes era um riacho. Quando chovia, pra eu ir para a aula, meu pai e minha mãe faziam aquilo que o pessoal chama de cadeirinha (com os braços) e me passavam, fardada⁸, por dentro do riacho... Ali, realmente corria água... Mossoró era muito diferente. Os postes de madeira. E a gente brincava na rua, à noite. Os vizinhos sentavam na calçada, e a gente brincava um pouco. Brincava correndo na rua... Muito diferente. Cidade tranquila... A gente conhecia os carros de todo mundo, quando avistava um carro, dizia: lá vem fulano. Porque a gente sabia que aquele carro era do fulano, uma realidade bastante diferente. Na adolescência, juventude, que foi toda aqui, também era um contexto bem [diferente]. Mossoró tinha alguns colégios bons: o colégio Diocesano, o colégio das Freiras e o colégio Estadual, bem conhecido na cidade. O pessoal, eu acho que era bastante caprichoso, dedicado e sério. De resto era uma cidade tranquila, muito pequena... a gente ainda ia pra o Cine Cid a pé e voltava, no domingo à noite, sem nenhum problema... Não existia [violência].

Em Mossoró, nas décadas de 1970 e 1980, os bons colégios daquela época, realmente levavam o ensino a sério. Considero o colégio das irmãs Sagrado Coração de Maria e o

⁶ Cidade litorânea próxima a Mossoró, distante aproximadamente 40 km.

⁷ Empresa que trabalha com Artes Visuais: impressões, Xerox, designer gráfico etc.

⁸ A professora se refere ao uniforme escolar.

colégio Diocesano, onde eu estudei, impecáveis. Além desses dois eu me lembro do colégio Estadual⁹, do Abel Coelho¹⁰ e mais algumas escolas públicas... Mas, eu sempre estudei nos dois primeiros colégios. Lá no Sagrado Coração de Maria, até a quarta série ginásial (que hoje é o nono ano), e depois eu passei pra o colégio Diocesano¹¹, onde eu fiz o científico e me preparei para o vestibular. Mossoró era uma cidade pequena, e na rede particular, eram os preferidos: o colégio das Freiras e o colégio dos Padres. Quem podia colocava os filhos, fazia um esforço grande, se necessário, porque achava que lá ia ter uma formação melhor.

Os costumes familiares também eram muito diferentes. Os pais tinham uma autoridade silenciosa sobre os filhos. E os filhos acatavam muito as orientações paternas. Nas escolas, a gente realmente tinha e cultivava amizades, com os professores, com os colegas de classe... Os fatos mais marcantes, de costumes naquela época, que me lembro, eram na política. Quando chegava a política eu achava muito interessante... Mossoró tinha um partidarismo muito acentuado. As pessoas chegavam, às vezes, até a se matar por causa de candidato. Diferente de hoje, o enfoque no aspecto cultural era menor, era mais frágil. Hoje o aspecto cultural é bastante evidenciado, o poder público se preocupa muito com isso. Naquela época, não! Não me lembro de Mossoró ter eventos como hoje, que marcam o calendário da cidade e que a torna conhecida em outros locais. Naquela época não existia isso. Havia os desfiles cívicos do sete de setembro, do trinta de setembro¹², a gente desfilava, mas era um desfile de farda normal... Um fato diferente, é que, naquele tempo, a gente viveu na época da ditadura, e eu lembro que todas as quintas-feiras nós tínhamos que ir ao pátio do colégio e cantávamos o Hino nacional, e no colégio, obrigatoriamente, o retrato do ditador exposto. Ficava na entrada do colégio. Grande! Então isso é uma coisa que me chamou atenção. Também havia uma disciplina que hoje não existe mais: Organização Social e Política Brasileira, a OSPB, que tratava da parte mais cívica, dos poderes, da organização do Estado.

A política em Mossoró era terrível. Era uma coisa horrorosa... meu Deus do céu... Basicamente, o partido de Aluísio Alves¹³ encantava o povo. Inclusive, até hoje, fico imaginando como é que Aluísio Alves, um jornalista recém formado, de uma família sem

⁹ Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

¹⁰ Escola Estadual Abel Freire Coelho, instalada na cidade no início da década de 1980.

¹¹ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

¹² Grupo Escolar Trinta de Setembro, criado em 1909 no governo de Alberto Maranhão, segunda instituição pública de ensino instalada na cidade.

¹³ Aluísio Alves foi um importante político do Estado, tendo sido governador nos anos de 1961 a 1966, foi cassado pelo AI-5 em 1969.

nenhuma projeção política, pobre, nascido numa cidadezinha pequena, como é Angicos¹⁴, conseguiu derrotar o candidato do partido que há muito tempo estava no poder. Então, ele tinha um poder, uma coisa que não é próprio só de político. Ele tinha a capacidade de despertar uma comoção popular. Ele fazia umas vigílias. A minha mãe era uma que saía correndo (eu ficava com uma raiva!) com um pratinho de sopa pra dar pra ele tomar em cima do caminhão, aonde ficava três dias e três noites sem descer daquele caminhão... Então ele ficava rouco, ele não podia falar, inchava as pernas, os braços, e o pessoal corria atrás dele como se tivesse correndo atrás de um santo. Descia do caminhão, nos braços do povo no final do terceiro dia. E as pessoas iam pras passeatas. Eu via muita gente com um mamoeiro na mão, porque o partido usava a cor verde. O pessoal ia pras passeatas, arrancavam os ramos das plantas de Mossoró. Aí, tinha o trem da esperança. Pintavam o trem todo de verde (Mossoró nessa época tinha a estrada de ferro). E lá vinha ele pelo interior todo, nas cidades, juntando gente até Mossoró. Em Mossoró havia um homem, que chamavam o homem do carneiro verde, morava na Felipe Camarão, a casa dele era toda verde, as janelas eram verdes, ele só usava roupa verde e tinha um carneiro, com a lã toda pintada de verde. Nas passeatas e nos comícios, ele levava esse carneiro desfilando pela cidade. Pois é! Interessante que eram esses dois partidos, o partido de Aluizio Alves contra os Rosados¹⁵, Dinarte Mariz¹⁶, naquela época. E ele conseguiu vencer. Conseguiu derrotar esse pessoal. E eu fico pensando como é que uma pessoa sem dinheiro, sem nada, sem família com tradição política consegue isso! É uma capacidade muito grande. E seu legado permanece até hoje. Os Alves permanecem, e ele foi quem começou... Mas a política era assim, era uma coisa. Eram dois partidos, ou você era daqui, ou era de lá.

Mossoró, naquela época, na década de 1960, economicamente falando... Eu nem me preocupava muito com isso, a minha preocupação era só estudar! Eu sempre fui voltada muito só pra meus livros... Mas eu me lembro que girava em torno do sal, tinha também a questão do algodão. Naquele tempo ainda não havia a praga do bicudo¹⁷. Então, o algodão era um fator econômico muito forte na região. Carnaúba¹⁸ também! O pessoal extraía a cera da carnaúba. Eu acho que era basicamente isso... E o comércio! O comércio de Mossoró era

¹⁴ Cidade localizada na microrregião homônima, distante aproximadamente 171 km da capital Natal e 106 km de Mossoró.

¹⁵ Família Rosado, um dos grupos oligárquicos do Rio Grande do Norte, está no poder da prefeitura de Mossoró desde a década de 1940.

¹⁶ Dinarte de Medeiros Mariz foi o governador do Rio Grande do Norte de 1956 a 1961.

¹⁷ O *Anthonomus Grandis*, mais conhecido como “bicudo do algodão”, é um besouro que causa prejuízos na plantação de algodão.

¹⁸ Árvore típica da caatinga, muito utilizada para produção artesanal. Por muito tempo, o seu tronco foi utilizado para a construção de casas. A cera também é utilizada na indústria farmacêutica e na de cosméticos.

muito pequeno. Tinha umas duas ou três lojas de material de construção, tinha o mercado público, era como se fosse o shopping hoje. Ali o comércio era forte, dentro e fora também. Ao redor do mercado, entre o Mercado Público e aquela praça, ficavam as barraquinhas. Vendiam calçados, confecções, e no outro lado, no lado da Gauchinha¹⁹, ali era a parte de... Seria o que hoje é a CEASA²⁰, a Cobal, onde vendiam frutas, verduras... o comércio de Mossoró era isso! Sistema de transportes era o trem, servia tanto para o transporte de cargas, os produtos que eu lhe falei, como passageiros também, para algumas cidades, até interestadual. Souza²¹, na Paraíba, sei que tinha trem prá lá! E transporte rodoviário. A cidade era realmente muito, muito diferente. Muito marcada pelas enchentes. Mossoró só tinha uma ponte. Então o rio Mossoró foi dicotomizado e depois foi tricotomizado²², isso foi uma necessidade que a população foi sentindo, devido às enchentes, porque Mossoró era alagada... Se você for em algum museu, alguma coisa, você vai ver o centro da cidade completamente alagado. Era desse jeito! E as pessoas se conheciam, era uma cidade tranquila, mas hoje é melhor. Com todos os defeitos, os problemas que possui, hoje é melhor. Mossoró é uma [maravilha]...

Eu acho que a própria localização da cidade sempre lhe conferiu esse *status*, não é!? Porque na realidade ela está na passagem de Natal pra Fortaleza, duas capitais mais [desenvolvidas]... Devido ao sal, Mossoró é conhecida em todo país. Naquele tempo não tinha petróleo. Ainda não tinha! Aconteceu um fato interessante na minha infância em relação ao petróleo. Ali perto das antigas caixas d'água, foram cavar um poço pra pegar água. Ao invés de encontrarem água, encontraram um óleo preto. Naquela época, um óleo preto que ninguém sabia o que era... Nós fomos olhar, papai, mamãe, nossos irmãos, porque o fato chamou a atenção de todos. Só que fecharam, ficou vedado. Eu tenho a impressão que já era petróleo. Olhe, isso é coisa do meu tempo de criança e eu já tenho cinquenta e oito anos. Mas, aconteceu esse fato aqui em Mossoró. Não tinha petróleo ainda sendo explorado não, mas já tinha querendo sair... Mas o sal eu acho que era a coisa mais importante, não só para a região, mas para o país todo.

¹⁹ Churrascaria localizada no centro da cidade.

²⁰ Central de Abastecimento do Rio Grande do Norte S/A (CEASA), ainda muito conhecida popularmente por Cobal, é um mercado de venda de frutas, legumes, carnes e verduras.

²¹ Cidade localizada na mesorregião do Sertão Paraibano, fica a aproximadamente 427 km da capital João Pessoa e 243 km de Mossoró.

²² Processo de divisão em outras partes. Na dicotomização foi construído outro “braço” no rio (como denominado por especialistas), na tricotomização ocorreu o mesmo, ou seja, o rio, hoje, possui três braços para um maior escoamento da água.

Lembro da rotina escolar. O colégio das irmãs, como é conhecido, é um modelo de disciplina, de organização, de rigor em costumes, em tudo. Muito interessante. Pra você ter uma ideia, a gente tinha aula de etiqueta: aprendia a comer, usar talheres, ensinava até como comer tapioca²³, que é um costume de nossa região. Até para isso tinha uma professora. Tinha aula de música e eu me lembro que o colégio oferecia violão e piano. E eu cheguei em casa dizendo que queria aprender a tocar violão: “não, não vai de jeito nenhum, por que violão vai pra bar, sai à noite, você vai aprender a tocar piano!”. “Pois piano também não quero!”. Não fui. O aspecto religioso. Nós tínhamos visita à capela do colégio. E as festas fortes do ano! Dia das mães, o colégio fazia uma festa imensa. No Natal, no encerramento do ano letivo, o colégio preparava outra festa, e um dos números apresentados era a Missa do Galo. A missa do galo é o nome que se dá a missa celebrada a meia noite por um padre, porque os galos já estavam quase cantando, devido ao horário; quando terminava já era quase de madrugada. Só que, nessa peça, um monólogo, a criança (atriz), pensava que a missa do galo era uma missa celebrada por um galo, e lembro que o final do monólogo era assim: “Eu pensava que fosse um grande galo, numa roupa de padre a rezar, falando parecido como eu falo, e no fim bater as asas e cantar: cocoricó”. E o que foi que aconteceu? Quem ia apresentar a peça era uma colega da minha turma, e o monólogo eram duas folhas de papel almaço escritas à mão. A freira entregava o texto, com aquela letra linda dela, tudo manuscrito mesmo, pra menina decorar e apresentar lá no palco, no dia da festa. Faltando assim, mais ou menos, uns três dias pra a festa, a menina arriou de sarampo. Aí me chamaram: “você vai aprender isso aqui pra apresentar”. Eu relutei: “não”. A freira: “você está dispensada de dever de casa, de tudo, mas você vai apresentar isso daí!”. E eu fui lá e decorei a missa do galo e apresentei. E sabe? Fui muito aplaudida... Então isso é um fato pitoresco da minha vida de colégio. Foram os cinco minutos de fama da minha vida!

Pois a rotina de colégio era isso! Horário certinho, fardamento tinha que ser impecável. Ficava uma freira no portão medindo o comprimento da saia. A saia tinha que ter aquele comprimento, tantos centímetros abaixo do joelho, senão, voltava! Ninguém podia usar nada de cor diferente no cabelo, era azul e branco, azul e branco, acabou! Ambientes todos limpos, tudo organizadinho. A maior aventura para as alunas era conseguir chegar no dormitório das freiras. Um dia nós conseguimos. Quando eu saí do Sagrado Coração de Maria e vim pro colégio Diocesano, no final da década de 1960, eu achei uma diferença muito grande! Para começar era misto. Então isso foi quase que um choque, e também aqui era

²³ Comida típica da região, feita à base de farinha de mandioca.

muito mais à vontade, muito mais aberto. O colégio das freiras tinha uma linha muito rigorosa. O que foi muito bom pra minha formação, porque eu penso que todo ser humano precisa de limites. Não exageradamente, mas pra se manter num padrão de comportamento que depois vai ajudá-lo no resto da vida. Então, eu achei isso muito interessante.

Eu sempre gostei bastante de estudar. Sempre! Estudei bastante! A minha primeira escola foi uma escola particular. Com cinco anos, eu fui matriculada numa escolinha particular perto de casa, e nessa escola eu fui alfabetizada. Aprendi a fazer ditado, aprendi as quatro operações, lia corretamente... Aí no ano seguinte, eu fui para o colégio das freiras. O colégio das freiras, naquela época, tinha o jardim de infância e tinha o pré. Depois se entrava no primeiro ano. Pela minha idade, eu tive que entrar no jardim de infância do colégio. O jardim de infância funcionava num cercadinho, aquelas mesinhas e cadeirinhas... E eu fui toda feliz pro primeiro dia de aula no colégio, só que minha atividade nesse dia foi uma folha com um “a” minúsculo pontilhado pra eu coordenar. E só! Eu já fazia ditado, lia corretamente, sabia fazer as quatro operações... Eu cheguei em casa, “abri a boca a chorar”, quase que enlouqueço minha mãe: “que eu não vou pra essa escola; eu quero estudar; isso aqui não dá certo”. Por que era só um “a”. Eu já sabia ler, escrever, tudo. Aí fazer só um “a” o dia todinho? Eu queria mais. A minha mãe reclamou porque tinha feito a matrícula, tinha pago a matrícula, tinha comprado o material, inclusive a farda, que era diferente, uns aventalinhos, umas roupinhas bem infantis. Mas não teve acordo, eu chorei, chorei, que não ia de jeito nenhum. Foram minha mãe e meu pai para o colégio falar com a irmã e explicaram a situação. No outro dia, no colégio, eu fui transferida para o pré, e também no pré só fiquei um dia! Quando cheguei lá, o que era a atividade? Era “BA”... Outro choro, outra confusão em casa! Finalmente, fui pro primeiro ano. Mas, a irmã diretora advertiu meus pais: “ela vai, mas quando ela chegar ao exame de admissão²⁴, ela vai parar!”. Porque, naquele tempo tinha o controle da idade, na vida escolar. Mas, eu queria saber? Eu fui! Aí, fiz o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto ano. Naquela época, no quarto ano, você poderia fazer o exame de admissão sem fazer o quinto. O exame era tipo um mini vestibular, se você passasse, você entraria na primeira série ginásial. Eu não tinha idade nem para estar na quarta série, mas eu disse: “eu vou fazer o exame de admissão”. A minha irmã mais velha que eu, já fazia o quinto ano. E naquele tempo também existiam os cursos preparatórios pra o exame de admissão, mas eu não fui pra o cursinho. Peguei o livro da minha irmã, e eu estudava, sabe!? Era um livrão grosso, chamado Programa de Admissão, com todas as disciplinas. Estudei e fui fazer o

²⁴ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

exame de admissão. Quando eu cheguei no exame de admissão, já na fila, para entrar, a freira me disse: “você não vai entrar, você não vai fazer o exame!”. Eu disse: “eu vou!”. Ela: “não vai!”. Meu pai trabalhava no mercado e ele tinha muita amizade com o doutor Mozart, que era juiz em Mossoró e tinha também um escritório pertinho do Cine Cid. Então, quando a freira disse que eu não faria o exame, eu voltei, saí correndo, fui até a lojinha de papai, no mercado, cheguei lá: “papai, a irmã não quer deixar eu fazer, vá falar com doutor Mozart, vá falar com ele”. Ele: “Menina, pelo amor de Deus”. Eu: “Vá, vá!”. Fiquei lá. Ele foi correndo. Doutor Mozart mandou uma autorização do próprio punho. Sei que, quando eu voltei para o colégio com isso, suada e ofegante, o pessoal já estava na sala, mas entrei, fiz e passei! Então, minha vida estudantil foi bem precoce. Eu terminei bem cedo. Eu entrei como professora na universidade muito cedo. Me aposentei muito cedo. Eu me aposentei com quarenta e dois anos de idade. E as pessoas se assustam por isso, mas é porque eu comecei muito cedo! Com dezoito anos já tinha carteira assinada como professora, aqui do colégio Diocesano, foi o Padre Sátiro Dantas²⁵ que assinou. Ensinava no colégio, no científico (naquele tempo era o científico). Pois é! É a minha vida. Mas sempre estudei muito! Por esses fatos você vê que eu fui uma pessoa que sempre me dediquei. Tive gosto! Pra mim, era prazeroso estudar! Eu não estudava por obrigação. E Matemática, então, era realmente prazeroso, eu me sentia bem! Pegava um livro, uma série de exercícios e resolvia, um por um, ia olhando a resposta e conferindo. Então aquilo era gratificante, pra mim sempre foi prazeroso. E ensinar também! Graças a Deus, eu passei minha vida fazendo o que eu gostava de fazer.

Embora a Matemática tenha sido especial, por incrível que pareça, eu também gostava muito de Português (inclusive eu cheguei a dar algumas aulas no colégio das irmãs, no curso ginásial) e Ciências. Na faculdade me chamou muita atenção a parte de fisiologia vegetal, fisiologia animal, a questão do funcionamento dos organismos. Disciplinas que eu não gostava muito eram aquelas puramente teóricas, que exigiam apenas memorização, então, essas disciplinas eu estudava, me saía bem, mas não tinha fascínio por elas, não!

Professores marcantes: Irmã Natália, do colégio das freiras, me marcou bastante. No colégio Diocesano, Alcivan Honorato, meu professor de Matemática, um bancário do Banco do Brasil. Alcivan, eu acho que ele fazia comigo umas provocações didáticas e bem intencionadas em sala de aula. Por exemplo, ele estava ensinando funções; ele pegava no livro, na série de exercícios para achar o domínio de função, o exercício mais complicado e botava o exercício no quadro e dizia: “eu dou um dez para quem vier resolver isso aqui”. Era

²⁵ Padre Sátiro Cavalcante Dantas, desde a década de 1950 é diretor do Colégio Diocesano Santa Luzia, o mais antigo colégio em funcionamento da cidade e ainda um dos mais importantes.

tipo provocação! Aí eu ia lá e resolvia... Ele é uma pessoa que também marcou. E na ESAM, eu tive como professor de Matemática, o professor Vingt-un Rosado²⁶, que não tinha, digamos, uma didática maravilhosa. Era uma pessoa já bastante idosa! Mas ele me impressionou muito pela honestidade com que tratava a disciplina, os alunos, a maneira dele se comportar. E na Universidade foi uma pessoa que realmente me deu oportunidade. Ele, sentindo o gosto que eu tinha por Matemática, no segundo semestre da faculdade, me convidou para ser auxiliar dele, porque eu não podia ser monitora, porque não tinha pago todas as disciplinas de Cálculo... Então, fiquei um semestre como auxiliar dele. Ele me pagava. Eu precisava de dinheiro. A minha família tinha dificuldades. Não tinha esse dinheiro todo. Mas ele me pagava tipo uma bolsa, do salário dele! E eu ajudava na correção de provas, nas aulas práticas, resoluções de exercícios... Eu cursava o segundo semestre e essa ajuda que eu dava, era no primeiro que eu já tinha pago²⁷. Quando era pra elaborar trabalho, ele fazia umas listas de cem exercícios, então eu ajudava, organizava. No semestre seguinte, eu fiz o concurso de monitoria, pois eu já podia. Fiquei como monitora até o final do curso. Então ele me impressionou bastante por isso. Também tive outros excelentes professores que não eram dessa área tecnológica, mas que me impressionaram muito, um deles foi Larry Barbosa. Hoje ele é aposentado, e mora no Ceará. Larry era professor de Fisiologia Vegetal. Era uma pessoa que desenhava maravilhosamente bem. Ele fazia esquemas no quadro, muito interessantes, e a parte de fisiologia, como eu disse agora a pouco, foi algo que me encantou muito, também. Tanto a parte vegetal, como a animal. Aldenor Gomes, professor da área de Administração Rural e Pedro Almeida Duarte que também foi meu professor. Tive muitos professores bons, muitos!

A gente tinha aulas concentradas num período, ou era matutino ou era vespertino e tinha provas depois do expediente, cinco e meia da tarde. Tínhamos que fazer três provas e um trabalho em cada disciplina. Podia passar por média, quem conseguisse. O sistema que os professores adotavam era, praticamente, aula expositiva, não existiam os recursos que se tem hoje. Nilson, meu marido, encerrou a vida profissional dele há um ano atrás. Trabalhava com Desenho Técnico, mas utilizando o AutoCAD²⁸. Ele trabalhava numa sala em que cada aluno tinha um computador exclusivo para ele. Então, é muito diferente o que se tem hoje, com os

²⁶ Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, foi vereador de Mossoró e esteve à frente da implantação da antiga Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), além disso, fundou a Coleção Mossoroense, uma das editoras brasileiras com o maior número de títulos publicados.

²⁷ A professora emprega o termo pagar, se referindo a ter cursado a disciplina, esse termo é aplicado comumente dessa forma na região.

²⁸ *Software* de desenho, muito utilizado para fazer plantas de casas.

recursos atuais... Quando a gente conseguia, naquele tempo, slide, pra ver transparência, era já um avanço muito grande! Era mesmo a fala e o giz. O sistema, nessa época, era isso. Os estudantes eram organizados no diretório acadêmico, faziam reivindicações, promoviam festas.

Não tive dificuldades nos estudos. Graças a Deus, e pela “ralação” que me conformei em fazer a vida toda, sempre me saí bem nas disciplinas. Passei por média em quase tudo... Não gosto nem de dizer isso, porque parece uma autopropaganda, mas eu ganhei uma medalha de ouro na ESAM, porque tive média superior a nove em todas as disciplinas que cursei. Então, nunca tive problema em passar nas disciplinas, não! Problemas com professores foram raríssimos. Eu me lembro que, na faculdade, tive problema com um professor, porque ele era engenheiro do DNER, hoje DNIT²⁹. Ele não tinha tempo de preparar aula. Como eu não tinha muito tempo pra estudar, e trabalhava também, assistia aula na primeira fila. Tinha dia que eu sentava e só me levantava quando ia embora; e eu perguntava muito, porque gostava de aproveitar o máximo das aulas, e ele não respondia nada! Fiquei muito aborrecida, joguei o livro em cima da carteira e saí da sala. Foi a única vez que me afobei assim com um professor.

Precisei trabalhar cedo! Quando entrei na faculdade, eu já trabalhava. Como eu lhe disse, desde criança já trabalhava. Em 1971, fui trabalhar no colégio das freiras; com dezessete anos era professora do Colégio Coração de Maria, com dezoito passei para o colégio Diocesano, onde eu fiquei até me formar. Depois de formada, 1975, ainda fiquei um ano ensinando no cursinho do Diocesano. Depois, fiz concurso e fui ensinar [na ESAM]. Ensinei um semestre na UERN também, no curso de Economia. Deixei o colégio e fiquei só na ESAM, pra me dedicar melhor.

A dificuldade que tive foi pra realizar os estudos. Como eu lhe disse, meu pai era um comerciante pequeno, minha mãe dona de casa. E a gente não tinha esse dinheiro todo, não! Ele, muitas vezes, (como eu trabalhava com ele, eu via) juntava dinheiro de troco para poder pagar o colégio. Talvez isso tenha pesado muito também, para eu valorizar aquela dificuldade que ele tinha, e dar uma resposta pra eles. Aquele esforço que ele fazia e a minha mãe também, porque ela não trabalhava fora, mas dava condições pra gente estudar. E até hoje eu sei que eu devo muito a eles. Esses episódios são coisas que não esquecemos nunca! Para poder ir pro colégio, não tinha carro, não! Depois meu pai comprou uma vespa, aí ele ia buscar a gente no colégio. Quando eu vim estudar no colégio Diocesano, eu não tinha carro,

²⁹ Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), antigo Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER).

eu pegava carona com doutora Kátia Dantas Cavalcante Rosado, daqui de Mossoró, uma ginecologista. Lembro demais disso! Pegava carona com ela e Dix-Sept Sobrinho, eles namoravam e tinham carro. E eu me lembro de, algumas vezes, que eles vinham embora antes de mim, por que a aula deles terminava mais cedo. Então, você veja bem, do Diocesano pra Igreja São José é relativamente longe, pra uma estudante vir sozinha, depois das dez da noite. Além disso, em Mossoró, onde hoje é a Estação das Artes³⁰, havia o que se chamava “buraco do tatu”. Era, talvez, o ambiente mais assustador de Mossoró, meio perigoso, meio carregado, mas eu era muito caxias³¹ e pra não perder aula, às vezes, faltavam duas aulas pra eu assistir ou uma aula, eu ficava no colégio. Quando terminava, eu ia pra casa quase correndo, sozinha à noite, com medo, passava ali [no “buraco do tatu”]... Então, essas coisas ficam na memória, a gente não esquece. Não tive problemas com professor, nem com colega de sala, pois naquele tempo não tinha bulling.

Em relação às mudanças durante o período que eu estudava: as mudanças que eu senti, como já disse. Na época do golpe³², teve a questão da disciplina, do hino nacional, do retrato, mas em termos de conteúdo, não! E a mudança que eu vejo também foi a diferença, a metodologia e o sistema entre colégios. O Diocesano também foi muito importante na minha formação, na minha [vida]... Contribuiu bastante! Sobre leis, regulamentos, decretos, que tenham modificado o ensino... na época, eu não estava muito ligada nisso, não. Eu queria estudar, passar de ano, fazer o vestibular, me formar, trabalhar e ganhar dinheiro.

Meu primeiro contato com o ensino foi aos quatorze anos de idade, escolinha particular em casa. No Educandário São José³³, no bairro São José. Meu primeiro contato com o ensino foi esse! Eu dava aula de sete da manhã até meio dia. Era horário particular, então, de sete às oito era uma turminha, oito às nove era outra... Essas crianças estudavam nos colégios, em outras escolas. Eu ensinava o dever de casa, fazia ditado, cópia, ensinava a tabuada, um apoio além do colégio. Assim foi meu primeiro contato com o ensino. Em 1971, tornei-me professora no Colégio das freiras; em 1972 entrei no colégio Diocesano. Em 1975, eu já trabalhava na ESAM, em 1976 fui professora na UERN, mas foi só um semestre à noite. Eu já trabalhava o dia todo!

³⁰ Estação das Artes Elizeu Ventania, antiga Estação Ferroviária de Mossoró, foi reformada e é o espaço onde, hoje, acontecem grandes eventos culturais da cidade.

³¹ Termo empregado para dizer que a pessoa estuda muito, que é muito dedicada e dá muita importância ao estudo.

³² A professora refere-se ao Golpe Militar de 1964.

³³ Escola particular de reforço montado pela colaboradora.

Para ingressar no Colégio das irmãs, fui convidada. Eu sempre fui convidada e trabalhei nos colégios aonde eu estudei. O que considero uma avaliação positiva da aluna que fui nos dois colégios.

Os meus colegas de profissão eram, basicamente, meus colegas de turma na faculdade ou contemporâneos. Quando entrei na faculdade [pra ensinar], não era difícil fazer pós-graduação. Pelo contrário, tínhamos bolsas, não se fazia nem seleção para o mestrado. A gente mandava o currículo, as universidades avaliavam à distância, não precisava fazer prova e tinha bolsa garantida pra todo mundo. A única dificuldade era que a gente tinha que se deslocar. A dificuldade que a gente tinha era essa, você tinha que ir muito longe. Porque naquele tempo, final da década de 1970, em Natal ou Fortaleza não existia mestrado ou doutorado... Hoje, há em Mossoró não sei quantos mestrados, doutorados... Então, lembro que eu ia fazer mestrado em Técnicas de Ensino Superior, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Tudo certinho, vaga certa, tudo ok! Aí a universidade lá de Santa Maria mandou buscar minha documentação para fazer a inscrição. Mandeí tudo pelo correio. O correio, naquela época, não tinha a eficiência de hoje. Atrasava as entregas. E minha documentação chegou lá, acho, que com dois dias de atraso. Então, eu perdi esse mestrado que eu queria muito fazer. Na ESAM sugeriram: “vai para Viçosa, Minas Gerais. Você não é da Matemática? Em Viçosa tem mestrado em Engenharia Agrícola, você vai poder aperfeiçoar, tem muitas disciplinas relacionadas com o Cálculo, e ainda está aberto o período de inscrição”. Mandeí minhas coisas pra lá e deu certo. Fui e foi bom, porque encontrei o meu marido lá. Foi coisa de destino.

Agora formação para professores, bem específica... A ESAM todo semestre tinha um curso de técnicas didáticas, de como fazer recursos audiovisuais, porque como o pessoal era da área tecnológica, então faltava muito esses conhecimentos pedagógicos. Você fez Matemática, você deve ter tido várias disciplinas visando o ensino, a didática e nós não tínhamos nada. Éramos da Agronomia, estudando disciplinas completamente disjuntas dessa parte didática e terminávamos e éramos jogados na sala de aula direto. Eu penso que professor já nasce com uma tendenciazinha, com o dom de falar, de manter presa a atenção de uma platéia, acho que ele é um pouquinho ator também, assim, ele consegue isso! Mas têm pessoas que não têm isso e tem uma dificuldade tão grande, às vezes, têm o conhecimento, mas ele não consegue repassar, não consegue coordenar uma turma. Então, esses cursinhos existiam pra isso. Eram cursinhos de curta duração, de três dias. Traziam professores de fora,

palestrantes, era mais ou menos assim. Era uma preparação muito imediata e muito rápida. Na minha época, a maioria tinha mestrado, o doutorado veio depois.

Esses cursos eram oferecidos pela ESAM, com café, com tudo arrumado, tudo! Nada pago pelo professor. E o pessoal ainda botava banca pra ir, achava chato, não gostava dessa área. Por serem da área tecnológica, eles achavam que não era muito necessário... Mas a gente sabe que não é só o conteúdo, você tem que ter também uma formação nessa área pra poder passar isso de uma forma mais acessível. Esses cursos funcionavam só para os professores da Instituição.

Quanto às dificuldades no magistério, tenho a impressão que, como deve ser até hoje, um fator muito importante é a falta de base dos alunos. A gente tinha muito aluno na ESAM, no curso superior, que eu não sei como passava no vestibular. Não sabia, por exemplo, fazer operações com frações. Então, isso dificultava muito as coisas. Não sabia o que era um seno... Hoje, as escolas têm recursos maiores, e talvez, até dificuldades maiores neste aspecto, apesar dos professores comprometidos e dos alunos interessados. A questão financeira de alunos, às vezes, até questão de saúde. Acontecia com os alunos que vinham do interior com dificuldades muito grandes, como deve ter hoje também, mas, eu acho, que hoje deve estar bem mais fácil. Não tinha restaurante universitário, naquela época. O Josivan³⁴, que é o reitor hoje da Universidade, ele precisava trabalhar na vila acadêmica³⁵. Ele trabalhava no apartamento para os colegas, pra poder ter dinheiro para ficar na faculdade. Então, acontecia muito isso, a dificuldade financeira que os alunos tinham e falta de base, eram os dois maiores problemas, naquela época.

Não tive dificuldades para ensinar. Olhe, nem com disciplina de aluno. Eu me lembro no primeiro dia de aula no colégio Diocesano, eu entrei na sala e ouvi: “é essa menina que vai dar aula?”. Porque eu tinha dezoito anos de idade e os alunos de terceiro ano de colegial (eu comecei a ensinar no terceiro ano) eram praticamente da mesma idade. Pra você ter uma ideia, a prefeita da cidade³⁶ foi minha aluna! E vários outros nomes importantes da região. Quer dizer, a minha turma, era tudo gente muito adulta. Mas, nem com disciplina eu tive problema com esse pessoal. Eu chegava com meu programzinho, meu objetivo era dar meu conteúdo. E cobrava, também! Eram turmas ótimas, todo mundo em silêncio. A aula era uma tranquilidade. Foi muito bom! Sinto saudades!

³⁴ Josivan Barbosa Menezes Feitoza, atual reitor da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA) e candidato, este ano (2012), a prefeito de Mossoró.

³⁵ Vila com casas para moradia estudantil, instalada dentro da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM).

³⁶ Maria de Fátima Rosado, mais conhecida como Fafá Rosado. Mandatos 2005-2008 e 2009-2012.

Não me lembro de ter ocorrido mudanças durante o período que lecionei. Eu nunca fui ligada nessa parte. Como eu lhe disse, eu fazia meu planejamento semestral, queria dar meu conteúdo inteiro e cobrar direitinho. Sobre essa parte estou totalmente por fora. Essas mudanças elas não se mostraram de uma forma mais contundente, nem me afastaram consideravelmente. Houve uma mudança no currículo do curso de Agronomia da ESAM, mas não alterou muita coisa nas disciplinas básicas, com as quais eu trabalhava.

Sobre mudanças na formação de professores, aqui na região houveram com certeza. Hoje, o elenco é muito mais numeroso, muito mais preparado. A gente tinha que realmente se [preparar]... Eu estudava todos os dias! A gente tinha uma sala e ficava lá estudando, e resolvendo lista de exercícios. Além de mestrado e os pequenos cursos que a ESAM oferecia, estudar que era uma coisa muito pessoal. Hoje é muito mais fácil a pessoa se formar, adquirir competência, se capacitar.

O magistério em Mossoró é privilegiado, tem muita gente boa! O pessoal fala muito de professor, de educação, mas tem muita gente dedicada, muita gente que dá o suor e que leva a sério. Eu conheço muitos colegas lá na faculdade, e a dedicação que eles têm, dedicaram a vida ao ensino, a estudar e a se aperfeiçoar. Um detalhe que eu lembrei do colégio Diocesano: tinha uma *Kombi* que pegava os professores em casa. Ia buscar a gente e no final do expediente levava os professores de volta. Acho que era também uma maneira de garantir a pontualidade, porque os professores eram quase todos estudantes da ESAM, e tinha aula à tarde, até às cinco e meia, às vezes fazíamos prova de cinco e meia até seis e meia, sete. E às sete horas tínhamos que estar lecionando. Então, não era fácil. Nem todo mundo tinha carro, naquela época! Estudante não tinha carro. Hoje muitos estudantes vão pra faculdade de carro. Mas, naquela época não existia isso. Então, o colégio tinha essa *Kombi* que garantia o traslado de seus professores.

Mossoró hoje é surpreendente! Eu tenho cinquenta e oito anos e quando eu lembro de Mossoró... Eu nasci aqui, como eu lhe disse. Só quem viu pode avaliar o tamanho da transformação de Mossoró. Na parte da educação mesmo, você vê a quantidade de cursos que Mossoró tem hoje. Universidades públicas, particulares, cursos de pós-graduação, a quantidade de colégios... hoje eu nem sei mais quantos colégios Mossoró tem. Colégio Pequeno Príncipe, Colégio Mather Christie, CEAMO³⁷... E se você andar por aí, você vê... Escola pública nem se fala. O comércio muito diferente. A questão da cultura, acho, que foi uma das coisas que mais mudou na cidade.

³⁷ Centro Educacional Aproniano Martins de Oliveira.

A formação dos professores em Mossoró afeta a região, com certeza! Talvez, uma das maiores mudanças foi exatamente nesse sentido. A ESAM e a UERN foram dois agentes transformadores da região, porque formaram muita gente e encontramos muitos ex-alunos que, hoje, são professores. Essas instituições funcionam como uma fonte, alimentando o corpo docente da cidade. Uma das mudanças que posso citar é essa. Também na parte de produção agrícola, eu me lembro que em Mossoró, antigamente, para conseguir algumas verduras, alguns horti-fruti-grangeiros era uma dificuldade muito grande. Hoje, a cidade, tem uma oferta maravilhosa, muita coisa produzida na região, e puxando a sardinha pro nosso lado, por muita gente que saiu da ESAM. Então, isso afetou também a questão da economia da região e isso é outra transformação que ocorreu. O contexto atual deve muito não só a UFRSA, mas também a Universidade [Estadual] e às universidades particulares que estão dando suas contribuições. Agora, o conhecimento é muito pessoal. Você, professor nenhum, universidade nenhuma, afeta, interfere, consegue formar uma pessoa competente, se ela não quiser, não procurar e não buscar.

O ensino de Matemática hoje está muito diferente. Eu não me arriscaria dizer que está melhor ou pior, eu acho que está muito diferente! Hoje ninguém está muito preocupado em aprender como se faz uma raiz quadrada, em procurar saber porque a tangente de quarenta e cinco graus é um. Quer saber usar e pronto. Porque hoje muitos recursos que ele dispõe já dão esta informação gratuitamente, sem ele esquentar a cabeça; talvez, ele esteja mais interessado no novo aplicativo do celular dele... E vemos as pessoas saindo das universidades e realizando projetos maravilhosos. Isso é o que? É um reflexo da competência que eles adquiriram de alguma forma.

Eu estou afastada há muito tempo do magistério. Quando terminei a minha vida profissional na ESAM, recebi convites para trabalhar, quando aqui em Mossoró estavam se instalando as primeiras universidades particulares, grandes colégios, mas eu me afastei realmente. Já tem dezesseis anos que estou afastada do magistério. Então, do contexto atual, não tenho muito a dizer. Isso que estou dizendo é uma análise pessoal. Eu tenho um sobrinho que estuda no Instituto Federal³⁸, e ele, às vezes, me pede algumas ajudas, alguns esclarecimentos nessa parte de Matemática e eu vejo que os conteúdos, basicamente, são os mesmos. Eu não sei como as pessoas, hoje, estão encarando o porquê das coisas, porque naquele tempo a gente gastava tempo para demonstrar uma fórmula, para explicar tudo direitinho, acho que hoje a coisa é mais rápida ... Porque tem que ter tempo para outras coisas

³⁸ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), antiga Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFERN).

também. Coisas que não são de se jogar fora, que fazem parte... As mudanças! A gente pode ver isso. E sentir.

Eu acho que cobriu tudo. Muito interessante. Muito bom! Gostei!

Entrevista com a professora Maria das Graças

Duração da Gravação: 01h 02min 36s

Local: Residência da Colaboradora (Mossoró/RN)

Data da entrevista: 20/10/2011



*R*adres

*Padres que eram professores,
Formação peculiar.
É a visão que traz agora
O professor que vem falar.
Por nome de Alcir Leopoldo,
Sua verdade vai narrar.*

*Nasceu em trinta e quatro,
E muita coisa conheceu,
Na cidade de Patu,
Canto 'nde pouco viveu,
Antes de ir pra Mossoró,
Onde realmente cresceu.*

*Ao chegar nesta cidade,
Foi estudar no seminário,
Onde pode comprovar
Que o estudo era forçado.
Sendo esta a formação
Pra depois ter ensinado.*

*Um pouco, a Matemática,
O professor lecionou
E embora gostasse muito,
Mas sem escolha ficou,
No ensino de outra coisa
Ele logo ingressou.*

Professor Alcir

Meu nome é Alcir Leopoldo Dias da Silveira. Eu nasci em mil novecentos e trinta e quatro. Sou natural de Patu¹. Apenas nasci, pois passei minha infância em Mossoró. Prova que me considero mossoroense. Até recebi o título de cidadão mossoroense. Vivi muitos anos nessa cidade.

Meu pai, Pedro Leopoldo da Silveira, era cearense, de Sobral². E minha mãe, também cearense, de Granja³. Agora, interessante que meu pai não tinha curso algum, não frequentou escola. Escreveu “Minhas memórias da estrada de ferro de Mossoró” e até romances, entre os quais foi publicado o “Drama de uma época”. Gostava muito de ler, tinha um vocabulário rico. Ele era um autodidata. Trabalhava na estrada de ferro. Ele veio do Ceará para colaborar com a construção da estrada de ferro Mossoró/Souza⁴. Começou a partir de Porto Franco⁵ a Mossoró. Depois de Mossoró, parece que ele chegou até Governador Dix-Sept⁶. Voltou ao Ceará para trabalhar também em construção de estrada de ferro. Requisitado, voltou para Mossoró a fim de construir a ampliação da linha. Eu tenho a impressão de que, quando ele regressou, o trem ia até Caraúbas⁷. Então, ele participou da construção da estrada de ferro de Caraúbas até Alexandria⁸. Aposentou-se como ferroviário. Ele não era engenheiro, mas era inteligente, muito prático. Por isso comandou a construção de vários trechos da estrada de ferro. Essa é a vida de meu pai. A minha mãe era dona de casa. Era do lar. Não tinha muita cultura. Mas falava bem o português, porque nasceu num ambiente familiar que a favoreceu a ter tal prerrogativa. Mas não tinha cultura como meu pai. Comigo são nove filhos: quatro homens e cinco mulheres. Dentre os homens, há o Monsenhor Hamilcar Mota da Silveira, um ano mais velho do que eu; Francisco Leopoldo da Silveira, o mais velho dentre todos os

¹ Cidade localizada na região Oeste do estado do Rio Grande do Norte, distando aproximadamente 300 km da capital Natal e 132 km de Mossoró.

² Cidade localizada no vale do rio Acaraú, estado do Ceará, distante aproximadamente 240 km da capital Fortaleza e 463 km de Mossoró.

³ Cidade localizada na região oeste do estado do Ceará, distante aproximadamente 300 km da capital Fortaleza e 576 km de Mossoró.

⁴ Cidade localizada na mesorregião do Sertão Paraibano, fica a aproximadamente 427 km da capital João Pessoa e 243 km de Mossoró.

⁵ Estação Ferroviária situada no município de Grossos.

⁶ Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia foi um político brasileiro, prefeito de Mossoró, governador do Rio Grande do Norte, falecido em um desastre aéreo fatal na região da costa de Aracaju (Sergipe), antes de completar um ano de seu mandato como Governador do Rio Grande do Norte.

⁷ Cidade localizada na microrregião da chapada do Apodi, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 296 km da capital Natal e 80 km de Mossoró.

⁸ Cidade localizada na microrregião de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 369 km da capital Natal e 183 km de Mossoró.

irmãos, passou grande parte de sua vida em Natal; Aníbal Mota da Silveira, falecido. Eu era o mais novo dos homens. E depois vêm as mulheres.

Sou sacerdote católico. Após autorização, por parte do Vaticano, de minha laicização, me casei com uma jovem, de Sítio Novo⁹. Vivemos muito bem e tivemos três filhas. Somos juntos uma família relativamente pequena: eu, a esposa e três filhas (uma, das quais, já casada).

A minha infância foi tranquila. Modesta. Meu pai ferroviário, mas jamais faltou o indispensável para a família. Mas foi uma vida de lutas... Nós éramos quase uns nômades. Nós seguíamos o caminho da estrada de ferro. Então, me lembro bem da minha infância em: Almino Afonso¹⁰, Frutuoso Gomes¹¹, Demétrio Lemos, hoje Antônio Martins,¹² e Alexandria.

Em mil novecentos e quarenta e cinco, quando nós voltamos para Mossoró, eu entrei no seminário¹³. Primeiro no Seminário Menor¹⁴, em mil novecentos e quarenta e seis, onde fiquei até cinquenta e dois. Depois, o Bispo mandou a minha turma cursar filosofia no Rio de Janeiro, no Seminário Maior da Arquidiocese¹⁵. Isso foi em cinquenta e dois. Em cinquenta e cinco, fui pra Roma. Estudei na Universidade Gregoriana, que é a mãe das universidades Católicas. Universidade muito antiga, fundada no século dezesseis. E tem até ex-aluno canonizado, São Roberto Belarmino.

Minha juventude foi também tranquila. No seminário, vivia mais para o estudo! Devo muito minha cultura ao seminário. Você veja que os nossos professores eram doutos, eruditos. Eram sacerdotes lazaristas holandeses que o bispo convidou para dirigir o seminário de Mossoró. Cada um era especializado na disciplina que lecionava. Basta lhe dizer que eu estudei, no seminário menor: português, francês, inglês, latim e grego; e no seminário maior, até hebraico. Tínhamos conhecimentos de biologia, física, química, Matemática (eu gostava muito de Matemática), e geografia. Nesta disciplina havia uma parte em que se estudavam os astros, a cosmografia. Era a descrição do universo e dos astros. Então, olha só, nós identificávamos, quando meninos, todas as grandes constelações: “constelação do Cruzeiro do Sul, a Urso Maior, Ursa Menor etc.”. Você veja como nós saímos do seminário menor com

⁹ Cidade localizada na microrregião da Borborema Potiguar, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 99 km da capital Natal e 231 km de Mossoró.

¹⁰ Cidade localizada na região Oeste Potiguar, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 339 km da capital Natal e 147 km de Mossoró.

¹¹ Cidade localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 349 km da capital Natal e 150 km de Mossoró.

¹² Estação Ferroviária de Antônio Martins, cidade próxima a Martins.

¹³ Seminário de Mossoró, pertencente à Diocese.

¹⁴ Nível de ensino que correspondia ao nível de ensino colegial, atual ensino médio.

¹⁵ Nível de ensino superior, com formação e estudos específicos em filosofia.

uma cultura formidável. Já o estudo do seminário maior era mais específico: Filosofia e Teologia. Mas cultura geral, eu recebi no seminário menor.

Dava-se, na época, muito valor à família, à formação da juventude – tanto formação religiosa, quanto intelectual. Formação integral do cidadão.

Em Mossoró, havia um clima de paz. Diferia muito do atual. Hoje acontecem: assaltos, roubos, assassinios, drogas, frequentemente. Nada disso havia na cidade. Era uma terra pacata, em que se destacava a devoção a Santa Luzia¹⁶. Preocupavam-se os mossoroenses com a formação dos filhos, da juventude. Portanto, era uma cidade boa para se viver.

O cotidiano da cidade era tranquilo. Dia de semana, o trabalho; e no final de semana, os divertimentos, como as reuniões dançantes na agremiação ACDP e no clube Ipiranga¹⁷. Nos bairros ocorriam festinhas populares. Em relação a cines só havia o PAX. Aliás, em Mossoró, na época, não se destacavam as salas de espetáculo.

Na época, década de 1960, era uma cidade muito menor. Totalmente diferente do que ela é hoje. A gente conhecia todo mundo. Padre Sátiro e eu éramos muito conhecidos, porque éramos diretores do principal colégio de Mossoró, o Diocesano¹⁸, onde a maioria dos jovens estudava. E não só da cidade, mas também de toda a região do Oeste Potiguar, da Paraíba, do Ceará. Hoje sinto-me alegre e realizado, por ter sido professor de umas cinco gerações de jovens. Tenho ex-aluno senador, deputado federal, governador, prefeitos, médicos, engenheiros, dentistas, desembargadores e de várias profissões liberais. Todos passaram por minhas mãos, no ensino de português. Hoje, quando eu me encontro com eles, é aquela festa... É gratificante o reconhecimento, da parte deles, de eu ter contribuído para a formação tanto intelectual, quanto pessoal de todos. Disso eu me orgulho.

Mossoró se projetou nacionalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, com a prospecção do petróleo. Ocorreu também a criação da Universidade, o que contribuiu para seu progresso.

Eu acho que, desde o início do século passado, Mossoró, era um polo de desenvolvimento da região, principalmente, devido ao comércio. Pela estrada de ferro exportavam-se o algodão, o gesso, o sal, produtos primários. Porém, hoje já existem muitas indústrias que, juntamente com a extração de petróleo e a fruticultura irrigada, têm acarretado o progresso da cidade. Convém, aqui, realçar-se que, o mossoroense é um povo acolhedor,

¹⁶ Santa Luzia é a padroeira da cidade de Mossoró.

¹⁷ Antigo clube de festa de Mossoró.

¹⁸ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

generoso e solidário. Sempre buscou projetar sua cidade, basta lembrar que Mossoró foi o berço da primeira eleitora, do movimento das mulheres que se revoltaram contra a ida dos seus maridos e filhos para a Guerra do Paraguai, a terra onde se deu a derrocada de Lampião e seu grupo e a Abolição dos Escravos, anterior à Lei Áurea¹⁹, fatos que os mossoroenses guardam vivos em sua memória e fazem questão de divulgá-los. Além disso, chama a atenção de todos que a visitam sua devoção admirável a sua padroeira, Santa Luzia. Então tudo isso engrandece sua gente. É uma cidade rica de história e de fé, rica, também, graças à prospecção do petróleo, à exploração do gesso, do sal e à abundância de calcário e à fruticultura irrigada. Tudo isso fez com que Mossoró crescesse, se desenvolvesse e fosse conhecida não só no estado do Rio Grande do Norte, mas em todo o Nordeste e até no Brasil.

A educação era muito boa! Puxando brasa pra minha sardinha, o ensino do Diocesano era elogiado por todos. A prova é que muitos de seus ex-alunos iam fazer o vestibular na Paraíba, em Alagoas, em Sergipe, em Natal e até nos estados do Sul. Iam e eram aprovados no primeiro exame. Isso para você perceber o nível do ensino médio ministrado em Mossoró. E a Faculdade de Letras, na minha época, tinha um corpo docente admirável e suplantava até o ensino da Faculdade daqui de Natal. Era muito bom o curso, hoje eu não sei. Estou afastado.

Antes, não havia muitas escolas. Existiam as grandes, das quais eu me lembro: o Colégio Diocesano, o Colégio Sagrado Coração de Maria²⁰, o Colégio Estadual²¹; depois apareceram o Abel Coelho²² e o Dom Bosco²³. Mas hoje existem, entre muitos, por exemplo, o Geo²⁴, Mater Christi²⁵, que surgiram após minha vinda para Natal.

No Seminário Santa Teresinha, a gente vivia para o estudo. Basta lhe dizer que de manhã havia quatro aulas. À tarde e à noite, estudo. Era o estudo individual. Então, vivíamos de estudo. Por isso é que eu disse que a minha cultura eu devo muito ao seminário. Não só por ter tido professores bons, mas também pelo estudo pessoal, pela disciplina que nos era imposta pelos superiores. Nós estudávamos cerca de seis horas por dia, além das aulas. Umas dez horas de estudo.

¹⁹ Refere-se a quatro eventos que ocorreram em Mossoró e até hoje são comemorados na cidade: resistência à invasão do banco de Lampião, mas famoso cangaceiro do Nordeste (1927); primeiro voto feminino da América Latina (1928); o “Motim das Mulheres”, movimento feminista contra o alistamento obrigatório no exército dos maridos e filhos (1875) e; abolição da escravidão cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea (1883).

²⁰ O professor refere-se ao Colégio Sagrado Coração de Maria, o mesmo citado por outros colaboradores anteriormente.

²¹ Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

²² Escola Estadual Abel Freire Coelho, instalada na cidade no início da década de 1980.

²³ Instituição particular de Mossoró, ainda em funcionamento.

²⁴ Colégio Geo Garcia & Brito.

²⁵ Escola e Faculdade de Ciências e Tecnologia Mather Christi.

Mas sempre gostei de estudar e tinha vaidade de tirar notas boas. Isso eu não nego. Por exemplo, um professor marcava o dia da realização de determinada prova e definia os assuntos a serem cobrados. Mas eu fazia questão de estudar do primeiro ao último ponto da disciplina recomendado para a prova. Isso foi a partir de 1946 a 1952. Em 1953, fui para o Rio de Janeiro; em 1955, para Roma. Ao voltar em 1960, comecei a lecionar no Diocesano. Em 1974, fui fazer o mestrado na PUC do Rio de Janeiro²⁶. Fiz o mestrado em um ano e meio, incluindo a tese. Estudava, pagava²⁷ o máximo de disciplina por semestre. Na época, o mestrado em Letras da PUC do Rio gozava de grande prestígio em todo país.

Eu sempre gostei de Matemática, latim e grego. Tive excelentes professores no seminário menor, eram todos holandeses: Padre Jerônimo lecionava Matemática; Padre Joãzinho, inglês e grego; e o Padre João Batista era professor de latim. Cada um era especialista na disciplina que lecionava.

Naquele período, se alguém quisesse frequentar algum curso superior, tinha que buscar um meio maior, mais desenvolvido, já que não havia na cidade ensino de terceiro grau, antes da década de 1960.

O ensino não dispunha das técnicas modernas, mas exigia-se muito do estudante. Com isso o aluno passava a conhecer profundamente aquilo que estudava.

Mas nunca tive dificuldade nos estudos. Porém eu não gostava de Português. No entanto, foi justamente ao estudo de português que tive de me dedicar. Gostava muito de Matemática: Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria. E como disse, também, de grego e latim. São duas línguas difíceis por serem sintéticas.

Meus primeiros contatos com o magistério ocorreram no colégio Diocesano, justamente no ensino de latim. O colégio estava precisando de professor e convidou-me para lecionar latim, o que prontamente aceitei.

Eu ensinei Matemática, mas só durante um ano. Eu tenho a impressão, de que foi em sessenta e três (1963), para os alunos da primeira série do antigo curso ginásial, que hoje corresponderia ao quinto ano do ensino fundamental. Quando cheguei a Mossoró, ao voltar de Roma, passei a trabalhar na Cúria da Diocese. Simultaneamente, ensinava latim no colégio Diocesano e Português no Seminário. Em 1962, Padre Sátiro e eu, fomos nomeados diretor e vice-diretor do Diocesano, respectivamente. Aliás, passei 14 anos como vice-diretor. Um dia, em conversa com padre Sátiro, lhe revelei que, quando estudante no seminário, gostava muito de Matemática. Então, ele me disse: “Ótimo! Eu gostaria que você formasse uma nova

²⁶ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

²⁷ Termo muito utilizado na região para dizer que os alunos cursaram as disciplinas.

geração de alunos de Matemática porque ela sempre foi o ‘bicho papão’ para os nossos alunos”. A partir de então, comecei a lecionar Matemática. No início era aquela Matemática moderna. Comecei a base, a Matemática moderna: juro, regra de três – me lembro da regra de três que eles gostaram –, proporção. E tudo isso é a base. Era a tal da Matemática moderna.

Mas o objetivo dele era que eu, lecionando essa disciplina, convencesse os alunos de que ela é algo apreensível e aprazível. Eu tenho a impressão de que isso eu consegui em parte. Eles passaram a interessar-se pela disciplina. Em suma, para conseguir isto, lecionava os itens básicos mostrando sua importância para a vida de qualquer cidadão, aplicando-os a determinadas circunstâncias que ocorrem no nosso dia a dia. Gostava demais de lecionar a disciplina e julgo ter despertado nos alunos o gosto por ela. Todavia, infelizmente, o plano de padre Sátiro e meu não se concretizou. Com um ano, tive que deixar Matemática para lecionar português, porque o Colégio Diocesano sentia a carência de professor desta disciplina, tendo em vista que o padre Luiz Soares de Lima, profundo conhecedor do vernáculo, afastou-se do Colégio e, conseqüentemente, da docência.

E o Português, sem dúvida alguma, é a disciplina mais importante e necessária para o exercício de todas as profissões. Se você não souber ler, se você não souber interpretar um texto, se você não souber redigir, você jamais conseguirá ser um excelente profissional.

Quando eu ensinava português no colégio dava ênfase à leitura e à redação. Lecionava, também, gramática. Eu era exigente. Além disso, exigia que o aluno falasse em público. Uma vez por mês, havia o exercício de oratória. Hoje, os ex-alunos me agradecem muito pelos conhecimentos que lhes transmiti.

Aprendi um pouco de português... O que eu sei devo ao exercício do magistério. Eu não sabia quase nada de português, mas me dediquei ao estudo, pesquisava as respostas a serem dadas às perguntas dos alunos. Por isso posso dizer-lhe que, desse modo, cresci no conhecimento do vernáculo. Eu fui professor desde a primeira série ginásial até a terceira série do científico, hoje o ensino médio. Em todas as séries. A cada ano ia mudando, da quinta série do ensino fundamental até a última série do ensino médio. E na época, no Colégio Diocesano, havia o tal do exame de admissão²⁸ (era um vestibularzinho, mas era sério) a que o aluno tinha que se submeter ao sair do curso primário para ingressar no curso ginásial. Constava de português, Matemática, história e geografia. Eu me recordo de que os alunos, principalmente os do interior, vinham de uma forma que “se tremiam”. Garotinhos dominados pelo nervosismo à minha frente, como se eu fosse o “bicho papão”, isso eu não aceitava.

²⁸ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

Então para acalmar o aluno, eu dizia: “olhe, eu lhe dou a nota dez se você disser bem depressa e corretamente: ‘toco cru pegando fogo’”. Aí o pobrezinho dizia: “toco cru pegando fogo” e, com o andar da carruagem, começava a enrolar-se: “toco com ...”, então isso era motivo de riso, aí ele ficava calmo, e eu começava a fazer perguntas.

Posteriormente, em Mossoró, criaram a Faculdade de Filosofia. E como era muito amigo do Padre Sátiro e trabalhávamos juntos no Diocesano, fui convidado por ele para participar do corpo docente do curso de Letras. Para criação da Universidade eram necessárias, parece-me, cinco faculdades. O que fizeram? Já existiam as Faculdades de Filosofia, de Ciências Econômicas e de Serviço Social. A Faculdade de Filosofia, que era uma, foi desmembrada no Instituto de Ciências Humanas, na Faculdade de Pedagogia e no Instituto de Letras. E eu fui, então, nomeado diretor “pro tempore” do Instituto de Letras, e depois, fui eleito para exercer o mandato de diretor por quatro anos. Na minha gestão, foi reconhecido o curso de Letras pelo Conselho Federal de Educação. E assim eu ingressei no ensino superior. Posteriormente, por questões pessoais, ou mesmo políticas, eu fui fazer o mestrado em Letras na PUC do Rio de Janeiro. Lá chegando, com um mês ou dois, fui convidado pelo ilustre professor Evanildo Bechara²⁹, do Departamento de Letras, para substituí-lo no curso de graduação. Então, eu passei a lecionar a disciplina história da língua portuguesa, que trata da evolução do Latim para o Português, isto é, como o Latim se transformou no Português. Ao regressar, vim para Natal, em mil novecentos e setenta e seis e, desde então, na qualidade de professor concursado de português, passei a integrar o corpo docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde também exerci a chefia do departamento por dois mandatos. E, ao me aposentar, voltei a Mossoró como professor visitante e passei dois anos e meio ensinando no curso de Letras da UERN. Ensinei várias disciplinas: Morfologia, Sintaxe do Português e terminei no Latim. Mas com dois anos e meio eu cansei muito, pedi meu desligamento e vim para Natal. E chegando a Natal, isso em noventa e quatro (1994), coincidiu com a eleição de Garibaldi Filho³⁰ para governador do estado. Então, eu fui convidado por ele para assessorá-lo na redação de sua correspondência, de documentos e de alguns de seus discursos. Ao término do governo dele, aposentei-me, estou em casa. E o que é que eu faço em casa? Muitas vezes, atendo a consultas, vem muita gente a minha residência para tirar dúvidas, mas,

²⁹ Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), membro da Academia Brasileira de Letras e representante brasileiro do Acordo Ortográfico.

³⁰ Garibaldi Alves Filho, foi prefeito de Natal (1985), deputado estadual (1970, 1974, 1978, 1982), governador do Rio Grande do Norte (1994) e senador do Estado (1990, 2002, 2010), encontrando-se ainda nesse cargo.

principalmente, para revisão linguística, gramatical de teses de mestrado e de doutorado em todas as áreas de conhecimento.

Na época em que eu ensinei, havia um déficit grande de professor, mormente de Matemática. Em Mossoró, nas décadas de 1950 e 1960, eu acho que Solon Moura era o professor de Matemática mais conhecido. Ele ensinava essa disciplina tanto no colégio Diocesano, quanto no Estadual. Depois foram surgindo novos professores. E isso acontecia em quase todas as disciplinas. Em geografia, dona Heloísa Leão pontificava; em história destacava-se a irmã dela, cujo nome não recordo; em português, no colégio Diocesano, era Padre Luiz Soares de Lima, que também foi meu professor no seminário. E assim por diante. Os professores eram poucos, porém bons, tinham um conhecimento vasto e profundo das disciplinas que lecionavam.

Em Mossoró mesmo, não me lembro de que existisse curso para formar professor, além da Escola Normal³¹. Agora, havia aqueles cursos CADES³², de aperfeiçoamento, que eram bons. Eu mesmo fiz dois. Porque você sabe que, na época, o estudo do seminário gozava de um bom conceito, mas não era reconhecido pelo governo. Então, tive que fazer o curso CADES pra poder ensinar latim e português. Fiz dois, na década de 1960: um em Fortaleza, o de Latim; e o de Português, aqui, em Natal, para poder ensinar. Posteriormente, eu revalidei meu diploma de Filosofia. Com o curso superior de filosofia reconhecido, era-me permitido lecionar as disciplinas da área humanística e facultado o ingresso na pós-graduação dessas disciplinas. Por exemplo, eu não tenho licenciatura em Letras, mas tenho mestrado.

O sistema de ensino, no Diocesano, quando eu lecionava, constava, principalmente, de quatro aulas. O professor não faltava, e quando isso ocorria, havia outro para substituir. Era o sistema rígido de aula, aula, aula e impunha-se disciplina aos alunos. Era bom o ensino, muito bom.

Sobre as mudanças, ocorreu a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responsável por alterações no ensino no país.

Além das modificações definidas pela mencionada lei, criaram-se, na gestão do padre Sátiro, no Diocesano, diversos cursos: o “Centenário”, curso noturno destinado a adultos que, por várias razões, não tiveram a oportunidade de frequentar as séries do antigo ginásial, correspondentes às últimas quatro séries do ensino fundamental; o curso primário, equivalente às quatro primeiras séries do ensino fundamental; o pré-primário, em que o aluno é

³¹ A Escola Normal de Mossoró foi criada no governo de Antônio José de Melo e Souza, através do Decreto 195, no ano de 1922.

³² Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES).

alfabetizado e, por fim, o jardim de infância. Além disso, no início, as classes eram mistas somente no curso científico. Em nossa gestão, todas as séries de todos os cursos passaram a ser mistas.

Sempre gostei de ensinar. E como gosto! Quando me chamam, por exemplo, para fazer uma conferência, atendo imediatamente ao convite. Hoje eu não teria mais paciência para dar aulas a alunos de primeiro e segundo graus.

Eu acho que houve mudança na formação de professor de Matemática em Mossoró, depois da criação do curso na UERN. Com toda certeza, houve um aperfeiçoamento do ensino. Eu tenho a impressão – eu não conheço a realidade atual do ensino efetuado na cidade – de que o ensino de Matemática melhorou muito. Atualmente, deve haver professores bons. Se ainda há pavor pela Matemática, por parte da juventude, isso deve atribuir-se à falta de maturidade do aluno que vem de um ensino calcado na memorização das disciplinas. Assim, quando se exige raciocínio, os alunos têm dificuldade.

Entretanto, sinto que, apesar de toda transformação por que passou o ensino em geral, em nosso país, e da disponibilidade de um maior número de recursos didáticos, o processo ensino/aprendizagem se efetuava com maior eficiência e profundidade em épocas anteriores à atual. Essa também é a impressão de vários colegas de magistério.

Esse fato constatado pode ser atribuído a diversos fatores, o qual, no presente momento, declino enumerar.

Eu acho uma grande cidade. Quando se fala em Mossoró vêm logo a nossa mente o petróleo, as salinas, a fruticultura, as fábricas de cimento e de cerâmica. Além disso, Mossoró preza pela preservação de sua cultura. Basta lembrar as Festas Juninas, Chuva de Balas no país de Mossoró, relativa à vitória que Mossoró teve sobre Lampião e seu grupo, O Auto da Liberdade, que reporta à libertação dos escravos e as festividades de sua Padroeira, Santa Luzia. Ademais houve grande progresso no ensino, pois hoje existem várias entidades de ensino superior, ensino médio e fundamental. Por tudo isso, se justifica a inclusão de Mossoró, feita pela Revista Veja³³, no grupo das vinte cidades do Brasil que se desenvolveram nas últimas décadas, o que se atribui ao amor dos mossoroenses por sua terra natal.

Para concluir, digo que esperava ser inquirido sobre o meu exercício de magistério de língua portuguesa. Porém, fui surpreendido com a maioria das perguntas acerca de minha vida pessoal, sobre Mossoró – sua história, riquezas naturais, atividades diversas e sua gente – e

³³ Reportagem publicada na revista Veja, que trata das vinte cidades que mais crescem no interior do Brasil.

com algumas indagações sobre minha curta experiência de magistério na disciplina Matemática.

Concluindo, confesso-me profundamente gratificado por ter sido entrevistado sobre a cidade de Mossoró, pela qual nutro profundo sentimento de apreço e da qual sou filho por adoção, já que fui agraciado pela Câmara de Vereadores com o título honroso de cidadão mossoroense.

Entrevista com o professor Alcir Leopoldo

Duração da Gravação: 01h 10min 15s

Local: Residência do Colaborador (Natal/RN)

Data da entrevista: 21/10/2011



*P*olítica

*O destaque de sua fala
É a política e educação.
Conta o professor Luiz Carlos
Que na sua formação,
Recursos sempre faltavam.
Não se tinha nada, não.*

*Nasceu em cinqüenta e três
De Mossoró é natural.
E por conta de seu pai,
Que trabalhava de fiscal,
Viajou por todo Estado
Até parar na capital.*

*Sonhava ser engenheiro.
Estágio e a decepção.
Descobriu no magistério
Uma boa profissão.
Mudou para Matemática,
O seu curso e formação.*

*Pois foi dessa Matemática,
Na FURRN em Mossoró,
Que nasceu a oportunidade
De ensinar, mas dava dó:
Eram poucos professores
E os que tinham estavam só.*

Professor Luiz Carlos

Sou Luiz Carlos Avelino da Trindade, sou formado em Matemática, licenciatura plena, desde mil novecentos e setenta e cinco (1975). Atuei em outras áreas, mas Matemática, magistério, foi a que mais me entusiasmou pelo contato pessoal com as pessoas, pelo gosto de transmitir alguma coisa. Eu tinha um histórico técnico antes, do curso de Engenharia Civil que não foi bem o que eu queria e eu tive a dignidade de mudar e escolhi Matemática e me dei bem, graças a Deus. Passei trinta e oito anos de minha vida lecionando. Dez anos de Estado, que é onde a gente aprende as coisas, e depois me concurrei e fui ser professor do, hoje, chamado IF¹, os Institutos Federais do Governo Federal, que na época se chamava ETFERN, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte. E lá permaneci por mais vinte e oito anos, até me aposentar em dois mil e cinco (2005), infelizmente, por invalidez, porque estava obeso. Ainda sou, mas naquele tempo eu tinha vinte quilos a mais e a minha hérnia de disco disse: “tô aqui!”. Chegaram logo três e (essas hérnias de disco) me impossibilitaram de trabalhar realmente como eu gostava naquela época. Fui me tratar. Me tratei, mas hoje já estou aposentado. Ainda guardo boas lembranças, boas recordações de Mossoró.

Sou mossoroense, nasci na Maternidade Almeida Castro, aos vinte e nove de janeiro de mil novecentos e cinquenta e três.

A minha família é de origem pobre, humilde, meu pai era funcionário público estadual, minha mãe professora do ensino normal em Mossoró. Eu sou filho único desse casamento, apesar de, naquela época, e eu não sei se hoje ainda está assim porque eu me ausentei dessa vida pregressa, mas naquele tempo, década de 1950, 1960, o homem tinha duas famílias... Então, meu pai constituiu outra família e, posteriormente, passou a morar com essa outra família e eu fiquei com minha mãe até morrer. Depois me casei, tive dois casamentos. Desses dois casamentos, eu tenho quatro filhos (eu queria cinco, mas cheguei a quatro filhos) e hoje sou divorciado. Moro com uma filha menor que foi fruto da minha segunda união e ela ficou comigo, sob minha guarda. E é hoje minha companhia, minha cúmplice, minha polícia federal... E minha família hoje é composta por somente duas pessoas: eu e minha filha.

Infância? Posso dizer que foi das melhores! Primeiro porque eu era filho único, teria sido melhor se eu fosse filho único de Evaldo Rocha, dono do shopping, do Midway Mall² da Guararapes. Teria sido bem melhor (não nego), mas mesmo filho do meu pai eu tive uma

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), antiga Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFERN).

² Maior Shopping do estado, está localizado na capital Natal.

infância muito boa em Mossoró, tive grandes amigos. Inclusive, na minha infância, o nosso Senador José Agripino³ fazia parte dela. Éramos todos crianças, naquela época. Eu, José Agripino... Uma turma muito boa de Mossoró, a gente se divertia. Não reclamo da minha infância, embora minha família fosse humilde, pobre, filho único, que tem muita restrição... Naquele tempo a minha família era só eu, meu pai e minha mãe, mas mesmo assim eu tive muita chance, muita oportunidade.

Juventude. Eu nasci em Mossoró, como lhe disse, mas me mudei devido ao meu pai ser colocado na fiscalização do Estado, ele chegou a auditor fiscal, onde se aposentou, ele viajava muito. De forma que andei umas cidades como: Nova Cruz⁴, Macaíba⁵, Ceará Mirim⁶... E na minha infância, antes disso, Pau dos Ferros⁷, Assu⁸, Alexandria⁹. Mas chegou uma certa época, quando nós morávamos em Ceará Mirim, eu já fazia o ensino de primeiro grau e tive que fazer o exame de admissão¹⁰. Que naquele tempo, década de 1960, era assim, a gente fazia um exame (tipo o que tem hoje para entrar no ensino de terceiro grau), para entrar no ensino de segundo grau, de ensino médio, aliás, saía do primário pro ensino médio, hoje chamado ensino médio. Não é nem bem o ensino médio, é como se fosse o ensino fundamental maior¹¹, o ensino fundamental. Porque tem o ensino fundamental menor¹², que é o primário. Pois quando a gente saía [do] primário para o ensino fundamental maior, a gente fazia o chamado exame de admissão. Esse eu fiz na cidade de Ceará Mirim, e eu fui ao meu pai e disse: “olhe, a gente vai ter que fixar a residência num canto, porque eu quero estudar...”. Eu já demonstrava vontade de estudar, principalmente na área de Engenharia Civil que eu gostava muito. Precisava de um canto quieto e vim pra Natal.

Sobre as cidades em que eu cresci? Eu me recordo a partir de Nova Cruz, porque foi uma cidade que meu pai foi chamado pelo, então, governador do Estado Aluísio Alves, a ser

³ José Agripino Maia foi prefeito de Natal, governador do Rio Grande do Norte e atualmente é senador do Estado.

⁴ Cidade localizada na mesma região descrita acima, distante aproximadamente 282 km da capital Natal e 300 km de Mossoró.

⁵ Cidade localizada na região Metropolitana de Natal, a 14 km da capital e aproximadamente 252 km de Mossoró.

⁶ Cidade localizada na mesorregião Leste Potiguar, distante aproximadamente 28 km da capital Natal e 255 km de Mossoró.

⁷ Cidade localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 400 km da capital Natal e 154 km de Mossoró.

⁸ Cidade localizada na microrregião do Vale do Assu, distante aproximadamente 207 km da capital Natal e 74 km de Mossoró.

⁹ Cidade localizada na microrregião de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 369 km da capital Natal e 183 km de Mossoró.

¹⁰ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

¹¹ Refere-se aos anos iniciais do ensino fundamental.

¹² Refere-se aos anos finais do ensino fundamental.

coletor estadual, ele já era do fisco, trabalhava nessa questão de fiscalização de impostos, tributos pro Estado. Lá eu estudei num dos melhores colégios da cidade, que é o colégio de freiras¹³, não me recordo o nome, mas me recordo das pessoas que lá participavam comigo, por exemplo, o médico, hoje Secretário Estadual da Saúde, Domício Arruda. Foi meu colega de infância de Nova Cruz. Filho de dona Joanita Arruda e de Lauro Arruda Câmara, pessoal da região do Agreste. São políticos bastante renomados. Sérios! Nessa cidade eu passei boa parte da minha infância. De lá saí para Macaíba, de Macaíba fui para Ceará Mirim. Como eu te disse, em Ceará Mirim exigi que meu pai parasse numa cidade para eu estudar, e quando já estava no científico, pedi pra meu pai que deixasse a gente aqui em Natal, aí ficou eu e minha mãe, e ele continuou andando...

Minha juventude passou-se toda em Natal, onde eu fiz vestibular. Passei no primeiro vestibular, graças a Deus, passei no vigésimo quinto lugar para Engenharia Civil, num mundo de oitenta concorrentes. Passei minha juventude toda, praticamente, aqui em Natal, aonde fiz parte de conjunto musical, essas coisas todas que a juventude nos propicia. Foi muito bom. Mas eu nunca me separei, nunca deixei de lado a minha qualificação na vida. Tanto é, que quando eu fiz esse vestibular, eu cursei praticamente até o quarto ano de Engenharia Civil, quando comecei a estagiar e vi que não era o que eu queria (eu detectei isso). Eu não me sentia bem naquilo que eu admirava desde criança.

Eu não me sentia bem trabalhando na área por conta das pessoas que eram muito ignorantes ou muito esnobes, e isso me causava um problema muito sério. Porque os mais ignorantes: ou eu matava um peão daqueles, ou eles me matavam; trabalhavam, às vezes, ébrios. Os mais chiques, os chefes, os mais altos, eles são muito pedantes, muito esnobes. E eu? Eu não me sentia bem! Nem com o peão, nem com a gerência ou a diretoria... Saí e me concurrei na ETFERN. Eram três vagas, sessenta concorrentes e eu passei em primeiro lugar. Adquiri a vaga.

Fiquei pouco tempo em Mossoró. Eu devo ter saído de Mossoró aos meus cinco, seis anos de idade. Passei apenas um pedaço da minha infância lá. Somente retornei, depois de formado, em 1976, a convite de Laplace Rosado¹⁴ que era o presidente da FURRN¹⁵, a nossa hoje Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, a UERN¹⁶. Então, Laplace Rosado, por

¹³ Colégio Nossa Senhora do Carmo, Nova Cruz.

¹⁴ Laplace Rosado Coelho foi nomeado reitor da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) de 1976 a 1985. Foi um dos membros do grupo oligárquico Rosado.

¹⁵ Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), atual Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

¹⁶ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

intermédio de outro colega, José Borges, que era professor já do curso de Matemática dessa Universidade (ele era o presidente da Fundação Universidade Regional), me convidou para que eu, formado, fosse pra lá. Terminei em mil novecentos e setenta e cinco e em setenta e seis eu já estava embarcando para Mossoró pra ser professor do curso de Matemática da Universidade e lá fiquei até mil novecentos e oitenta e dois (1982).

Sobre a educação das cidades em que vivi? Hoje nós não temos educação ainda de qualidade, justamente porque eu acho que os nossos governantes não devem ter os bons olhos voltados para ela, e nem uma boa remuneração. O profissional da educação, os equipamentos dentro de uma escola, a própria escola não tem um acompanhamento técnico para as devidas necessidades didáticas. Os quadros se estragam e ficam estragados... Eu já vi professores escrevendo em meio quadro, porque o outro lado foi arrancado, quebrado e não tem uma manutenção, não tem nada! Então os nossos governantes ligam muito pouco. E eu não tiro a razão deles porque se eles educarem o povo, o povo vai lá tomar o lugar deles. Quem é que hoje elege nossos políticos? Os analfabetos, as pessoas que têm o cartão bolsa família. Aqueles que acham que o Governo Federal é que está dando tudo a eles. Então eles não vão, jamais, educar as pessoas. Eu me eduquei e não voto no PT. Eu me eduquei e sei o que é o PT, o que é que eles querem no poder. Os nossos governantes, eles têm uma certa razão, entre aspas, maldosa. A educação é uma função do Estado, é um dever do Estado, é um direito do cidadão, mas, infelizmente, os nossos governos começam remunerando pessimamente os nossos professores. Eu passei por isso, eu sofri isso também. Tive a grande sorte de cair numa escola federal, que, de certa forma, valorizava o ensino, era diferenciado, e tinha uma remuneração diferenciada. Mas os nossos colegas do Estado, do Município, estão sofrendo demais porque os nossos governantes são uns irresponsáveis com relação à [educação]...

A educação por onde eu andei, foi sempre pior do que está hoje. Porque hoje nós temos a imprensa que bate em cima e conserta algumas coisas; pelo menos o piso salarial, os governantes (caras de pau!) não dão, mas a imprensa tá martelando que não tem, que não deram... Isso pesa! Então hoje é diferente do meu tempo de estudante. No meu tempo é que não tinha mesmo coisa alguma. Era o pior sistema de educação. Era muito pior do que agora. Agora a gente tem a imprensa que fala alguma coisa, que vai junto, mas mesmo assim nós estamos presenciando aí, Rosalba¹⁷ prometeu mundos e fundos aos professores e chegou no mês, que era o prometido, e simplesmente disse que não tinha e acabou. Foi dar para o

¹⁷ Rosalba Escóssia Ciarline Rosado, atual governadora do estado do Rio Grande do Norte, foi prefeita de Mossoró por três mandatos e senadora do Estado.

ministério público um reajuste de dez por cento, como se eles ganhassem mil reais. É isso! O Brasil, infelizmente... E o pior é que a gente não pode nem sair daqui.

Os costumes? Criava os filhos dentro de uma certa religião, que a gente, às vezes, era batizado sem nem perguntar se queria ser batizado, já botam a gente na religião católica. Depois que a gente sabe o que é e o que quer da vida, se aceita ou se não aceita, em quem vai crer. As crenças religiosas que já coordenavam muita coisa, que, aliás, até o nosso ordenamento jurídico de hoje começou com a religião. Antigamente, o certo e o errado eram pautados nas leis divinas, eu sempre digo: “Ainda bem que os dez mandamentos só são dez, se fosse cento e cinquenta a gente tava frito”. Os costumes eram religiosos e colocar o menino no colégio era um costume para toda a família. Antigamente, os mais ricos tinham essa liberdade de dizer: “Eu quero meu filho estudando”. Posteriormente, abriu-se o leque para mais pessoas terem esse direito... As famílias com mais opções, as de classe média e as ricas, os filhos tinham colégio garantido. Hoje está mais aberto, mas não é para educar as pessoas, é por conta do cartão que exige. Tudo funciona em torno do famigerado cartão Bolsa Família que compra as pessoas, a dignidade das pessoas em troca de um voto... Hoje está com uma abertura toda pra educação, não é porque querem educar, não, senão pagavam direito os professores. Um professor não passava o mês todinho para receber seiscentos reais, não é verdade? Seiscentos reais é o preço de uma gravata, como a professora disse na televisão¹⁸, é o preço de uma gravata de um deputado, de um governador. Seiscentos reais é o almoço ou um jantar de final de semana de um procurador do Estado. Você remunerar uma pessoa nesses termos e querer que ela dê quarenta horas aulas por semana, eduque seus filhos, ou o filho dos pobres... É! Porque o dele não vai pra lá não, o dele vai pros Estados Unidos, vai para outro colégio.

A política da época, décadas de 1960 e 1970, era pior do que hoje! Eram uns verdadeiros currais! A família toda de José Agripino elegeu-se muito na base do curral eleitoral. Mossoró é dos Rosados¹⁹. Mossoró está tendo uma liberdadezinha... Mas ainda é Fafá Rosado, Rosalba Ciarline, é Rosado. A política daquele tempo eu achava que era mais sebosa²⁰ do que a de hoje. Agora, um negócio que eu notava (eu não sei se era porque era na minha infância e eu não me ligava muito nisso), mas tinha menos ladrão do que hoje, fazendo

¹⁸ Refere-se a um protesto realizado pela professora natalense Amanda Gurgel, que reclamou da situação pública do Brasil.

¹⁹ Família Rosado, um dos grupos oligárquicos do Rio Grande do Norte, está no poder da prefeitura de Mossoró desde a década de 1940.

²⁰ Quer dizer que a política era mais corrupta.

a política de escudo, tinha menos ladrões. Tinha homem sério, por exemplo, Tarcísio Maia²¹ ou o próprio José Agripino (tem suas falhas, porque foi político não é muito correto). Mas naquele tempo era muito pior que hoje, muito pior. Hoje eu vejo que as coisas estão diferentes devido à imprensa, porque ela tem a liberdade de dizer muitas coisa, quando não é comprada. Porque também isso veio com a evolução do tempo, você comprar o jornalista, comprar o jornal. A Rede Globo²² hoje é totalmente comprada por políticos, é quem der mais, é leilão. É quem bota e é quem tira.

Aqui na capital, aqui em Natal, onde eu vivo, a politicagem com relação à compra [de votos] existe, porque é da política, é item importante a corrupção. Nesse país não tem lei, porque a corrupção somente aflora, tranquila e impunemente, num país que não tem lei. Mas no interior é que a coisa é feia. E o mais importante nisso tudo é a dignidade do eleitor, que recebe do corruptor, se corrompe, e cumpre. Porque eu tô doido que me apareça um corruptor desse, me oferecendo dinheiro para eu votar nele, pra eu receber o dinheiro e votar em quem eu quiser no dia. Se votar, porque eu perdi a animação. Hoje eu sou uma pessoa defensora do voto nulo, embora você vá dizer “é muito radical você; é muito radicalismo, votando nulo só vai favorecer os maus” eu já cansei de votar nos bons e foram os maus que sobressaíram. Então, tanto faz como tanto fez. Eu pago três reais não vou nem lá... Três reais a multa! Você veja um país desse, que você perde a eleição, uma coisa obrigatória constitucionalmente, e você paga três reais porque faltou. Eu prefiro pagar a ir para uma fila daquela e no sol.

A política é, em minha opinião, um grande esquema milionário para enriquecer esse bando de cretinos que têm coragem de ir para a televisão pra enganar o povo, em detrimento de causa própria. É uma grande família de trambiqueiros, a nossa política, infelizmente... Não tem nenhum político preso e a “dinheirama” que a gente sabe que eles roubam, todo dia na televisão, faz dez anos: “Fulano roubou, fulano fez isso, fez aquilo...”; e não tem um “‘féla’ da gaita”²³ desse preso?

Eu perdi as esperanças, estou muito desestimulado com a política do meu país. Aliás, com todo o meu país eu estou muito desestimulado. O meu país não é igualitário, o meu país não [tem] isonomia, o princípio isonômico passou muito longe, porque eu acredito que tem que existir. Só existe governante se existem governados. Só que do jeito que os governantes estão chegando é lastimável, é vergonhoso. Eu tenho vergonha de dizer que sou brasileiro,

²¹ Tarcísio de Vasconcelos Maia foi deputado federal (1959 a 1963) e governador do Rio Grande do Norte (1975 a 1979).

²² Emissora brasileira de Televisão.

²³ Expressão típica da região para insultar, xingar outras pessoas.

com Paulo Maluf²⁴ procurado por cento e oitenta países no mundo. Aonde Paulo Maluf chegar, é preso como bandido, e aqui no Brasil é o único país em que ele pode desfilar em limusine, gastar o dinheiro público que ele roubou da prefeitura de São Paulo, sem ser preso. O Brasil não pode prender Paulo Maluf, ou não quer prender Paulo Maluf! É o que eu tenho a dizer da política, eu sou muito revoltado com a política.

Esse país, não vai se educar nunca. Esse país, esse “paiszinho” que eu digo sempre em minúsculo, com os governantes que nós temos, com o povo elegendo as pessoas por conta de um cartão, para receber um dinheiro no final do mês... Antigamente, se um prefeito desse um par de sandálias a alguém, esse prefeito podia ser punido, até preso, porque deu uma sandália com o seu dinheiro. Mas, infelizmente, esse marginal que saiu do governo, que atende pelo nome de Luiz Inácio Lula da Silva²⁵, esse cidadão comprou as pessoas com o dinheiro do governo federal e ficou por isso mesmo. Pegou o programa do PSDB²⁶, que era mais ou menos o cartão bolsa família, só que com outro nome, era o cartão educação, cartão cidadão, programa de Fernando Henrique Cardoso²⁷, se elegeu e transformou o país nessa miserabilidade que é hoje. Explorando a miserabilidade do nosso conterrâneo, do nosso ser humano, que hoje deixa de trabalhar para ter um cartão, dois, três cartões bolsa família e pronto... Eu acho que esse cartão bolsa família é o grande problema! As pessoas hoje não querem mais trabalhar, não se educam: “Ah! Não! Mas o menino tem que ir para a escola”. Tem nada! O prefeito botando sobrinha (prefeito do interior...). Se a coisa fosse séria, eles entregavam isso para o sindicato dos professores resolver, cadastrar as famílias, porque se trata de um cartão bolsa família que exige que o menino vá para o colégio. O que é que acontece? Quem vai tomar conta disso são os professores, são as escolas, o sindicato dos professores... Agora você pegar um programa desse porte, envolvendo essa pilha de dinheiro e entregar aos prefeitos? Ninguém me tira da cabeça que a corrupção começa daí!

O PT trouxe para o Brasil a grande verdade de você roubar sem ser preso. Num país de analfabetos todo mundo quer, pronto. Essa é a bagunça que está hoje aí. Essa insegurança, as pessoas todas matando, roubando. Mata um cidadão para lhe roubar um relógio. A vida passou a ser nada. O PT tem, sim, culpabilidade nisso. Começou com o mensalão²⁸. O

²⁴ Paulo Salim Maluf foi prefeito de São Paulo, por dois mandatos, governador do estado de São Paulo e candidato à Presidência da República.

²⁵ Ex-presidente da República, governou o país de 2003 a 2010.

²⁶ Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

²⁷ Ex-presidente da República, governou o país de 1995 a 2002.

²⁸ “Esquema do mensalão”, como ficou conhecido o maior esquema de corrupção ocorrido no governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, entre os anos de 2005 e 2006. A palavra “mensalão” foi então adotada pela

presidente Lula está milionário. Ele lançou não só a compra de votos com o dinheiro do governo... Antes era só o prefeitinho, que, pra se eleger, dava uma sandália pra um, uma camiseta pra outro, agradava por ali com um milheiro de tijolo, isso dava um problema maior do mundo... Aí o sem vergonha desse presidente Lula, inventou agora comprar o mesmo negócio e dar o dinheiro, que é pior ainda, que você vai tomar é cachaça. O pobre vai tomar é cachaça, como muita gente do interior. Ele dá o dinheiro, e outra, o dinheiro não é dele, é do governo federal. É meu imposto que vai pra ser pago nisso aí. E Lula, além de inventar isso daí, ainda inventou a chamada propina programada. Eu não acredito que Lula tenha cultura, conteúdo, para ministrar palestra em canto nenhum a não ser no bar da esquina da casa dele. Agora, tem o carisma de saber mentir para o povo, com aquela barba que esconde a pele. Ele tem esse carisma. Isso é inegável. Ele é carismático e aproveitou-se muito bem disso, com a mentalidade voltada para o mal, para o perverso. Só pode uma empresa contratar Lula por quinhentos mil reais para ele falar duas horas... Coincidentemente, foram as empresas beneficiadas por ele, no governo dele, nos dois últimos períodos. A Telefônica é uma empresa que pagou quinhentos mil reais a Lula, pra ele dar uma palestra pros seus funcionários. O filho dele, que era um vendedor ambulante, passou a ser sócio da Oi. Essas empresas são justamente quem contrata Lula hoje. Na minha opinião, isso é propina programada. Na época ele disse: “Bom, eu vou ajeitar vocês aqui. O que é que eu ganho com isso?”. O cara diz: “Agora?”. Ele: “Não, agora não. Você vai deixar eu sair do governo, depois você me contrata na forma de palestra, eu vou bêbado conversar um monte de besteira para os seus funcionários, e você me paga a propina”. É isso aí que tá acontecendo e o povo não consegue ver isso. É propina programada. Foi outra grande criação do bandido Luiz Inácio Lula da Silva.

Voltando a falar de Mossoró... Mossoró sempre se destacou na região Oeste. Sempre foi uma cidade sede, praticamente, do progresso daquela região. Se os nossos governantes roubassem menos, eu acho que Mossoró era o dobro do que é. É uma cidade que deu esse pinote²⁹, de um dia desses pra cá. Mossoró, hoje, está praticamente irreconhecível. Só se conhece porque entra logo pela rodoviária, entra logo no começo da cidade e tem a igreja de Santa Luzia³⁰ que você avista de longe.

Em relação à rotina da escola, vejo que não evoluiu nada! Com exceção de um computadorzinho aqui, outro acolá. Mas continua a mesma coisa, professor na sala de aula

mídia para se referir ao caso, sendo uma variação da palavra mensalidade. Este esquema envolvia diversos parlamentares e tinha como finalidade o pagamento de propina para compra de votos.

²⁹ Quer dizer que a cidade deu um salto no seu crescimento, cresceu rapidamente.

³⁰ Santa Luzia é a padroeira da cidade de Mossoró.

sofrendo sem incentivo nenhum para pesquisa, a não ser a própria internet (aqueles que a família tenha condição de comprar uma máquina), ele pode se atualizar mais um pouquinho. Mas isso é preciso gostar muito da profissão, adorar, endeusar a profissão de uma forma quase que já sacerdócio. Você vai fazer gratuitamente. Aquele que quiser viver, sustentar sua família da profissão do magistério, hoje, piorou muito. No período da minha infância, juventude, era orgulho da família: “Olhe, eu tenho um filho padre, um filho professor...”. Dignificava muito a gente, não pelo dinheiro, mas, sim, pela qualidade da ética. Aonde você chegasse e dissesse: “Eu sou um professor”, ali estava um homem sério. Como ainda existem hoje grandes focos de professores sérios. Mas como a corrupção está sem freio no Brasil, existem aqueles que se beneficiam também dela. Isso nas universidades, principalmente. Agora mesmo um professor de Brasília matou uma aluna porque estava com outro. Antes a gente pensava três vezes, antes de um professor praticar um crime, um negócio, porque aquilo ia denegrir a sua imagem. É como quem diz assim: “Puxa! Eu sou um professor, eu tenho que dar o exemplo”.

Eu, pelo menos, trabalhei ainda assim em Mossoró. Meus colegas, alunos que hoje são diretores, professores etc., graças a Deus, eles podem dizer que eu tinha ética, eu tinha companheirismo, eu tinha coleguismo, eu tinha profissionalismo, eu não misturava. Bebia cachaça? Bebia! Final de semana a gente se reunia pegava no pesado na pinga, mas dentro da sala de aula era outra coisa. Não se misturava nada. E algo ilícito que passasse, por ventura, na minha cabeça, eu pensava: “Não, eu não posso fazer isso”. Tenho muitos amigos, jamais beneficiei nenhum em troca de um final de semana, um litro de whisky,... Porque antes eu dizia: “Eu tenho que dar o exemplo, isso não fica bem pra eu fazer um negócio desses”. Mas hoje é banal, isso é normal. E não é no ensino fundamental, não. É nas universidades. Que hoje a corrupção passou pelos muros da universidade, graças ao PT. Acho que tudo está na política.

Sobre as disciplinas? No meu período de estudo, eu sempre direcionei a minha profissão para a área técnica, que era o que eu queria, Engenharia Civil. Por conta disso, a Matemática foi uma disciplina que eu sempre tive muito cuidado, porque eu sabia da importância. Outra coisa também, falha gravíssima do meu currículo escolar, da época... eu nunca estudei Biologia na minha vida. Nem sei o que é; sei que tem uns nomes complicadíssimos. Então, como eu fugia da área médica (eu não me dava bem com a área médica, por hipótese alguma, eu não queria um negócio daquele, eu acho, sempre gostei muito da área técnica), as minhas disciplinas eram técnicas. A Matemática foi a mais

marcante para mim. Por sinal, eu tenho uma história até interessante de como eu entrei na Matemática. Eu já tinha essa ideia, mas não direcionada cem por cento. Eu era estudante do Ateneu Norte-rio-grandense³¹, aqui em Natal, e naquele período tinha muitas greves. As greves naquele tempo eram para valer mesmo, não eram essas grevezinhas que o pessoal vai pra praia, não. Naquele tempo, greve, a gente ia pra o Ateneu, alunos e professores. A polícia na porta e a gente dentro brigando pra conseguir o que a gente queria. E como era muito constante a greve, num determinado ano da minha vida estudantil, em 1965, 1966, um professor passou o ano todo falando sobre equação de segundo grau, onde o primeiro semestre ele falou a vida toda sobre um tal de x linha e no segundo semestre sobre um tal de x duas linhas (as raízes da equação de segundo grau). Foi o ano todo o professor dando isso: “B dois, sobre quatro a , c , sobre dois a ”; “Menos b , mais ou menos raiz, tal, delta, sobre...”. Pois chegou na prova final e eu não acertei nada. Não sabia. Se eu não me engano isso na sétima série. Aí o professor me disse que ia me reprovar e eu perguntei a ele: “Mas, professor, eu não posso ser reprovado logo em Matemática, eu tenho uma ansiedade de ser engenheiro, minha profissão, eu quero trabalhar na área técnica...”. E ele: “Eu vou lhe dar uma oportunidade, vou lhe dar quinze dias, que eu vou ficar na escola ainda, pra você estudar, faço uma prova de novo com você”. Eu fui daqueles reprovados direto, então, a gente tinha mais tempo (o reprovado direto, esse já sabe logo, aquele que fica em segunda chamada vai ter mais papo pra frente). Eu fui pra casa, pedi a meu pai que comprasse quatro livros novos, de capa dura, de um autor chamado Oswaldo Sangiorgi³². Ele me conseguiu esses quatro livros, capa dura, de Matemática, Oswaldo Sangiorgi, de todo o ginásial. Bom, e eu fui fazer o que eu queria, me trancar num quarto e estudar. De manhã, acordava e estudava. Só fiquei em Matemática, as outras eu passei, eu estudava como quem lê um romance, eu lia Matemática, lia, lia, lia, e o caderno aqui de lado, e fazendo [as questões]... Nisso, nesses quinze dias, a minha dedicação foi tanta que eu “bati a capa” dos quatro livros. É lógico, até onde eu estava eu tinha mais certeza, as que eu ainda ia estudar, até mesmo pela própria situação, eu deixei pra depois: “Não, isso aqui depois eu aprendo...”. Fui pra prova. Ficou somente eu e o professor de frente. Eu baixei a cabeça e fiz a prova todinha (eram cinco questões). Ao entregar, ele olhou e disse: “Você colou de quem, que eu não acredito que você fez essa prova, porque há quinze dias você não sabia nada, agora você fez a prova toda. Como é que pode? Você vai... eu vou lhe passar...”; o professor chegou a me fazer essa proposta: “Eu vou lhe passar, eu só quero que

³¹ Primeiro colégio desse formato instalado no Brasil, ainda no período do Império, no ano de 1835.

³² Um dos principais professores e pesquisadores na área de ensino de Matemática, responsável pela divulgação e disseminação da Matemática Moderna, na década de 1960, no Brasil.

você me diga como foi que você fez, porque eu estou aqui na sua frente, eu vi você fazendo a prova e você fez tudinho”. Eu disse: “Doutor, eu aprendi, eu estudei”. Pronto. Aí, a partir daí meu gosto cresceu em progressão geométrica pelo negócio.

Eu descobri, também, que a gente estuda pouco. Não precisa ficar se matando como Informática, História, Geografia que mudam as coisas constantemente. Matemática você não precisa ficar se matando. Dois vezes dois é quatro faz tempo e não vai mudar tão cedo, não muda tão cedo... Então, eu continuo dizendo que Matemática foi a disciplina mais marcante comigo, sempre foi. Eu sempre gostei muito. Quando fiz concurso pro ETFERN, eu estudei por um livro que tinha mil trezentos e sessenta páginas, só exercícios. Eu fiz todos! Quanto mais você resolve, quanto mais você vai chegando à solução, mais você vai se entusiasmando. Eu estudava muitas vezes à noite, e muitas vezes eu ficava tão entretido com a Matemática que eu estava estudando, que começava a clarear o quarto, começava a clarear e eu dizia: “Quem é o danado que tá mexendo nessa luz?”. Quando eu via era o dia, já. Era o dia clareando, o quarto começava a ganhar aquela luminosidade e eu não via o dia amanhecer, empolgado que eu estava com o negócio. Então, sempre foi o meu xodó, a Matemática.

Eu sempre estudei, por conta, justamente, por ser um costume normal da minha família (minha família, que eu digo, é mais minha mãe, porque meu pai viajava muito). A minha mãe, como professora da escola normal de Mossoró (que hoje ficava perto da FACEM³³), foi quem me encaminhou para essa conscientização, porque isso depende da família. É um recado aqui que eu deixo (recomende sempre que você puder), que é a primeira sociedade que o indivíduo vive é a família. É o primeiro ciclo social. Se aquele ciclo social tiver vícios, com certeza, ele terá falhas no seu caráter, na sua personalidade. Mas se você guiar essa pessoa para o caminho, pelo menos que você vislumbre uma estrada longa, esse indivíduo, com certeza, trilhará pelo menos um pedaço dela. Ele vai seguir. Foi o que aconteceu comigo. O meu pai não ligava muito pra mim, porque vivia no meio do mundo, eu fui criado praticamente pela minha mãe. E como professora, me orientava a sempre me cuidar, ter gosto pelos estudos. Minhas notas, eu estive vendo outro dia desses, no Ateneu, eram oito, nove. Sempre fui aquela pessoa dedicada.

Onde eu estudei? Ah! De nome assim eu não me lembro, não. Mas eu sei que me marcou, o colégio Estadual do Ateneu. O Colégio Estadual de Ceará Mirim, que eu não sei o nome, porque lá eu fiz o exame de admissão que me marcou muito. Em Nova Cruz, foi o colégio particular, chamado Colégio das Freiras. Mas o colégio que me marcou foi o colégio

³³ Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró.

Estadual do Ateneu, porque lá foi que eu fiz todo o meu ensino médio, o ginásio e o científico. Naquele tempo era chamado o ginásio e o científico, era o fundamental de quinta a oitava, que hoje é até a nona. Depois eu fui pro Colégio Estadual Winston Churchill, mas não como aluno, lá eu já entrei como professor de Matemática. Os professores marcantes... Esse que me botou no mundo da Matemática, professor Einam Antunes, foi um professor muito marcante na minha vida, porque me deu essa oportunidade, e a partir dele passei a dar oportunidades aos meus alunos. Eu reprovei? Reprovei! Com certeza! Um cara com vinte e oito anos de magistério com certeza ele reprovou alguém. Mas eu não tenho um inimigo, porque a reprovação, pode ficar certo, é uma porta aberta pra inimizade. É um ano da vida do sujeito que você está tirando, às vezes, por décimos. Eu via professores meus tirarem a oportunidade de pessoas por causa de décimos. Eu acho isso uma maldade muito grande, porque você passou o ano todo com aquela pessoa. Dê oportunidades, como o Einam Antunes fez comigo: “Olhe, eu vou lhe dar mais uma chance. Quer estudar isso daqui? Venha daqui a quinze dias que eu faço outra prova com você”. Rapaz, isso me marcou muito. Todos os meus alunos da Universidade de Mossoró que passaram comigo são testemunhas do que eu estou dizendo. Não se saía bem? Eu entendia que nem todo dia você está apto a fazer uma prova. Eu nunca vou com aquele negócio de dizer: “o aluno, isso é um vagabundo, nunca estudou. Esse marginal não estuda, não. Quer passar na marra”. Eu não tinha esse tipo de pensamento do meu aluno. Eu achava que, por mais desinteressado que fosse, ele tinha uma obrigação, pelo menos com a família, de dizer: “Estou indo para a faculdade”. E isso já lhe dava uma responsabilidade. E no dia da prova, vai que ele não estivesse bem emocionalmente. E numa prova de Cálculo (que eu ensinei muito Cálculo, Estatística, Álgebra Linear, eu ensinei tudo isso), você chegar preocupado com um cheque sem fundo; preocupado com o seu pai que brigou com sua mãe, está se separando; a sua irmã que acabou de ter um filho, sem saber quem é o pai, esses problemas da nossa sociedade. Aí eu dizia pra pessoa: “olhe, você não se saiu bem, mas vamos fazer de novo, vamos refazer”. Fiz muito isso. Eu ia, até ele dizer: “professor, eu não aguento não, não estou sabendo, não sei nem para onde é que vai isso, pode me reprovar”. Pronto. Então eu dizia: “Olhe, você que está pedindo! Depois não vá dizer que o professor lhe reprovou, quem está se reprovando é você!”. Eu sempre dizia isso para os meus alunos: “Você quando tira uma nota boa, diz: - eu tirei nove; eu tirei dez. Agora quando tira um zero: - o professor me deu zero. Não! O professor não deu zero não! Você tirou zero. Eu só fiz atestar”. No Ateneu, um professor muito marcante, pra mim, que depois terminou meu colega, foi Júnior Jácome (esse rapaz, inclusive, depois passou a ser dono de um

cursinho aqui em Natal). Eu admirava muito porque era nosso amigo, nosso colega, e já ensinava no Ateneu, foi meu professor inclusive. Mas que me conste, todos aqueles professores, não existia professor leigo. Todos eles tinham uma certa cátedra superior a respeito disso. Com exceção das áreas técnicas, Matemática veio ser faculdade um dia desses. Matemática não tinha esse negócio, não! Quem ensinava Matemática eram engenheiros. Como eu disse, o rapaz era engenheiro. Mas tinha uma formação. Depois que se criou o Instituto de Matemática aqui e Mossoró criou lá, foi que veio se dirigir, se educar o ensino da Matemática como deve ser, porque até no meu tempo, que eu me lembro bem, os professores não me ensinavam Matemática, me mostravam como decorar certos assuntos.

Você decorava aquelas milhares de fórmulas Matemáticas e é o pavor da Matemática. Todo mundo ainda hoje tem pavor à Matemática, porque ali você tinha que decorar. E sabe qual é o dia que você esquecia? No dia da prova. É o único dia. Eu dava aula demonstrando. Eu era, talvez, um dos únicos professores lá de Mossoró que qualquer teorema, qualquer fórmula que eu botasse no quadro, eu demonstrava pro meu aluno, de onde saí onde cheguei. Eu fazia demonstração no quadro. Era muito diferente de dizer para uma pessoa: “Olha, sabe qual é a área do quadrado? Lado vezes lado. L dois (l^2). Pronto. Decore isso aí!”. Por que é lado vezes lado? Então, eu dizia o porquê. E isso eu acho que veio com os institutos de Matemática, as escolas especializadas no ensino, as universidades de Matemática, as licenciaturas plenas. Eu acredito que trouxe isso de bom, para que os professores tomassem conhecimento de onde vem a coisa. Ainda hoje, se tem muitos problemas, o professor se acha o rei porque é de Matemática, acha-se diferenciado e apenas apresenta fórmulas para os alunos, às vezes, sem saber como elas surgiram, apenas decorou.

Dificuldades? Tive! Financeira, lógico! Porque eu não era rico. A minha família não era rica, meu pai, inclusive, com duas famílias. Eu tive muita dificuldade. Eu sou aquele aluno com um caderno debaixo do braço. Agora tinha lances assim: “Papai, ou você compra esses quatro livros pra mim ou eu vou me prejudicar”. Aí se dava um jeito de comprar. Mas eu tive muitas dificuldades nos estudos, até o ensino científico. Eu ia a pé pro colégio. Eu morava no Alecrim³⁴, ali no cruzamento da Alexandrino de Alencar com a Coronel Estevam. Naquele prediozinho da esquina, eu morava naqueles apartamentos. Por trás do Padre Miguelino, Colégio Estadual do Alecrim. Pois eu saía a pé, porque eu não tinha dinheiro para ônibus, descia a igreja São Pedro, passava, subia a Avenida Deodoro e entrava na Potengi... Então eu ia parar no Ateneu. Assistia aula no Ateneu até o meio dia e voltava tudo de novo a pé.

³⁴ Um dos principais bairros comerciais de Natal.

Passava pelo Palácio dos Esportes³⁵, pegava a Deodoro, subia a igreja de São Pedro, chegava em casa quase uma hora da tarde, morto de fome, de suor, cansado. Então, eu era aluno de um caderno. Na faculdade, começou a melhorar, porque, embora o meu pai tenha sido muito ausente na minha educação, conseguiu comprar um carro de terceira categoria e me deu para ajudar na faculdade, para eu não ir de ônibus e nem tomar chuva. Era um Gordini³⁶. E esse Gordini era o que servia pra me levar para a faculdade e me trazer. Mas deu a seguinte observação: “Arranje um emprego pra comprar combustível, que eu não vou poder lhe dar gasolina todo dia”. Como gostava muito de Matemática, comecei a ser professor do Churchill, mesmo sem ser formado, mas devido à deficiência de professores, a Secretaria Estadual dava uma autorização pra que eu lecionasse, porque eu era aluno do curso de Engenharia Civil. Depois eu passei para Matemática. Mas eu entrei mesmo como professor na Matemática no Colégio Estadual Winston Churchill, devido a essas dificuldades. Eu tinha o carro, mas não tinha dinheiro para a gasolina.

Tive dificuldades em algumas disciplinas, por exemplo, em Física. Como não existiam institutos de física, universidades especializadas em Física, eu fui vítima desses professores que chegam e somente colocam a fórmula no quadro. Energia é igual a ‘m’, ‘c’ dois. Daí pra você saber? Se vira pra saber o que é energia e igual a ‘m’, ‘c’ dois. Então, Física, eu tive muita dificuldade, muita mesmo. As outras eu não tinha dificuldade, não, mas Física eu me lembro que estranhava demais, por não entender nada daquilo que o homem justificava. Por que Física é justificativa do nosso dia a dia. Por que é que o sol brilha? Por que é que eu enxergo este computador? Isso é tudo esclarecimento da Física. Mas era uma confusão tão grande que o cara fazia com isso, que eu terminava com pavor. Eu acho que é o que, hoje, muita gente sente por Matemática. Quando não estuda corretamente o que é a Matemática. Porque Matemática é uma ferramenta que vai lhe ajudar no seu dia a dia.

Mudanças? Mudei de Engenharia para Matemática. Engenharia eu cursei até o quarto ano, comecei a estagiar numa empresa, aqui em Natal, na zona norte. Eu ganhava pra isso e fiquei responsável por um setor da construção que era o de concreto. Era um negócio impressionante, porque a empresa ia ser uma tecelagem, e as bases de concreto iriam segurar umas máquinas imensas que vinham do Japão. Aliás, a planta foi feita no Japão. A gente tinha um engenheiro pra traduzir aqueles “risquinhos de japonês”. Foi quando comecei a ver que não era a minha profissão, eu não ia me dar bem porque eu me atirava muito com o pessoal

³⁵ Antigo estádio de futebol de Natal, destruído para a construção do Arena das Dunas, um dos estádios escolhidos para a Copa do Mundo de 2014.

³⁶ Gordini foi um carro lançado pela francesa Renault em 1958 na Europa e, mediante licenciamento, pela Willys Overland em 1962 no Brasil. Também foi uma empresa pertencente a Renault.

que trabalhava comigo, eu detestava meus superiores porque não tinham modos comigo. Então, mudei apenas uma vez. De Engenharia Civil para Matemática. Foi a única mudança brusca na minha vida educacional. E não me arrependi!

No sistema educacional houve várias, pois ele muda quase que todo ano. Agora falamos ensino fundamental: foi primário, já foi fundamental, já foi primeiro grau menor, segundo grau maior... Quem chega no poder político quer mostrar serviço, mexe na educação! Agora mesmo, acabaram de mudar: é até o nono ano. A educação vive mexendo e ninguém acerta. Os governantes têm que entender que não adianta fazer uma “escola dos Jetsons³⁷”, moderníssima, onde o professor desliza, não ande e sim flutue pra sala. Os computadores, você estrala os dedos e eles acendem as luzes. Não adianta você modernizar a escola se o agente motivador disso tudo, aquele que vai criar ânimo nos alunos, o professor, está insatisfeito! Insatisfeito porque está sem salário: não recebe ou é baixo. Ele está preocupado com o supermercado: o preço da carne sobe pros ricos, o pobre vai junto. “Ah! Por que o filé hoje custa trinta reais o quilo”. É pros ricos, pra aquele povo político, dinheiro fácil, e outros mais abençoados; mas só que o pobre vai também. Não existe filé de trinta pra um e filé de quinze pra outro. Mas os governantes não entendem isso. Acha que só sobe pra eles e não sobe pro professor, não sobe pro assalariado. Não vão consertar nunca a Educação enquanto o professor entrar na sala de aula preocupado com o seu salário que só vai até o dia quinze... acaba o salário e o mês passa. Pelos meus trinta e oito anos dentro da educação, o que eu vejo, o grande problema está na remuneração sim!

Aí vem um analfabeto daquele do Ceará para cá, faz uma palestra, o governador Cid Gomes³⁸, e afirma: “Professor que tiver dando aula pensando em dinheiro, não devia estar na profissão. Professor tem que dar aula por amor.”. A mãe dele não fez ele por amor! Quem já se viu? O governador do Ceará, ter a cara de pau de vir aqui e dar essa bendita declaração que professor era pra dar aula por amor, não era pra ficar perturbando o governo por dinheiro! Quer botar moral nesse negócio? Valorize o professor. Dê, pelo menos, a ele um salário digno. Como o da universidade! Nós temos boas universidades, mas o professor da universidade ganha dez mil reais, nove mil reais. Não é um miserável do Estado que ganha seiscentos, setecentos, oitocentos reais. Pra dar mil reais, que é o teto, é uma confusão! Eu devo ter começado a ensinar em mil novecentos e setenta e dois (1972). O diretor do

³⁷ The Jetsons (em português Os Jetsons) foi uma série animada de televisão produzida pela Hannah-Barbera. De 1962 a 1963, exibida no Brasil pela TV Excelsior, depois de 1985 a 1987, exibida pelo SBT e atualmente, exibida pelo canal Tooncast.

³⁸ Cid Ferreira Gomes foi prefeito de Sobral de 1996 a 2000 e é o atual governador do estado do Ceará, eleito, para o primeiro mandato, em 2006.

Churchill, professor Orneles, marcou também muito minha vida. Foi ele que me colocou nesse negócio de lecionar. E lecionei três anos para o filho dele, o professor Orneles Filho, que foi quem me chamou também. Ele dizia: “Luiz, você vai dar aula em meu lugar, que eu não estou podendo e aí quando eu receber o meu dinheiro eu passo para você!”. Era como se ele tivesse lecionando, e o pai dele, como diretor do colégio, aceitou. Ele também era aluno de Engenharia. Eu perdi três anos de IPE³⁹, previdência social, pois ele me passava só o líquido, eu achava ótimo chegar o final do mês e ele repassar o salário dele pra mim. Como eu não tinha quem me orientasse, meu pai vivia fora, preocupado até com a outra família (cafajestada dele), eu aceitava aquilo com a maior dignidade do mundo. Porque ali eu pagava a gasolina do meu carro, já sobrava um dinheirinho para no final de semana ir pras praias.

Nesse período, a grande maioria dos professores ingressava na carreira por necessidade e ia procurar, chegava e dizia: “Olhe! Eu quero ensinar. Eu sou aluno de Engenharia, eu posso ensinar Matemática!”. E podia mesmo. Ia na secretaria, tirava uma autorização, devido à carência. Não existia professor, tiravam a autorização na secretaria e eram “professores autorizados”. Passei muito tempo assim. Naquele tempo se ganhava melhor, proporcionalmente, do que se ganha hoje, então, muita gente corria pro magistério. Também, os que se destacavam no estudo eram convidados, como eu fui convidado a ingressar na área.

Quando comecei a lecionar, eu era novo, tanto que um dia na semana, na quinta-feira, tinha somente os dois últimos horários. Eu chegava no Churchill por volta de oito e meia da noite e, muitas vezes eu fui barrado pelo vigia: “Ei! Aluno não pode entrar. Já tocou faz tempo.”. Eu dizia: “Meu amigo, eu não sou aluno, eu sou professor da turma tal...”. E o danado do vigia nunca decorava meu nome e nem minha fisionomia. Fui barrado várias vezes.

Muita gente do interior vinha estudar aqui. A evolução nesse ponto era muito grande, eu me lembro que eles tinham a residência universitária. O reitor José Ivonildo do Rego⁴⁰, daqui de Natal, deixou a reitoria há pouco tempo, foi meu colega de classe na Engenharia, morava na residência universitária. Ele era do interior, de Pau dos Ferros, e vinha estudar aqui. Como a deficiência no interior era maior ainda, eles vinham fazer faculdade, todo mundo, aqui.

Na Matemática também tinha várias pessoas do interior. Porque, antigamente, na faculdade você entrava da seguinte maneira: você optava por três cursos. Então, tinha muitos deles que a nota não dava pra Engenharia Civil, mas podia ser para a Matemática ou para

³⁹ Instituto de Previdência do Estado.

⁴⁰ Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

outro curso técnico. A gente cursava um pedaço, dois anos, chamado o “indiferenciado”, era uma coisa só. Foi onde José Ivonildo estudou comigo, depois ele foi para a Engenharia Mecânica e eu fui para a Matemática. No curso de Matemática, a minha turma, eram nove alunos. Desses nove, eu acredito que, cinco eram do interior, que vinha se capacitar aqui em Natal, porque lá nas suas cidades só tinha, talvez, até o segundo grau. Hoje a universidade se interiorizou de uma forma que Pau dos Ferros já tem! Assu⁴¹ tem! Angicos⁴² já tem UFRSA⁴³.

Em Mossoró também tinha muita gente do interior próximo. Tinha gente que vinha de Aracati⁴⁴, de Areia Branca⁴⁵, de Apodi⁴⁶. Os ônibus vinham toda dia com estudantes. Era um sacrifício terrível. Você ia reprovar um aluno por décimos? Eu achava uma maldade, falta de humanidade. A pessoa vir de Aracati, todo dia, uma hora de ônibus pra ir e outra pra voltar. Terminava a aula dez e dez da noite (eu não abria mão, não!), pegava o ônibus chegava em casa por volta da meia noite; saía da cidade cinco horas da tarde pra chegar no horário... o sacrifício era muito grande. Eu tinha muito zelo com essa turma, devido às dificuldades que enfrentavam. Por isso eu não tenho inimigo em Mossoró; tem uma ala dentro da Universidade com meu nome: Luiz Carlos da Trindade.

Não ensinei em muitas escolas. Eu fui professor do Estado por anos, no início dos anos de 1970, primeiramente com uma sala de aula, depois fiz um concurso interno e fui para o supletivo. Quando fui para Mossoró, levei o meu cargo do Estado e trabalhei no Centro de Ensino Supletivo, ali perto do Colégio Diocesano Santa Luzia. Quando vim embora para Natal, e ao chegar aqui, passando no concurso do ETFERN, eu pedi demissão do Estado e levei meu tempo para essa escola. Agora, antes disso, como eu precisava ganhar dinheiro, no período do Churchill, eu ensinei no colégio Imaculada Conceição, aqui em Natal, que era um colégio particular. No colégio Das Neves, foi por um ano, era temporário e, por sinal, eu fui expulso. Com muita dignidade a Irmã Madre Alves, irmã de Aluisio Alves, que era a diretora, me pediu para aprovar uma moça e eu disse que não aprovava, então, fui expulso. Era colégio particular, eu acredito que ainda tenha esse tipo de coisa... tinha uma menina que não teve

⁴¹ Cidade localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 400 km da capital Natal e 154 km de Mossoró.

⁴² Cidade localizada na microrregião homônima, distante aproximadamente 171 km da capital Natal e 106 km de Mossoró.

⁴³ Universidade Federal Rural do Semi Árido.

⁴⁴ Cidade litorânea do estado do Ceará, distante aproximadamente 150 km da capital Fortaleza e 92 km de Mossoró.

⁴⁵ Cidade localizada no litoral da região Oeste Potiguar, distante aproximadamente 330 km da capital Natal e 52 km de Mossoró.

⁴⁶ Cidade localizada na região do Oeste Potiguar, distante aproximadamente 328 km da capital Natal e 80 km de Mossoró.

jeito, eu tentei resolver de todas as formas para que ela tivesse responsabilidade, mas ela não ia. Ela sentava lá atrás, não ligava para nada. E eu fui obrigado a reprovar essa aluna. Ao publicar a reprovação no quadro de notas, a Madre Alves, me chama na direção: “Professor, essa aluna o senhor reprovou...”. Eu: “É, Madre Alves infelizmente eu fiz tudo, mas essa menina não quer realmente nada com nada, acho que ela deve repetir o ano para ver se aprende, não posso jogar assim pra frente”. Ela: “Olhe, a família dessa aluna ajuda muito o colégio... – e lá vem o diabo do dinheiro – a família dessa aluna é o pé e a mão”. Eu acho até, que entrava na alimentação. Eu digo: “Infelizmente, eles podiam ajeitar a filha deles também, mas eu já publiquei, Madre Alves, eu não vou ter condição de mexer, não. Porque, inclusive, eu já publiquei que ela está reprovada. Se eu agora for lá e ‘desreprovar’, vai ficar muito feio – olhe como eu era – isso vai ficar muito feio pra minha moral”. Ela: “Ah! Professor... Então sugiro uma substituição”. Eu digo: “Agora!”. Eu fui posto pra fora do colégio porque não abri para passar a menina. Eu deixei a menina reprovada, não sei se passou, se não passou. Eu sempre fui muito sério com minha profissão. Por isso que, entre tantos, eu fui convidado para ir para Mossoró.

O sistema de ensino, de quando eu ensinei até hoje, não mudou muito não! Era quadro e giz. Universidade de Mossoró ainda tinha mais um agravante: atrasava o salário. Mas, todos que trabalhavam para a Universidade, trabalhavam com muito carinho, com muito afeto. Até mesmo pelo título. Alguns deles diziam: “Eu venho pelo título de ser professor universitário, eu ganho aqui duzentos reis...”. Porque lá era por aula; se você tivesse muitas aulas, era contrato cheio. Chegava ainda a mil réis⁴⁷, mil e duzentos. Se você fosse contratado só com doze aulas, com dez aulas, “duzentos réis”. Então, os professores faziam pelo título, para chegar no comércio e dizer: “Eu sou professor universitário”. Abriam muitas portas. Mas o cotidiano das escolas era tal como hoje, não mudou nada! Apenas, como eu disse, a única coisa que mudou na educação foi uns computadorzinhos, tem escola que recebe, outras não... Mas a safadeza é a mesma, a esculhambação é a mesma. Os prefeitos do interior comendo as merendas do FUNDEB⁴⁸.

Na Universidade todos os professores eram formados. Não tinha o disparate de mestrado e doutorado como tem hoje, que isso foi de um certo tempo pra cá, que o governo (aí eu concordo) fez muito bem, acabou com negócio de aumento para o magistério superior. Quem quiser ter reajuste vá se qualificar. Esse negócio de você ficar com a rede armada e

⁴⁷ Moeda portuguesa do século XVI, trazida para o Brasil e utilizada como moeda nacional até o ano de 1942, quando foi criado o cruzeiro.

⁴⁸ Fundo Nacional de Educação Básica.

chegar no final do ano, pegue dez, quinze, vinte por cento de reajuste, isso vicia. Como viciou há muito tempo, muita gente por aí. Hoje o reajuste para o professor é questão de três por cento, a inflação... Quer ter realmente um reajuste substancial? Se qualifique! Agora, ele também ofereceu oportunidades para mestrado, pra doutorado. Hoje a nossa Universidade, que no meu tempo devia ter uns dez doutores, tem quinhentos. Veja a evolução. A importância da criação do curso de Matemática da UERN? Muito importante, como qualquer curso superior, na minha opinião. O que é que um curso superior diferencia do outro? O status. A extensão, uma parte do tripé das universidades, eu acho que é o que diferencia um curso do outro. Ela é a aplicação daquilo que você está fazendo na prática. Então não é só o ensino. Os cursos universitários, na minha opinião, eles devem ser bem vindos à região por conta desse direcionamento científico que ele dá à prática de sua disciplina. Você tem que ir pra prática, pra isso existem os estágios. Então, eu acho muito importante os cursos universitários. Agora, uma pena que ainda são mal remunerados. A própria UERN estava de greve até semana passada⁴⁹. Isso não é porque estava sem luz, ou por que estava muita poeira lá, não! É porque o professor não tem valor mesmo. Como é que um governante deixa passar cento e vinte dias uma universidade de greve? Entravado por conta de um benefício salarial? Um negócio que os professores estão lá pedindo porque tá faltando? Porque, quando o cara opta em ser professor, ele não quer ser rico, milionário. Não! Porque se ele quisesse ser milionário, ele ia roubar. Ele ia para a política roubar as verbas públicas! Então, o cara diz: “Eu quero ser professor”, porque ele gosta daquilo. Porque ele gosta de trabalhar com pessoas, ele gosta de ser um agente formador de opinião, ele gosta de discutir. Para ensinar na UERN, que naquele tempo era FURRN, eles fizeram uma seleção de nomes, onde o meu aflorou para trabalhar, isso em 1976. O professor José Borges (que já até faleceu) veio e me contactou, e eu me apresentei a Laplace⁵⁰, que era o presidente da fundação, na época. Fez uma entrevista comigo, não fiz prova, só mostrei meu diploma. Conversei com Raimundo Filgueira⁵¹, que era o eterno diretor do Centro de Ciências Exatas e Naturais, e ele disse: “Quer ficar?”. Eu: “Quero”. Aí fiquei! Não para ganhar duzentos reais, que eu não podia. Ainda me ofereceram um contrato aos níveis daqui de Natal, aos níveis da universidade, porque eu era tido como professor visitante. Então, eu tinha muita regalia. Às vezes, a

⁴⁹ Refere-se a uma greve ocorrida na UERN em 2011, que durou mais de cem dias e teve fim em meados do mês de setembro.

⁵⁰ Laplace Rosado Coelho foi nomeado reitor da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) de 1976 a 1985. Foi um dos membros do grupo oligárquico Rosado.

⁵¹ Raimundo Filgueira de Oliveira, formado em Matemática pela UFRN, chegou a Mossoró em 1974 e foi um dos primeiros professores, com formação específica, do curso de Matemática da FURRN.

Universidade, que era um misto de particular (era paga), tinha verba federal, tinha verba Estadual, tinha os Rosados, ainda atrasava o salário. O meu, Laplace não atrasava. Eu me sentia chateado com esse diferencial, porque eu via Raimundo Filgueira, o salário atrasar dois, três meses e o meu rigorosamente em dia. Então eu ficava encabulado com aquilo. Como eu pagava hospedagem pra ficar lá, não podia atrasar. Então, muitas vezes, Laplace fazia empréstimo no BANDERN⁵² pra me pagar. Fazia em nome dele, pra me dar meu salário (que era aos moldes daqui). O curso de Matemática era um curso super novo, inclusive eu fui para dar nome ao curso, por causa de Brasília, aquela papelada toda. Eu fui para lá com essa finalidade, que tinha que ser uma pessoa formada e eu tinha Pós-Graduação em Matemática. Então, o que é que acontece? A falta desses professores na região era muito grande. Tinha professor de História, professor de Geografia que quebravam o galho. Você chegava num curso daquele de economia, quem dava aula de Geografia era o professor do Elizeu Viana⁵³. Mas Matemática era diferente, não era equação de segundo grau, não era logaritmo, não. Era Cálculo Diferencial e Integral, Álgebra Abstrata, Álgebra Linear. A Matemática tinha uma assunto mais aprofundado. Não tinham muitos professores de fora lá, não! Não tinha porque não se tinha curso técnico. Eu acho que o primeiro grande voo da Universidade foi fazer um curso de Matemática. Você vê ainda hoje que parece que não tem Engenharia. Tem Medicina, mas não tem Engenharia.

Não tive dificuldades no magistério. Como eu era um professor chave, pra dar nome ao curso, eu mandava! Eu é que fazia meu modo. Eu fazia o que eu queria, digamos assim, a grosso modo, o que eu achava que era correto. Eu me baseava na minha faculdade aqui de Natal. Então eu fazia lá, mais ou menos, o que eu já tinha percorrido aqui. Eu tentei mudar uma vez o estágio. Que o estágio era em Mossoró. Quer dizer: “Fica muito fácil! Aqui eles já são professores...”. Os nossos alunos, todos da noite, eram professores, durante o dia, dos colégios estaduais. Eu fui a Laplace: “Eu quero testar fora! Vamos contatar as prefeituras de Upanema⁵⁴, Apodi, vamos fazer um estágio com esse pessoal de, pelo menos, quinze dias nessas localidades”. Quinze dias ficaram muito, porque a grande maioria dos alunos trabalhava e não poderia se ausentar. Diminuímos e terminou sendo assim: quinta, sexta, sábado e domingo. Quatro dias. Na verdade, eu queria que eles ficassem quinze dias no colégio de outra cidade, lecionando, para conhecer a realidade do interior! Mas as pessoas trabalhavam, às vezes, como gerentes de loja.

⁵² Extinto Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A.

⁵³ Escola pública, Centro de Educação Integrada Professor Elizeu Viana.

⁵⁴ Cidade localizada no Oeste Potiguar, distante aproximadamente 268 km da capital Natal e 55 km de Mossoró.

Mas eu consegui isso. Seminário da Matemática não existia isso lá. E eu criei esse negócio também. O seminário não era aula, eram palestras sobre a profissão, sobre a didática. E eu trazia gente de fora, de Fortaleza, daqui de Natal. Pra conseguir hospedagem pra esse povo, com Laplace na presidência da Fundação, é que era zoadá! Eu sei que eles iam pro Hotel São Pedro que era no centro da cidade, em frente à [igreja] matriz. Teve muita gente que eu contatava que vinha de fora e, posteriormente, criamos um curso de pós-graduação. Também fui eu que criei, por intermédio de um primo meu que era professor aqui, Felipe Trindade! Eu contatei o Felipe e disse: “Muito bem! Vamos fazer. Agora, não é tão rápido”. Eu sei que se passaram seis meses, com aula todo final de semana! De manhã e de tarde, aula. Começava as oito e terminava por volta das dezessete, dezoito horas. E eu consegui que os professores bons daqui, da universidade, fossem pra lá. Tem muita gente lá que tem especialização, graças a esse cursinho que a gente fez. Formou uma turma! Aí eu vim embora e eu acho que não teve mais, porque era trabalhoso. Pra você montar um negócio desse, currículo, didática, professores, quadro docente, lugar para as aulas... Olhe a dificuldade. Mas a gente incentivava muito. Todo mundo ia. E aquele que não ia, eu ia na casa do cara: “Ei rapaz, por que é que você não tá indo, pô? Como é que eu trago os professores de Fortaleza, de Natal, todo canto, caríssimo. A universidade está gastando os tubos com a hospedagem desse povo aqui, transporte, com o próprio salário, e tu não vai?”. Quando era no outro sábado, ele estava lá! Fiz muito isso. Trabalho de amizade.

Mossoró quando comecei a ensinar era maravilhosa! A cidade de Mossoró sempre foi muito boa, muito bacana. Apesar de o povo reclamar que era muito quente. A cidade para o magistério, eu acho que tinha grandes prédios, embora tudo estragado, porque eu acho que, há trinta anos, as pessoas ainda tinham a ideia de que: “Ah! Eu vou quebrar esse quadro porque ele é do governo”. Talvez hoje já tenham se conscientizado que aquele quadro é seu. Se você quebrar, o governo vai tirar o dinheiro de algum lugar que vai lhe faltar para consertar, se consertar! Ou, então, você vai ficar assistindo aula na metade do quadro por que o resto foi arrancado. Mas o início do meu magistério em Mossoró não teve dificuldades não. A gente vivia de quadro e giz. Hoje talvez tenha um retroprojeter, *data show*. Não precisava de notebook, que ninguém tinha, nem daqueles grandes que fica na mesa. Hoje a aula vai toda no notebook que você projeta com *data show*, você liga e “pchiu”, projeta. Eu pelo menos, já no IF, fiz muito isso. Programava toda a minha aula, levava, chegava lá, projetava. Nunca mais copieei nada no quadro.

Mossoró hoje. Apesar de eu ter saído de lá em 1982, eu tenho acompanhado a evolução cultural da minha cidade. Eu acho que Mossoró tem se desenvolvido (continua se desenvolvendo), destacadamente das outras cidades circunvizinhas. Mossoró é uma cidade abençoada porque tem um povo muito bom, tem muita condição financeira. Mossoró só quebra se o mar secar por conta do sal. O crescimento de Mossoró, em minha opinião, se deve mais à qualificação do seu povo, que é qualificado pra viver em cidade grande, tem aspirações de povo de cidade grande. O conformismo do mossoroense de hoje ficou mesmo nesse pessoal miserável do cartão bolsa família. Mossoró se vangloria muito de ter libertado os escravos, abolição... Mas todo mundo continua escravo, ainda! Só mudou de situação. Hoje são escravos dos Rosados. São escravos do governo. A escravidão continua ainda nesse país, só mudou de estilo. Saiu das correntes. Saiu das masmorras, daquelas infectas e sem higiene cabanas. Para um apartamento que você vai pagar para o resto da vida. Caixa Econômica! Mudou apenas o estilo da escravidão. E só não vai mais pra frente por conta disso... Mas já tá muito bom! Mossoró tem tido um avanço cultural, educacional, até financeiro. Mossoró é uma cidade que (meu Deus do céu!) cresceu, eu acho que mais do que Natal, proporcionalmente. O ensino de Matemática hoje? Esse é um assunto interessante. A tirar pela minha filha, o ensino de Matemática hoje, eu posso dizer que ele não é satisfatório, mesmo com todo esse cuidado. Eu vou lhe dar o porquê. Em minha opinião, os melhores professores de Matemática, os mais qualificados, os mais didáticos, os de maior conhecimento, os qualificados com pós-graduação, esses deviam estar no ensino fundamental e muito bem pagos. Olha que revolução! Eu morro e não vejo isso, nunca! É uma revolução terrível! Já pensou, você com seu mestrado, doutorado ensinando no ensino fundamental, ganhando doze mil de salário. Você ia, não ia? Mas, não! Aqui no Brasil é o contrário. Pega a ralé, aquela que não tem qualificação nenhuma, que não sabe tratar um assunto, uma matéria, um ser humano... Paga-se um salário miserável, talvez um salário mínimo ou menos, e coloca pra ensinar a base para as nossas crianças. É ali que elas começam a ter ódio de Matemática. Porque não tem um qualificador suficiente que lhe oriente. Então, em minha opinião, eu tenho um sonho, se eu pudesse continuar dentro disso e eu fosse gente nesse país um dia, eu invertia. Salário do professor de ensino fundamental, exigindo mestrado, quinze mil reais. Porque é a base. Ninguém faz um edifício de dez andares, sem passar pela fundação. A tirar pela minha filha, pelo colégio da minha filha, os professores mais qualificados, eles estão procurando colégios que paguem melhor. Lógico! A tendência natural de sobrevivência. Concordo perfeitamente. A falha não é dele, ele está certo. Aí fica no colégio um professor

que um dia desses colocou pra minha filha: “classifique quem é grandeza, quem não é grandeza”. Eu sei que, entre outras aberrações, tinha o velocímetro de um carro. Minha filha disse que não era grandeza. Por quê? Por que eu disse a ela que grandeza é tudo aquilo que varia, mas variação que se mede. Quando veio, errado. Aí quando eu peguei na prova dela, eu digo “minha filha quer dizer que para, o seu professor de Matemática velocímetro é uma grandeza? Ela tem uma variação na medida? Gente, grandeza é tudo aquilo que se mede a variação.”. O metro tá certo. O quilômetro tá certo. Agora o velocímetro não! Aí eu mandei um e-mail para ele: “coleguinha me desculpe, mas eu também sou da área...”. Aí, expliquei mais ou menos isso. Aí ele foi e consertou a nota dela na hora. Você veja como tá! Essa é a nossa Matemática de hoje. Agora você diz: “as universidades ensinam [esse conteúdo]?”. Acredito que sim! Não posso dizer pra você a verdade porque estou ausente. Mas eu acredito que isso é uma coisa tão básica que a universidade, sim, diz isso e qualifica muito bem. Agora o cidadão é que não se prepara pra dar uma aula. Por quê? Por que ganha três reais, quatro reais numa aula para ainda descontar o INSS, o sindicato, e quando bate no bolso dele fica com dois reais. Quem quer ganhar pelo menos dez ou doze, vai para uma escola maior, particular, universidade. Então, em minha opinião, o ensino de Matemática hoje, deveria sofrer a inversão dos melhores ficarem na base. Os melhores bem remunerados e na base. Aí acabava o problema pra frente, porque você já entrava na universidade sabendo a Matemática da sexta série que é a mais importante, a álgebra da sétima série que é coisa imprescindível, os produtos notáveis, tudo isso você vê na sétima série...

Eu acho que esse depoimento explana, perfeitamente, o profissional que eu fui. Eu até entrei em assuntos mais sérios, como a política, e o assunto era Matemática, mas infelizmente a política rege tudo isso. E fica-se o conselho, ninguém nasce sabendo. Paciência é muito importante em tudo o que você vai ensinar, até pro seu filho. É só com o amadurecimento. Quando a gente amadurece é que começa a ver as coisas de longe.

Entrevista com o professor Luiz Carlos

Duração da Gravação: 02h 05min 45s

Local: Residência do Colaborador (Natal/RN)

Data da entrevista: 22/10/2011



*E*ducação

*O professor Raimundo Melo,
Que agora vem falar,
As políticas educativas
Para a gente vai focar,
Pois com isso sempre estive
Envolvido a trabalhar.*

*Na cidade Portalegre,
Em quarenta e um nasceu
Mas morando com seus pais,
Lá em Itaú cresceu.
E mesmo com objeções
Estudar ele escolheu.*

*Estudou em Mossoró
Onde fez ginasial,
Depois de um tempo voltou
Pra ensinar no estadual,
Onde foi o diretor
Só com o colegial.*

*No curso de Economia,
Depois ele ingressou
E foi como aluno ainda,
Que nesse curso ensinou,
Depois foi pra outro canto
E na capital parou.*

Professor Raimundo

Meu nome é Raimundo de Freitas Melo. Sou daqui do Rio Grande do Norte, natural de Portalegre¹, interior. Nasci em trinta de maio de mil novecentos e quarenta e um.

Eu sou de família humilde, filho de pequeno agricultor. Meus pais tinham uma pequena fazenda no município de Itaú², onde se instalaram também meus irmãos como pequenos comerciantes. Nós éramos onze irmãos, hoje somos oito, faleceram três. Eu sou dos mais novos. Os irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de estudar que eu tive. Na nossa família, na casa de papai, eu que dei o pontapé inicial para estudar. Sou casado. Eu tenho cinco filhos e cinco netos, o filho mais velho é coronel do Corpo Bombeiros de Brasília, a segunda é dona de uma imobiliária aqui em Natal, o terceiro é metalúrgico e os outros dois mais novos são solteiros, um terminou o 3º Grau em Informática e o outro, que é o caçula, terminou o 3º período do curso Ciências e Tecnologia na Federal³.

A educação familiar que eu recebi foi a tradicionalista, ainda existia forte, era prenuncio de valorização da própria família. Dificilmente se ouvia falar em divórcio, que, primeiro, não existia. Até mesmo separação era muito difícil haver. E isso era geral, tanto na classe média, rica, como na pobre também era mantido esse valor da família. Os filhos sempre obedeciam aos pais, o parentesco se estendia até o terceiro grau. Então, havia uma extensão familiar muito forte. O respeito total. A benção era indispensável. Era uma identidade de respeito à família. Então, isso era muito seguro. Principalmente os padrinhos, que eram pessoas altamente representativas na família.

Por ser filho de pequeno produtor rural, conseqüentemente, eu fui um agricultor. Da faixa etária de seis até dez anos de idade eu era produtor rural. A saída pra estudar foi muito sacrificada, porque papai educava as filhas, os homens eram pra produzir. E quando eu me apresentei como candidato a estudar fora, houve uma reação muito forte. Ele dizia que filho dele não estudava, que aquilo era coisa pra mulher e não pra homem, e eu consegui vencer essa barreira, tínhamos muitas discussões. Houve até ameaça minha de fugir de casa. Meus irmãos chegaram, ajeitaram, foi como ele aceitou essa decisão. Mas foi sofrida... Saí no início

¹ Cidade localizada na microrregião de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 366 km da capital Natal e 140 km de Mossoró.

² Cidade localizada na microrregião de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 361 km da capital Natal e 113 km de Mossoró.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

da década de 1950, passei pela Casa do Estudante de Mossoró⁴, de Natal e de Fortaleza. Entre essas casas de estudantes, muita miséria, muita fome, vida mal dormida, mal alimentada.

Aqui em Natal, nós tivemos um período de falta de alimentação na casa. Eu lembro bem que nosso jantar era sanduíche de mortadela com um copo de chá-mate. Isso por mais de três meses. Foi quando eu me mudei para Fortaleza, foi outra sequência desastrosa de miséria. A gente pegava a fila, se a alimentação acabasse, mesmo que você estivesse na fila, não tinha mais direito, pois acabava tudo. Voltava para casa com fome. Essa fase foi até iniciar o segundo grau. Depois do segundo grau, os meus irmãos já tinham um padrão de vida mais ou menos, de classe média, fui morar em apartamento que alugaram e passei a estudar em colégio particular. Eu fui aluno do Colégio Castelo Branco em Fortaleza, terminei o meu segundo grau lá, que era na época considerado um dos melhores colégios de Fortaleza.

Na infância, a rotina era apenas o dia a dia. Os trabalhos escolares eram feitos na própria escola, não existia essa distribuição de material para estudar em casa. E o professor era aquele que se fazia presente apenas na sala de aula. Não existia aquela preocupação de estar presente fora, não: “Vamos atrás que o aluno está com alguma dificuldade”. Hoje já despertou um pouco esse interesse de sociabilizar a escola, levar a escola à comunidade e trazer a comunidade para dentro da escola. Com muito sacrifício, mas existe essa filosofia.

Sempre fui interessado pelos estudos. Porque eu tinha uma meta de vida... filho de pequeno agricultor, eu via mais na frente que se eu continuasse ali, não saía daquilo. Ia continuar sendo um pequeno produtor rural e eu não acreditava nesse crescimento. Meu sonho era um dia ser professor, mas foi um sonho de infância mesmo, achava lindo professor, a postura. Professor só dava aula de terno. Uma série de coisas que me chamavam muito a atenção. E foi meta na minha vida. E essa meta eu perseguí até chegar, mas eu não esperava ser professor universitário.

As oportunidades, nesse período que estudei, eram mínimas. Primeiro as opções. Quando estudante, era na Casa do Estudante; dinheiro pra assistir um cinema não existia, praticamente nada, porque a mesada também era reduzida; festividades também eram jogadas de lado, porque não havia essas oportunidades. Então, a juventude foi Casa do Estudante, livros e colégios. Foi uma vida, uma juventude, meio sofrida, como a infância na agricultura. Sofrida pelo fato de não haver opções. Na minha cidade fiquei conhecido como quem gostava de Matemática (sabia alguma coisa, eu nem era essas coisas toda), porque fui estudar em

⁴ Assim como a Casa do Estudante de Natal, é uma instituição filantrópica que tem como finalidade auxiliar os estudantes que chegam a essa cidade. Em Mossoró esta instituição foi inaugurada em 1957 e sua sede está próxima das escolas Diocesano Santa Luzia e Estadual Jerônimo Rosado.

escola pública, e fazendo ainda o ginásial, quando eu retornava, eu ganhava muitos bicos para lecionar particular aos filhos de colegas meus, para aproveitar esse dinheirinho e ir brincar o carnaval no retorno.

Na cidade em que eu morava, nas décadas de 1940, 1950, o cotidiano era, normalmente, à noite, com a pracinha, a luz era através de gerador e isso até dez horas, após as dez horas apagava e todo mundo tinha que se recolher. Na adolescência ainda, quando já estudava fora (tinha um grupinho pequeno, três ou quatro que estudava fora), a gente promovia algumas coisas, fugindo, às vezes, até do delegado que proibia qualquer pessoa na rua depois das dez horas. A gente conseguia driblar a polícia e conseguia fazer seresta aqui, seresta acolá e saía correndo quando a polícia aparecia. Saía o grupinho correndo separadamente. E chegou uma época que a polícia pressionou tanto, que as nossas serestas se tornaram dentro do cemitério. O cemitério ficava distante, era isolado, ninguém imaginava que uma ruma de garotos⁵ fosse brincar dentro do cemitério. Isso rolou muitos anos até a polícia descobrir que a gente tava fazendo esses encontros no cemitério.

Em Mossoró o costume era a gente ir para o Cine Pax⁶, porque tinha uma corrente de ar forte para chegar no cinema e as estudantes do colégio das freiras⁷ usavam saias compridas e o vento soprava essas saias, o pouco que levantava mostrava parte da pernas, o que despertava euforia na garotada. Então, a gente vinha mais para sentar nas calçadas e esperar as meninas passarem. Era um dos costumes. Outro era a ligação de amizade. A comunicação era muito frágil. Jornal só existia um, rádios só existiam duas, cinema só tinham três, mas muito humildes.

A política não tem muita diferença da de hoje. Sempre foram aquelas pessoas. Hoje eu trabalho de consultoria a políticos. Uma coisa que eu acho muito interessante na política é que a identidade do político é aquela do aluno vagabundo. Quem é o bedel na escola? Normalmente, aquele que não quer nada, porque é eleito pelo próprio colega. A figura de menos personalidades morais que existia dentro das escolas, tornaram-se sempre os políticos... os bedéis das escolas. E esses bedéis, pelo envolvimento deles como lideranças, se tornaram, com essa mesma filosofia de malandragem, políticos, ou grandes políticos alguns. Então, a política em Mossoró, era uma política já de cartas marcadas. Normalmente da família, e essa família se prolongava por muitos anos (inclusive, o exemplo da família

⁵ Quer dizer um grupo de garotos.

⁶ Cine Teatro Pax, inaugurado em Mossoró no ano de 1943, desativado em 2005.

⁷ Colégio Sagrado Coração de Maria, mais conhecido por Colégio das Irmãs; instalado em Mossoró no ano de 1912, ainda encontra-se em funcionamento.

Rosado⁸) e o outro lado tinha outras duas famílias, que tinha certa liderança, mas muito fraca. Muito forte mesmo era a família Rosado.

Mossoró sempre foi o centro econômico da região, inclusive centro político, porque as decisões da região sempre partiram de lá. A região de Mossoró, hoje representa em torno de quarenta e nove municípios, na época estava em torno de vinte e sete, vinte e oito municípios, que, qualquer decisão, sempre originava-se das lideranças de Mossoró. Os costumes políticos: a câmara funcionava muito ligada às decisões do poder executivo, onde, às vezes, o prefeito tomava as decisões, faziam as atas e chamavam os vereadores na casa dele para assinar essas atas. Essa era a forma das decisões, da câmara fiscalizar o executivo e o executivo se manter no cargo, pelo poder econômico e de gestão que ele tinha.

A educação na cidade de Itaú era uma escola, a Francisco Pinto, escola do Estado, funcionava até a quinta série, até o [exame de] admissão⁹. Professor com formação de educação só tinha um e o restante eram todos professores leigos, mas que com certo conteúdo, que comparado ao conteúdo e algumas formações de hoje, eu considero até bem qualificados. Minha professora de quarta série era muito radical e também muito dedicada ao ensino e ao aprendizado. A de quinta série já tinha uma formação, essa contribuiu muito. Tanto é que quando saí para fazer o admissão em Mossoró, que era tipo um vestibular, tinha duzentos e quarenta vagas, cinco mil e tantos candidatos, sai de lá sem preparação nenhuma, fui fazer e passei em quadragésimo lugar.

Fui pra Mossoró em 1958, porque era o município mais próximo que tinha uma escola com ginásio. Os dois primeiros anos foram na Escola Normal, depois foi construído o Centro Educacional¹⁰. Existia o Colégio Nossa Senhora da Conceição¹¹, um colégio de freiras, o Diocesano e o União Caixeiral, só isso. Só existiam essas quatro escolas, uma pública e três particulares. E a escola União Caixeiral era de uma associação de contadores. Mas uma escola de formação boa. Formava técnicos de nível médio de contabilidade. Então, realmente, era o que existia em Mossoró de escola no meu período inicial. Depois é que foi aumentando. Não existia, nessa época, a universidade. Depois a Fundação Universidade¹² surgiu.

⁸ Família Rosado, um dos grupos oligárquicos do Rio Grande do Norte, está no poder da prefeitura de Mossoró desde a década de 1940.

⁹ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

¹⁰ Hoje Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

¹¹ Colégio Sagrado Coração de Maria, mais conhecido por Colégio das Irmãs; instalado em Mossoró no ano de 1912, ainda encontra-se em funcionamento.

¹² Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), hoje UERN.

Terminei o segundo grau e perdi o vestibular, o primeiro vestibular que eu fiz foi pra Engenharia. Decepcionado, deixei Fortaleza e fui pra casa, em Itaú, decidido a não estudar mais. O que aconteceu que me decepcionou foi o seguinte: o colégio dizia que tinha duas turmas que todos passavam, eu era da primeira. Nós não passamos. Então, ela alugou dois ônibus, mandou pra Campina Grande¹³, fazer lá. Na terceira prova, os universitários tentaram fazer trote e os cearenses sempre foram muito radicais, muito metido a valentes, e começaram a soltar piada, “que cearense não ia levar trote, não sei o que”, aí foi agitando, o conflito foi aumentando. Chegou a um nível que, no quarto dia, a casa caiu: os universitários fecharam as saídas, colocaram tambores de piche e se armaram. Quebraram os birôs¹⁴ e se armaram com perna de cadeira, com birô, com tudo, e todo mundo no primeiro andar do prédio cercado. Aí os cearenses começaram a quebrar a escola. O primeiro andar da escola era todo de vidro, quebraram tudo, e foram descendo empurrando. Muita gente ferida. A briga começou de onze horas da manhã e terminou, com a interferência da polícia, cinco horas da tarde. Resultado disso: morreram três cearenses, dois universitários e muita gente ferida, inclusive eu fui ferido com pregos de perna de cadeira e tudo. Isso resultou em que hoje, Campina Grande, na Paraíba, não é permitido trote. Foi um desastre. Isso foi em mil novecentos e sessenta e cinco. Não concluímos o vestibular, fomos escoltados pela polícia até Fortaleza, e quando cheguei em Fortaleza fiquei sabendo que tinham me convocado e eu tinha perdido. Aí houve a decepção maior ainda. Aí foi quando eu deixei e vim pra casa. Aí estava em casa, uns dois meses depois, e foi uma comissão de Mossoró, do então, Centro Educacional Jerônimo Rosado, me convidar para ensinar lá. Assim, retornei a Mossoró.

Disciplinas marcantes... A primeira era Matemática. Eu tive Matemática até mesmo na Federal, como professor. Eu sou economista e fiz mestrado em Administração, mudei de departamento, fui pro departamento de ciências administrativas e passei a lecionar Estatística, Orçamento Empresarial, Administração Financeira e Matemática Financeira. Quer dizer, nunca consegui fugir de Matemática. Foi o que eu mais gostei.

Tive vários professores marcantes. No primário eu tive a professora Maria do Céu Noronha, em Mossoró eu tive, no ginásio, professores importantes como Vingt-un Rosado¹⁵, José Nobre (o ex-Padre José Nobre) e no segundo grau não lembro bem, mas tinha

¹³ Segunda maior cidade do estado da Paraíba, localizada no interior, dista aproximadamente 112 km da capital João Pessoa e 366 km de Mossoró.

¹⁴ Mesas com gavetas. É muito comum na região chamar as mesas dos professores de birôs. Essa palavra vem de Bureau, da língua francesa.

¹⁵ Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, foi vereador de Mossoró e esteve à frente da implantação da antiga Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), além disso, fundou a Coleção Mossoroense, uma das editoras brasileiras com o maior número de títulos publicados.

Cavalcante, que era um professor de cálculo do colégio Castelo Branco, que também eu fiquei muito apegado a ele. Na Universidade eu tive a professora que era esposa¹⁶ de Vingt-un Rosado, que não estou lembrando o nome dela.

Não tive dificuldades nos estudos. As dificuldades foram praticamente de acesso ao conhecimento. As bibliotecas praticamente pobres, muito limitadas. E o poder de aquisição de material, de livros, apostilas e informações adicionais, muito limitado também. Então, a gente tinha que se limitar ao livro didático. No ano que havia um lançamento, saía tomando emprestado por uma semana, enquanto o outro colega era mais preguiçoso, se aproveitava da preguiça dele para usar o livro dele. Assim se fazia.

No período que eu estudava ocorreram algumas mudanças. Ocorreu, inclusive, a introdução da Teoria de Conjuntos. A grade curricular mudou, houve mudanças não muito fortes, mas houve uma série de mudanças e praticamente o restante ficou nivelado ao que era, principalmente as disciplinas básicas, por exemplo, Português, Matemática e Ciências permaneceram o que era, até onde eu acompanhei o conteúdo. A gente sentia que a mudança era tão pouca que, lembro, existia um livro com um autor chamado Serrão¹⁷, e esse livro a gente conseguia já usado a dez, quinze anos atrás, que era, e ainda continuava sendo, o melhor livro para se preparar para o vestibular, porque nós tínhamos de exercício a, b, c, até d. Você resolvia a, depois o b, na sequência, quando chegasse ao d, se você conseguisse tudo, você, matematicamente, andava muito bem. Então, esse é um exemplo que não havia muita mudança, nem na própria melhoria das edições do material. Os livros sempre foram quase os mesmos durante muitos anos. Os mesmos autores, os mesmo. A mesma publicação durante vários anos.

No meu início de magistério, Mossoró era pequena, calma, tranquila, sem muita agitação, nem econômica, nem financeira, nem, tampouco, de violência. Era uma cidade tranquila de muita paz. E todos os ambientes a gente podia frequentar sem problema algum. Então foi um período muito bom, porque a gente tinha a vida mais tranquila. Em termos de relacionamento, entre os profissionais do magistério, era muito bem relacionado. Todos se davam bem.

Meu primeiro contato com o magistério foi naquele período de férias escolares, em 1959, que eu ia pra minha terra, cidade de Itaú, e fui convidado pra lecionar, aulas

¹⁶ América Fernandes Rosado Maia.

¹⁷ Refere-se ao livro *Análise Algébrica* de Alberto Nunes Serrão.

particulares, a domicílio, na cidade de Pau dos Ferros¹⁸. Eu fazia a terceira série do ginásial, ia pra quarta série, e nas férias eu ia “ganhar bico” ensinando Matemática aos colegas de terceira e quarta séries. Eu tinha pouco o que fazer em Itaú, inclusive era estudante profissional, eu avançava o plano, quando chegava o segundo semestre eu já estava sabendo todos os conteúdos do ano inteiro, de Matemática (que eu gostava de Matemática). Depois disso que foi despertar meu interesse para o magistério.

Minhas primeiras aulas em escola pública, oficialmente em escola, foram quando terminei o segundo grau, em 1965. Os primeiros contatos foram no ginásio, ensinando em domicílio. Depois fui ensinar Matemática, Química e Física. Foi quando terminei o vestibular, tinha deixado de estudar, fui decepcionado pra casa e foi uma comissão do Centro Educacional falar comigo pra vir lecionar em Mossoró, porque não tinha professor pra ensinar nem Química, nem Física, nem Matemática no ensino de segundo grau. Foi quando eu comecei a lecionar.

Iniciei no Centro Educacional como professor de Matemática, Química e Física, eu apenas com segundo grau. Lecionei no ensino básico, na época, ginásio. Fui diretor de escola, não tinha o primeiro grau também, era o ginásial. Fui diretor e fui professor da Escola Normal de Mossoró¹⁹, do Centro Educacional Jerônimo Rosado. Através disso, por paixão, ou por questão mesmo do tempo, me dediquei muito ao magistério. Minha vida profissional foi praticamente o magistério. Só tive um emprego, o primeiro, num projeto social, que foi através da Fundação Nacional de Saúde, hoje pertence ao Ministério da Saúde. Após sair, o meu período todo de profissão foi o magistério.

Em 1967, houve uma seleção para o Rio Grande do Norte mandar um representante, um professor de Matemática, pra fazer um curso na Universidade de Pernambuco, através do CECINE (Centro de Ciência do Nordeste), e eu, que só tinha o segundo grau, concorri com os formados e fui selecionado em primeiro lugar. Houve um questionamento muito forte. Primeiro pela barreira que existe entre Mossoró e Natal e segundo pelo fato de eu ter segundo grau. Então, acionaram a justiça e o curso foi suspenso e no final de sessenta e sete (1967) foi tomada a decisão [que eu iria], porque o curso era financiado pela Fundação Rockefeller²⁰ e a

¹⁸ Cidade localizada na mesma região citada acima, distante aproximadamente 400 km da capital Natal e 154 km de Mossoró.

¹⁹ A Escola Normal de Mossoró foi criada no governo de Antônio José de Melo e Souza, através do Decreto 195, no ano de 1922.

²⁰ Fundação criada em 1913 nos Estados Unidos da América que tem como objetivo promover, no exterior, o estímulo à saúde pública, educação, pesquisa e filantropia.

fundação não aceitava outro candidato. Então foram obrigados a me aceitar de qualquer maneira e eu fiz o curso. Para esse curso só ia um de cada Estado e de cada área.

Foi um curso de um ano e dois meses de Matemática de primeiro e segundo grau, na época da modernização da Matemática, da introdução da Matemática Moderna, de conjunto, propriedades de conjuntos, operação, funções. Isso foi trabalhado durante um ano e dois meses, com mil e duzentas horas de Matemática. Retornei a Mossoró, voltei a lecionar (com aquilo era pra lecionar), assumi logo em 1968 a diretoria do Anexo Dois do Centro Educacional; lecionei também na Escola Comercial, na União Caixeiral, hoje não existe mais. Em 1970, fui convidado para lecionar na Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, Matemática também. Inclusive eu era aluno e, não sei por que, ao invés de eu ser monitor eu me tornei professor (com título de Auxiliar de Ensino do Quadro de Pessoal do Magistério), sendo apenas aluno do curso Economia.

Eu substituí um professor titular que era o próprio vice-reitor e por questão dele atrasar o pagamento comigo, eu deixei de lecionar. Quando eu me afastei, comuniquei que não ia mais lecionar, os alunos fizeram uma representação, foram ao reitor. O reitor me convocou para dizer que a partir daquela data eu era professor auxiliar de ensino da Universidade e me contratou com todos os direitos de professor com segundo grau, isto é, cursando ainda universidade.

Concluído o curso, que faltava só a colação de grau, eu fui convidado pela Fundação Universidade de Mato Grosso para prestar assessoria num projeto de integração indígena, no projeto Aripuanã. Em Cuiabá eu passei dois anos (1972 – 1973) e voltei no final de 1973 a convite da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para vir prestar assessoria. E vim por concessão de um ano. Depois que cheguei, como era minha terra, aproveitei a oportunidade, fiz concurso e por aqui fiquei.

Então, minha vida pessoal, a pessoa de Raimundo Melo pode ser descrita dessa forma. E, nesse período, aproveitei as ofertas, o estímulo da Universidade, e fiz um curso de especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fiz um curso de planejamento institucional, com o título Agente de Mudança, pela Universidade Federal da Bahia e também foi financiado pela Fundação Rockefeller. Fiz um outro curso, de Micro e Macro Economia, na Universidade de Brasília e fiz mestrado em Administração, na década de 1970, na Universidade Federal da Paraíba.

E continuei lecionando, colaborando com a administração da universidade. Ocupei várias funções na Universidade: diretor financeiro, diretor pessoal, diretor de material, de

patrimônio e encerrei a minha participação, meu trabalho com a universidade, em termos administrativos, como coordenador de planejamento. Abrindo um parêntese: enquanto ocupava essas funções, nunca abandonei a sala de aula, sempre estive presente e me dediquei total ao magistério. Depois disso, fiquei só em sala de aula.

Mas quando estudei, o professor não era um profissional do magistério. Era um aproveitamento, mas em geral a formação deles era boa. A maioria tinha curso superior, mas não tinha a formação específica do magistério. Nós tínhamos dentistas, nosso professor de ciências era dentista. Vingt-un, parece que a formação dele era de história, mas era professor de Matemática. Era diversificada, a formação não tinha nada a ver com o que se ensinava. Eu lembro, na época, que eu era diretor de escola, que quando foi criada a Escola de Agronomia de Mossoró (ESAM), os universitários procuravam muito a escola, eu dizia: “O que é que você sabe lecionar?”. Eles diziam: “Qualquer coisa”. Então ‘qualquer coisa’ era a sobrevivência deles, era um biquinho que ele queria pra continuar a estudar. Então, não existia uma forma de melhorar o conhecimento do professor porque também não existia estrutura, nem uma política educacional voltada para a melhoria do ensino.

A Secretaria Estadual da Educação era uma desordem, eu fui, por exemplo, professor durante três anos recebendo em nome de outro colega meu. Por quê? Porque a própria Secretaria da Educação não tinha uma estrutura administrativa capacitada para absorver as necessidades da educação do estado. Como se concebe o dinheiro público ser distribuído dessa forma?

Eu tive, por exemplo, um professor de Matemática que foi conhecido de Mossoró, chamava-se Solon Moura. O velho Solon Moura é aquele que dizia: “Você vai ser reprovado”. E era para ser reprovado. O aluno que não apresentasse bom desempenho, ele já declarava que aquele indivíduo estava com o “pé na cova”²¹, isto é, ele estava prestes a ser reprovado. Ensinava o que ele pouco sabia, mas exigia além do que sabia. Este comportamento do Professor Solon Moura contribuiu para dar responsabilidade aos alunos relapsos. Então, não existia um órgão responsável pelo aprimoramento, pelo desempenho desses professores. Professor chegou, dava aula, nem o diretor tinha o direito de entrar em sala. Ele era poderoso, embora que o poder dele limitado ao que ele tinha a oferecer. Isso era altamente prejudicial.

Mas formação específica do magistério? Ninguém. Ninguém não, a grande maioria. Alguns tinham formação, uns em História, outros em Geografia, mas era uma minoria.

²¹ Forma popular de dizer que uma pessoa está prestes a morrer.

Difícilmente, tinha formação ao nível de licenciatura. Acho que não chegava a dez por cento do quadro de professores que tinha formação específica. É tanto que minha formação, eu fiz algum curso, e foi-me dado uma licença provisória aqui pela Secretaria Estadual da Educação para lecionar, através do Conselho Estadual de Educação. E eu tinha essa autorização.

Os professores buscavam formação em outros locais, mas era muito limitado. Aqueles que tinham uma independência financeira, talvez fossem buscar alguma coisa dentro da sua própria área, por exemplo, o dentista que ia pegar uma formação lá fora de alguma coisa, talvez, nesse conteúdo que ele pegasse aula tivesse alguma coisa que auxiliasse no plano de aula dele.

Esse curso, que eu falei que fui fazer, foi um seminário, um curso curto, um seminário de uma semana. Fazia o seminário, submetia-se à seleção, se passasse recebia a licença para lecionar. Uma licença provisória. Eu tenho até essa carteirinha. Não lembro o nome desse curso. Isso foi em 1965... Para esse curso veio todo o Estado. Quero dizer, quem não tinha formação específica de magistério, tinha que fazer esse curso. Esse seminário e se submetia à avaliação. Era só um seminário que acontecia.

O sistema de ensino naquele tempo era muito diferente. A família era mais participativa. Eu tiro pela escola que eu fui diretor, o Estado nunca teve despesa lá para reforma, quem fazia a limpeza da escola, pintura, conserto de carteira, tudo, eram os pais dos alunos e os alunos, inclusive os professores. Todos participavam. Eles faziam festas no pátio, leilões, tudo em benefício da escola. O que hoje se trata de caixa escolar, antes, na minha época, não existia, foi ideia minha juntamente com os professores e os pais dos alunos. E a dedicação dos pais era total. Os pais estavam presentes sempre. Não existia praticamente um pai que não estivesse na escola. Nesse período, final da década de 1960, início de 1970, eram três turnos: À noite era misto (só para os maiores de dezoito anos), de manhã só feminino e à tarde masculino. Porque a gente não podia misturar, ainda, os sexos. Era uma escola com quase quinhentos alunos e que havia essa participação total. Eu lembro, quando fazia o primário, que meus pais ou meus irmãos mais velhos sempre estavam procurando saber como eu estava. E hoje, há meta de sociabilização da escola à comunidade, há política de educação voltada para a escola comunitária, mas, na verdade, isso é na teoria, na prática não está acontecendo. Há droga, há falta de limitação no comportamento do adolescente, da criança, uma série de coisas e isso está levando a esse desfecho de falta de estímulo para a criança permanecer na escola.

Como diretor encontrei dificuldades, como professor não. Sempre fui muito querido pelos meus alunos. Eles sempre tiveram muita atenção. Eu sempre procurei me aproximar dos alunos, porque quando eu fazia o ginásio eu sentia essa distância professor-aluno. Professor era a figura que estava lá perante o birô, numa posição de quase rei e que você pouca condição tinha de se dirigir a ele. Isso eu mudei. A minha relação com aluno foi uma relação de amigo pra amigo, de pai pra filho, essa relação de boa comunicação, de bom entrosamento para que nela houvesse maior aprendizado. E isso me serviu muito. Pratiquei no ginásio, pratiquei em toda a universidade e tive bons resultados.

Agora, como diretor não. Como diretor tive muita dificuldade e o mais trabalhoso foi o professor, porque era o professor que faltava, era o professor que não tinha responsabilidade, era o professor que não preparava suas aulas, era o professor que conquistava as alunas, que inclusive eu tive professor viciado em droga, que ainda chegou a viciar duas alunas. E eu fui embora para Mato Grosso já com medo de me envolver com esse rapaz que até tentou me matar dentro da escola. Eu morava na escola, era o diretor, e a residência do diretor era ligada à escola; voltando para minha casa de umas obrigações de final de semana, chegando lá, que saí do carro, ele estava escondido na garagem, ele se aproximou e me disse que vinha pra matar e com uma faca na mão encostou na minha barriga e fez vários desafios. Então, o professor, na época, já era trabalhoso. Acredito que hoje está bem pior, porque hoje eles têm mais direitos do que antigamente. Antes, se a gente quisesse demitir, demitia. Esse não foi demitido porque era filho de uma vereadora de Mossoró. Mas me deu muito trabalho. E outros davam trabalho pela falta de se fazer presentes. Então, essa relação sempre foi muito difícil. Aluno nunca foi meu problema, nem como diretor, nem como professor. Meus alunos, como diretor, tinham toda atenção, o que eu queria, conseguia com eles. Eu era diretor do Anexo II, do Centro Educacional de Mossoró, chamava Escola Padre Flávio.

Eu sempre cumpri com os meus planos de curso, vivia isso até mesmo em sacrifício ao meu próprio esforço. Agora, diante da dificuldade de pessoal qualificado, havia muito acúmulo para o professor. Eu, por exemplo, juntando, eu dava aula particular também (a remuneração era insignificante), conseguia fazer cinquenta e seis horas de aulas por semana: incluindo colégio, direção de colégio, aulas na Escola Normal, aulas na União Caixeiral, aulas num cursinho que eu tinha de Madureza e Universidade. E ainda estudava.

Acho que as principais mudanças que eu considero terem ocorrido são mudanças mais de ver as dificuldades, o nível de formação do profissional de educação e uma série de programas que levaram à melhoria do nível de formação. Quando eu cheguei aqui na

Universidade Federal em mil novecentos e setenta e três, a Universidade tinha quinhentos e cinquenta e dois professores e só cinco por cento tinha formação em nível de especialização e mestrado (eu vim fazer este trabalho, eu fiz o cadastro dos professores). Então, tiveram vários programas de governos, várias ações voltadas para a melhoria da formação do professor, que realmente era baixa, isso foi uma grande mudança na educação nacional, embora por questões de controle e de planejamento, tenha ficado muito tumultuado, o plano que deu origem à formação de professores em nível de segundo grau e em nível de terceiro grau. Porque algumas especializações viraram linhas de comércio. Surgiram várias empresas com título de qualificadas para dar cursos e dava a troco de nada.

Hoje presto assessoria aos municípios, principalmente, na área de educação, o que eu vejo? Existe uma universidade não sei de onde, do Ceará, da Paraíba, do interior do Rio Grande do Norte que dá curso de Psicopedagogia, em nível de especialização. Todo mundo, de qualquer município, pela lei do FUNDEB: “Teve melhor qualificação, melhor salário”. Diz isso o plano de carreira. E o que é que acontece? Os professores pagam a essas universidades um curso de especialização em Psicopedagogia, quando menos se espera (que eu já constatei em alguns municípios), que tem quadro de servidores com cinquenta professores no município, trinta são psicopedagogos. Nenhum desempenha a função de psicopedagogia, por quê? Primeiro não existe a demanda para tanta gente. Se houvesse um planejamento pra formação desse pessoal... Se houvesse não, que existe um planejamento, mas, se houvesse um controle sobre esse planejamento, não deveria acontecer isso. O que é que aconteceu? Um desperdício de recursos. O nível de qualificação e a valorização do magistério continuam péssimos. Por quê? Porque só existem aqueles feitos, algumas universidades criaram cursos e jogaram pra lá porque pagavam. O professor foi e fez.

As Secretarias Municipais de Educação não definiram quem deveria ir, quantos deveriam ir, para cada área, e (em termos baixos) se prostituiu a formação do professor. Porque não foi com interesse da educação, foi com interesse de resolver problemas financeiros. Ninguém observou isso e hoje está nessa situação. Eu acredito que hoje, oitenta por cento dos municípios do estado do Rio Grande do Norte estão passando por esta fase. Você procura um professor com um curso de pós-graduação, uma especialização de Matemática não tem, de Geografia não tem, de Ciências não tem ninguém com isso aí, agora procure psicopedagogo, cursos de Pedagogia... até a graduação também se prostituiu. Curso de Pedagogia é só o que tem, porque é um curso que custa baixo e eles ganham muito dinheiro em cima disso. Se eu posso fazer um curso de Pedagogia financiado pelo governo,

por que eu não faço um de Geografia, que está faltando um professor de Geografia? Aonde foi que a Secretaria de Educação verificou quantos professores de Geografia, de História, de Matemática, de Ciências estava precisando na escola? Nunca! Eles decidiram por conta própria pra apenas ter a melhoria do salário.

A outra questão que eu vejo que houve muita mudança é a questão de melhoria no ato de leitura. Tem uma série de programas que ajudam o professor a melhorar o seu nível cultural. Mas é uma pena, o professor mal está lendo o livro didático. Por quê? Não existe também um controle. Porque o plano, o FUNDEB, já reza que o professor tem que ter seis horas, vinte por cento de sua carga horária de trabalho, para atividades pedagógicas. O piso nacional do professor define a mesma coisa, mas nenhum professor está tendo isso. Porque atividades pedagógicas na escola, em grupo, não estão existindo. E ninguém questiona, o professor chega com o seu trabalho de sala de aula numa reunião, diz: “Olha, está acontecendo o seguinte, tem um aluno aqui que pra ler ele tem dificuldade porque tem um olho que vira ao contrário do outro...”. Ninguém está levando essas questões pra os encontros pedagógicos. As mudanças foram provocadas, mas não foram acontecidas. Está todo mundo com formação, menos com valorização.

Eu acompanho esse trabalho da educação, particularmente trabalhando, desde mil novecentos e oitenta e três, já dei cursos no SESI, sou considerado chato para o professor porque eu digo que eles são semi alfabetizados, não são alfabetizados, não têm uma formação, eles têm que ler. Já aconteceu até mesmo do Ministério da Educação pedir dados pessoais do secretário da educação e ele passar um e-mail para eu preencher os dados pessoais dele. Porque o ato de leitura não chegou ao professor. Agora, isso em confronto com um grande centro de formação do aluno que é a internet, a televisão, uma série de coisas. Como se comporta hoje essa figura, esse personagem, como líder dentro de uma sala de aula eu não sei!?

Hoje os professores de Matemática (principalmente os de Matemática), acho que oitenta por cento dos professores de Universidade Federal tem doutorado, mas no ensino médio, no ensino de primeiro e segundo grau tem uma grande dificuldade. Primeiro, existe uma grande demanda pra uma oferta muito pequena. É muito limitado o número de professores que termina o curso de licenciatura em Matemática. E muito limitado, quase chegando a zero, a ação do plano educacional de educação e dos planos estaduais e municipais de educação voltadas para incentivo nessa área. Por quê? Devido ao número limitado, quem está substituindo o professor de Matemática é um pedagogo, uma pessoa com

licenciatura em Letras, em História... Não existe professor de Matemática, profissionalmente, nas escolas das regiões mais humildes do interior do estado. Mossoró, que é Mossoró, tem um porte grande, você pode verificar que é muito limitado o número de professores nas escolas de primeiro e segundo grau com formação específica em Matemática.

Então, eu acho que está defasado, sim! Precisa de mais fortalecimento, tem que haver recurso. Essa forma de recurso como tem aí, como é definido politicamente hoje, isso é balela.

Eu fiz uma avaliação comparando o FUNDEF²² com o FUNDEB. Na época do FUNDEF, os municípios e os estados contribuíam com quinze por cento de suas receitas e a União era comprometida a contribuir com seis por cento da receita fiscal nacional, das transferências resultando de impostos. Esse recurso era direcionado somente para ao ensino fundamental. E a matrícula de ensino fundamental, era de trinta e um ponto dois milhões de crianças. Veio o FUNDEB, incorporou-se a educação infantil e segundo grau, a matrícula deu um pulo de trinta e um para cinquenta e dois ponto um milhões de crianças no plano, contra um aumento de receita de quinze para vinte, dos estados e municípios, e a União com a queda de seis para dois ponto oito. Quando diz que a União contribui com dez por cento da receita gerada pelo fundo, está dizendo que é da receita gerada por vinte por cento do que recebe os Estados e os Municípios e antes era seis por cento da receita fiscal da união.

Isso daí significa que houve uma redução de responsabilidade por parte da União. O que é altamente significativo. Você calcule isso em cima de oitocentos bilhões, quanto deixou de vir para a educação? Inclusive, se houve aumento de matrícula era pra ter aumento de receita, dos municípios houve um aumento de trinta e três por cento da receita, enquanto a matrícula aumentou cinquenta e quatro por cento. Na União houve o inverso, reduziu oito pontos percentuais. Então, hoje os municípios têm um prejuízo de quase vinte e cinco por cento da receita da época do FUNDEF pra manter uma matrícula bem maior, porque antes não tinham outras responsabilidades sobre a educação infantil que foram incluídas.

Eu acho que não houve vontade política de resolver problemas, às vezes, é mais para fechar um círculo. Politicamente, o governo de Lula, para ganhar as eleições, lança o Piso Nacional do Professor. E cadê o dinheiro do Piso? É a mesma receita que os Municípios têm e o que está acontecendo? Aqui no Estado, talvez setenta por cento dos Municípios não estejam pagando em dia o Piso Nacional do Professor, e não é por que o professor não mereça, é porque não tem o dinheiro. A União se pronuncia? Não! Pelo menos para o Rio Grande do Norte não, porque o Rio Grande do Norte não tem direito, por ter o *per capita* por aluno

²² Fundo Nacional para o Ensino Fundamental.

superior ao nacional, nas contas do Ministério da Educação. Então, há a intenção política, politiqueria, em busca de voto! Há intenção de valorização da educação? Não! Isso era um sonho meu, ver a educação dos meus netos e bisnetos lá em cima, mas, pelo que estou vendo, os meus filhos que vão ter que trabalhar e ter certo nível de renda mensal, uma disponibilidade financeira, para educar seus filhos, por conta do que eu disse. Porque depender da escola pública, vai por terra.

Então, eu acho que o curso de Matemática, tanto para aquela região, quanto para o Estado todo, é importante, mas eu acho que as escolas deveriam criar um número maior de vagas, para que pudesse ofertar mais profissionais ao mercado e chegasse a atingir as escolas do interior. Hoje eu trabalho para dois municípios, nenhum tem um professor com formação específica de Matemática e são municípios que tem mil e tantos alunos, dois mil e tantos alunos matriculados, mas não tem profissional de Matemática. Então, apesar da criação do curso, ainda continua a deficiência, a ausência. A oferta está muito pequena em relação à demanda, nem tem o licenciado, nem também o especialista. Isso é difícil.

Os cursos de Matemática que existem na UFERSA, na UERN e no IFRN, em Mossoró, podem ser para suprir essa deficiência? Sim! Eu acredito que sim. Porque o ministério hoje, que tem todo o controle sobre as escolas de todo o sistema educacional nacional, a União e o Estado, sabe muito bem onde é que estão as deficiências. E se, realmente, as três unidades estão trabalhando, acredito que, em médio prazo, possa ter alguma solução positiva, desde que não seja como eu anteriormente falei, cursos apenas para responder uma meta: “Não, vamos dar esse curso...”. Eu lembro uma época que no estado do Rio Grande do Norte a febre era curso de Cooperativismo, que surgiu na década de 1960, quando naquela época existia uma meta do Governo Federal de incentivo ao produtor. Pensavam que distribuindo dinheiro ao produtor solucionavam os problemas da economia nacional, mas não houve preocupação com a qualificação dos produtores. Foi um desastre. O Governo investiu muito, mas tudo foi por águas abaixo. Em pouco mais de uma década, a maioria das cooperativas estavam falidas. Faltou gerenciamento dos recursos e da produção, muitos produtores foram processados e até presos, muitos deles pela inocência do uso indevido do erário. Tudo isso desmotivou o produtor e hoje poucas são as cooperativas existentes, e as que existem estão desempenhando suas funções com eficiência e eficácia.

Então, na época, o curso de Cooperativismo quase todo mundo fazia. E era esse tipo de coisa: “tem a deficiência, tem a demanda, então vamos jogar qualquer coisa lá”. Isso não é um buraco que a gente tapa com qualquer lixo.

Então, isso já aconteceu várias vezes com a União, com a política brasileira da educação, nesse sentido. Teve uma época, a primeira tentativa da União, do Ministério da Educação e da Secretaria do Estado para a formação de alguém que era leigo ter pelo menos o segundo grau, aí veio o Logos II²³. Era um curso que era oferecido ao Profissional do Magistério que não tinha formação específica no nível de 2º Grau, cuja duração, se a memória não falha, era de um ano, oferecido em intervalos de finais de semana. Isto é, em dias que o profissional de educação não faltasse às suas atividades pedagógicas. Não existia exigência de formação, bastava que fizesse parte do Quadro de Professores do Município. Teve tanta gente com o Logos II que ainda não tinha nem aprendido a assinar o nome... Eu fiz um recadastramento no município de Apodi²⁴, com os professores. Nesse recadastramento, foi identificado nove professores que eram analfabetos, não sabiam nem assinar o nome, e entre eles tinham alguns que tinham feito o Logos II. Dá a impressão de que era apenas uma resposta a quem tinha surgido com a ideia da existência de formação de professor leigo ao nível de segundo grau.

Os maiores males no país: falta de responsabilidade na utilização e na execução dos programas. Tem muitos programas bons. Mas tem muita má gestão, falta de controle e fiscalização dos órgãos responsáveis que é o Ministério da Educação, que é Secretaria Estadual da Educação, que é Secretaria Municipal de Educação. O mesmo é transferido para o professor, a UERN, a Universidade Federal, sei lá quem quer que seja, que ofereça os cursos de graduação. Assim: “Vamos oferecer, vocês que são [responsáveis]...”. A responsabilidade deveria ser semelhante, tanto do prefeito, quanto também das próprias universidades. “Não, vou oferecer para Itaú trinta vagas para professor fazer curso de Pedagogia”. E precisa desses professores todos de Pedagogia? Eu não estou precisando de professor de História? De Letras? Não estou precisando de professor de Geografia? E Ciências? E o professor licenciado em Matemática, profissional raro no interior do Estado. Isso é: “O que é que está precisando lá, vocês tem [um planejamento]? Quem é que tem? O secretário tem? Então vamos buscar lá, vamos só dar oportunidade ao que precisa”. Superlotam de uma coisa só, que ‘essa coisa só’ sem muito conteúdo, sem muita responsabilidade, porque nós que fazemos uma graduação normal, nós temos uma responsabilidade enorme perante o conteúdo que nos é oferecido: “Ou mostra o aprendizado ou você é reprovado”. E porque esses cursos assim são facilitados, com tanta veemência que chega ao ponto que o professor sai de lá sem saber de nada? Nem

²³ Projeto criado pelo Governo Federal, na década de 1970, com o objetivo de formar, em nível médio, professores que atuavam sem esse tipo de formação.

²⁴ Cidade localizada na região do Oeste Potiguar, distante aproximadamente 328 km da capital Natal e 80 km de Mossoró.

aprender a ler ele aprendeu. Eu acho que é muito boa a ideia, agora vamos ver se isso está sendo planejado! Não é a UERN, não é a UFRN, não é a Escola Técnica lançar essas coisas sem planejamento. Sem contar com as particulares, que montaram uma série de coisas numa só área, sem haver demanda para aquilo.

O magistério em Mossoró era tranquilo, violência não existia. O professor era muito respeitado. Apesar de que ainda existia uma certa distância entre professor e aluno, a não ser aqueles que queriam aproximação, queriam mudar o quadro. Mas o resto era muito bom, muito tranquilo. A gente notava o aluno com mais interesse. Logo o aluno de antigamente tinha uma faixa de idade mais elevada, hoje a criança já chega mais cedo, aí não tem uma estrutura mental ainda madura para enfrentar tudo isso. Naquele período, eram pessoas maduras, normalmente, quinze, dezesseis, dezessete anos que faziam o primeiro grau e esse pessoal já ia com vontade, já tinha uma meta definida na vida deles, que iriam chegar a algum canto. Então era muito proveitoso o aprendizado.

Hoje, estou meio afastado de Mossoró, mas teve uma época em que prestei assessoria à Universidade, quando eu retornei de Mato Grosso. O ex-padre José Nobre, na época Pró-Reitor Acadêmico, enfrentava muitas dificuldade na Universidade, tinha muita deficiência, me convidou para fazer um trabalho junto a Pró-Reitoria, nos termos de estrutura organizacional e de pessoal. Ainda fiz um bocado de trabalho junto com Zé Nobre. Ele era padre pelo título, mas era casado, uma pessoa muito amiga, muito dedicado à Universidade, era a paixão da vida dele, nós fizemos bons trabalhos de extensão. Atualmente, eu estou um pouco afastado, eu nunca mais tive esse contato com Mossoró. Tem sido mínimo, mas eu acredito que mudou muito. A Universidade cresceu. Tomou novo rumo. Depois de estadualizada, ela criou uma estrutura bem mais rica em termos de opções de cursos, de currículos. Embora, eu acredito, ainda falta muito, como centro acadêmico de ensino, mais cursos, mais formação, oportunidade de criarem no espaço da própria Universidade cursos em nível de mestrado, de doutorado, em todas as áreas. Porque a ciência é mais o futuro. Se você prepara profissionais para o futuro, você está dando um grande passo na ciência. Eu acredito que Mossoró ainda está deficiente nisso. Comparando com a UFRN, eu tenho a impressão que está bem aquém. A UFRN hoje é considerada uma das melhores universidades do Brasil e mais por esse lado, de investir muito na formação do professor. Hoje o meu filho caçula faz Ciência e Tecnologia, todos os professores dele são pessoas jovens, mas todos têm doutorado.

Eu tenho Mossoró quase como um pedaço meu. Eu fiz ginásio, fui professor durante um bocado de tempo. Tenho Mossoró quase como minha terra. Mossoró hoje, eu considero

um dos maiores centros econômicos do Estado, uma das maiores forças da economia do Estado. É o centro de desenvolvimento da região. Hoje, grande parte das transações comerciais e financeiras do Estado, da região, acontece via Mossoró. Nós temos polos como Pau dos Ferros, Apodi, mas todos eles têm uma forte ligação com a economia de Mossoró. Então, eu acho um município promissor e quem sabe, se houver boa vontade política, boa vontade de melhorar, Mossoró poderá sair dessa mais triste parte dela que é a violência, dizem que é muito forte lá, para uma instituição modelo do País. Porque riqueza tem, pessoal muito trabalhador tem, falta é a vontade política. Não é porque eu trabalho com a política, que eu posso dizer que eu sou a política. O mal todo é que a política atrapalha, às vezes. Ela é necessária, mas devia ser mais necessária do que atualmente é. Inclusive eu estou concluindo um livro, a mulher ainda não deixou publicar, porque é: “A Cidade dos Seus, a Cidade de Ninguém”. Que é uma vida de um Município, a história de uma gestão municipal que eu quero publicar antes de encerrar minha carreira profissional.

Eu estou há quinze anos aposentado, estou à parte do ensino de Matemática, mas pelas experiências com o curso que tenho dado, com a equipe, eu acho que a Matemática hoje está bem mais avançada, em termos de metodologia, de aprendizado, em termos de conteúdo estrutural. Eu acho que está bem diferenciado do que era antigamente. Antes você tinha a Matemática como instrumento puro que não tinha aplicabilidade, não tinha noção pra onde se poderia ir, em que poderia ser aplicado, e hoje, você vê já nos primeiros passos, que ela tem alguma utilidade. Então, essa modernidade no conteúdo da Matemática e na metodologia, tem contribuído muito para que ela possa ter um grande avanço. Isso vai acontecer. Eu acredito nisso. Logo eu digo assim porque eu sou otimista.

Está submetido ao Congresso o Novo Plano Nacional de Educação. Mas se você pegar o projeto... ele está vazio. Não há boas intenções nesse projeto, porque está muito limitado. As metas são muito limitadas, não está se vendo a educação, a escola, como o melhor lugar onde a criança possa estar... que hoje é o pior lugar onde ele acha que deve estar. Temos que chamar um pouco a atenção a respeito de maior seriedade, maior consideração ao desenvolvimento nacional e à melhoria da formação da cidadania do brasileiro. Que levem a sério a política educacional do País. Não pode haver desenvolvimento sem educação e nem a educação sem investimento. Não adianta pensar em melhorar a educação, sem pensar em recursos para essa melhoria e a educação não é coisa barata, a educação é cara. Se ela for barata não presta.

Ao falar no Plano Nacional de Educação, mais uma demonstração de descaso com a educação está visivelmente apresentada ao público. O Plano Nacional de Educação anterior venceu em 2010 e até hoje tramita no Congresso Nacional o Projeto do Novo Plano Nacional. Até parece que educação no País não faz parte das metas de desenvolvimento tão badaladas nos corredores do Congresso e na mídia Nacional.

Um ano e meio já se passaram e o Plano engavetado enquanto se cassa, exclusivamente, bandidos que corroem o patrimônio do Estado Brasileiro.

Entrevista com o professor Raimundo Melo

Duração da Gravação: 01h 32min 41s

Local: Residência do Colaborador (Natal/RN)

Data da entrevista: 21/10/2011



Prática

*Como sem uma formação
O professor ia ensinar?
É o vem contar agora
Quem assim foi lecionar.
Conhecido por Chiquito,
Sua história vai narrar.*

*Em trinta e sete nasce
Francisco de Assis Silva.
Natural de Campo Grande,
Menino pobre ele crescia
É o que conta da infância,
Pois cresceu sem regalia.*

*Foi parar em Mossoró
Pro estudo continuar,
Mas quando foi procurar
uma vaga pra estudar
Mal podia esperar
Que já iria ensinar.*

*Foi lá no Diocesano
Onde tudo começou,
Fez a CADES, cursou Letras,
Mas onde mesmo ficou,
Foi no ensino do outro curso
Que depois logo ingressou.*

Professor Chiquito

O meu nome é Francisco de Assis Silva, formado em Matemática e Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a UERN. Tenho um curso de especialização feito em Natal e moro com um irmão, minha família está restrita a duas pessoas. Eu sou natural de Augusto Severo¹, que hoje é Campo Grande, nasci no dia vinte e três de setembro de mil novecentos trinta e sete.

Minha família é uma família simples. Meu avô e minha avó só tiveram duas filhas, a minha mãe e uma tia minha. Meu avô foi embora morar na Amazônia com dezenove anos de idade, morou lá por um bocado de tempo e por lá casou, mas a minha avó era aqui de Alexandria². Vieram embora morar aqui. Minha mãe casou com vinte e poucos anos, depois o marido foi embora, carregou a cunhada e ficamos todos morando na casa do meu avô, o nome do meu avô até hoje ainda não vi: Abidorala. Mas era uma família simples e pequena, porque quando a família é grande tem mais história para contar. Eu moro com meu irmão e ele tem duas filhas, uma com trinta, outra com vinte e dois. A que tem vinte e dois formou-se agora em Fisioterapia, está trabalhando em uma clínica particular e está aprovada em um concurso da prefeitura de Areia Branca³. E a outra faz o sétimo período de Fisioterapia também. E não tem mais ninguém.

A infância foi de menino de pobre. Logo, não tinha irmão, não tinha com quem brincar, ajudando a mamãe a fazer as coisas, trabalhando, limpava com meu avô o roçado... A juventude continuou do mesmo jeito. Morava no sítio... Menino de pobre não tem regalia. Hoje em dia tem, porque hoje em dia está tudo mais fácil. Mas naquele tempo, só ia pra um canto quando mamãe dissesse: “Pode ir”. Caso contrário...

Eu morava no sítio, mas o cotidiano da cidade era muito simples. Campo Grande ainda está do mesmo jeito, só tinha de ano em ano uma festa de padroeiro e tinha, às vezes (aqui e acolá), algumas festas dançantes no colégio que eu estudei, o Adriel Melo. Eu acho que de menino para adolescente eu não mudei, fiquei uma coisa só.

No sítio, era uma casa prali, outra pra lá, outra pra acolá. À noite, as pessoas se reuniam em uma das casas, sentava na sala quando tinha, senão sentava no terreiro, numas

¹ Cidade localizada na microrregião do Médio Oeste, interior Potiguar, distante aproximadamente 273 km da capital Natal e 80 km de Mossoró.

² Cidade localizada na microrregião de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 369 km da capital Natal e 183 km de Mossoró.

³ Cidade localizada no litoral da região Oeste Potiguar, distante aproximadamente 330 km da capital Natal e 52 km de Mossoró.

cadeirinhas, nuns bancos... De tarde, os meninos iam juntar as vacas pra botar no curral, outro criava gado, criava ovelha... Os costumes eram esses mesmo. Quando começava o inverno: plantar, limpar. Depois, quando terminava, a gente morava bem na beirada de um açude de Govei, lá no Morcego⁴, que era o nome do sítio. Quando esse açude estava transbordando, ele vinha bem pertinho, só não fazia lavar o terreiro que era alto... Quando chegava na época das vazantes, eles plantavam capim (eu nunca fui muito de plantar e limpar não, eu era mais vaqueiro e botava o gado pro curral, procurar as ovelhas, as cabras...), ainda tenho algum sinal na pele de cortar capim com o facãozinho.

A cidade e a Educação... Comparando com a de hoje, eram umas professoras que não eram formadas, naquele tempo a professora fazia até o sexto ano, em Assu⁵, em Mossoró ou em Caraúbas⁶ e era professora. Mas todas as minhas professoras foram muito boas! Hoje em dia, a gente vê professora falando errado. Na primeira série foi mamãe, as famílias eram uma boa ajuda para a escola, ou melhor, a educação começava na família. Quer dizer, apesar de morar no sítio, onde ninguém tinha regalias, mas pelo menos tinha a educação. A educação familiar era muito importante.

Não sabia o que era política, eu vim saber o que era política aqui. Logo, eu não votava. Nós viemos morar aqui em sessenta (1960) e não votava, mas lá em Campo Grande eram dois partidos, eram os “velhos” e os “já”. Mas não tinhas esses [interesses]... Como morávamos em sítio, não ia pra comício. Quando fui morar mais perto de Campo Grande, à época que eu fui me preparar para fazer o exame de admissão⁷, foram aumentando mais as amizades, os conhecimentos através dos pais dos colegas.

E aqui, quando a gente chegou em mil novecentos e sessenta, não era como hoje. Tinha muita coisa, tinha muito comício, tinha passeata, tinham as brigas políticas e as marchas. Hoje em dia está tão diferente, agora que eu estou distante de política. Eu voto como dever de cidadão, mas não tenho preferência não, porque quanto mais você se dedica parece que fica mais decepcionado. Por sinal esses candidatos daqui, hoje, quase todos foram meus alunos. Por que, quem não passou pelo colégio Diocesano⁸? Só não Rosalba⁹, porque ela é

⁴ Sítio na zona rural da atual cidade de Campo Grande.

⁵ Cidade localizada na microrregião do Vale do Assu, distante aproximadamente 207 km da capital Natal e 74 km de Mossoró.

⁶ Cidade localizada na microrregião da chapada do Apodi, interior do Rio Grande do Norte, distante aproximadamente 296 km da capital Natal e 80 km de Mossoró.

⁷ O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginásial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, promulgada em 1971.

⁸ Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

velha. Fafá¹⁰ era minha aluna, a irmã dela, os irmãos mais velhos não. Mas é assim. A gente tinha um relacionamento bem próximo.

Quando vim fazer o exame, alugamos uma casinha ali na Ipasa, depois voltei. Nós moramos uns três anos ali. Quando no terceiro, quarto ano o vizinho foi morar no sítio, pegou e deu a casa dele pra gente morar de graça, zelando por ela. Depois fizemos uma casinha no punho. Mamãe era uma mulher distinta. Ela fez um empréstimo no banco, naquela época que ninguém sabia nem o que era empréstimo. Ela conseguiu com os filhos do diretor, e com o diretor também da ESAM¹¹. Ela pagou e pagou com tudo, mas também tinha umas ajudas, a gente tinha uns gadinhos lá no sertão, quando a gente veio de vez para cá, [vendeu tudo]... Mas era assim, as amizades era só com gente boa.

O sistema do período que eu estudei era assim: em cinquenta e quatro (1954) eu morava no sítio e mamãe me botou no grupo [escolar]. Ela ensinou em casa até a primeira série, que naquele tempo era carta de ABC, era a cartilha. Me matriculou no segundo ano, que eu já estava um pouco grandinho, já tinha quatorze anos. Eu fui para o Grupo Escolar Professor Adriel Melo, a professora era Mercedes Melo, muito boa, e quando foi no meio do ano ela chamou mamãe para conversar pra me passar para o terceiro ano. Porque ela dizia: “Ele já sabe as quatro operações fluentemente, escreve regularmente bem, então...”. Quer dizer que eu fiz meio ano de segunda série, meio de terceira, a quarta e a quinta eu fiz integral. Quando eu terminei e recebi o curso primário, era mil novecentos e cinquenta e seis. Passei dois anos ensinando pelo município de Campo Grande, lá numa fazenda, ia todo dia dar aula a pé.

Em 1959, fui convocado para substituir a professora Alexandrina Aline Soares, que foi minha professora na quarta série. Eu fui substituí-la, eu era peitudo, não era? Lecionei no segundo semestre todinho na quinta série, quando terminou o ano, no mês de janeiro, eu fiz um cursinho preparatório pra fazer admissão aqui em Mossoró. Tinha um rapaz que morava aqui, ensinava no colégio dos padres, ele montou em Campo Grande um cursinho particular, eu participei só no mês de janeiro e alguns dias de fevereiro, vim pra aqui, já tinha acontecido o exame de admissão, que de primeiro tinha duas épocas, uma em dezembro e outra em fevereiro. Eu me inscrevi, fiz a prova no dia vinte e dois de fevereiro de mil novecentos e

⁹ Rosalba Escóssia Ciarline Rosado, atual governadora do estado do Rio Grande do Norte, foi prefeita de Mossoró por três mandatos e senadora do Estado.

¹⁰ Maria de Fátima Rosado, mais conhecida como Fafá Rosado. Mandatos 2005-2008 e 2009-2012.

¹¹ Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada em 1967, atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

sessenta (22/02/1960), em português, tirei nove e meio. Naquele tempo o exame de admissão aprofundava muito mais do que a oitava série hoje.

Passei no exame de admissão, naquele tempo quem não passasse em Português, não tirasse um cinco: rua! Passei, tirei nove e meio em Português, fiz Matemática, História e Geografia. Entrei feliz da vida pra concluir os anos de estudo no Colégio Estadual¹², era Instituto de Educação, hoje é Jerônimo Rosado. Eu fiz a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série ginasial, de 1960 a 1964.

Quando eu terminei, olhe, só tinha a coragem e a cara e o caminho do rio pra ir buscar água, quando fui receber o resultado final. Peguei o resultado, o boletim final e o histórico e fui para o colégio Diocesano. É coisa de doido, não é? Cheguei lá e eu disse: “queria estudar aqui, com quem é que eu falo?”. A secretária me atendeu muito bem, disse: “Pois não!”. Me levou no diretor, que já era Padre Sátiro. Me deu logo quatro livros: Português, Matemática, Física e Química. Porque naquela época os colégios particulares compravam o material pra vender pros alunos. Eu peguei um, dois, três, quando chegou na terceira semana o padre mandou me chamar no gabinete dele. Eu disse: “Eita, o padre vai me mandar embora”. Ele: “Não, é porque têm duas séries, duas primeiras – era primeira série ginasial naquele tempo – duas turmas de primeira série descoberta e você... Está aqui, pegue esses livros de Matemática e vá estudar e volte depois pra falar comigo”. E a didática onde é que andava? Mas mesmo assim eu fui e peguei. Mas pra isso tive uma ajuda, porque quando eu fazia o ginásio, eu ensinava particular em casa preparando alunos para o exame de admissão. Passou não sei quantos alunos no colégio, no exame de admissão. Além disso, quando eu fiz o exame de admissão, Damiãozinho, pequenininho, que morou em Natal, perguntou: “quem foi que te preparou, por que você fez uma prova tão boa?”, que ele tinha feito a primeira e dito que não tinha passado. Ele me indicou. O padre já era professor lá também, professor de Português, Padre Alcir (não é mais padre não, está lá em Natal). Fizemos uma mesa redonda e eu fui aprovado, ensinei no Diocesano de 1964 até 1997.

A rotina da pessoa sem formação didática pedagógica ficava difícil. Mas, era aula expositiva, resolução de exercício, interrogatório... Agora, toda a vida eu fui muito criativo, graças a Deus. Já usava a técnica de interrogatório que é uma técnica muito boa. Agora os lúdicos não, os jogos foram na faculdade. Ensinava muita Matemática através de jogos.

E sempre gostei de estudar! Eu estudava, por exemplo, fim de semana... Hoje em dia, chega o fim de semana, os caras: “Vamos pras festas, vamos não sei pra onde...”. Eu ficava

¹² Hoje, Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e um dos mais antigos colégios em funcionamento da região.

arrumando minhas coisas em casa, a gente morava ali no Ipasa, era uma tranquilidade, só eu mamãe, Madrenha e meu irmão. Meu irmão estudava de noite e saía depois [da aula], eu só ia de noite quando tinha aula e pronto. Quando não tinha, era arrumando, em casa, minhas coisas, corrigindo prova, preparando aula, comprando livros (comprava os livros de Matemática e também recebia doações de professor e aqueles de cortesia das editoras). Quando eu terminei tudo, doeí tudo para o laboratório¹³, para Socorro¹⁴.

As disciplinas marcantes para mim foram Português e Matemática. E os professores marcantes foram: Alcir Leopoldo Dias da Silveira¹⁵ (Português) e Alrivan de Souza Lima (Matemática). Na faculdade cada um ensinava um conteúdo, geometria plana, geometria espacial, todos eram muito bons. Raimundo Filgueira¹⁶, por exemplo, foi meu professor de Desenho.

O ensino não tinha muita novidade não. Hoje em dia já tem, mas naquela época que eu estudei, era tal coisa: era aula expositiva, trabalho em grupo, exercício individual, tarefas para casa. Agora a gente aprendia muita coisa, não sei se era muito doutor na metodologia... Mas nunca tive dificuldades nos estudos. Agora, eu tive dificuldade de transporte. Mas sempre arranjava umas pessoas, aqui não tinha problema não, porque tinha uma colega que o marido dela tinha um carro. Quando nós fomos fazer o vestibular, o primeiro vestibular que eu fiz pra Letras, tinha umas senhoras que eram ruins em Matemática e a gente estudava junto. No primeiro ano, quem vinha me buscar era o doutor Paulo Gutemberg e a esposa que estudava lá, do segundo ano em diante, não sei se no terceiro, eu já comprei um “calhambequezinho”... Dificuldade financeira a gente tinha, mas era um financeiro que não era como hoje em dia, que tem muitas pessoas que deixam de estudar porque não têm condições.

Durante o período que eu estudei, ocorreram poucas mudanças, foi mais no currículo. Não sei o nome das leis¹⁷, mas houve aquelas mudanças que juntaram as séries, ficou da primeira até a oitava. Ficou curso fundamental, fundamental menor, fundamental maior¹⁸, e o científico mudou para ensino médio e segundo grau. Sempre que há uma reforma, passa dez anos pra poder haver outra. Essas reformas foram no final da carreira.

¹³ Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (FANAT), instalado no Campus Central da UERN, em Mossoró.

¹⁴ Refere-se à Maria do Socorro Aragão Paim, que foi coordenadora do LEM por muitos anos.

¹⁵ Alcir Leopoldo Dias da Silveira, professor colaborador de nossa pesquisa, sua narrativa está na *Peça Padres*. Em outros depoimentos poderão ser encontradas referências ao professor Alcir como Padre Alcir.

¹⁶ Raimundo Filgueira de Oliveira, formado em Matemática pela UFRN, chegou a Mossoró em 1974 e foi um dos primeiros professores, com formação específica, do curso de Matemática da FURRN.

¹⁷ O professor refere-se às leis 5.692/71, 9.394/96.

¹⁸ Com os termos “fundamental menor” e “fundamental maior” ele se refere aos anos iniciais e finais do atual ensino fundamental, respectivamente.

Como foram os meus primeiros contatos com o ensino? Eu fui ensinar num colégio e não tinha muita técnica. Nunca dei aula sentado, nunca coloquei aluno pra fora de classe. Por quê? Porque tinha uns cabras ruins naquele tempo. Olhe, quando eu entrei, [ingressei no magistério,] tinha cabra com vinte e três anos, enquanto eu tinha dezenove, era um rapazote. Mas a escola dava muita cobertura ao professor, quando tinha razão. Quando não tinha, infelizmente... Mas eu não tive dificuldade, não. Até porque, por exemplo, eu comecei a ensinar assim: uma série, depois passei pra seguinte, pra seguinte. Nunca peguei logo tudo de uma vez.

No Diocesano me falaram: “Está aqui os exercícios de Matemática, vá pra casa, tem tantos dias pra estudar, venha dar a primeira aula tal dia”. Tive um pouco de dificuldade com isso, porque eu já tinha uma certa metodologia da criatividade mesmo, mas deu tudo certo.

Aqui em Mossoró não tinham muitas escolas. Agora, tinha um curso muito bom que acabou, foi o curso de professora, se chamava Pedagógico¹⁹. Tinha muitas escolas boas! Aquele Colégio Estadual ele recebeu logo alunos de Ginásio, do Científico e do Pedagógico. Quem saía do Pedagógico estava preparado para ensinar de primeira a quarta série pra valer. O curso, hoje em dia, não tem mais, é uma pena. Pra ensinar as crianças de primeira a quarta série, sabe onde é que vão buscar recursos? Lá na Pedagogia e olhe lá. Se a gente for falar é duro, mas a gente tem que ver a realidade. Tem muito aluno que termina bem mesmo, mas tem algumas que são... Lá no pedagógico mesmo, fecharam a casa porque não estava dando mais nada.

Mas, além disso, a formação de professores... Os outros professores eram exatamente como eu comecei a ser professor: o professor só sabia o conteúdo, tinha o conteúdo. No Colégio Diocesano, os meninos da ESAM dominavam. Física, Química e Biologia eram as disciplinas que os alunos da ESAM lecionavam. Letras é que a faculdade é mais velha, mas também os professores de Português [por muito tempo foi assim também]. Quem estudou Português com o Padre Alcir não tinha quem dissesse que não tinha aprendido, ele era seguro no conteúdo. Agora, claro que a pessoa a cada dia está aprendendo mais. Ninguém vai para uma sala de aula [preparado], nem quando você termina uma faculdade. Naquele tempo, tendo conteúdo dava pra resolver o problema. Mas era uma dificuldade... Hoje em dia não. Hoje em dia está às mil maravilhas. Se tivesse condições, procuravam formação fora, iam para Natal.

¹⁹ O curso que ficou conhecido como Pedagógico, era o curso Normal, previsto na Lei 4.024/61, que era oferecido nos níveis ginásial e colegial. Esses cursos, à época, eram responsáveis por formar os professores do, então, ensino primário, que equivaleria às turmas das séries iniciais do atual ensino fundamental.

A partir de 1968, surgiram outros cursos, como de História e Geografia. O curso de Economia é mais antigo e os economistas também davam aula de Matemática (que nesse tempo não tinha faculdade de Matemática). Por isso que quem criou a faculdade de Matemática foi o Canindé Queiroz, que era um economista muito bom.

A Secretaria de Educação naquele tempo, no início da Década de 1970, tinha o nome de seccional, já mudou várias vezes de nome, hoje em dia é DIRE²⁰. A seccional cobrava muito das escolas particulares a formação do professor. Como que os colégios faziam? Eles davam a oportunidade a quem tivesse ensinando e não tivesse formação (naquele tempo não tinha quase ninguém), ficava inscrito e nos fins de semestre (no fim do primeiro e no fim do segundo), iam assistir umas aulas, uns dois meses juntando um com o outro, e depois se tivesse cabedal de cultura e fizesse a prova, passava logo. Eu não passei na primeira, mas achei foi bom, porque eu fui assistir no ano seguinte, fiz o exame e tirei um grande nota. Aí saiu o certificado do exame, um cartãozinho, como uma carteira de estudante, dizendo: “O primeiro e segundo grau”. No caso era o ginásial e o científico.

Continuei ensinando no Colégio. E foi assim: no primeiro ano eu ensinei na primeira série ginásial, que era a quinta série, depois fui pra segunda, no outro ano a terceira, no outro ano na quarta. Quando estava na quarta é que fui fazer esse curso em Natal. Foi um de Português, um de Matemática, um de Geografia, de História... Foi muita gente. Eu sei que a gente e no outro ano eu voltei com o registro. Quando terminei de fazer o curso da CADES... O que é que quer dizer CADES? Curso de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário²¹. Continuei ensinando, mas quando eu cheguei de Natal, a UERN estava se preparando para dar o primeiro passo, eu fiz exame pra Letras e passei. Fiz os quatro anos de Letras e comecei a ensinar de tarde nos colégios. Primeiro ano, segundo, do mesmo jeito, fui subindo... Morria se fosse logo tudo de uma vez. Quando eu terminei Letras, em 1972, já tinham criado o curso de Matemática, não era Matemática, era Ciências Exatas e Naturais²². Fiz o exame para o ingresso, passei, emendei.

As dificuldades que tivemos na UERN, no curso de Matemática, eram, exatamente, porque os professores vinham de fora. Só tinha aqui Raimundo Filgueira, porque ele veio de fora também e foi ser o diretor. Ele era o professor de Geometria Descritiva.

²⁰ Diretório Regional de Educação, Cultura e Esportes (DIRE).

²¹ CADES significa Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

²² O curso foi criado em 1974 e ainda era Matemática, no início da década de 1980 é que, por conta da legislação, o curso passa a se chamar Ciências Exatas e Naturais.

Minha experiência com o estágio começou na UERN. Como foi que eu entrei [pra ensinar] na Universidade, que naquele tempo não tinha concurso? Eu fazia o sétimo período de Ciências Exatas e Naturais, o professor era um engenheiro civil, doutor Xavier (tem a sala do doutor Xavier na UERN), até hoje está vivo, deve estar meio velho, mas está vivo. Ele foi chamado para trabalhar numa firma como engenheiro civil, e ele disse: “E agora?”. Foi para o diretor, à época era Canindé Queiros, aí ele disse: “vou deixar assim mesmo, no grande conjunto, [e perguntou aos alunos] ninguém tem feito esse curso aqui? Se alguém aqui fez [essa disciplina] bote para fora”. Isso é tipo de escolha [que se faça] na sua sala na última série? Não. Só deu pra mim. Foi assim que eu entrei [pra ensinar] lá, por isso que rezo muito por ele... Isso no sétimo período. Quando terminei o oitavo período, o diretor já era Padre Sátiro. Ele me convocou para ensinar Prática de Ensino. Por que eu fui escolhido pra Prática de Ensino no Departamento de Matemática? Pelo seguinte: porque eu era aprovado em Letras, tinha mais facilidade de escrever, hoje em dia estou lendo pouco, mas tinha facilidade de escrever, pelo menos escrevia corretamente. Nas minhas aulas de Matemática, eu levava o dicionário, colocava em cima do birô²³ e era difícil eu errar. Nossos professores não ligavam, escreviam errado no quadro, ainda veio uma mulher ensinar no oitavo período e a gente não aproveitou quase nada. Também só veio esse ano. Enfim, foram terminando as turmas à noite e os bons alunos foram sendo aproveitados. A semente que a gente recebeu voltou todinha pros seus lugares de origem. Foi assim que eu entrei na Universidade, em 1976, me aposentei em 1997. No colégio [Diocesano] ainda passei quatro anos ensinado no terceiro ano.

No estágio era assim: a gente tinha que observar os alunos. Primeiro eles iam sozinhos (o professor que ia acompanhá-lo), mas acontecia assim: quando eu colocava um aluno para estagiar na sala x, o professor adoecia, adoecia o menino, adoecia a mulher, e precisava ir não sei pra onde, quer dizer, os pobres [dos estagiários] ficavam [sozinhos]. Se eles vão ali pra aprender alguma coisa, ampliar os conhecimentos. Porque saber o conteúdo, ele sabe, mas vamos ver se ele sabe pôr em prática. Quando terminava a observação, eles iam participar, ajudar o professor a fazer chamada, corrigir uma tarefa e por aí vai. Aí quando chegava na terceira prática de ensino, que é direção de classe, ele assumia com todos os poderes a sala de aula. Eu não sei se melhorou, mas uma vez eu disse na reunião da diretoria: horrível. Quer dizer, a gente tem mais tristezas do que alegria quando vai observar um aluno, [por conta dos professores]. Porque quando eu recebia um aluno (eu não era professor de estágio ainda), eu acompanhava e orientava, levava até pra casa pra estudar, planejarmos juntos, elaborarmos

²³ Mesas com gavetas. É muito comum na região chamar as mesas dos professores de birôs. Essa palavra vem de Bureau, da língua francesa.

listas de exercícios, elaborarmos provas. Os professores do colégio, no entanto, pensavam: ele assistiu, ele viu, observou, participava alguma coisa. Mas tinha aqueles que não deixavam participar. Outro fator que implica muito é o professor fazer o seguinte, o aluno vai e ele diz: “Minha metodologia é essa, eu faço esse trabalho assim”. Não deixa que o estagiário crie. Acontecia muito, na hora que o aluno chegava, ele jogava tudo numas fichas que eles preenchiam.

Eu nunca tive muita dificuldade no magistério, porque eu tinha muito medo de errar, e como quem tem medo de errar, eu procurava muito [me aprimorar]... Depois que eu fiz minha especialização, terminei o curso, então [ficou melhor]... Porque, às vezes, acontece o seguinte, você vai dar uma aula, hoje, por exemplo, eu já disse muita coisa aqui que repetiu, mas lá na sala ninguém pode fazer isso, além disso, não pode o aluno fazer uma pergunta (não é obrigado você saber responder todas as perguntas), mas você tem que ser sincero: “olhe, eu vou pesquisar e vou ver se trago na próxima aula”. Quem é sincero não encontra muitas dificuldades não.

Ah! Nosso curso de especialização (eu tenho uma especialização em Álgebra) foi feito aqui! Para não levar um monte para Natal, então os professores que vinham. Foi no governo de Zé Agripino²⁴, que ele fez essa grande bondade com a gente. Não dava para, em uma semana, dar todas as aulas porque a carga horária era bem grande, no diploma tem tudo. Era Cálculo I, Geometria Plana, Geometria Espacial, Língua Portuguesa, você sabe que a língua pátria anda na frente.

E depois que ingressei no magistério, as mudanças que eu consegui perceber: as melhoras, as metodologias de ensino, os cursos, os professores, o relacionamento com os alunos, a maneira de se portar diante da sala de aula, porque tem professor que chegava, sentava, fazia a chamada, dava a aula sentado, não sei como é que pode? Matemática não pode! Mas é isso, o material humano vai se ampliando, vai crescendo, as mudanças vão aparecendo. Quer dizer, é uma mudança para melhor e não regredindo. E os alunos na sala de aula, isso é normal, porque quando você está explicando um assunto, crente que está abafando, aí tem um, dois lá atrás conversando, aí você diz: “Meu filho!?”. Aí o cabra se abre todinho: “Desculpe, professor, desculpe”. Agora se o camarada der um murro na mesa, aí não consegue mais nunca equilibrar uma sala. Um tempo desses tinha uns que passava a aula todinha batendo, levava até uma régua, pra pedir silêncio. Ora, nunca se ouviu falar que se

²⁴ José Agripino Maia foi prefeito de Natal, governador do Rio Grande do Norte e atualmente é senador do Estado.

conseguisse silêncio com zoadas. Silêncio se consegue com silêncio, com educação, com técnica, com metodologia.

Em Mossoró, eu comecei a ensinar em 1964. O ensino em Mossoró, de lá pra cá, foi sempre, gradativamente, crescendo. Antes desse período ainda, nas outras formações, os professores de Português eram advogados, o doutor Raimundo Soares foi professor de Português, muito bom, mas não estudei com ele não, por que ele ensinava só na Escola Normal, na escola só tinha mulher. Doutor Antônio Rodrigues de Carvalho, Alrivam de Souza Lima, os padres... Olhe, no meu curso ginasial, de primeira a quarta série ginasial, os professores todos eram padres, doutor, advogado e etc.. Não tinha nenhum leigo. Agora só que era aquela metodologia: mete coisa pro aluno e o aluno depois mastiga e traga de volta, quando ele não triturava bem, aí não dava nada. Mas a mudança é essa mesmo.

Em Mossoró não tinha calçamento, asfalto, mas pelo menos não tinha tanta violência: “pode dormir de portas abertas”. Toda vida sempre teve, uma coisa, um elemento, mas não era tão avançado. Hoje em dia você não pode [nem sair]... É todo tempo trancado, a casa da minha vizinha já foi assaltada duas vezes durante o dia.

Até 1960, a importância de Mossoró era o sal e o gesso. Tinha uma fábrica de tecelão, aqueles negócios de rede. A energia de Paulo Afonso²⁵ chegou aqui em 1970, no governo de Aluísio Alves²⁶, lembro que ele começou o discurso: “Noite de Mossoró, noite da TELERN²⁷, noite da COSERN²⁸”. Quer dizer, concomitantemente, tinha a telefonia e a energia. A energia já tinha há muito tempo, mas era naquele sistema a óleo, motor a óleo, quando dava nove e meia avisavam que iria apagar, passava cinco minutos e desaparecia de vez. Lá em Campo Grande também era assim, tava na pracinha quando fazia, corriam todos pra casa

O magistério aqui, hoje, está muito bom. Teve suas quedas, mas também tem suas subidas. Hoje levando em conta a violência, o desinteresse... Tem muito aluno que ainda é desinteressado, porque hoje em dia ele sabe que é tudo muito fácil. Por exemplo, aqueles que vão para a aula com a chave do carrinho rodando no dedo. Mas tem muito aluno bom. Agora, a tendência é só melhorar, com esse exame do ENEM²⁹ sendo aproveitado, é uma coisa muito importante, que fazia muitos anos que já deveria ter.

²⁵ É uma cidade localizada no interior da Bahia, onde é produzida grande parte da energia elétrica distribuída para o Nordeste, produzida a partir do Rio São Francisco.

²⁶ Aluísio Alves foi um importante político do Estado, tendo sido governador nos anos de 1961 a 1966, foi cassado pelo AI-5 em 1969.

²⁷ A Telefônica do Rio Grande do Norte (TELERN) foi por muito tempo a empresa responsável pelo sistema de telefonia do Estado.

²⁸ Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN).

²⁹ Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Interessante que quando a gente ia observar um estagiário, era normal quando chegava uns dez, quinze minutos e ele não tinha mais o que fazer. Eu nunca fui para a sala de aula pra não preencher o tempo direitinho, por quê? Porque planejava. Entretanto, eu falei aqui tanta coisa assim sem estar esquematizado. Mas minhas considerações finais vai ser só pra dizer que ninguém nasceu feito, a gente vai devagar, vai aprendendo devagar.

Entrevista com o professor Francisco de Assis Silva (Chiquito)

Duração da Gravação: 01h 00min 31s

Local: Residência do Colaborador (Mossoró/RN)

Data da entrevista: 13/02/2011



*Com as peças que compomos
Montamos a nossa história,
O nosso quebra-cabeça
Que está cheio de memória,
Essa é a nova peça
Essa é a peça nova.*

*Narramos da educação,
Com foco na formação,
O ensino da cidade
E da sua região,
A falta de professores
E a busca de solução.*

*Pra poder compreender
Como era a formação,
Estudamos alguns cursos,
Objetivo e criação,
Assim como algumas leis
Que nos davam explicação.*

*Trazemos a narrativa
Pra poder compartilhar
O que foi elaborado
E pudemos estudar,
A partir de agora vamos
A nova peça apresentar.*

Peça, mapa, versão, história: Formação de professores de Matemática da Região de Mossoró

[...] não vemos as mesmas coisas maiores ou menores, em caracteres grandes ou pequenos, vemos coisas diferentes (RICOEUR, 2007, p. 222).

Como em um novo jogo, vamos imaginar um quebra-cabeça com inúmeras peças, grandes e pequenas, em que algumas se encaixem, outras não, algumas se perdem, outras nem são achadas, algumas podem ser sobrepostas, ou se repetir... Peças que são formadas por outras peças, que, por sua vez, são formadas por outras: peças-múltiplas. Dependendo da escala em que a vejamos, vemos uma única peça, peça com as mesmas características supracitadas: ora são grandes, ora pequenas; ora se encaixam, ora não; ora se perdem, ora nem se acham... Esse é talvez o movimento do nosso quebra-cabeça: montar um jogo que não possui bordas, nem possuirá (estará sempre aberto a novas peças), em que as peças não se encaixem perfeitamente, mas que montam uma imagem (objetivo de todo quebra-cabeça) que, dependendo da distância a que é observada e da forma que seja montado, é uma imagem possível de atribuir significados.

Esse é o quebra-cabeça que, enquanto grupo¹, buscamos montar... Num esforço coletivo, esse quebra-cabeça é mais conhecido como *mapeamento*, não porque pretendemos montar uma imagem de uma carta geográfica que nos mostrará territórios, ou que nos indicará caminhos, mas porque “um mapa é um cenário de relevâncias, uma expressão de pontos de vista, um jogo entre presenças e ausências, não um retrato ‘do que está lá’, mas um registro dos significados que atribuo ao que penso que lá esteja”². Esse mapa *colecciona* peças que buscam montar uma imagem: “elaborar um mapeamento (histórico) sobre a formação e atuação do professor de Matemática no Brasil”³.

Estamos também nesse quebra-cabeça, como ora propomos chamar. Somos peças, que unidas a outras, ampliam a imagem desse mapeamento... Assim, tentaremos aqui “montar” uma nova peça-história, ou, simplesmente, uma nova história. Pura invenção.

Muitas são as histórias em que nos pautamos para narrar esta outra, algumas delas, narrativas montadas a partir de outras narrativas, cada uma com suas peculiaridades, com seus interesses, distinções, criações. Poderíamos montar esta história juntando-nos a Gaertner

¹ O Grupo “História Oral e Educação Matemática” – GHOEM.

² (GARNICA, 2010a, p. 561)

³ (GARNICA, 2010, p. 558).

(2004) e tecendo outra colcha de retalhos, ou a Seara (2005) e contar nossas memórias, outras memórias... trocar cartas com Fernandes (2011), ou escrever *papers* com Souza (2011). Quem sabe, uma orientação em grupo com Galetti (2004) e seu orientador, ou uma discussão com Silva (2007) e seus interlocutores. Poderíamos, ainda, montar peças-histórias independentes, como Baraldi (2003), ou “simplesmente” escrever, como Martins (2003), Martins-Salandim (2007; 2012), Fillos (2008) e Souza (1998). Mas, preferimos tentar criar uma narrativa, narrar uma história como Cury (2007; 2011).

Cada uma dessas histórias, que nos dão suporte para criar uma nova, tem suas intenções; como temos as nossas. Cada uma delas tem seus personagens; aqui esses autores, entre outros, são os nossos. Nelas, eles se mostram como participantes ativos do processo criador, focando o que interessava em um determinado contexto, aceitando que não seria possível olhar para tudo. Aqui assumimos a mesma postura. Em nossa história, versão de versões, e versões... focamos alguns pontos de interesse, contamos outros e nos distanciamos de outros, ainda. Por vezes, nos distanciamos de alguns pontos apresentados nas narrativas que nos deram a base para contar essa história, outras vezes, nos distanciamos de outras narrativas que poderiam nos ceder outras compreensões acerca do que falaremos. Mas, são as intenções...

Assim, vemos esta narrativa como um texto que nos narra o que queremos ler (e o que queremos que se leia). São intenções, mobilizações, dissociações, associações, complementações de tudo o que foi lido, ouvido, escrito, transcrito, criado, narrado.

É importante ressaltar que não pretendemos que a nossa peça, ou o quebra-cabeça que montamos – a partir das outras peças – seja tomada como verdadeira, ou única possibilidade plausível de olhar, narrar ou perceber essa(s) história(s). Não temos a pretensão de montar tudo, este é um movimento impossível. Este quebra-cabeça nunca será montado por completo, nunca se fechará em si, pois a cada movimento de pesquisa outras peças são criadas, outras versões históricas são contadas, e essas não necessariamente se encaixarão nas já existentes. Nem que todo o grupo, ao mesmo tempo, quisesse falar da mesma coisa, ainda existiriam “brechas” entre essas peças.

Esta é uma característica desse quebra-cabeça, pois esse não tem o objetivo de se fechar, ou completar-se em busca de encaixes perfeitos; pelo contrário, talvez queiramos sempre sair pelas frestas, brechas, buracos, rupturas em busca de novas, ou trazendo novas,

dividindo peças que já se mostravam solidificadas, buscando pontos de fuga, como num movimento *rizomático*⁴.

Com isso, assumimos agora mais uma postura: a de nos desprendermos um pouco dessas outras peças que nos ajudaram a compor as nossas e começar uma possível história. Não que tudo tenha surgido como num conto de fadas; aqui não aparecerão príncipes, princesas, *gnomos* ou *elfos*, mas, tínhamos que escolher um ponto de partida para narrar nossa história, montar nosso quebra-cabeça, apresentar nossa peça; assim, decidimos tomar como ponto de partida da nossa narrativa uma frase comum dos contos e das fábulas...



Era uma vez a república...

Por volta de 1891, com a Proclamação da República do Brasil, é proposta a laicização do ensino e a supressão do ensino religioso nas escolas públicas. Com isso, “o catolicismo no Brasil perdeu a condição de religião oficial e passou a concorrer com outras associações religiosas”⁵. Entretanto, “separada do Estado pela República, a Igreja busca uma reaproximação em novas bases, procurando assegurar sua autonomia do poder público”⁶. Isso fez com que a Igreja Católica passasse por reestruturações institucionais, formando e consolidando uma extensa rede de escolas católicas em todo o território nacional.

Essa atitude foi decisiva para o ensino do Brasil, principalmente para o nível secundário. Em meados do século XX, a maioria das instituições com ensino ginasial e colegial, do país, era católica.

Assim, “é justamente a partir da proclamação da República que a Igreja no Brasil consolida sua hegemonia como agência formadora das elites dirigentes”⁷. O que pode ser

⁴ Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). Kleist, Lenz ou Büchner têm outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. Mas ainda, é a literatura americana, e já inglesa, que manifestaram este sentido rizomático, souberam mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E, reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo. Elas souberam fazer uma pragmática. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 38 e 39)

⁵ (FILLOS, 2008, p. 208).

⁶ (KULESZA, 2002, p. 2).

⁷ (*Ibidem*, p.2)

percebido na região de Mossoró, cidade onde foi instalado, no ano de 1901, o Colégio Diocesano Santa Luzia, ou o “Colégio dos Padres” como ficou conhecido por muito tempo. Até então, Mossoró só contava com uma instituição de ensino que havia sido instalada, no ano anterior, o Colégio Sete de Setembro.

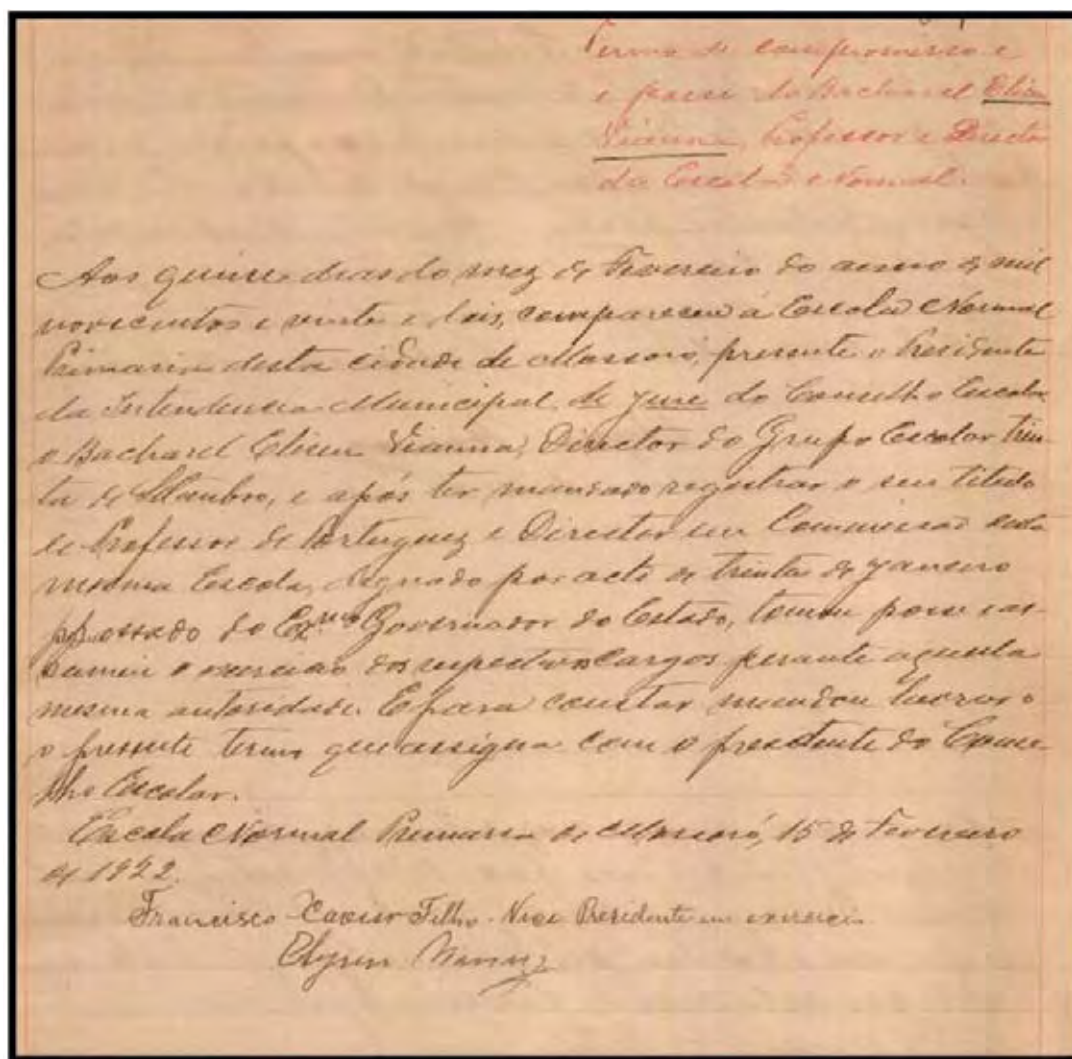
Os educandários geralmente tinham sistema de internato de forma que os meninos estudavam em ‘colégios de padres’ e as meninas frequentavam os colégios de freiras⁸. Com isso, a ação da igreja católica na região de Mossoró não cessa com a instalação do Colégio Diocesano, pois, sabendo que esse colégio era específico para a formação de garotos, visando então à formação da população feminina da região, dentro dos preceitos da igreja católica, é instalado em Mossoró no ano de 1912, o Colégio Sagrado Coração de Maria, ou “Colégio das Irmãs” como é, até hoje, muito conhecido. Como o Colégio das Irmãs não poderia ser dirigido por padres, ficou sob a responsabilidade da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, sendo, desde então, dirigido por freiras. Essas duas instituições de ensino foram responsáveis por formar, durante muito tempo, a elite da região.

Antes ainda do Colégio das Irmãs começar a funcionar, foi instalado em Mossoró, no mesmo local em que chegou a funcionar o Colégio “Sete de Setembro”, o Grupo Escolar “Trinta de Setembro”, em 1909. Depois dessas instituições, no ano de 1922, com a reforma de ensino proposta pelo governador Antônio José de Melo e Souza, instalou-se, no mesmo prédio do “Trinta de Setembro”, a Escola Normal Primária de Mossoró (Figura 25). Esta última só passa a contar com o secundário a partir de 1939⁹.

⁸ (FILLOS, 2008).

⁹ (COSTA, 2008; SILVA, 1984; NONATO, 1968; FREIRE, 1991).

Figura 25: Termo de posse do primeiro diretor da Escola Normal Primária de Mossoró, Bacharel Elizeu Viana.



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado¹⁰.

Nesse período, a Matemática (que unia as disciplinas até então vistas separadamente: aritmética, álgebra e geometria, em 1931) é adotada oficialmente como disciplina obrigatória, em todo o país, por conta do Decreto nº 19.890, de dezoito de abril de 1931, que ficou muito

¹⁰ Transcrição literal do texto contido no documento:

Termo de compromisso e posse do Bacharel Eliseu Vianna, Professor e Director da Escola Normal.

Aos quinze dias do mez de Fevereiro do anno de mil novecentos e vinte e dois, compareceu à Escola Normal Normal Primaria desta cidade de Mossoró, presente o Presidente da Intendencia Municipal, de jure do Conselho Escolar, o Bacharel Eliseu Vianna, Director do Grupo Escolar Trinta de Setembro, e após ter mandado registrar o seu título de Professor de Portuguez e Director em Commissão desta mesma Escola, designado por acto de trinta de janeiro passado do Ex^{mo} Governador do Estado, tomou posse e assinou o exercicio dos respectivos cargos perante aquela mesma autoridade. E para constar nessa vou lavrar o presente termo que assigno com o presidente do Conselho Escolar.

Escola Normal Primária de Mossoró, 15 de fevereiro de 1922.

Francisco Xavier Filho – Vice Presidente em exercício.

Elizeu Vianna

conhecido como Reforma Francisco Campos. “A orientação dada era a de um ensino de Matemática que não privilegiasse a memorização sem raciocínio, mas sim, de que se promovesse o seu estudo por meio da resolução de problemas e aplicações”¹¹. Esse Decreto propunha a organização do ensino secundário, discorrendo sobre a divisão dos cursos, seu funcionamento, o corpo docente, e a forma de acesso ao ensino secundário, quando é então proposto, em nível nacional, a adoção do *exame de admissão*.

Os Artigos 18 a 23 do Decreto regularizavam que o candidato que desejasse ingressar na primeira série do ensino secundário deveria prestar o exame de admissão. Este exame sempre seria realizado na segunda quinzena de fevereiro, pois a primeira era destinada ao período de inscrição, período esse em que o aluno deveria comprovar ter idade mínima de onze anos – sendo que, em regime de internato, a idade mínima deveria ser treze – além de apresentar, nessa oportunidade, outros documentos. Os artigos indicavam que os exames deveriam ser realizados na escola onde o aluno pretendia ingressar para realizar os estudos secundários, não podendo, no mesmo período, realizá-los em mais de uma instituição.

Esses artigos ainda regulavam sobre as bancas examinadoras do exame, além de regulamentarem a estrutura do mesmo, que constaria “de provas escritas, uma de português (redação e ditado), e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais”¹².

Como a lei propunha um aumento no número de anos para o ensino secundário, “não era para o pouco tempo que a classe trabalhadora disponibilizava para os estudos, e essa situação acabou imprimindo um caráter elitista ao ensino secundário”. Com isso, “foi organizado um sistema de ensino para cada classe, sendo o ensino primário destinado às classes menos favorecidas, o médio estadual para classe média e o secundário acadêmico e superior para a elite”. Assim, o exame de admissão foi criado como tentativa de elitizar o ensino secundário, sustentando as “barreiras entre os três sistemas, para manter a hierarquia social”¹³.

Esse exame “foi por algumas décadas a linha divisória decisiva entre a escola primária e a escola secundária. Funcionou como um rito de passagem cercado de significados e simbolismos, carregado de conflitos para os adolescentes ainda incapazes de lidar com

¹¹ (GAERTNER, 2004, p. 214).

¹² (BRASIL, 1931).

¹³ (MENEGETI, 2012, p. 9).

fracassos”¹⁴. Para alguns, tão importante quanto o exame, era o curso preparatório ao exame e o livro que continha todo o conteúdo a ser estudado para as provas.

“O exame de admissão mobilizava os estudantes, seus pais e irmãos. Obter a aprovação nas provas tinha uma importância equivalente à aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior. Era uma espécie de senha para a ascensão social”. Cada escola secundária organizava o programa de seus exames e não os divulgava, “de modo que os candidatos e suas famílias não sabiam se o nível de exigência das provas acompanharia o nível do conteúdo da quarta série das escolas primárias”¹⁵. Era comum fracassar nesses exames, o que implicou a criação de diversas instituições privadas, ou escolinhas particulares, preparatórias para os exames, que cobravam taxas muito altas.

Esses exames foram ainda previstos pelo Decreto-Lei promulgado em 1946, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Secundário. A única alteração que essa lei fazia em relação ao Decreto nº 19.890 era a de que o exame seria realizado não mais em uma única época e, sim, em duas, sendo a primeira em dezembro e a segunda em fevereiro. Poderiam realizar o exame de admissão na segunda época aqueles que tivessem perdido a prova ou não tivessem sido aprovados na primeira.

Assim, o exame de admissão existiu por mais de 40 anos, sendo extinto no início da década de 1970. Durante todo esse período a justificativa utilizada para a existência do exame de admissão foi a de que faltavam escolas para todos. Com isso, poucos iam além do ensino primário.

No mesmo período em que há a promulgação do Decreto nº 19.890/31 ocorre também a disseminação, de forma mais abrangente, dos princípios de uma “nova pedagogia”: a da Escola Nova. Essa nova proposta insinuava-se desde a segunda década do século XIX, mas foi na década de 1930 que seus defensores produziram, no Brasil, o “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”. A proposta da Escola Nova baseava-se na ideia de deslocar o foco do processo de ensino e aprendizagem para o aluno, que passava a ser participante ativo desse processo pontuado por atividades que visavam ao desenvolvimento de um raciocínio de generalização a partir de experiências e contatos de situações particulares. Os reflexos desse movimento são sentidos até a década de 1970¹⁶.

Em Mossoró, além da Escola Normal Primária de Mossoró que passou a oferecer o ensino secundário na década de 1930, também a Escola Técnica de Comércio União

¹⁴ (NUNES, 2000, p. 45).

¹⁵ (*Ibidem*, p. 45).

¹⁶ Para maiores informações sobre o Movimento Escola Nova, ver Souza (2011).

Caixeiral, fundada em 10 de fevereiro de 1935, que passa a funcionar a partir de 1936, também oferecia esse nível de ensino, sendo por um longo tempo a única escola técnica de Mossoró e região.

Assim, até o final da década de 1930, Mossoró contava com o Grupo Escolar “Trinta de Setembro”, as Escolas Normal e União Caixeiral e os Colégios de padres e freiras, Diocesano Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria. Entretanto, as atividades da Igreja Católica, vinculadas à educação da região, não se limitaram a essas duas instituições. Um dos objetivos da Igreja Católica, traçado ainda no início do século XX, sob o comando do Papa Leão XIII, era a separação física entre os Colégios e os Seminários, para colocar “ao ‘abrigo dos perigos’ os eleitos para a carreira eclesiástica”¹⁷. Entretanto, até então, Mossoró não possuía Seminário, ficando a iniciação dos seminaristas sob a responsabilidade da Diocese de Natal, situação que se altera em 1934 com a criação da Diocese de Mossoró, e com a fundação, em 1937, do Seminário Santa Terezinha, o conhecido “Seminário de Mossoró”, também responsável por formar inúmeros jovens da região.

Um desses jovens formado pelo Seminário Santa Terezinha foi Alcir Leopoldo da Silveira – também, muito conhecido como padre Alcir ou professor Alcir. Nascido em 1934, era natural de Patu, filho de cearenses. O pai, ferroviário, ajudou na construção da estrada de ferro que passava por Mossoró. A mãe, dona de casa. Como era muito comum na região, tinha uma família numerosa, contando com outros oito irmãos, sendo, ao todo, quatro mulheres e cinco homens, dos quais era o mais novo. Como filho de ferroviário, viajava seguindo os caminhos dos trilhos de ferro, por isso lembra a infância vivida em diversas cidades do estado do Rio Grande do Norte, até retornar a Mossoró, em uma segunda oportunidade, em 1946, quando se matriculou no Seminário Santa Terezinha, onde ficou até 1952. No seminário passou o restante da infância e toda a adolescência. Períodos muito tranquilos de sua vida, época em que se dedicou muito aos estudos. Vaidoso em tirar notas boas, se o seminário já era muito exigente, ele era ainda mais consigo mesmo. Pela manhã tinha as aulas e ainda realizava estudos pessoais à tarde e à noite, estudando, aproximadamente, dez horas por dia. Lembra que o ensino do seminário tinha uma qualidade muito grande. Recorda que estudou, no Seminário de Mossoró, português, francês, inglês, latim e grego, além de biologia, física, química, matemática (disciplina de que gostava muito), e geografia – que tinha uma parte dedicada a estudar também cosmografia.

¹⁷ (KULESZA, 2002, p. 8).

No período em que Alcir lá estudou, quem ensinava no Seminário eram sacerdotes holandeses, que lecionavam as disciplinas em que eram especializados; não que possuíssem uma formação específica para lecionar: atuavam naquelas em que tivessem maior conhecimento dos conteúdos, afinidade e facilidade de compreensão.

Na verdade, por um longo período, foi assim funcionaram os famosos colégios de padres e freiras: nos colégios de padres, os professores eram padres e, no colégio de freiras, as professoras eram freiras e a escolha pelas disciplinas se dava pelo domínio que possuíam dos conteúdos. Não era diferente no Colégio Diocesano e no Colégio Sagrado Coração de Maria, onde, por muito tempo, obviamente havendo exceções, os professores eram padres e freiras, respectivamente.

Assim, até o final da década de 1940, Mossoró continuava com as mesmas instituições de ensino, em nível primário e secundário: Seminário Santa Terezinha, Diocesano Santa Luzia, Sagrado Coração de Maria, União Caixeiral, Escola Normal e Trinta de Setembro. Além dessas instituições, foi ainda nessa década que começou a ser pleiteada uma instituição de ensino superior para a região. Vale ressaltar que, neste período o sistema de ensino superior em funcionamento era o mesmo criado no período do Brasil Império, quando são implantadas, ao invés de Universidades, as primeiras instituições isoladas de ensino superior, um modelo importado da França. Essas instituições, as Faculdades, se espalharam por todo o Brasil e, mais tarde, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) assumiram a responsabilidade de formar professores¹⁸.

Para a região de Mossoró, pleiteavam, no entanto, a criação da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM), que foi criada em 18 de agosto de 1943 por meio da Resolução nº 001/43 da Sociedade União Caixeiral, a mesma mantenedora do colégio técnico. Após sua criação, a documentação para a constituição foi encaminhada ao Conselho Federal de Educação (CFE). Entretanto, o parecer favorável só foi dado em 1947, sendo, em seguida, arquivado. A retomada para o reconhecimento dessa Faculdade deu-se no ano de 1955 com a criação da União Universitária Mossoroense (UUM), formada por estudantes universitários de Mossoró, matriculados em Faculdades da Capital ou de outros estados. Seu líder era o professor João Batista Cascudo Rodrigues. Com o empenho desse grupo e o apoio de alguns políticos, como o Senador Dix-Huit Rosado e o Deputado Federal Tarcísio de Vasconcelos

¹⁸ Para maiores informações sobre a Educação no período do Brasil Império, ver Cury (2007). E sobre a instituição das primeiras faculdades e universidades no Brasil, Martins-Salandim (2012).

Maia, conseguiu-se a autorização do CFE para o funcionamento da instituição, por meio do Decreto nº 48.665, de 04/08/60¹⁹.

Assim, sem a presença de nenhuma instituição de ensino superior até o início da década de 1960, contando apenas com a Escola Normal de Mossoró para formar professores para a região, os professores que ali lecionavam não possuíam uma formação específica para isso; era um pessoal formado em outras áreas que atuava no ensino.

Talvez (ou principalmente) as ampliações repentinas que aconteceram na rede de ensino pública tenham acarretado a falta de professores formados. Uma primeira ampliação na rede de ensino do estado do Rio Grande do Norte que pode ser notada foi, ainda no início da década de 1920, quando foram criados inúmeros Grupos Escolares, Escolas Isoladas e Escolas Reunidas por todo o Estado, visando a uma interiorização e democratização do ensino. Nesse período, por muitas vezes, “o Governo no Estado viu-se na contingência de fazer contratos com professoras estranhas, para as novas unidades de ensino que iam sendo criadas e instaladas de conformidade com a reforma de ensino legiferante”²⁰. Essa proposta ocorreu no período entre 1924 e 1928, no governo estadual de José Augusto Bezerra de Medeiros, que influenciado pelo Movimento Escola Nova, tentou melhorar o ensino primário, “dando ares mais científicos ou renovadores à rede escolar, pois implantou novos métodos pedagógicos, normas, regras, criando, inclusive, um regimento para o funcionamento da escola nos seus três níveis: isolada, reunidas e grupo escolar”²¹. Uma das grandes novidades proposta no Brasil, então, era a criação dos grupos escolares (um tipo de escola graduada que funcionou no país até a década de 1970, quando foram extintas), e somente estas instituições eram responsáveis pela instrução dos alunos, isso proposto pela Lei nº 249 de 1907, decretada em 1908, que vigorava na época. Essa medida educacional, adotada pelo Estado, teve influência no surgimento do “Movimento Reformador Educacional Brasileiro”²².

Outra reforma de ensino, dessa vez em nível nacional, que acarretou em uma grande carência de professores pela significativa expansão do ensino secundário, foi a Lei Orgânica do Ensino Secundário – nº 4.244 de 9 de abril de 1942 –, muito conhecida como Reforma Capanema que, embora considerada elitista, elevou assustadoramente o número de instituições de ensino secundário e de matrículas em todo o território brasileiro. Essa Lei discorria sobre a estrutura do ensino secundário dividindo-o em ginásio e colégio, tendo, o primeiro, uma duração de quatro anos e, o segundo, três anos. O colégio passava, então, a ser

¹⁹ (FILGUEIRA, 2006).

²⁰ (NONATO, 1968, p. 156, sic).

²¹ (PAIVA, 2006, p. 4228).

²² (ARAÚJO, 2011, p.139).

constituído por dois cursos, o curso normal e o curso científico, podendo o aluno optar por um deles, sendo que ambos permitiam ascensão ao ensino superior. O mesmo Decreto-Lei, dentre outros assuntos, ainda estrutura o currículo desses níveis de ensino²³.

A consequência dessa expansão foi a urgência de conseguir professores para atuar no ensino secundário, pois “os professores em exercício passaram a ser superutilizados e o número deles era bastante reduzido”. Como consequência dessa falta de professores, “vale lembrar que em 1946, num processo emergencial, os professores começaram a ser ‘recrutados’ por meio do exame de suficiência”²⁴. Isso aconteceu com a promulgação do Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de Janeiro de 1946, que discorria sobre o registro dos professores do ensino secundário, instituindo a partir daí os *exames de suficiência* para habilitar aqueles que desejassem ingressar na carreira de magistério e não possuísem formação específica. Os exames seriam compostos por “a) prova escrita; b) prova prática; c) prova didática”²⁵, a serem realizadas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no estado em que se requeresse a licença para ensinar, ou, na ausência das mesmas, em instituto congênere.

Esse sistema funcionou até o ano de 1955, quando foi regulamentada a realização dos “Exames de Suficiência para o exercício do magistério nos cursos secundários nas regiões onde não houvesse professores licenciados por Faculdades de Filosofia”²⁶, pela Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro de 1955, e pela Portaria Ministerial nº 115, de 20 de abril de 1955.

Assim, em Mossoró, não era difícil encontrar professores formados na Escola Normal atuando no ensino secundário, embora a formação deles fosse para lecionarem apenas no ensino primário. Além disso, era comum encontrar professores ou com formações em outras áreas, tais como: Odontologia, Ciências Jurídicas, Medicina e Farmácia; ou mesmo sem formação superior alguma, contando, às vezes, apenas com o secundário²⁷.

Para as aulas de Matemática não foi diferente. Desde o início do século XX já era possível notar certa carência de profissionais para preencher os quadros do magistério secundário, e o ingresso de pessoas formadas em outras áreas no ensino dessa disciplina. Disso são exemplos o professor Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque (que ensinou no “Sete de Setembro” no início do século XX e era Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife), o professor Aprígio Soares da Câmara (que, ensinou Matemática no Diocesano e foi também professor da Escola Normal, era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola de

²³(BRASIL, 1942).

²⁴(BARALDI e GAERTNER, 2010, p. 164).

²⁵(BRASIL, 1946).

²⁶(FERNANDES, 2011, p. 150).

²⁷(NONATO, 1968).

Direito de Recife), o professor Públio Lopes Filho (que ensinou no início da década de 1940 nos Colégios Diocesano de Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria, sem possuir, até então, uma formação superior, tendo feito o seu primário no “Trinta de Setembro” e o secundário em Fortaleza), o Professor João Minho de Oliveira (que, mesmo sendo professor em um período em que Mossoró já contava com a Escola Normal formando professores para a região, ensinou no Diocesano sem nenhuma formação superior) e o professor Joaquim Solon Moura (que ensinou no Diocesano Santa Luzia, no Sagrado Coração de Maria, na Escola Normal de Mossoró e na União Caixeiral, onde ainda exerceu a função de Diretor; ele também não possuía nenhuma formação superior, mas ficou muito conhecido na cidade como um dos maiores professores de Matemática que o município já teve²⁸).

Felisbela Freitas de Oliveira, uma das ex-alunas do professor Solon Moura, lembra que “ele era muito rígido, mas era um fenômeno em Matemática”. Felisbela é natural de Patu, Rio Grande do Norte, e nasceu no ano 1945. Os pais eram da área rural e por isso ela morou por muito tempo na fazenda. Acordava cedo para ir ao curral, onde tomava o leite, varria os terreiros, pastorava o gado, ia para o roçado. Como era a mais velha das mulheres de um total de vinte filhos, com sete anos já ficava em casa cuidando dos outros irmãos mais novos e olhando as panelas no fogão. Mas, apesar da responsabilidade de olhar a casa, recorda que tinha tempo para brincar. Começou seus estudos ainda na zona rural de Patu, e como até os seus oito anos não existia nenhuma escola na zona rural, estudou a “cartilha do ABC” com um tio que, nesse período, estudava na Paraíba, cursando as séries iniciais do ginásio. Recorda que quando tinha nove anos foi criada uma escola próxima à fazenda, a Escola Isolada Jerusalém, onde estudou até o terceiro ano do primário com a sua tia “De Lourdes”. Como a escola isolada só oferecia até o terceiro ano, ficou o ano de 1958 sem estudar e no ano de 1959 seus pais se mudaram para a sede do município para que ela pudesse concluir o ensino primário. Fez o quinto ano do secundário no Grupo Escolar João Godeiro – não fez o quarto ano: foi direto para o quinto.

Nesse período, o ensino primário era regido pela Lei Orgânica do Ensino Primário – Decreto-Lei 8.529, promulgado em 02 de Janeiro de 1946 – que propunha a organização do ensino primário em supletivo e fundamental. O fundamental era destinado às crianças de sete a doze anos e o supletivo a adolescentes e adultos.

O ensino primário fundamental seria ministrado em dois cursos sucessivos: o elementar e o complementar. O curso primário elementar tinha uma duração de quatro anos,

²⁸ (NONATO, 1968; SILVA, 1984).

contando, entre as disciplinas, com a de “Iniciação Matemática”, e o curso primário complementar tinha a duração de um ano, contando entre as disciplinas com a de “Aritmética e Geometria” e “Desenho”. Vale ressaltar que o curso primário complementar não era obrigatório. Essa lei ainda regulamentava os tipos de instituições de ensino (Escolas Isoladas (E.I.), Escolas Reunidas (E.R.), Grupos Escolares (G.E.) e Escola Supletiva (E.S.), as instituições públicas; e Curso Elementar (C.E.), Curso Primário (C.P.) e Curso Supletivo (C.S.), as instituições particulares) e o funcionamento que caracterizava cada uma delas.

Entretanto, ao concluir o primário em Patu, onde não existia o curso secundário, seus pais se transferiram, em 1960, para Mossoró, para que pudesse dar continuidade aos seus estudos. Realizou o exame de admissão, e aprovada, ingressou no ensino secundário, onde foi aluna do professor Solon Moura, embora por pouco tempo, aproximadamente dois anos, pois ele adoeceu, deixando suas turmas. Recorda que, até então, não havia sentido que havia falta de professores, mas que, por conta de uma lei que implantaram, os docentes passaram a se dedicar mais às suas profissões ou foram lecionar em universidades, tornando a escola básica carente de professores, sobretudo de matemática.

Talvez essa falta de professor não existisse na instituição a que a professora se refere – o Instituto de Educação de Mossoró – ou não tivesse sido percebida na turma em que ela estudava, mas, talvez o movimento de expansão do ensino e a falta de professores, somado à saída do professor Solon Moura, que tinha muitas aulas na escola, tenha resultado nessa percepção do problema.

Pelo período a que a professora se refere e os traços que ela, em seu depoimento, apresenta da lei, possivelmente essa seja uma referência à primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 4.024/61, promulgada pelo presidente João Goulart, que visava “à democratização da educação e descentralização do ensino, equivalência de cursos, continuidade entre o primeiro e o segundo graus, constituição dos sistemas estaduais de ensino e organização da universidade”²⁹.

Para o ensino superior essa primeira LDB extingue, legalmente, o modelo de curso que ficou conhecido como “3+1”, que propunha os três anos de disciplinas específicas e um de disciplinas pedagógicas. Além disso, a mesma lei diferencia a formação do bacharel da formação do licenciado.

Em relação aos ensinos primário e secundário regular, que diziam mais respeito ao contexto do qual Felisbela trata em sua narrativa, e das escolas que existiam na área urbana do

²⁹ (CURY, 2007, p. 165).

município à época, a mesma lei estabelecia os níveis de ensino “primário”, “médio” e “superior”. O primário era destinado às crianças a partir de sete anos de idade, sendo um nível de instrução obrigatório. Este nível de ensino tinha duração de no mínimo quatro anos e, no máximo, seis anos, sendo que os dois últimos anos eram destinados ao ensino de técnicas artísticas (com distinção conforme sexo e idade). O Ensino Médio compreendia os ciclos ginásial e colegial, abrangendo os cursos secundários para formação de técnicos comerciais, agrícolas e industrial, e a formação de professores para o nível primário. O ginásial tinha duração de quatro anos e o colegial de três anos. Para ingresso no colegial bastava concluir o ginásial. Entretanto, para matricular-se no Ensino Médio, após a conclusão do primário, era necessária a realização do exame de admissão, o mesmo exame obrigatório para ingressar no, até então, ensino secundário, que a professora Felisbela prestara em 1960. Além de tudo isso, a lei propunha uma descentralização do ensino, tornando a estrutura dos currículos escolares mais maleável, cabendo ao Conselho Federal e aos Conselhos Estaduais de Educação relacionar as disciplinas obrigatórias e optativas de cada ciclo (ginásial e colegial), bem como definir o desenvolvimento dos programas de cada disciplina. Felisbela lembra que, na primeira e na segunda séries do ginásial, teve onze disciplinas (Música, Latim, Geografia do Brasil e Geografia geral, História geral, História do Brasil, Português, Artes Plásticas, Inglês, Francês, Educação Física) e iria estudar treze na terceira e quarta séries ginásiais, mas, quando foi mudar para a terceira série ginásial houve a reforma e diminuíram a quantidade de disciplinas para nove.

Foi, então, no período dessa reforma que ela percebeu dificuldades com a contratação de professores, principalmente em Matemática, porque o professor Solon Moura adoeceu e precisou afastar-se de suas aulas. Seu filho, Solon Moura Júnior (Figura 26), tentou substituí-lo, mas o grande número de aulas que tinha o seu pai impediu que ele suprisse a demanda.

Figura 26: Assinatura, no Livro de Pontos, dos professores de Matemática Solon Moura e Solon Moura Júnior.

Quarta-feira Dia 5 de abril de 1961

Nota	Matérias	Assinaturas
2ª Pontuação	Francês	Conde Francisco de Albuquerque
1ª "	Química	Heitor Pedro do Monte
4ª 12	H. Geral	Falton
4ª 8	Inglês	
3ª 12	Matemática	J. S. Arz.
3ª 13	Português	Conde B. Gungel
2ª 14	Trabalhos	Simone
2ª 8	Desenho	Dr. G. G. G. de Andrade
2ª 6	História	Dr. G. G. G. de Andrade
1ª 12	Português	Dr. G. G. G. de Andrade
1ª 13	Francês	Dr. G. G. G. de Andrade
1ª 6	Matemática	Dr. G. G. G. de Andrade
2ª Pontuação	Inglês	
1ª "	Francês	Conde Francisco de Albuquerque
4ª 13	Geografia	Falton
4ª 13	Geometria	Simone
3ª 13	Matemática	J. S. Arz.

Solon Moura Júnior.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado.

Alcir, depois de se formar na Universidade Gregoriana e tornar-se padre em Roma, retorna para Mossoró, onde começou a desenvolver atividades na Cúria da Diocese. Concomitantemente a isso, ensinava Latim no Diocesano (a convite, pois estava faltando professor) e Língua Portuguesa (no Seminário Santa Teresinha). Em 1962, quando nomeado vice-diretor do Colégio Diocesano junto com Padre Sátiro Cavalcante Dantas, que seria então o diretor, Alcir lembra, nesta instituição, dos reflexos deste afastamento de Solon Moura. Com a carência de professores de Matemática, após conversa com o Padre Sátiro, por gostar muito de Matemática quando estudante do Seminário, ficou acertado que o padre Alcir assumiria, aos poucos, as aulas de Matemática. O Padre Sátiro tinha o objetivo de convencer os alunos de que a disciplina era algo apreensível e aprazível. Assim aconteceu durante o ano de 1963, quando o padre Alcir assumiu a disciplina de Matemática da primeira série do ginásial. Ele recorda que, nesse período, ensinavam Matemática Moderna.

A Matemática Moderna surge, no Brasil, na década de 1950, ficando, mais tarde, conhecida como Movimento Matemática Moderna (MMM). Os idealizadores desse

movimento estavam preocupados com o descompasso entre o ensino superior e o secundário e pretendiam uma alternativa para desvincular-se da Matemática pautada apenas na memorização de processos. Segundo essa proposta, a Matemática seria ensinada logicamente, revelando-se o raciocínio por trás do método, o que favoreceria a compreensão.

É nesse período que surgem os primeiros grupos de estudo e pesquisa na área do ensino de matemática, pautando-se nas ideias da Matemática Moderna, como, por exemplo, o Grupo de Estudos do Ensino de Matemática (GEEM), coordenado pelo professor Oswaldo Sangiorgi, em São Paulo³⁰.

Os treinamentos para professores que aconteciam no GEEM, grande divulgador das ideias e ideais da Matemática Moderna, eram divididos em estágios: no primeiro via-se teoria dos conjuntos e nos segundo e terceiro, álgebra linear. O GEEM foi também responsável pela criação de outros grupos de estudos, como, por exemplo, em Santos/SP (que foi batizado de GEEM'(linha)). Outro exemplo seria o do Núcleo do Estudo e Difusão do Ensino de Matemática (NEDEM)³¹, criado no estado do Paraná na década de 1960, coordenado pelo professor Osny Antonio Dacol, que “conscientizou um grupo de professores a fazer pesquisa sobre o Ensino Moderno da Matemática”³². Outros grupos que colaboraram para a disseminação da Matemática Moderna foram o Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de Porto Alegre (GEEMPA), criado em Porto Alegre, e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM), com sede no Rio de Janeiro.

Este movimento foi muito forte nas regiões Sul e Sudeste do país, tendo também tido os seus reflexos no Nordeste, e no Rio Grande do Norte, especificamente. Nesse estado, a SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) foi uma das grandes responsáveis pela disseminação dos ideários da Matemática Moderna que “interferiram na formação de professores de matemática, de modo a divulgar, por um lado, os ideais do MMM relativos à linguagem da teoria dos conjuntos e à estrutura algébrica como suporte de toda a matemática”, e por outro lado, “a representação da matemática como o suporte necessário ao desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento este que possibilitaria a industrialização da sociedade, o que vai ao encontro dos ideais presentes na fundação da SUDENE”³³.

Essa Superintendência foi criada em 1959 com o objetivo de alavancar o desenvolvimento da região Nordeste, que estava muito defasada em relação ao restante de todo o País. A SUDENE tinha, então, a “responsabilidade de propor as diretrizes de uma

³⁰ Para maiores informações sobre o grupo GEEM, ver Baraldi (2003).

³¹ Para maiores informações sobre o NEDEM, ver Seara (2005).

³² (SEARA, 2005, p. 12).

³³ (BRITO e GUTIERRE, 2007, p. 8).

política de desenvolvimento regional, às quais deveriam subordinar-se todos os investimentos federais no Nordeste, e atuar como órgão no planejamento e na coordenação dos investimentos federais na região”³⁴. Este órgão era ligado diretamente à Presidência da República, com sede também em Recife³⁵.

Assim, acreditando ser a Matemática Moderna a base para a propulsão da ciência, essa Superintendência investiu na divulgação da mesma. Com isso, o padre Alcir teve acesso aos ideais desse movimento, mobilizando-os de uma forma um tanto diferente de outras regiões que propunham o uso dessa “nova” matemática, pois, enquanto para alguns a base dessa nova matemática era a teoria de conjuntos, para o padre Alcir, que ensinou com os preceitos da Matemática Moderna, a base eram os juros, as regras de três e as proporções, entre outros, assuntos que ele lecionava mostrando sua importância para a vida, aplicando-os a determinadas circunstâncias do dia a dia³⁶.

Entretanto, este foi o único ano de sua carreira no ensino de matemática, pois, com o afastamento de outro professor do Diocesano, surgiu a necessidade de colocá-lo como professor de Língua Portuguesa, disciplina em que permaneceu lecionando por muito tempo.

Ainda nessa época, percebemos a grande influência da Igreja Católica em Mossoró, principalmente na área educacional. Além das instituições mantidas diretamente pela igreja, o ideário religioso estava muito presente também no Instituto de Educação de Mossoró (Figura 27) – instituição pública da cidade que agregava a Escola Normal, o Colégio Estadual, o Grupo Escola “Trinta de Setembro” e o Jardim de Infância Modelo, que, depois disso, passou a se chamar Centro Educacional Jerônimo Rosado e, hoje, tem o nome Escola Estadual Jerônimo Rosado –, onde Felisbela estudou. Ela recorda que durante o ginásio foi aluna de Padre Sátiro Cavalcante Dantas, Dom José Freire, Padre Humberto, Padre Édson, Monsenhor Raimundo Gurgel e do próprio Padre Alcir (em Português).

³⁴ (FERNANDES, 2011, p. 118).

³⁵ Maiores informações sobre a SUDENE e as relações dessa superintendência com a educação da Região Nordeste, ver Fernandes (2011).

³⁶ Mais sobre os modos de mobilização e produção de significado ao Movimento Matemática Moderna, ver Souza e Garnica (2012).

Figura 27: Lista dos professores do Colégio Estadual de Mossoró no ano de 1960, detalhe para o número de professores padres.


RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA NORMAL DE MOSSORÓ

A Diretoria do Colégio Estadual de Mossoró, convida ao Sr.

Prefessores abaixo mencionados para uma reunião na próxima Segunda-Feira,
dia 5 de corrente às 14 horas, num dos salões de referido Estabelecimento:

Gen. Raimundo Gurgel de Amaral	_____
Gen. Luiz Soares de Lima	_____
Pe. Huberto Bruening	_____
Pe. Alcir Leopoldo da Silveira	_____
Pe. Amílcar da Mata Silveira	_____
Gen. Francisco de Sales Cavalcanti	_____
Pe. José de Freitas Hebrê	_____
Maria do Carmo Freire de Andrade Lima	_____
Joaquim Selen de Moura	_____
Dra. Ruzinete Dantas de Lima	_____
Dra. Maria José de Souza Luz	_____
Francisco Soares de Lima	_____
Dr. José Azevedo de Araujo	_____
Dr. João Pedro de Mente	_____
Dr. João Batista Cascade Rodrigues	_____
Dr. Jaime Hipólito Dantas	_____
Dr. Nader de Azevedo Maia	_____
Sergina Leão de Moura Pinto	_____
Maria Inmaculita Xavier Lira	_____
Maria Neuman Bezerra Cavalcanti	_____
Dr. José Pereira Sá	_____
Maria Vanda Lima de Andrade	_____
Maria de Lourdes Santos Menezes	_____
Cleide Fernandes Siqueira Claves	_____
Pe. José Freire Neto	_____
Evilasio Leão de Moura	_____
Regina dos Reis Hygine	_____
Zeneide dos Reis Hygine	_____
Maria Auxiliadora Freire de Andrade	_____
Jandira Hipólito Dantas	_____
Henerina Escossia de Castro	_____
Vânia Maria de Azevedo	_____

Mossoró, 3 de dezembro de 1960



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado.

Com a saída do professor Alcir do ensino de matemática, em 1964, as duas turmas da primeira série do ginásio do Diocesano ficaram sem docente. A solução foi chamar um dos alunos que havia começado a cursar o primeiro ano do colegial para assumir essas duas turmas. Esse aluno era Francisco de Assis Silva, popularmente conhecido em Mossoró como Chiquito.

Chiquito nasceu em 1937, na cidade Augusto Severo, que passou a se chamar Campo Grande. Embora de uma região bastante interiorana, tem uma família pequena para o padrão da época e da região: os avós tiveram apenas duas filhas, e sua mãe também teve apenas dois filhos. Assim, Chiquito tem apenas um irmão, com quem hoje mora em Mossoró. Teve uma infância simples e lembra que não tinha muito com quem brincar, já que ainda não tinha irmão e no campo as casas ficavam muito longe umas das outras. Ajudava a mãe nos afazeres e o avô no trabalho do roçado. Sua mãe lhe ensinou a carta do ABC, a cartilha, que equivalia à primeira série do ensino primário. Em 1954, ela o matriculou no Grupo Escolar Professor Adriel Melo, na segunda série do primário; mas, pela habilidade que já possuía nos cálculos e na leitura, a professora recomendou que o mudassem para a terceira série, cursando metade do ano na segunda série e a outra metade na terceira. Em seguida, fez a quarta e a quinta séries do ensino primário. A carência de professores era tão grande na região da cidade de Campo Grande que a formação dos professores do primário resumia-se ao primeiro ano do, nesse período, secundário, havendo ainda a necessidade de ir até cidades maiores como Assu, Mossoró ou Caraúbas para cursar esse nível de ensino pois não existiam escolas secundárias em cidades menores.

No caso de Chiquito, ele nem precisou fazer a primeira série do secundário. Pela ausência de professores, ao concluir o primário, foi ensinar numa escola isolada da zona rural de Campo Grande, ensinando, assim, durante os anos de 1957 e 1958. No segundo semestre do ano de 1959 surgiu uma vaga na quinta série do Grupo Escolar onde ele havia estudado, em substituição à sua ex-professora da quarta série, Alexandrina Aline Soares.

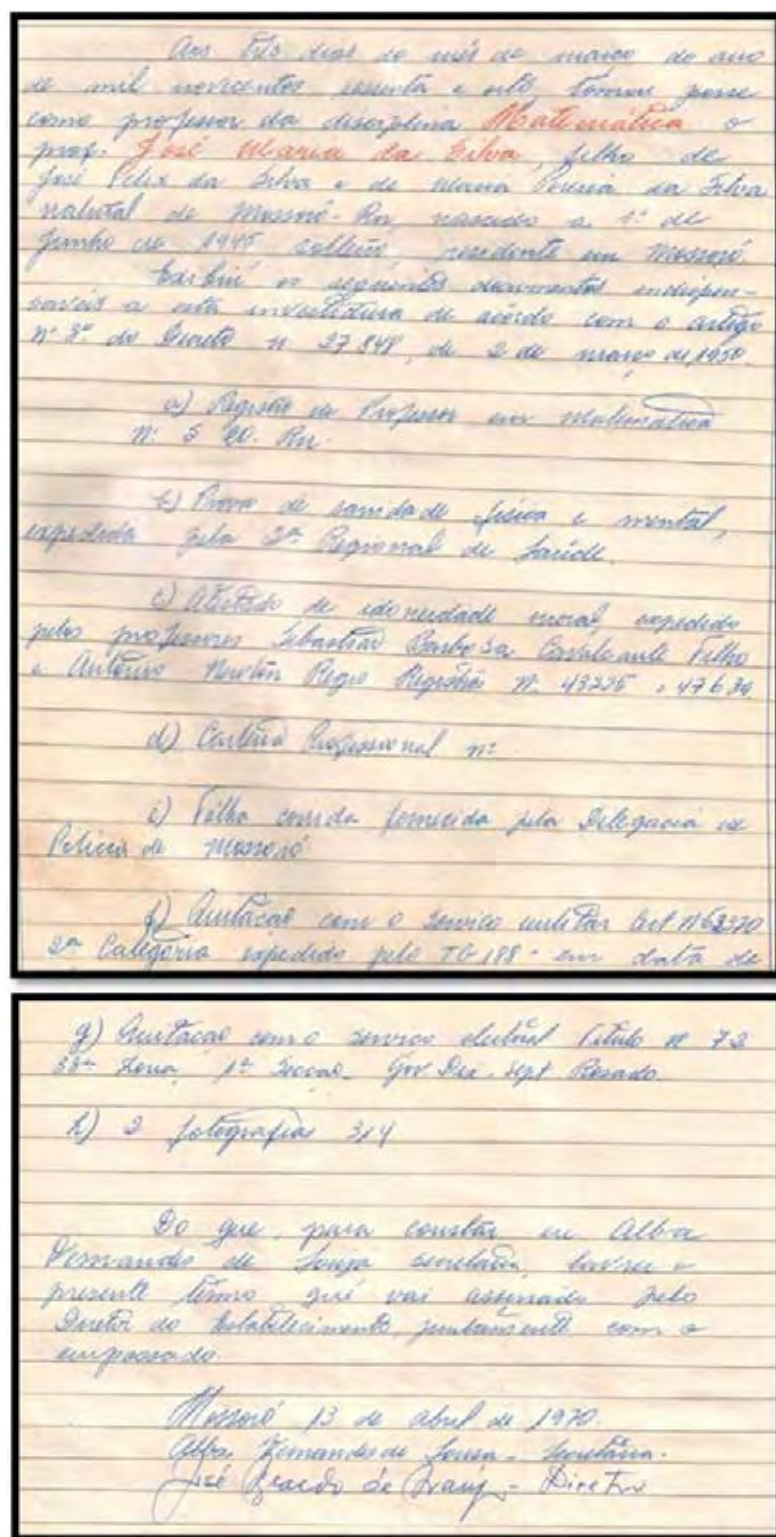
No mês de janeiro do ano seguinte, Chiquito participou de um curso preparatório para realizar, no mês de fevereiro, o exame de admissão em Mossoró. Aprovado, mudou-se de vez com a mãe, a tia e o irmão para Mossoró, para que pudesse concluir os estudos. Estudou, então, todo o ginásio no, à época, Instituto de Educação de Mossoró. Em 1964, depois de ter concluído o ginásio, com o histórico escolar em mãos foi em busca de uma vaga para cursar o colegial no Diocesano. Ao chegar, deram-lhe os livros necessários para estudar na escola, e já na terceira semana de aula foi chamado à diretoria. Foi quando informaram a ele que havia

duas turmas de Matemática do primeiro ano ginásial sem professor. Deram-lhe alguns livros daquela turma e o mandaram estudar e voltar depois. Chiquito foi avaliado e aprovado (dentre os avaliadores estava o Padre Alcir, a quem substituiria).

Felisbela que também foi aluna do Instituto de Educação no mesmo período em que Chiquito o era, continuou seus estudos no curso de Técnico em Contabilidade na União Caixeiral. Fez o primeiro ano do curso técnico em 1964, mas não gostou do curso e voltou para o Jerônimo Rosado, para o curso Pedagógico. O curso que na região ficou conhecido desta forma, bem como o também conhecido “Magistério”, era o mesmo Curso Normal, criado no final do século XIX, responsável por formar os conhecidos Normalistas. À época, o Curso Normal era reconhecido e normatizado pela Lei 4.024/61 que regulamentava o funcionamento da educação do país. No Capítulo IV desta lei, que tratava “Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio”, o Curso Normal era previsto acontecer em dois graus: ginásial e colégio. No primeiro, grau ginásial, o normalista recebia diploma de “regente de ensino primário” e, no segundo, grau colegial, o diploma de “professor primário”. Este tipo de formação foi, por muito tempo, a responsável por suprir as necessidades do ensino primário e, por vezes, do ensino secundário, embora não fosse previsto para formar professores para esse nível de ensino.

Ela se lembra nesse período, da grande carência de professores de Matemática existente, tanto que seu professor dessa disciplina no primeiro ano do colegial, no União Caixeiral, era um ex-colega de turma da quarta série do ginásial, José Maria (Figura 28). Quando ingressou no Pedagógico, no segundo ano do colégio, só tiveram um semestre de aula de Matemática e, no semestre seguinte, como não tiveram aula, as notas do semestre anterior foram “aproveitadas” e duplicadas.

Figura 28: Registro de títulos, do ano de 1968, do professor José Maria da Silveira para lecionar Matemática.



Fonte: Arquivo da Associação União Caixeiral³⁷.

³⁷ Transcrição literal do texto contido no documento:

Aos três dias do mês de março do ano de mil novecentos sessenta e oito, tomou posse como professor da disciplina Matemática o prof. José Maria da Silva, filho de José Felix da Silva e de Maria Pereira da Silva natural de Mossoró - RN, nascido a 1º de junho de 1945, solteiro, residente em Mossoró.

Dados a carência de docentes e o grande número de professores sem formação superior, foi criado no Rio Grande do Norte um curso de capacitação para “professores leigos”³⁸, que ocorreu entre os anos de 1963 a 1965, em três etapas. Esse curso tinha como objetivo “melhorar o nível cultural e técnico-pedagógico dos professores, assegurando-lhes melhoria de vencimentos e melhores condições de trabalho”³⁹.

A primeira e a segunda etapas desse Curso de Treinamento ocorreram nas cidades de Mossoró, Natal, Caicó, Pau dos Ferros, Martins, Angicos, São José do Mipibu e Santa Cruz. Para a primeira etapa, o Centro de Treinamento e Pesquisas Educacionais (CEPE) havia previsto uma presença de 1.270 professores “leigos” e, na segunda, estimou-se uma presença de 1.000 professores. A terceira etapa aconteceu apenas nas cidades de Mossoró, Caicó e Natal, etapa em que foi previsto um atendimento a 736 professores leigos. Assim, a Secretaria do Estado, da Educação e da Cultura (SEEC) pretendia capacitar 3.000 professores “leigos” de todo o Estado.

Nos planos dos cursos previa-se que, na primeira etapa, os conteúdos seriam os dos programas do primeiro e do segundo anos do ensino primário; na segunda etapa, abordariam os conteúdos dos terceiro e quarto anos do primário e, na última etapa, os do quinto ano primário.

Esse Curso de Treinamento foi realizado com recursos do Estado, da SUDENE, do MEC e da United States Agency for International Development (USAID). Esses órgãos

Exibiu os seguintes documentos indispensáveis a esta investidura de acordo com o artigo nº 3º do Decreto nº 27.848, de 2 de março de 1950.

- a) *Registro de Professor em matemática nº 5 20 – RN.*
- b) *Prova de sanidade física e mental, expedida pela 2ª Regional de Saúde.*
- c) *Atestado de idoneidade moral, expedido pelos professores Sebastião Barbosa Cavalcante Filho e Antônio Newton Regis Registros 43225 e 47634.*
- d) *Carteira Profissional nº.*
- e) *Fôlha corrida fornecida pela Delegacia de Polícia de Mossoró*
- f) *Quitação com o serviço militar cert. N: 63370. 2ª Categoria expedido pelo TG 188 – em data de*
- g) *Quitação com o serviço eleitoral Título n 72 33ª zona, 1ª secção – Gov. Dix-Sept Rosado.*
- h) *2 fotografias 3x4*

Do que, para constar eu Alba Fernandes de Souza, secretária, lavrei o presente termo que vai assinado pelo diretor do Estabelecimento, juntamente com o empossado.

Mossoró, 13 de abril de 1970.

Alba Fernandes de Souza – Secretária.

José Revedo de Araújo - Diretor

³⁸ Estamos entendendo por “professore leigo” todo aquele que não possuísse uma formação suficiente para lecionar no nível de ensino para o qual havia sido designado.

³⁹ (MACHADO, 1965 *apud* GUTIERRE, 2008, p. 76).

investiram mais de dezesseis milhões de cruzeiros, distribuídos entre despesas com corpo docente, administrativo, os alunos do curso e as despesas gerais⁴⁰.

A falta de professores era sentida também no ensino ginasial. Em 1966, quando Felisbela ia iniciar o terceiro ano do colegial, o primo dela, Mario Vale (que a havia ensinado quando criança), agora aluno do Diocesano, convidou-a para participar de um curso que ia haver em Natal. Esse curso daria o direito a esses professores lecionarem por algum tempo. Felisbela foi fazer o curso na área de Matemática. Ela lembra que, além dela, também foi Chiquito. Além deles, Socorro Rego foi para fazer o curso na área do ensino de Língua Portuguesa e Aproniano Martins de Oliveira (que depois casou-se com Felisbela) foi para a área de ensino de Ciências.

O curso era oferecido pela Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário – CADES, criada em 14 de novembro de 1953, pelo decreto nº 34.638, “com o objetivo de elevar o ensino secundário e difundi-lo”⁴¹.

A CADES foi criada no governo de Getúlio Vargas, que pregava “a corrida à modernização e à industrialização e, conseqüentemente, a necessidade de elevar os padrões existentes à condição de padrões normais, ou seja, se fazia urgente, com o sentido de emergência real, completar as competências do Ensino Médio”. Para isso, era necessário treinar os professores “leigos”, criando assim inúmeras campanhas com essa finalidade, dentre as quais se destaca a CADES, “que ganhou bastante relevância e independência – financeira e administrativa – podendo ser considerada, à época, um órgão da DES (Diretoria do Ensino Secundário)”⁴².

Com a criação do Exame de Suficiência, em 1946, grande parte dos professores que passaram a atuar no ensino apresentavam defasagem na formação acadêmica. Com isso, com o propósito de dirimir essa defasagem, a CADES passou a oferecer cursos com o intuito de formar professores, nas áreas específicas, que não tivessem nenhum tipo de formação para lecionar. Ainda, “em 1955, pela Lei nº 2.430 de 19 de fevereiro, os exames de suficiência para o exercício do magistério nos cursos secundários ficam condicionados aos cursos intensivos da CADES”⁴³, tornando-a ainda mais visível e importante no cenário nacional.

Dessa maneira, a CADES passou a promover, a partir de 1956, nas Inspetorias Seccionais de Ensino Secundário, que eram ligadas às Secretarias Estaduais de Educação, os cursos preparatórios para o Exame de suficiência que concediam, aos aprovados nesse exame,

⁴⁰ (GUTIERRE, 2008).

⁴¹ (FERNANDES, 2011, p. 150).

⁴² (*ibidem*, p. 165).

⁴³ (BARALDI e GAERTNER, 2010, p. 164).

o registro de professores do ensino secundário e o direito de exercerem a profissão na disciplina em que tivessem sido aprovados, nas regiões onde não houvesse licenciados disponíveis para o cargo pleiteado.

Esses cursos aconteciam normalmente nos meses de janeiro ou julho, tendo a duração, em média, de um mês, e eram divididos em duas etapas, cada uma ocorrendo em um ano. O curso era dividido entre os temas “Didática Geral” e “Didática Específica”, elaborados com a finalidade “de suprir as deficiências dos professores, até então “leigos”, referentes aos aspectos pedagógicos e aos conteúdos específicos das disciplinas que iriam lecionar ou que já lecionavam nas escolas secundárias”⁴⁴.

No leque de atividades da CADES constava a realização de cursos e estágios para técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário; a concessão de bolsas de estudo a professores secundários para realizarem cursos ou estágios promovidos por entidades do Brasil ou do exterior; assistência técnica aos estabelecimentos de ensino secundário que estavam sendo implantados ou reorganizados; estudar os programas do ensino secundário e os métodos de ensino, “com a finalidade de melhor ajustar o ensino aos interesses dos alunos e às condições e exigências do meio”⁴⁵; a elaboração de material didático; providenciar ações destinadas ao melhoramento e barateamento de livros didáticos; promover missões para prestar assistência aos estabelecimentos distantes dos grandes centros; elaborar e aplicar provas objetivas para avaliar o rendimento escolar; incentivar a criação de serviço de orientação educacional nas instituições de ensino secundário; elaborar um plano para conceder bolsas de estudo a alunos carentes mas “bem dotados intelectualmente”; estudar projetos de estrutura física de ambiente para o ensino, adaptados às diversas regiões do país, como também de novos mobiliários escolares; realizar levantamento das necessidades e possibilidades quanto à localização de escola secundária, nas diversas regiões do país; divulgar atos, experiências e iniciativas de interesse do ensino secundário; promover o intercâmbio entre escolas e educadores, do Brasil e do exterior; esclarecer a população sobre as vantagens de uma boa educação secundária.

Com isso, a CADES teve uma atuação muito mais ampla do que apenas os cursos para formar professores. Por exemplo, publicou uma grande quantidade de material, a saber: dezenove edições da *Revista Escola Secundária*, periódico produzido e distribuído entre 1957 e 1965; onze livros sobre a própria CADES; e noventa e nove livros das mais diversas áreas educacionais. “Estas obras orientavam os professores do ensino secundário nos aspectos

⁴⁴ (*ibidem*, p. 165).

⁴⁵ (BARALDI, 2003, p. 146 e 147).

curriculares, legais e didáticos”⁴⁶. Dos noventa e nove livros citados, sete tratavam do ensino de Matemática.

Assim, entre as décadas de 1950 e 1960, a CADES teve uma atuação importantíssima no ensino secundário em todo o Brasil, nas mais diversas áreas. Na formação de professores para atuar no ensino de Matemática, em particular, mostrou-se especialmente importante de Norte a Sul do País, pois, nas mais diversas regiões do país, a formação superior específica para o ensino de Matemática mostrou-se tardia e insuficiente para a necessidade e demanda das regiões e estados, não nas capitais (onde, normalmente, os cursos chegaram primeiro), mas sem dúvida no interior⁴⁷.

No Rio Grande do Norte, em específico na região de Mossoró, a situação não foi diferente. A CADES foi responsável por formar muitos daqueles que não possuíam formação específica para atuar no ensino secundário. Felisbela, como já sabemos, fez em 1966 o primeiro ano do curso da CADES, retornando para Mossoró com a licença para lecionar Matemática durante aquele ano.

Seu curso durou um mês, como normalmente acontecia. À época, introduzia-se a Matemática Moderna, “a matemática com quadrinhos, uma matemática mais contextualizada”. Teve como professores João Faustino, em Didática da Matemática, e Maria Isaura, em Didática Geral. Foi, segundo a depoente, um curso muito importante para o período em que lecionou Matemática, pois deu subsídio para que ela atuasse de maneira adequada.

O professor Chiquito recorda que, nesse período, aproximadamente em 1965, a Seccional cobrava muito das escolas particulares a formação dos professores, e a oportunidade que eles davam aos professores que não possuíam formação, para que ajudassem a ensinar, já que não havia quase ninguém com formação específica, era participar desse curso no início do primeiro ou do segundo semestre. Ele foi nesse primeiro ano e já tentou realizar o Exame de Suficiência, mas não conseguiu ser aprovado. Somente conseguiu seu registro ao realizar o segundo período. Normalmente, o curso era oferecido em duas etapas, sendo, aproximadamente, de um mês cada uma delas. Aqueles alunos que quisessem já poderiam prestar o Exame de suficiência, como tentou o professor Chiquito, mas eram, por vezes, aconselhados pelos professores-formadores a retornarem e só prestarem ao término da segunda etapa.

⁴⁶ (BARALDI e GAERTNER, 2010, p. 161).

⁴⁷ (BARALDI, 2003; GAERTNER, 2004; GALETTI, 2004; MARTINS, 2003; MARTINS-SALANDIM, 2007; CURY, 2007; FILLOS, 2008; CURY, 2011; FERNANDES, 2011).

A professora Felisbela, não tentou o exame no primeiro ano, e a primeira etapa do curso garantiu a ela uma licença temporária para ensinar. Assim, ao retornar do curso foi convidada para lecionar no Colégio Diocesano. Entretanto, não pode aceitar a vaga porque as aulas eram no matutino e o seu curso pedagógico também nesse turno. Assim, começou a ensinar no período vespertino no próprio Colégio Estadual, onde estudava pela manhã. Entretanto, o Estado não pagou pelo período em que lecionou Matemática, o que a impediu de realizar o segundo ano do curso da CADES para posteriormente prestar o Exame de suficiência e conseguir a licença para ensinar por um período mais longo. Infelizmente, como havia se afastado de um emprego que possuía no comércio de Mossoró para assumir as aulas, a professora Felisbela não possuía condições financeiras para passar um mês em Natal. Isso aconteceu entre o final de 1966 e início de 1967, período em que instalaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mossoró, a FAFICIL, que havia sido criada pelo Decreto Municipal nº 047/65 de 13 de dezembro de 1965.

A FAFICIL foi instalada com os cursos de Pedagogia, Letras, Ciências Sociais, Geografia e História. Assim, sem possuir recursos para realizar o segundo ano da CADES, a professora Felisbela prestou seleção para ingressar no curso de Letras da FAFICIL. Afastando-se do ensino de Matemática com o qual tanto havia se identificado por gostar da disciplina. A partir de então, como aluna do curso de Letras, começou a lecionar Língua Portuguesa.

Quem também prestou seleção para o curso de Letras da FAFICIL foi o professor Chiquito, ao voltar do curso da CADES. Ele foi participar do segundo ano, quando, então, foi aprovado no Exame de Suficiência. Mesmo tendo o registro que permitiria a ele lecionar por um longo período a disciplina de Matemática, ao saber que haviam instalado a FAFICIL, resolveu prestar a seleção para ingressar no curso de Letras, para o qual foi aprovado. Entraram, então, o professor Chiquito e a professora Felisbela no curso de Letras na FAFICIL. Essa, depois de sua criação, também começou a aplicar o Exame de Suficiência (Figura 29), até ser extinto.

Figura 29: Autorização para lecionar, com observação falando sobre a aplicação de Exame de Suficiência em Mossoró.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE NATAL - RN.

2ª Via

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº **157/67**

O Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede ao portador d'êste documento, autorização para lecionar, em caráter provisório, na área de jurisdição da respectiva Inspetoria Seccional, a(s) disciplina(s) adiante indicada(s), até que obtenha o competente Certificado de Registro de Professor, a que faz jus:

Professor: **JOSÉ MARIA DE ALBUQUERQUE SILVA**

Disciplina(s): **MATEMÁTICA - 1º ciclo**

Observação: O interessado deu entrada nesta Inspetoria Seccional à documentação necessária ao pedido de Certificado de Registro de Professor de Matemática - 1º ciclo, em virtude de aprovação em Exame de Suficiência. Prestou Exame de Suficiência para o exercício do magisterio na cidade de Mossoró - RN.

Natal - RN., em **09 de maio de 1967**

Max A. Cunha
Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional

APL - Mod. 1

1ª Via - Para uso do interessado

2ª via - Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.

3ª via - Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado⁴⁸.

⁴⁸ Transcrição literal do texto contido no documento:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE NATAL - RN.

2ª Via

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº 157/67

O inspetor Seccional de Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede ao portador d'êste documento, autorização para lecionar, em caráter provisório, na área de

O padre e professor Alcir, que em 1967 já ensinava Português há três anos, também teve vínculo com o curso de Letras da FAFICIL. Formado em Filosofia, e sendo muito próximo ao Padre Sátiro, que já era professor das Faculdades que existiam em Mossoró – à época, já existia a Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM) (a primeira instituição de ensino superior criada em Mossoró) e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criadas em 1960 e 1966 respectivamente –, foi convidado por ele a compor o corpo docente da FAFICIL, em específico, do curso de Letras. Assim, o professor Alcir, que já havia sido professor de Felisbela e Chiquito, anteriormente, volta a ser professor deles no curso de Letras.

Vale ressaltar que o professor Alcir também foi um dos recrutados para a realização dos cursos da CADES. Como recorda, o ensino do Seminário era muito bom, mas não era reconhecido pelo Estado e, assim, teve que realizar o exame de suficiência na década de 1960 para poder continuar ensinando. Realizou dois cursos, prestando, conseqüentemente, dois exames de suficiência, sendo um em Latim, feito em Fortaleza (CE), e outro em Língua Portuguesa, feito em Natal.

Outra pessoa que também participou de um dos cursos da CADES e realizou o Exame de suficiência para poder receber a habilitação e lecionar Matemática foi Raimundo de Freitas Melo.

Raimundo é natural de Portalegre, nascido em 1941. Um dos mais novos de uma grande família de onze filhos, lembra da infância na agricultura ao lado do pai e dos irmãos. Aos dez anos decidiu que queria estudar. Foi quando enfrentou grande dificuldade, pois, para seu pai, estudar era uma atividade destinada às mulheres e não aos homens, que deveriam dedicar-se a agricultura. Assim, as filhas é eram educadas, não os homens. Lembra o quanto foi difícil começar a instruir-se, pois teve que enfrentar seu pai algumas vezes, chegando a

jurisdição da respectiva Inspetoria Seccional, a(s) disciplinas(s) adiante indicada(s), até que obtenha o competente Certificado de Registro de Professor, a que faz jus:

Professor: José Maria de Albuquerque Silva

Disciplina(s): Matemática - 1º ciclo

Observação: O interessado deu entrada nesta Inspetoria Seccional à documentação necessária ao pedido de Certificado do Registro de Professor de Matemática – 1º ciclo, em virtude da aprovação em Exame de Suficiência. Prestou Exame de Suficiência para o exercício do magistério na cidade de Mossoró – RN.

Natal – RN., em 09 de maio de 1967

*Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional*

APL – Mod. 1

1ª Via – Para uso do interessado

2ª via – Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.

3ª via – Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

ameaçar fugir de casa para poder estudar. Seu pai só aceitou a sua decisão quando seus irmãos intervieram no assunto.

Assim, saiu de casa no início da década de 1950, para estudar em Itaú, cidade próxima a Portalegre, para fazer o primário. Lá só funcionava uma escola, a Francisco Pinto, onde quase todas as professoras que lecionavam eram leigas (apenas uma tinha formação para ser professora). Ao terminar o quinto ano do ensino primário, teve que se mudar para Mossoró, pois era a cidade mais próxima em que se oferecia o ginásio do ensino secundário à época. Entretanto, como ia fazer para se manter se havia mudado sozinho para Mossoró, diferente de Chiquito, Felisbela e Alcir que haviam mudado com toda a família? Alcir ainda ficara em regime de internato no seminário, mas Raimundo não: ele foi e tentou o exame de admissão na Escola Normal, a única instituição pública com ensino secundário, até então, e que não funcionava em regime de internato. Assim, surge para Raimundo como possibilidade de formação a Casa do Estudante de Mossoró (CEM), que havia sido criada no ano anterior.

A Casa do Estudante de Mossoró, inaugurada em 11 de agosto de 1957, é uma instituição filantrópica, criada para acolher estudantes que não possuíam recursos financeiros suficientes para se manter em Mossoró enquanto estudassem. Esses estudantes vinham das mais diversas cidades interioranas, inclusive de estados vizinhos, como é o caso da Paraíba e Ceará. A entidade foi fundada a partir da iniciativa dos diretores do, à época, “Centro Estudantil Mossoroense” – hoje, Centro Estudantil Mossoroense –, talvez por influência da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN), que já funcionava desde junho de 1946 na cidade de Natal. Inicialmente funcionou em imóvel alugado na Rua Dionísio Figueira, próximo ao Hotel Caraúbas, centro da cidade. Logo após, o Bispo Diocesano Dom Gentil Diniz cedeu parte do terreno pertencente à diocese de Mossoró para que fosse construída a sede própria da CEM⁴⁹.

Além da CEM e da CERN, no Estado ainda existem a Casa da Estudante do Rio Grande do Norte – fundada em 11 de agosto de 1954, que funciona também em Natal, sendo a única direcionada ao atendimento do público estudantil feminino, e a Casa do Estudante de Caicó – fundada em 20 de novembro de 1960, instalada na cidade de Caicó, Região Seridó do Estado. Todas as casas possuem a mesma finalidade e funcionam da mesma forma que a instituição de Mossoró; são instituições filantrópicas sem fins lucrativos⁵⁰.

⁴⁹ Algumas informações a mais sobre a casa estão disponíveis em: <http://casadoestudantedemossoro.blogspot.com.br/p/instituicao.html>.

⁵⁰ (NASCIMENTO, LEITE, GALVÃO e MARCIEL, 2004).

Raimundo passou, então, por Mossoró, indo depois estudar em Natal e, em seguida, em Fortaleza. Com isso, além da moradia na CEM, passou pela CERN e pela Casa do Estudante do Ceará (CEC) – fundada em 11 de agosto de 1934 –, que funciona na capital do estado do Ceará, Fortaleza⁵¹.

Todas essas entidades encontram-se em funcionamento. Entretanto, o descaso sofrido e as condições precárias de funcionamento são lembrados como obstáculos à formação daqueles que possuem apenas como alternativa de residência temporária as Casas do Estudante. Como são instituições filantrópicas, sobrevivem de doações privadas, públicas e pessoais, e não é raro ouvir sobre as dificuldades de mantê-las. A sede da CEM, por exemplo, em 2009, depois de 52 anos de funcionamento, não havia passado por reforma alguma em sua estrutura física, o que implicou a interdição, feita pelo corpo de bombeiros, depois que o teto de um dos quartos desabou. A reforma do prédio e a criação de um abrigo temporário para os estudantes só foram possíveis por meio das instituições privadas, pois as instâncias públicas não se dispuseram a arcar com essas despesas, afirmando não serem elas de responsabilidade do governo.

Raimundo lembra que por todas as Casas de Estudante que passou existia muita miséria, muita fome, vida mal dormida, mal alimentada. Em Natal, por exemplo, houve um período em que faltou alimentação na Casa. Lembra-se que, por mais de três meses, o jantar era sanduiche de mortadela com um copo de chá-mate. Foi quando mudou-se para Fortaleza, onde viveu outra sequência desastrosa de misérias.

Passou por essas Casas e situações similares de desconforto e descaso até o início do colegial. Depois disso, como seus irmãos já tinham conseguido melhorar de vida, puderam pagar o aluguel de um apartamento e a mensalidade de um colégio particular, e Raimundo estudou até o fim do colegial no Colégio Castelo Branco, considerado, à época, um dos melhores colégios de Fortaleza.

Ao término do colegial, em 1965, prestou seleção para ingressar no ensino superior em Fortaleza, em Engenharia, mas não foi aprovado. Foi então prestar a seleção na Paraíba, mas, por conta de uma confusão, não conseguiu terminar os exames. Com isso, decepcionado, Raimundo retornou para sua casa em Portalegre, quando recebeu a visita de uma equipe que foi de Mossoró, do Centro Educacional Jerônimo Rosado – o mesmo Instituto de Educação de Mossoró, que mudara de nome –, para convidá-lo a lecionar as disciplinas de Matemática, Física e Química, mesmo sem possuir formação superior.

⁵¹ Algumas informações a mais sobre a casa estão disponíveis em: <http://casadoestudantece.blogspot.com.br/p/historia.html>.

Como a carência de professores era muito grande, aqueles que possuísem alguma formação eram convidados a ensinar. O professor Raimundo lembra que o número de professores com formação específica era muito pequeno, dificilmente encontrando pessoas com formação em Licenciaturas, tanto que a formação que ele teve para lecionar foi a obtida em um curso que fez em 1965, de uma semana, do qual resultou uma licença provisória para ele dedicar-se à docência. Esse curso a que se refere foi patrocinado pela CADES. Embora, comumente, os cursos da CADES fossem de um mês, vemos a partir do registro de memória de Raimundo, uma possível adaptação ou subversão das regras usuais nos cursos do Rio Grande do Norte. Raimundo afirma que a formação, possivelmente da CADES, ocorria em um curso curto, de uma semana apenas, realizado em Natal.

Assim, com a licença em mãos, o professor Raimundo poderia ensinar Matemática no ginásial em Mossoró. Lá, ensinou e foi diretor da Escola Normal do Centro Educacional Jerônimo Rosado, a mesma instituição em que havia estudado e na qual havia sido aluno de Solon Moura, assim como Felisbela e Chiquito.

Formado apenas no colegial e com o registro fornecido pela CADES, o professor Raimundo lecionou Matemática entre os anos de 1965 e 1967. Neste último ano houve uma seleção para um curso em Recife, no qual iria apenas um professor de cada área, das disciplinas de “ciências experimentais” (Ciências, Biologia, Física, Química e Matemática), representando o Estado. Esse curso seria oferecido pelo Centro Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE.

Na época, era muito baixo o número de professores com alguma formação para atuar no ensino de Ciências. “Dados de 1965 mostram que a maioria do professorado do Ensino Médio (60%) não detinha diploma universitário, outros eram normalistas (20%), enquanto cerca de 20% improvisavam, sem formação de qualquer tipo”⁵². Uma das maneiras encontradas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), para tentar melhorar o ensino e a produção científica no país, foi criar seis centros para formar professores para as diversas regiões do Brasil. Com isso, foram criados os CECI’s: Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE, instalado em Recife); Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA, instalado em Salvador); Centro de Ensino de Ciências de Guanabara (CECIGUA, instalado no Rio de Janeiro); Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais (CECIMIG, instalado em Belo Horizonte); Centro de Ensino de Ciências de São Paulo (CECISP, instalado em São

⁵² (ABRANTES, 2008, p. 177)

Paulo); e o Centro de Ensino de Ciências do Rio Grande do Sul (CECIRS, instalado em Porto Alegre).

A criação desses centros estava diretamente ligada à intenção de motivar o desenvolvimento da ciência que havia sido deflagrado em todo o país já na década de 1950. Naquela década, “a ciência e a formação de pessoal qualificado passam a ser vistas como elementos fundamentais para o progresso”⁵³, impulsionando, por exemplo, a criação, em 1951, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) –, bem como alertando para a necessidade urgente de formação dos professores das áreas de ciências experimentais (Ciências, Biologia, Física, Química e Matemática) para atuar no Ensino Médio, que, na época, compreendia o ginásio e colegial⁵⁴.

O CECINE foi o primeiro dos seis centros, a ser criado pelo MEC, em 1965, com “o objetivo de promover a melhoria da qualificação de professores do ensino básico, sobretudo da rede pública”⁵⁵, nos oito estados que, à época, compunham a região Nordeste do país (Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Sergipe e Alagoas). Após algum tempo, a responsabilidade por formar os professores dos estados da região Norte (Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima e Acre) passou ao CECINE. A área de atuação do CECINE ficou claramente diferenciada da dos demais CECIs, contrariando o desejo muito forte, nesse período, de impulsionar o desenvolvimento da Região Nordeste, que levou, inclusive, à criação da SUDENE, no ano de 1959.

Embora os CECIs tenham sido instituídos pelo MEC, este órgão não seria o executor direto dos programas: isso estaria a cargo de órgãos e agências regionais, cumprindo a esses oferecer recursos financeiros e técnicos para desenvolver a educação e a ciência. O MEC parecia desejar permitir que os CECIs produzissem ciência, sem, necessariamente, possuírem uma estrutura rígida. No entanto, os objetivos desses centros eram “dar assistência permanente aos professores de ciências exatas e naturais; promover seminários, debates e conferências sobre temas relacionados com o aprimoramento do ensino das ciências exatas e naturais”; promover “cursos destinados a aprimorar os conhecimentos dos professores e aperfeiçoar as técnicas de ensino; estimular clubes de ciências e feiras de ciências, estimular a formação de associação de professores de ciências”; criar e “manter uma biblioteca especializada; promover concursos destinados a premiar professores e alunos; realizar

⁵³ (*Ibidem*, p. 149 e 150).

⁵⁴ (SILVA, 2012).

⁵⁵ (SILVA, 2012).

convênio com estabelecimentos oficiais e particulares, tendo em vista o aprimoramento do ensino de ciências”; oferecer cursos de treinamento para “professores nas técnicas de improvisação do material científico; manter uma filmoteca especializada para o empréstimo de filmes às escolas; verificar a boa aplicação do material científico emprestado ou doado às escolas; editar livros e periódicos sobre o ensino de ciências”; bem como “realizar inquérito sobre o ensino de ciências nas escolas do Estado”⁵⁶.

Ao Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC), que passou a atuar mais próximo desses centros, estando quase que diretamente vinculado com o CECISP, “coube traduzir os livros americanos, ficando para os centros a tarefa de disseminá-los entre os professores. Vale ressaltar que, com exceção da criação da filmoteca, ficou documentado que todas as atribuições dos CECIs foram cumpridas pelo CECINE”⁵⁷. Os livros americanos da área de Matemática que o IBECC traduziu foi o “School Mathematics Study Group”, mais conhecido como SMSG.

Por ter sido experimental, criado seis meses antes dos demais, o CECINE conseguiu financiamento de agências importantes para o seu funcionamento como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a SUDENE, e a Fundação Ford. “Esta última fez um aporte de US\$ 150 mil para o período de 1965/1968”. A SUDENE entrou com “suporte financeiro para a contratação de parte da equipe e bolsas para professores passarem nove meses à disposição do CECINE. A universidade forneceu o espaço, os laboratórios e parte da equipe”, enquanto o “Ministério da Educação forneceu fundos para bolsas e outras despesas”⁵⁸. Assim, possuindo recursos financeiros para funcionar tranquilamente, o CECINE passou a oferecer cursos para formar professores dos oito estados do Nordeste⁵⁹.

Na área de Matemática, ocorreu um curso em dezembro de 1965 (Figura 30), quando o CECINE “encaminhou para a UFRN informações e ficha de inscrição para o curso de verão de Matemática que ocorreria em fevereiro de 1966. Tal curso teria lugar em Salvador, Bahia, e propunha-se a abordar tópicos de Matemática Moderna”. Entretanto, não se tem notícias de alguém da UFRN ter participado desse curso oferecido pelo CECINE, pois nesse período, ainda não existia o Instituto de Matemática na Universidade, e os professores da “Escola de

⁵⁶ (MAURÍCIO, 1992, p. 45).

⁵⁷ (SILVA, 2012, p. 9).

⁵⁸ (MAURÍCIO, 1992, p. 18).

⁵⁹ Esses dados também podem ser encontrados no relatório da UNESCO de 1968, “National Center for Research and Development in Science Teaching”. (UNESCO, 1968).

Engenharia estavam muito mais preocupados em realizar aprofundamentos em assuntos relativos à matemática aplicada.”⁶⁰

⁶⁰ (BRITO, CRUZ e FERREIRA, 2006, p.96).

Figura 30: Uma das folhas do documento do CECINE encaminhado para a UFRN sobre o curso intensivo.

CURSO DE VERÃO DE MATEMÁTICA (janeiro-fevereiro, 1966)
INFORMAÇÕES

1. **Objetivo**
O Curso de Verão de Matemática visa o aperfeiçoamento do ensino da Matemática no Curso Secundário, mediante o treinamento de Professores em programa especial, e através do intercâmbio profissional e cultural entre os participantes
2. **Organizações promotoras**
O Curso é uma promoção conjunta do CECINE e do Centro de Ciências da Bahia - CECIBA
3. **Natureza**
O Curso abordará tópicos de Matemática Moderna
4. **Corpo docente**
Será ele constituído por Professores do CECINE e do CECIBA e convidados. O Curso terá a direção do Coordenador da Seção de Matemática do CECINE - Núcleo de Pernambuco
5. **Local**
O Curso será dado em Salvador - BAHIA
6. **Duração**
O Curso terá lugar de 1 a 26 de fevereiro de 1966
7. **Condições para inscrição**
Os candidatos deverão:
 - 7.1. ter concluído o Curso de Matemática por Faculdade de Filosofia e estar lecionando Matemática; estar lecionando Matemática; ser / Professor Universitário ou Secundário de cadeira afim
 - 7.2. conhecer suficientemente o inglês escrito
 - 7.3. estar presente no início do Curso e permanecer até seu término
 - 7.4. hospedar-se no alojamento escolhido
 - 7.5. submeter-se a testes de verificação de aprendizado
 - 7.6. comprometer-se a colaborar em Cursos semelhantes, quando convidado

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Dra. Arlete de Jesus Brito.

Além desse intensivo, o CECINE ofereceu outros cursos, com duração mais longa. Raimundo lembra ter participado de um curso com duração de um ano e dois meses, com uma

carga horária de mil e duzentas horas de aulas de conteúdos matemáticos, para os níveis ginásial e colegial. O conteúdo era todo da Matemática Moderna: conjuntos, propriedades de conjuntos, operações, funções etc.

Esse curso foi financiado pela Fundação Rockefeller, instituição americana que visa, dentre outras coisas, colaborar com a educação em países estrangeiros. Aliás, o CECINE recebeu muitos recursos vindos de fundações dos EUA para financiar seus cursos, como beneficiou-se também, por exemplo, na década de 1970, dos acordos entre o MEC e a USAID, os famosos acordos MEC/USAID⁶¹, neste caso voltados ao financiamento para a formação de professores nos cursos de Licenciatura de Curta Duração que estavam sendo criados.

Os cursos de Licenciatura Curta foram criados no final da década de 1960, com o objetivo de formar um número maior de professores para atuarem no Ensino Médio. Entretanto, nem a criação desses cursos, nem os Exames de Suficiência habilitando professores eram ainda suficientes para suprir a demanda do constante crescimento das escolas com cursos ginásiais e colegiais. Nesse mesmo período, o Conselho Federal de Educação (CFE) autorizou o funcionamento de ginásios polivalentes, ou ginásios direcionados para o trabalho, que funcionariam com cursos técnicos em nível ginásial. Sendo assim, o Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino (PREMEN) ficou com a incumbência de realizar a construção de espaços adequados para essas novas escolas, entre 1968 e 1972. Entretanto, essa não foi a única responsabilidade deste programa: o mais difícil e importante era colocar essas instituições para funcionar, o que, conseqüentemente, implicava arranjar corpo docente suficiente e adequado para atuar no ensino.

Cumprir lembrar que as Licenciaturas Polivalentes (ou Licenciaturas Curtas) não formavam pessoal adequado para trabalhar nesse novo tipo de escola. Então, o PREMEM cria as Licenciaturas de Curta Duração. O curso de Licenciatura de Curta Duração foi mais uma tentativa governamental de formar, em larga escala e num curto período de tempo, professores para atuarem nos ensinos ginásial e colegial. Porém, dessa vez, com formação intermediária

⁶¹ Os acordos do MEC com a agência americana USAID para o financiamento de materiais didáticos, cursos, entre outras coisas no País foram alvo de críticas por legitimar uma transformação modernizadora no país, ocasionando o direcionamento de sua racionalidade. Durante o regime militar, acordos do MEC com a USAID (que ficaram conhecidos como acordos MEC/USAID), envolvendo US\$ 15 milhões, favoreceu a indústria da educação. Esses acordos ficaram conhecidos, principalmente, pela existência de diversos acordos sigilosos que só vieram a se tornar públicos em 1966, como o acordo entre essas e o Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso (CONTAP), o MEC-CONTAP-USAID, “que previa assessoria para a expansão e o treinamento do quadro de professores do ensino de nível médio no Brasil”. Por conta desses acordos, “o sistema de educação do País como um todo foi modificado, gerando” as reformas do ensino superior em 1968 e do ensino de primeiro e segundo grau em 1971. (ABRANTES, 2008, p. 191).

superior, pois, mesmo com os cursos que já estavam sendo oferecidos, existia ainda um grande déficit de professores com formação adequada. Esses novos cursos do PREMEM pretendiam formar professores para atuar no ensino de Ciências e Matemática, em tempo recorde. O curso acontecia num período “de dez meses, as aulas aconteciam diariamente pela manhã e à tarde, podendo entrar pela noite, para cumprir a carga de 1.600 horas/aula. Os alunos recebiam uma bolsa para manutenção e tinham o compromisso de voltar a seus Estados”⁶², com o objetivo de lecionar nos novos ginásios.

Além disso, o PREMEM atuou também na criação e no funcionamento do primeiro curso de pós-graduação voltado ao ensino de Ciências e Matemática, que funcionou de 1975 a 1984, sob a coordenação do Prof. Ubiratan D’Ambrósio. Este projeto foi desenvolvido entre a parceria da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP) com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e tinha por nome Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências (PROMULMEC)⁶³. Esse projeto que aconteceu em São Paulo fez parte, ainda, do conjunto de estratégias que atendiam aos planos MEC-USAID, à época vigente. “Com apoio do PREMEM [...], o curso de mestrado tinha características diferenciadas dos tradicionais programas de pós-graduação da época”. E essas diferenças “justificavam-se pelo aumento na demanda por profissionais em um contexto de transformação tanto das orientações e metodologias para o ensino quanto do papel da ciência no mundo”⁶⁴.

Mas, em relação aos ginásios polivalentes, na primeira etapa do projeto do PREMEM, foram construídas 272 desses ginásios, distribuídos da seguinte forma: 51 na Bahia; 36 no Espírito Santo; 95 em Minas Gerais; 90 no Rio Grande do Sul e 1 ginásio modelo em cada uma das outras capitais. Nos quatro primeiros Estados, o PREMEM firmou convênio com as Universidades, para que as mesmas realizassem a Licenciatura de Curta Duração.

“Em 1971 o PREMEM fechou convênio com a Universidade Federal de Pernambuco para a realização de um Curso de Licenciatura de em Ciências e em Matemática”⁶⁵, para formar 120 licenciados, com o objetivo de prover os ginásios polivalentes das capitais de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal. Vale ressaltar que os estados de Goiás e de Mato Grosso ainda não haviam sido divididos.

⁶² (SILVA, 2012, p. 30).

⁶³ Para maiores informações sobre este curso de Pós-Graduação, ver Cury (2011).

⁶⁴ (CURY, 2007, p.166).

⁶⁵ (MELO, 1982, p. 17).

Com isso, o CECINE ficou responsável pela realização desses cursos. Esse acordo foi renovado até 1976, formando um total de 755 pessoas. Do Rio Grande do Norte foram 62 professores formados pelo curso de Licenciatura de Curta Duração do PREMEM, realizado pelo CECINE.

Desse curso oferecido pelo CECINE, entre 1967 e 1968, o professor Raimundo Melo participou (Figura 31). Ele se recorda que foi o único do Rio Grande do Norte a frequentá-lo, embora um outro professor, o professor Evaldo Rodrigues de Carvalho⁶⁶, também se recorde de uma seleção nesse período e de ele ter sido escolhido para representar o Estado. Os dois professores, entretanto, concordam sobre a disposição de que apenas um representante de cada área e de cada Estado era escolhido. Entretanto, talvez, para esse curso, foram dois professores pelo Rio Grande do Norte, da área de Matemática. O professor Raimundo lembra que houve uma confusão na seleção, pois, ao ser escolhido, questionaram sobre sua escolha por ele só possuir o colegial, e foram, inclusive, com a reclamação para a justiça. Entretanto, no final de 1967, a Fundação Rockefeller decidiu que ele iria pelo Estado. Já o professor Evaldo recorda que ficou sabendo do curso por meio de um amigo que trabalhava na SUDENE, um dos órgãos dentre os que financiavam as atividades do CECINE. Os dois professores comentam que o curso tinha como objetivo formar professores multiplicadores, que, ao retornar aos seus estados, deveriam formar outros professores a partir do material que haviam estudado.

⁶⁶ Em 1967, fiz um concurso aqui em Natal para representar os professores do Nordeste, por que a SUDENE patrocinou um curso para estudarmos Matemática Moderna. Foi a primeira vez que eu ouvi falar o que era Matemática Moderna. Eu não sabia. Ensinava a Matemática da classe, a antiga. Mas a Matemática Moderna era do século XIX. Só agora que veio ser introduzida a Matemática Moderna. Então eu passei dois anos na Universidade de Recife, estagiando no CECINE a Matemática Moderna. Posteriormente, voltei à Natal e dei vários cursos para professores, porque o pessoal da SUDENE acreditava ser melhor preparar, de cada Estado do Nordeste, um professor do que mandar para cada Estado do Nordeste, vários professores para dar cursos. (Evaldo Rodrigues de Carvalho, depoimento cedido à pesquisa de Gutierre (2008)).

Figura 31: Certificado de participação do curso de Matemática oferecido pelo CECINE.



Fonte: Arquivo pessoal do professor Raimundo Melo.

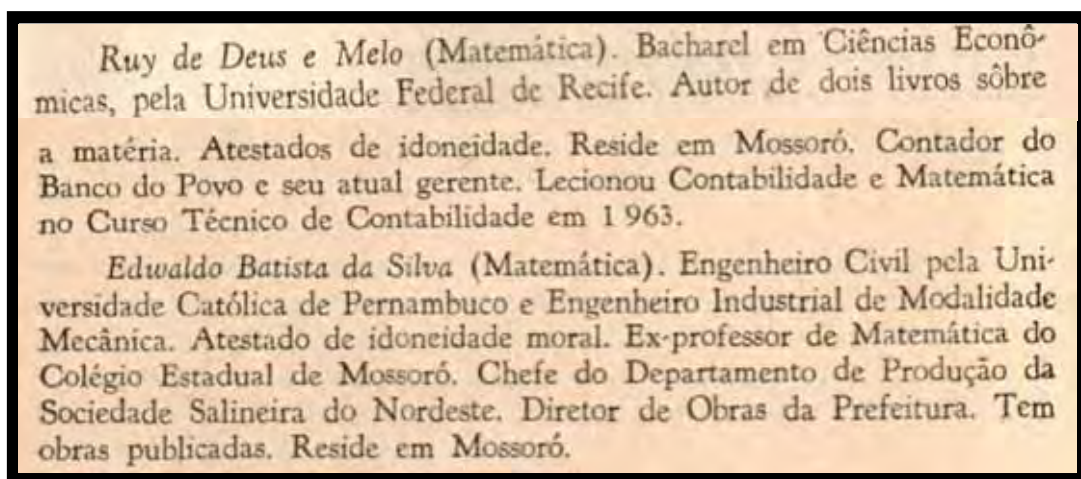
O professor Evaldo, ao retornar a Natal, ainda formou alguns professores, mas o professor Raimundo não: ele voltou e continuou a lecionar, talvez pela quantidade de atividades que assumiu, pois, quando retornou, tornou-se diretor do Anexo II do Centro Educacional Jerônimo Rosado, onde também ensinava, e começou a lecionar na União Caixeiral.

Enquanto isso, embora Chiquito continuasse lecionando Matemática (pois possuía a licença conquistada em Natal, após o curso da CADES), ele e Felisbela já haviam começado a ensinar Língua Portuguesa, pois, com a necessidade, só por já estarem cursando Letras, já poderiam lecionar a disciplina.

Mas isso não acontecia apenas se o universitário estivesse fazendo o curso específico para a área na qual iria atuar. Desde o início da década de 1960, isso já vinha acontecendo na região de Mossoró, quando foi implantada a primeira Faculdade da região. Como afirmamos anteriormente, a primeira Faculdade a ser criada na região foi a de Ciências Econômicas, FACEM, que funcionava com o curso de Economia. Esse curso era específico para a formação de economistas e possuía várias disciplinas de Matemática, permitindo com que

muitos alunos chegassem a atuar como professores das escolas com ginásio e colégio da região. (Figura 32).

Figura 32: Professores que aguardam aprovação do CFE para ocuparem as cadeiras de Matemática da FACEM – Parecer nº 487/67



Fonte: Documenta 74 – Março de 1967.

Felisbela, por exemplo, lembra que no terceiro ano ginasial, justamente quando houve as mudanças no ensino decorrentes da promulgação da lei 4.024/61, teve um professor que era aluno do curso de Ciências Econômicas, mas que não dominava muito o conteúdo e, inclusive, havia discussões entre ele e uma aluna julgada “muito boa em Matemática”.

Entretanto, ele não foi o único, e nem só os alunos do curso de Economia ensinavam nas escolas: alguns dos professores desse curso também lecionavam (ou haviam lecionado) no ensino ginasial e colegial de Mossoró, como é o caso dos professores Ruy de Deus e Melo e Edwaldo Batista da Silva (Figura 7), que estavam na lista dos professores da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró quando a mesma foi reconhecida pelo parecer nº 487/67 do CFE em 1967⁶⁷. O primeiro, Economista pela Universidade Federal de Recife, havia lecionado Matemática na União Caixeiral; o segundo, Engenheiro Civil pela Universidade Católica de Pernambuco, ensinou Matemática no Colégio Estadual de Mossoró. Ambos estavam cotados, no parecer, para ocuparem a cadeira da disciplina de Matemática na FACEM. Vale ressaltar que, na grade curricular do curso de Economia, os alunos viam a disciplina de Matemática nos dois primeiros anos do curso: no primeiro, ano “Matemática e Contabilidade Geral”, e no segundo, “Matemática”. Além dessas disciplinas, os alunos tinham, também, Estatística.

⁶⁷ (DOCUMENTA 74, 1967).

O curso de Economia não foi o único curso de graduação criado na região a ter seus alunos atuando do ensino de Matemática. Em 18 de Abril de 1967 foi criada, pelo Decreto nº 03/67, a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), que começou a funcionar com o curso de Engenharia Agrônômica. Os alunos desse curso, por terem acesso a uma série de disciplinas voltadas à Matemática, como os Cálculos, passaram a ser também cotados como possíveis professores para as disciplinas de Matemática, além das outras disciplinas de ciências experimentais (Ciências, Química, Biologia e Física).

Maria das Graças Bezerra Sathler lembra disso. Maria das Graças, ou Gracinha, como é mais conhecida, é mossoroense. Nasceu no ano de 1953 e possui mais três irmãos – uma família que considera pequena. Lembra a infância simples e com muito trabalho, ajudando o pai num pequeno comércio do qual ele era proprietário. Assim também foi sua juventude, sempre ajudando nesse comércio, mas, sempre estudando. Estudou todo o primário e ginásio no Colégio Sagrado Coração de Maria, muito conhecido como modelo de disciplina, organização e rigor em costumes, como lembra. Recorda-se que ao começar a estudar no Colégio das Irmãs, colocaram-na numa turma em que o nível de ensino era muito baixo para o que ela já sabia. Devido sua insistência, trocaram-na de turma por duas vezes, até que ela foi direto para o primeiro ano do primário, embora fosse muito nova. Foi advertida pela diretora que, ao concluir o primário, não poderia prestar o Exame de admissão por conta da idade. Mesmo assim, ficou no primeiro ano.

Ao concluir o ensino primário quis prestar o Exame de admissão, o que foi possível graças a uma ordem do juiz que era amigo de seu pai. Ao concluir o ginásio no Colégio das freiras, mudou-se para o Colégio dos padres, para cursar o colegial. Nesse tempo, o colégio deixou de ser apenas masculino, tornando-se misto. Essa mudança aconteceu quando Dom Gentil Diniz Barreto estava à frente da Diocese de Mossoró e o Diocesano era dirigido pelos padres Sátiro e Alcir. Alcir também lembra dessa grande mudança no sistema de ensino do Diocesano, pois, até então, todas as turmas da escola, com exceção apenas do científico, eram masculinas.

O professor Raimundo recorda que o Estadual também funcionava com a divisão por gênero, sendo que lá isso acontecia de forma ainda mais incisiva, pois, os turnos também eram divididos por gênero. O turno matutino era direcionado ao ensino dos alunos do sexo feminino e o turno vespertino para os alunos do sexo masculino. O noturno era misto, pois era reservado ao ensino supletivo, para alunos maiores de 18 anos de idade.

Talvez essa divisão tenha sido resquícios ainda da Reforma Capanema, de 1942, que, no seu Artigo 25 recomenda que o ensino secundário feminino deveria acontecer de forma diferenciada em “estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina”, ou, se não fosse possível, nos estabelecimentos frequentados por ambos os sexos, que a educação feminina seria “ministrada em classes exclusivamente femininas”. Este preceito só deixaria de “vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação”. Além disso, a orientação metodológica era de que a educação das meninas teria “em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar”⁶⁸.

Maria das Graças lembra que foi esse tipo de atendimento que recebeu no Colégio das freiras, onde as alunas aprendiam a um instrumento musical, podendo escolher entre violão e piano. Além disso, tinham aulas de etiqueta, em que aprendiam a portar-se e a comer usando adequadamente os talheres, inclusive para comer tapioca.

Com isso, foi realmente uma grande novidade a implementação de turmas mistas, lembrando que a Lei 4.024 que já vigorava à época, não mencionava nada sobre diferenciar o ensino por gênero. Para Gracinha, foi quase um choque quando mudou do Colégio das Irmãs para o dos Padres, primeiro porque as turmas eram mistas, depois porque achou que a nova escola era menos rigorosa do que a anterior.

Ao concluir o colegial, Maria das Graças prestou vestibular para um curso ainda novo na cidade, de Agronomia, e foi aprovada. Assim que passou para a faculdade, foi convidada a ensinar Matemática no Colégio das Irmãs e, posteriormente, a ensinar também no Diocesano de Santa Luzia. Ela se lembra que não era o único caso de aluno do curso de Agronomia que ensinava em Mossoró.

No período em que ensinava, diz que seus colegas de profissão eram basicamente seus colegas de faculdade. Chiquito e Felisbela também recordam que os alunos da ESAM eram também professores em Mossoró.

Com isso, o curso de Agronomia foi, por algum tempo, o grande formador de professores para a região, embora esses alunos não recebessem qualquer formação didática para lecionar. Tanto existia esse déficit na formação – o que é óbvio, já que o curso não visava a formar professores – que, quando os alunos começaram a ingressar na ESAM como professores, essa instituição passou a oferecer cursos, semestralmente, de formação didática. Eram cursos imediatos e rápidos, de dois, três dias, mas o objetivo era dar noções de técnicas

⁶⁸ (BRASIL, 1942).

de didática, de preparar recursos audiovisuais, com o objetivo de melhorar o ensino naquela instituição.

O professor Raimundo lembra que, quando era diretor do Anexo II, muitos dos alunos iam procurá-lo em busca de uma vaga para ensinar “qualquer coisa”. Esse “qualquer coisa” significava um meio de sobrevivência, já que muitos desses alunos que vinham cursar a faculdade em Mossoró eram de outras cidades interioranas e, muitas vezes, sem condições financeiras para se manter em Mossoró. Assim, procuravam fazer “bicos” para conseguirem recursos, mínimos que fossem, para continuar seus cursos. Professora Gracinha lembra bem o que julgava ser os grandes problemas na faculdade, depois que se tornou professora do nível superior em 1975: a falta dos conhecimentos básicos dos alunos e a questão financeira, já que eles precisavam trabalhar e, portanto, não tinham dedicação exclusiva para os estudos.

Essa “formação de professores” – a necessidade de recursos para se manter na Faculdade – também foi percebida por Luiz Carlos Avelino da Trindade, embora em uma situação diferente da dos jovens de Mossoró. Luiz Carlos também é mossoroense. Nasceu no ano de 1953. Como seu pai trabalhava como fiscal para o Estado, viajou muitas vezes, saindo de Mossoró ainda muito novo. Uma infância muito boa, já que era filho único – o que era muito raro na região, à época, talvez justificasse (ou explicasse) o fato de sua família ter maiores condições financeiras e/ou de instrução. Com isso, Luiz Carlos lembra de sua infância em diversas cidades do interior do estado até que fixou residência em Natal, somente com sua mãe, pois precisava fazer o ginásio e não queria mais ficar viajando. Seu pai continuou de cidade em cidade, por conta do seu trabalho. Sua mãe foi professora da Escola Normal de Mossoró e ele só foi falar com seu pai para se fixarem em alguma cidade depois de ter terminado os estudos primários e prestado o Exame de Admissão em Ceará-Mirim.

Lembra que a família era humilde, mas teve uma vida diferenciada dos que precisaram trabalhar desde a infância para ajudar os pais com as despesas e os afazeres de casa. Luiz Carlos afirma que sua infância foi tranquila. Teve como amigo, em Mossoró, José Agripino, hoje senador do Rio Grande do Norte. Em Nova Cruz, cidade em que estudou numa das melhores escolas, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, “Colégio das Freiras”, teve como amigo o atual Secretário da Saúde do Estado, Domício Arruda.

Passou a juventude em Natal. Estudou no Colégio Ateneu-Norte-Riograndense onde fez todo o Ensino Médio, que, à época, correspondia ao ginásio e colegial. Lembra que, nesse período, a realidade não era muito distante da vivenciada no interior do Estado em relação à formação dos professores que teve. Segundo ele, não existiam “professores leigos”:

entretanto, dada a carência de docentes formados em cursos específicos para o ensino de Matemática, normalmente, os professores que lecionavam essa disciplina eram formados, ou estavam cursando, engenharia. Este foi também o seu caso.

Quando Luiz Carlos ingressou no curso de Engenharia Civil, ganhou um carro de seu pai, mas deveria arcar ele próprio com as despesas de combustível. Com essa necessidade de colocar combustível no automóvel, Luiz Carlos foi convidado a lecionar no Colégio Estadual Winston Churchill pelo próprio diretor, que buscava um substituto para seu filho, Orneles Filho, também aluno de engenharia.

Com isso, o professor Luiz Carlos descobriu uma profissão de que gostou muito, e após a realização de um estágio na área de Engenharia Civil, optou por mudar de curso: saiu da Engenharia e passou à Matemática. Ao concluir o curso, em 1975, já estava trabalhando para o Estado, quando fez um concurso interno e começou a trabalhar no supletivo. Em 1976, foi contactado pelo professor José Borges, da Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FURRN) – localizada em Mossoró –, pois estavam fazendo uma seleção e convidando profissionais com ensino superior para comporem o corpo docente do curso de Matemática recém-criado naquela instituição. O professor José Borges era formado em Ciências Econômicas, e foi um dos primeiros professores do curso de Matemática da FURRN.

O curso de Matemática da FURRN, instituído pelo Decreto Municipal nº 021/31, de 30 de setembro de 1973, pertencia ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN) que havia sido criado em 1970, pelo Decreto nº 28/70, mas que, até então, não havia funcionado efetivamente. Assim, no ano de 1974 foram abertas, pela primeira vez, vagas no vestibular da FURRN para o curso de Matemática.

O professor Chiquito que tinha, à época, já concluído o curso de Letras e agora ensinava Português e Matemática na cidade, prestou o vestibular para o curso de Matemática do ICEN, no qual foi aprovado. Quem também prestou vestibular para esse novo curso da cidade, juntamente com o professor Chiquito, foi José Arimatéia de Souza.

Arimatéia, também mossoroense, nasceu no ano de 1950. Membro de uma família grande, tinha quinze irmãos, dos quais cinco estão vivos. Seu pai era salineiro e sua mãe era “dona do lar”. Seu pai desejava que todos os filhos estudassem, mas apenas ele quis seguir esse caminho até a universidade. Era comum na região que, quando os filhos não quisessem estudar, fossem, então, trabalhar. Foi o que aconteceu com os outros irmãos de Arimatéia que, por não quererem estudar, ajudavam o pai na salina.

Arimatéia recorda que sempre foi muito ligado à igreja São José, que dá também nome ao bairro onde passou a infância e a juventude. Nessa igreja participou de grupos de jovens – um grupo do qual Felisbela também se recorda.

Fez o seu primário no “Trinta de Setembro” e prestou o exame de admissão no Colégio dos padres, onde foi fazer o primeiro ano do ginásial. Esse ano de estudo, ele e mais três irmãos, fizeram no Diocesano, graças ao esforço de seu pai, já que não tinham muitas condições financeiras, para pagar os estudos para todos eles. Entretanto, no ano seguinte, por conta dessa falta de condições e por conta do desinteresse dos irmãos em estudar, seu pai retirou todos daquela instituição e Arimatéia foi estudar nas escolas públicas. Mudou primeiro para o conhecido “Colégio Municipal”, na época, Ginásio Municipal de Mossoró, onde cursou o segundo ano e tentou cursar o terceiro ano do ginásial. Porém, nesse ano foi reprovado, pois precisou trabalhar para colaborar financeiramente com sua família. Quando foi reprovado, mudou e foi estudar no Colégio Estadual, onde concluiu o ginásial e o científico.

Arimatéia lembra que o seu terceiro ano não foi cursado no prédio do Colégio Estadual, mas, sim, na ESAM, e que os seus professores eram os que compunham o quadro docente do curso de Agronomia. Isso aconteceu por conta de um convênio firmado entre o Estadual e a ESAM, mas, embora essa possibilidade fosse prevista na Lei nº 4.024/61, no segundo inciso do Artigo 46, que dizia que a terceira série do ciclo colegial seria organizada com currículo diversificado, que visasse ao preparo dos alunos para os cursos superiores e compreenderia, “no mínimo, quatro e, no máximo, seis disciplinas, podendo ser ministrada em colégios universitários”⁶⁹, não era prevista na segunda LDB, a Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, que vigorava à época. Pelo contrário, o Artigo 46 estava entre os Artigos que foram revogados com a promulgação dessa nova lei.

A 5.692/71 é muito referenciada até hoje, por reformulado praticamente todo o sistema de ensino no que diz respeito ao, até então, ensinos primário e médio, vigentes na época. A lei previa a mudança não só da nomenclatura dos níveis de ensino, mas uma reestruturação: passava a chamar de “primeiro grau” o que era, até então, primário e ginásio. Assim, o primeiro grau teria duração de oito anos, extinguindo-se o exame de admissão – uma das grandes mudanças da lei – e a passagem entre as séries seria contínua; e o que era colégio, que fazia parte do então Ensino Médio, passava a chamar “segundo grau”, e teria duração de três ou quatro anos⁷⁰, e para cujo ingresso seria necessário, apenas, a conclusão dos estudos no

⁶⁹ (BRASIL, 1961).

⁷⁰ A lei visava, dentre outras coisas, preparar os alunos do ensino secundário para o mercado de trabalho oferecendo diferentes habilitações como possibilidade de formação para esse nível de ensino. Com isso,

primeiro grau. Assim, os níveis de ensino ficaram divididos em “primeiro grau”, “segundo grau” e “superior”. Outra grande mudança foi a extinção dos cursos técnicos em nível ginásial, passando a ser, estes cursos, ofertados apenas em nível de segundo grau.

Com a promulgação dessa lei, a formação superior para lecionar passa a ser obrigatória para quase todos os níveis de ensino. Não era necessária tal formação para lecionar nas séries iniciais do primeiro grau, sendo suficiente a habilitação específica do magistério de 2º grau. Para lecionar nas demais séries do primeiro grau e no segundo grau, tornou-se exigência a formação específica em nível superior: “habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração”; e para poder lecionar em todo o “ensino de 1º e segundo graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena” ⁷¹. Ainda segundo a lei, os professores, após realizarem cursos complementares, poderiam começar a lecionar em turmas para as quais, pela formação que possuíam, não eram habilitados.

Devido à Lei 5692/71, também houve, praticamente, a extinção do Exame de Suficiência. Entretanto, como o número de professores com habilitação específica ainda estava muito aquém da demanda, a segunda LDB previa, no seu Artigo 77, que se o número de professores na região não fosse suficiente para atender às necessidades do ensino, seria permitido lecionar, em caráter suplementar e a título precário, “no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau”; “no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau”; e “no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau”. Entretanto, persistindo a falta de professores para lecionar, poderiam ensinar no primeiro grau, até a 6ª série, candidatos que tivessem concluído a 8ª série e viessem a ser preparados em cursos intensivos; “no ensino de 1º grau, até a 5ª série, candidatos habilitados em exames de capacitação regulados, nos vários sistemas, pelos respectivos Conselhos de Educação”; e “nas demais séries do ensino de 1º grau e no de 2º grau, candidatos habilitados em exames de suficiência regulados pelo Conselho Federal de Educação e realizados em instituições oficiais de ensino superior indicados pelo mesmo

dependendo da habilitação desejada, o prazo para a conclusão do ensino secundário poderia variar entre três e quatro anos, com carga horária de, no mínimo, 2.200 e 2.900 horas aulas para os respectivos prazos. A formação profissionalizante ficaria concentrada no quarto ano do curso, com isso, ao concluir o terceiro ano, o aluno já estaria habilitado para continuar seus estudos em nível superior.

⁷¹ (BRASIL, 1971).

Conselho”⁷². Com isso, o Exame ainda pode ser realizado, caso a carência de professores persistisse na região.

O professor Raimundo foi um dos que, mesmo após a promulgação da 5.692/71, realizou Exame de Suficiência e conseguiu permissão, embora temporária, para continuar ensinando a disciplina de Matemática em Mossoró (Figura 33).

Figura 33: Carteirinha de registro que permitia lecionar após aprovação no Exame de Suficiência



Fonte: Arquivo pessoal de Raimundo de Freitas Melo

⁷² (BRASIL, 1971).

Entretanto, ainda que a lei propusesse a obrigatoriedade de formação superior para lecionar, essa obrigação ainda estava muito longe de ser realmente cumprida nesse período, tanto é que, ainda na década de 1970, vemos a Federação implantando cursos para possibilitar algum tipo de formação específica aos “professores leigos”, como é o caso do projeto Logos. Esse projeto pretendia formar, em nível de segundo grau, os professores em exercício que não possuíam ainda esse nível de escolaridade.

O Logos foi criado por meio do parecer 699/72 do Ministério da Educação, em 1973. Nesse ano, estimava-se que aproximadamente 300.000 professores encontravam-se na condição de “leigos”. Desse modo, o MEC foi obrigado a criar o Projeto com o objetivo de “transformar, a curto prazo, o perfil do sistema educacional nas regiões menos desenvolvidas do país e o de explorar novas ‘vias’ na qualificação dos denominados professores ‘leigos’”⁷³. O Logos era mais um dos expedientes cujas concepções pedagógicas estavam enquadradas no tecnicismo⁷⁴, estando também inserido no contexto dos Acordos MEC/USAID e tinha “como centralidade o ‘treinamento’ na lógica da ideologia de Segurança Nacional”⁷⁵.

As concepções da “Doutrina da Segurança Nacional” surgiram nos Estados Unidos, após o final da Segunda Guerra Mundial, durante o período da Guerra Fria. As concepções que fizeram surgir essa doutrina defendiam que a segurança norte-americana estaria em jogo sempre que o comunismo ameaçasse impor-se a povos livres. Com isso, os Estados Unidos criou pactos de segurança coletiva com diferentes países, instalando inúmeras bases militares pelo mundo, bem como disseminou a ideologia de que os países de “terceiro mundo” deveriam defender-se de guerras revolucionárias dentro de suas fronteiras, tendo em vista que, para eles, toda revolução, por menor que fosse, era uma forma de disseminação do comunismo: o que ameaçava a Segurança Nacional⁷⁶.

Estas concepções chegam ao Brasil por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, ao retornar dos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, importa o modelo do National War College (instituição responsável por formar os militares daquele

⁷³ (ALONSO, 1996, p.60).

⁷⁴ Nos anos de 1970 desenvolveu-se acentuadamente o que se chamou de “tecnicismo educacional”, inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, criou uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas e uma proposta educacional rígida. Nessa perspectiva, havia uma supervalorização das técnicas de ensino, o que criou uma ideia de que aprender não é algo natural do ser humano, mas que depende exclusivamente de especialistas (os professores) e de técnicas. A função do aluno era reduzida a de um ser que reage aos estímulos de forma a corresponder às respostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar, desconsiderando seus interesses e seu processo particular de aprendizagem. A inserção desses princípios nas escolas foi realizada pelos organismos oficiais durante a década de 1960, e até hoje está presente em muitos materiais didáticos com características estritamente técnicas e instrumentais.

⁷⁵ (MEDEIROS, 2010, p. 338).

⁷⁶ (NIELSEN NETO, 1985; FREIRE, 2009).

país, disseminando a ideologia da Segurança Nacional) e criando, em 1949, uma instituição similar no Brasil: a Escola Superior de Guerra (ESG). Esta instituição foi responsável por formar a elite militar e civil do Brasil por muitos anos. Mas esta Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento só foi amplamente divulgada no país a partir de 1964, quando é aplicado o Golpe Militar. No Brasil, a ascensão dos militares ao poder da União, bem como a disseminação desse ideário, se deu com a perspectiva de que o desenvolvimento de uma nação está diretamente ligada a sua segurança desta e que esta segurança só pode ser assegurada por meio do poder do Estado. Com isso, os militares assumiram o governo e puderam impor para a grande massa do país os princípios da DSND disseminados pela ESG⁷⁷.

Como base das concepções da Doutrina de Segurança Nacional estava que o comunismo, que era tido como a grande ameaça à segurança de qualquer nação, poderia expressar-se em forma de dois inimigos: os externos e os internos. Os inimigos externos eram reconhecidos pela ação de invasão de uma nação a outra, tentando disseminar o comunismo; já o inimigo interno, para ser identificado, deveria ser observado constantemente, dia-a-dia, pois este agia de forma sorrateira nos movimentos sociais de classes de trabalho, entre os intelectuais, na igreja, entre os estudantes, promovendo subversão das ordens do governo, apresentando a necessidade de guerras revolucionárias, causando assim desordem e insegurança.

Assim, a Doutrina de Segurança Nacional acreditava que deveria agir em todos os meios e recursos imagináveis e inimagináveis onde pudesse haver disseminação de ideias e ideários comunistas, difundindo mundialmente a noção de que deveria existir uma fiscalização mais acentuada principalmente sobre os níveis de poder psicossociais. Como a educação é uma forma de expressões desse poder psicossocial, as instituições de ensino se apresentavam também como forma de poder, tornando-se, conseqüentemente, alvos da vigilância e das ações que eram tomadas pelos militares contra o comunismo.

A partir de 1964, os militares que estavam no governo impuseram inúmeros atos institucionais, atos complementares, leis complementares e emendas à Constituição para por em prática os ideários desta doutrina, eliminando qualquer forma de repressão ao governo. Foi, então, nesse período, que se deflagrou as ações de repressão e subversão do governo militar.

As instituições de ensino, sendo potenciais formas de ameaça à segurança nacional, foram, conseqüentemente, atingidas por ações do Governo. As ações mais expressivas de

⁷⁷ (LOSANO, 2006).

disseminação desses ideários na educação foram as Leis 5.540/68 (Reforma Universitária) e 5.692/71 (Reforma dos ensinos de 1º e 2º graus), além dos secretos acordos MEC/USAID⁷⁸.

Outra forma clara de expressão e disseminação desses ideários é a inserção obrigatória, a partir de 1969, das disciplinas Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC), que substituíram as disciplinas de Filosofia e Sociologia do currículo escolar brasileiro, ficando “caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações em detrimento da reflexão e da análise”⁷⁹.

Com isso, o projeto Logos foi apenas mais uma forma encontrada e utilizada pelo Governo Militar para disseminação e inserção da ideologia da Doutrina da Segurança Nacional nas instituições de ensino.

Os Orientadores-Supervisores Docentes (OSD), como eram chamados os tutores do Logos, eram selecionados rigorosamente. As principais exigências “referiam-se à formação em nível de 2º grau e ao compromisso com a ideologia de Segurança Nacional. Esses OSD, como ficaram conhecidos, eram ‘treinados’ criteriosamente sob a responsabilidade da Gerência Regional do Projeto e da Coordenação-Geral do MEC”⁸⁰. Os treinamentos tinham como objetivo principal capacitar para o domínio dos conteúdos e das técnicas de ensino. A função do OSD era a de orientar aqueles que estavam participando do projeto para a realização dos módulos, aplicar pré e pós-testes, planejar e orientar as sessões de microensino e os encontros pedagógicos, ter controle do material e acompanhar os alunos do projeto.

O projeto Logos foi desenvolvido em dezenove estados, sendo que o MEC ficou com a responsabilidade de financiar o planejamento do projeto; e os estados e municípios com a responsabilidade de custear o funcionamento do curso. “O Logos utilizou o material impresso como meio básico de desenvolvimento dos seus cursos e a atenção aos alunos ocorria nos Núcleos Regionais, mantidos pelas Secretarias Estaduais de Educação”⁸¹.

Esse projeto foi executado em duas etapas, conhecidas como Logos I e II. O Logos I foi uma etapa experimental, com o objetivo de verificar a eficácia da realização do curso, bem como dos materiais e métodos utilizados. Já o Logos II foi a etapa de expansão do projeto, momento em que foi desenvolvido em nível nacional, executado pelo Centro de Ensino Técnico de Brasília (CETEB), a quem o MEC havia dado a responsabilidade, em um primeiro momento, de produzir o material a ser utilizado e, num segundo momento, de realizar o curso.

⁷⁸ (SILVEIRA, 2010).

⁷⁹ (MENDES, 2009, p. 11).

⁸⁰ (MEDEIROS, 2010, p. 338 e 339).

⁸¹ (ALONSO, 1996, p.60).

“O projeto Logos II foi implantado em 17 Estados brasileiros e atendeu a 50.000 alunos, segundo o próprio CETEB (1988), diplomando a 70% deles”⁸².

O Logos foi projetado para ser desenvolvido em duas partes, sendo a primeira de formação geral e a segunda de formação especial, “incluía estudo a distância e em domicílio, com livros fornecidos pelo MEC; em seguida ao estudo dos módulos, constava ainda, na cidade-polo, as microaulas perante os colegas e as exigentes provas presenciais”⁸³. A primeira etapa contava “com um total de 12 matérias em 106 módulos e, a segunda, destinada à formação especial, com 18 matérias em 99 módulos”⁸⁴. Para que o currículo fosse cumprido, seria necessário desenvolver o estudo de 205 módulos, e uma carga horária de 170 horas de encontros pedagógicos e 320 horas de sessões de “microensino”.

O Rio Grande do Norte foi um dos estados a participar do projeto Logos II e a região de Mossoró também estava entre as regiões a serem atendidas. Entretanto, o professor Raimundo lembra que, prestando serviço à prefeitura de Apodi, cidade vizinha a Mossoró, houve um recadastramento de professores e foram detectados nove professores analfabetos, dentre os quais alguns que haviam participado do projeto do Logos II. Para o professor Raimundo, a formação dada não foi de qualidade, ficando com a impressão de que o curso ocorreu apenas para dar uma resposta a quem tinha surgido com a ideia da criação de uma formação de professor leigo para atuar em escolas de segundo grau.

Não podemos esquecer que em 1968, alguns anos antes da promulgação da segunda LDB, foi lançada a Lei 5.540/68 na qual se revogava o capítulo da 1ª LDB que tratava do ensino superior. Essa lei ficou conhecida como Reforma Universitária: “aspectos como a crescente urbanização, a escolarização feminina, o populismo e a criação das universidades federais proporcionaram mais alterações na estrutura das instituições de ensino superior”⁸⁵. Assim, essa nova LDB, juntamente com a Lei 5.540/68, foram responsáveis por reestruturar toda a organização escolar brasileira, como contrapropostas à lei 4.024/61.

Outro aspecto da lei 5.540/68 foi a departamentalização das Universidades “como queriam os técnicos da USAID, para criar uma mentalidade empresarial dentro das escolas superiores brasileiras”. Essa reforma contou com a ajuda desses técnicos norte-americanos, por meio, também, dos acordos MEC-USAID⁸⁶.

⁸² (*ibidem*, p.60).

⁸³ (VALE e GOES, 2010,p. 9).

⁸⁴ (ALONSO, 1996, p.60).

⁸⁵ (CURY, 2007, p. 165).

⁸⁶ Para maiores informações sobre a Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID, ver Martins-Salandim (2012) e Cury (2011).

A 5.540/68 entrou em vigor em 25 de novembro de 1968. Dois meses antes disso, pelo decreto nº 20/68, de 28 de setembro, foi criada a Universidade Regional do Rio Grande do Norte, mantida pela Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN). Sua criação ainda estava ancorada na Lei 4024/61.

A FURRN foi criada com a unificação das instituições isoladas de ensino superior de Mossoró: a FACEM, a Faculdade de Serviço Social (FASSO), a ESAM e a FAFICIL – esta última, para medida de criação da Universidade, foi desmembrada em Faculdade de Educação (FE), Instituto de Letras e Artes (ILA) e o Instituto de Ciências Humanas (ICH), pois o artigo 79 da primeira LDB dizia que as universidades só se constituíam pela unificação de cinco ou mais instituições de ensino superior. Entretanto, embora a Universidade tenha sido criada para o Estado do Rio Grande do Norte, já que o Conselho Estadual de Educação aprovou a sua criação, a mesma inexistiu por um longo período para o CFE, que não aprovou a solicitação de reconhecimento da FURRN, justificando que ela foi criada apenas com quatro instituições de ensino superior⁸⁷.

Mesmo assim, a Universidade continuou funcionando e sendo reconhecida como tal pela sua comunidade acadêmica, bem como por todos da região. A ESAM, que fazia parte dessa estrutura, voltou a ser um Instituto Isolado, pois em 1969 o CFE a reconhece como “autarquia”.

Foi nessa instituição que Arimatéia fez o terceiro ano e concluiu, então, o ensino de segundo grau. Recorda que nesse último ano de estudo, ele com mais três colegas, formaram um grupo para se prepararem para o vestibular. Ele ficou responsável por aprofundar seus estudos em Matemática, para, assim, ensinar aos demais. Seus três amigos foram aprovados no vestibular para o curso de Agronomia, curso em que Arimatéia também havia prestado seleção mas no qual não foi aprovado: foi aprovado para o curso de Matemática, que acabara de ser criado.

Assim, Arimatéia começa sua faculdade, juntamente com Chiquito, que também havia sido aprovado. Talvez Chiquito estivesse buscando a formação superior por conta da nova LDB que havia entrado em vigor no ano de 1971, já que lecionava Matemática e era conhecido como um dos melhores professores dessa área na região. Além de ser da primeira turma do curso de Matemática, foram também das primeiras turmas a se instalarem no “novo campus da universidade” – onde funciona atualmente o campus central da Universidade –

⁸⁷ (DOCUMENTA, 1981; 1981a; 1982; 1985; 1987).

recém construído: havia então apenas um bloco, com seis salas, sendo uma de secretaria e as outras cinco dos ciclos gerais.

Os professores lembram que o primeiro ano de curso era conhecido como ciclo geral, ou ciclo básico, atendendo a uma das propostas da Reforma Universitária, uma “das tentativas de resolução do problema de articulação da escola de nível médio com a de nível superior, um dos aspectos do ensino no Brasil que evidenciavam a falta da ‘coerência interna’”⁸⁸. O Artigo 15 da reforma universitária previa que nas instituições que mantivessem diversas modalidades de habilitação os estudos profissionais de graduação seriam “precedidos de um primeiro ciclo geral, comum a todos os cursos ou a grupos de cursos afins”, e teriam as funções de recuperar as “insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular na formação dos alunos”⁸⁹; orientar para escolha da carreira; e realizar estudos básicos para ciclos ulteriores.

Dessa forma, durante o primeiro ano de curso, todos desenvolviam estudos em conjunto e de forma misturada, depois é que cada um seguia para as suas habilitações específicas. Além de Arimatéia, que fala sobre o ciclo geral, Felisbela, depois que se formou, foi convidada pelo professor Alcir, então diretor do Instituto de Letras, para ser coordenadora adjunta do Ciclo Básico da FURRN, momento de formação em que os alunos cursavam as disciplinas de Português Instrumental, Matemática, Filosofia e Metodologia Científica.

Após cursar o Ciclo Básico, quando foi para o segundo ano, que era destinado ao estudo das disciplinas específicas, Arimatéia recorda que começaram os problemas decorrentes da falta de professores de Matemática. Raimundo Filgueira de Oliveira, um dos poucos formados em Matemática que compunha o corpo docente do curso de Matemática da FURRN, na época, coordenador do ICEN, indicou o nome do professor Arimatéia para ser “monitor” da disciplina de Matemática do Ciclo Geral. Assim, quando Arimatéia foi começar o terceiro período do curso de Matemática, já iniciou como docente no primeiro período da Faculdade.

O mesmo aconteceu com diversos outros alunos do curso de Matemática, mesmo com a vinda dos professores convidados, como Luiz Carlos. O professor Luiz Carlos, depois que foi para Mossoró convidado para ensinar no curso de Matemática, lembra que tinha algumas “regalias” em relação aos outros professores, pois era considerado na Universidade como Professor Visitante. Nesse período, embora a instituição fosse mantida com recursos da Prefeitura, do Estado, da União e de taxas simbólicas cobradas dos alunos, passava por dificuldades em seu orçamento, chegando a atrasar, por muitas vezes, os salários dos

⁸⁸ (RAMOS, 1979, p.38).

⁸⁹ (BRASIL, 1968).

professores. Entretanto, tendo vindo como Professor Visitante e sob a condição de que o seu salário não atrasaria, o professor Luiz Carlos ressalta que o seu pagamento não atrasou uma só vez, ao contrário do que via ocorrer com vários de seus colegas cujos salários atrasavam por meses seguidos.

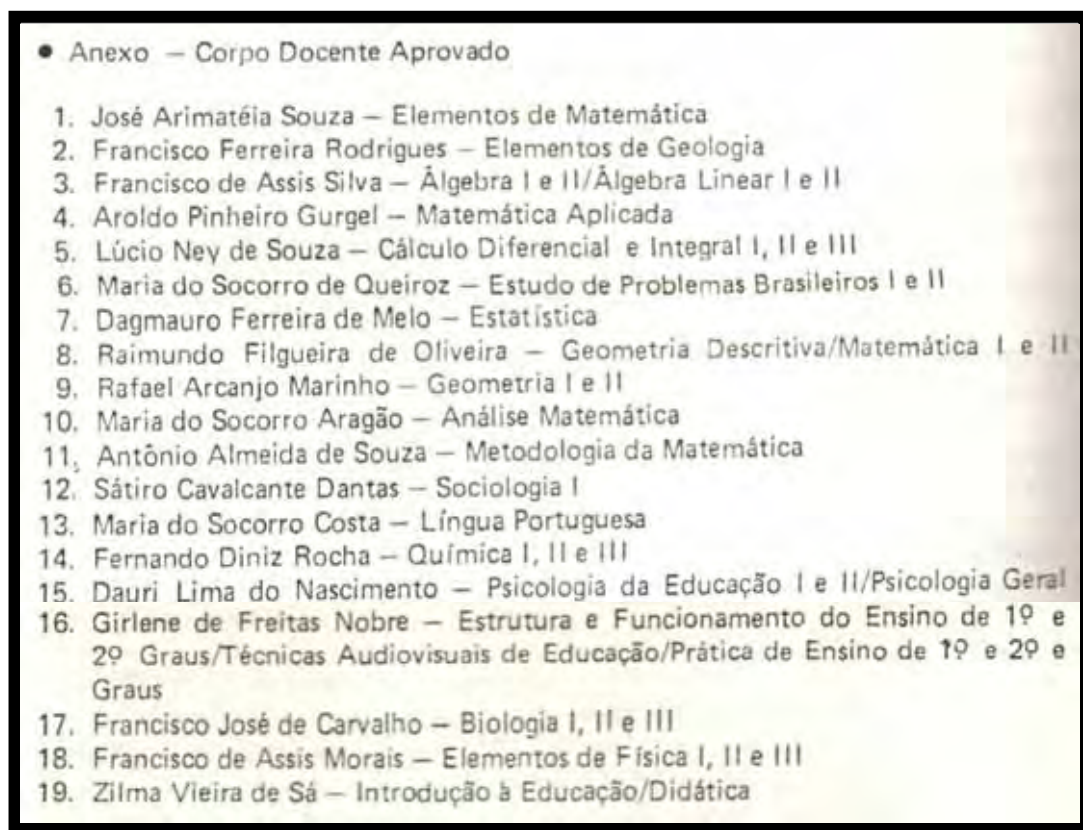
Essa prática dos “convites” continuou, bem como a prática de alunos do próprio curso ministrarem disciplinas que já tivessem cursado nos períodos anteriores. Com o professor Chiquito não foi diferente: quando estava no sétimo período, o professor de estágio, Engenheiro Civil, foi convidado a trabalhar em sua área de formação, comunicando ao reitor Francisco Canindé Queiroz que iria se afastar do cargo. Ao saber disso, Canindé Queiroz procurou saber se algum dos alunos já havia cursado aquela disciplina. Como o professor Chiquito já era formado em Letras, tornou-se então o professor de estágio de sua própria turma de graduação.

A carência de professores com formação específica na área era tanta que o curso formou praticamente o seu próprio corpo docente, mesmo o corpo docente inicial. Arimatéia recorda que sua turma era composta por dezesseis pessoas e que apenas duas não compuseram (por não se interessar) o corpo docente.

Ao analisarmos o nome dos professores do corpo docente disponibilizado nos anexos do parecer 397/87 do CFE (que trata do reconhecimento do curso de Ciências com habilitação em Licenciatura curta em Ciências e Licenciatura plena em Matemática da “Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte”⁹⁰ (Figura 34)), vemos que 19 docentes compunham o corpo docente do curso e que, dentre os nove professores das disciplinas especificamente voltadas à Matemática, sete eram formados no próprio curso.

⁹⁰ Com o não reconhecimento da Universidade por parte do CFE, a FURRN passou a existir para o CFE como instituição de Ensino Superior, mas não como universidade, por isso, alguns pareceres que aparecem em algumas Documentas, contam o nome de Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte (FERRN) e não Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) como era tão conhecida na região.

Figura 34: Corpo docente já aprovado pelo CFE quando se deu o reconhecimento do curso de Matemática da FURRN.



Fonte: Documenta 317 – Maio de 1987.

O reconhecimento do curso de Ciências com habilitação em Matemática da FURRN deu-se em 1987, mas, no período em que Arimatéia e Chiquito eram alunos, ainda era curso de Licenciatura Plena em Matemática. Esse curso ficou assim até início da década de 1980, quando mudou para outra modalidade de ensino que tinha se tornado única, em todo o país, para formar pessoal para atuar no ensino de Matemática. Antes ainda dessa alteração, quem também fez o curso de Matemática da FURRN foi Joabel Azevedo Dantas.

Joabel é natural de Assu. Tendo nascido no ano de 1950, mudou-se para Mossoró, com a família, ainda muito pequeno. Eram em dezesseis irmãos, dos quais estão vivos seis. De uma família muito pobre, vieram viajando desde Currais Novos, em busca de uma vida melhor, até chegar a Mossoró. Nesse período, na região, principalmente nas famílias mais pobres, as que sobreviviam das atividades do campo, era muito comum que os pais não quisessem que os filhos, principalmente os do sexo masculino, estudassem, justamente para que pudessem auxiliar com o trabalho. Embora a mãe de Joabel quisesse matricular o filho na escola, não era assim que pensava o pai de Joabel.

Mesmo nas famílias que não eram tão pobres, normalmente os filhos ajudavam de alguma forma. Joabel é um desses exemplos, mas o professor Raimundo também foi, bem

como as professoras Felisbela e Gracinha, os professores Chiquito e Arimatéia. Apenas para aqueles que possuíam uma situação financeira familiar mais confortável a situação era diferente: é o caso dos professores Alcir e Luiz Carlos.

Joabel e seus irmãos, antes de começar a estudar saíam bem cedo, aproximadamente três horas da manhã, para o mercado, onde seu pai tinha uma barraca, e quando voltaram iam para o roçado. Chegou a brincar, mas a rotina era mais de trabalho. Mesmo que o seu pai não o quisesse estudando, ele matriculou-se em uma das escolas públicas da cidade e, concomitantemente, ajudava nos trabalhos do campo e do mercado. Coursou todo o primário, mas quando concluiu e iria ingressar no ginásio, seu pai alertou-o de que não pagaria escola. A vontade de estudar fez com que ele criasse uma estratégia para continuar na escola: repetir o quarto ano do primário até que seu pai montou uma barraca própria para ele, no mercado.

Começou a estudar “para valer” com 20 anos, concluindo os estudos com 27 anos. Assim como o professor Arimatéia, fez o seu terceiro ano no “Anexo da ESAM”.

Após concluir o segundo grau, prestou o vestibular da FURRN, colocando como primeira opção o curso de Matemática e, como segunda, o de Administração. Foi aprovado e começou o seu curso em 1977 e, como era comum, ao iniciar o curso, ingressou na carreira do magistério, passando a ensinar na Escola Municipal Manoel Assis.

O professor Joabel não fala de problemas durante a faculdade, a não ser de alguns problemas que viveu em sua família, o que o levou a atrasar um pouco a sua formatura. Afirma que teve muitos professores bons, dentre os quais estavam o professor Luiz Carlos, Arimatéia e Chiquito que, nesse tempo, já haviam concluído (ou estavam prestes a concluir) o curso.

A essa altura, professores para o corpo docente talvez não fosse mais problema, já que já estavam sendo formadas as primeiras turmas que passaram a compor o quadro docente. O professor Luiz Carlos comenta que ele e os outros professores do departamento criaram uma especialização em Matemática em convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A UFRN forneceria os professores das disciplinas da especialização, para assim formarem os alunos da primeira turma da FURRN em nível de pós-graduação, especialistas. O professor Arimatéia ressalta que não foram só os alunos da primeira turma que participaram da especialização: alguns da segunda turma também fizeram esse curso, pois visava-se a capacitar, principalmente, aqueles que já ficaram lecionando na FURRN. O curso ocorreu em 1981 e teve uma duração de seis meses, com encontros e aulas aos finais de semana.

O professor Joabel concluiu seu curso no ano de 1981, um ano antes do próprio curso ser reconhecido pelo MEC. Até então, os alunos recebiam apenas uma declaração constando que haviam concluído o curso. Após o reconhecimento, o professor Luiz Carlos retornou para Natal, onde prestou concurso para ensinar na Escola Técnica Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (ETFERN), atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Como já dissemos anteriormente, foi também nesse período autorizada a mudança do curso de Licenciatura em Matemática para o curso de Licenciatura em Ciências, com habilitação em Licenciatura curta em Ciências e plena em Matemática. Esse curso havia sido regularizado em 1974, com a Resolução nº 30 do CFE, que fixou o currículo mínimo do curso de Licenciatura Curta em Ciências, sendo, a partir de então, a modalidade única na área. “De acordo com esse modelo, a formação do professor de Ciências e Matemática de 5ª a 8ª séries do 1º grau se daria exclusivamente via um curso polivalente de curta duração, que poderia ser acrescido de uma habilitação específica em Matemática, Física, Química e Biologia, formando o professor de 2º Grau”⁹¹.

Como consta no parecer nº 387/87 de Reconhecimento do curso de Ciências da FURRN pelo MEC, os professores Chiquito e Arimatéia continuaram fazendo parte do corpo docente daquela instituição. Em 1987 a FURRN foi estadualizada e tornou-se a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (URRN). Em 1996, por decreto do Estado, passou a se chamar Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Se considerarmos o período a partir da criação do curso de Matemática, no que hoje se tornou UERN, talvez possamos afirmar que a situação de carência de professores formados, não só na cidade de Mossoró, mas em toda a região, foi amenizada. O número de professores formados aumentou, o que para alguns dos professores entrevistados, entretanto, não implica uma melhora significativa do ensino. Estes ainda acreditam que hoje em dia falte o que, na época de sua atuação, era suficiente para lastrear a formação de professores: o conteúdo matemático.

A professora Felisbela, por exemplo, enfrenta, até hoje, dificuldades para encontrar professores de Matemática que não apenas sejam bons em didática e tenham “domínio de suas turmas”, mas que tenham também domínio de conteúdo. O que ainda parece ser muito forte na região, na concepção de alguns professores, é que o bom professor é aquele que tem pleno conhecimento do conteúdo que deve ensinar. Talvez isso seja uma herança do período em que

⁹¹ (FILLOS, 2008, p.210).

os padres holandeses ensinavam Matemática no Seminário Santa Terezinha, disciplina em que eram “especializados”, pois tinham afinidade e conhecimento suficientes; passando pelos padres que ensinavam no Diocesano e no Estadual, também por ter a mesma “especialização” – ou poderíamos traduzir como “domínio do conteúdo”; reafirmada no período em que o professor Solon Moura, que era tido como um dos melhores professores de Mossoró por ter domínio de conteúdo, mesmo não tendo uma didática adequada, lecionava; herança deixada aos professores formados em áreas “próximas” como a Engenharia, ou aos alunos dos cursos de Economia e Agronomia, que recebiam uma boa formação de conteúdo matemático; aqueles que estavam ou haviam concluído o ginásio e o científico, para lecionar em turmas anteriores, bem como os que haviam passado no curso de Matemática, que, por ter passado para esse curso, demonstravam ter certo domínio do conteúdo. E assim, essa herança, essa “cultura” de que o bom professor é o professor que possui domínio de conteúdo, foi sendo disseminada na região.

Essa perspectiva pode estar enraizada há mais tempo: quem sabe desde o século XIX, quando são criadas as Escolas Normais como uma primeira tentativa de padronização e realização de uma formação dos professores. Entretanto, embora tivesse como princípio uma formação didático-pedagógica, preocupou-se muito mais em formar os professores para possuírem domínio dos conteúdos que iriam lecionar, do que com uma formação didática para que pudessem ensinar os conteúdos que sabiam. Essa preocupação com o conteúdo continua ainda no início do século XX, até meados de 1932, quando ocorre uma expansão do número dessas instituições, contudo, neste período, começaram a se preocupar também com a formação didática e prática dos normalistas, não apenas ao enfoque na formação do conteúdo⁹².

Uma possibilidade para a propagação desta importância dada ao domínio do conteúdo, como algo que pudesse ser suficiente para suprir a formação do professor, pode ter acontecido também no período de criação e implementação dos cursos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que passaram a também ser responsáveis por formar os professores no país, a partir de 1939, em que é adotado o modelo de formação que ficou conhecido como “esquema 3+1”, em que era dado um grande destaque à formação específica dos conteúdos, sendo a formação pedagógica, por vezes, criticada pelos professores que ensinavam os conteúdos específicos (prática que é, até hoje, ainda muito presente nos cursos de formação de professores).

⁹² (SAVIANI, 2009).

Talvez essa valorização do conteúdo esteja enraizada na concepção do perfil de um “bom professor”, nas “competências” ou “atributos” que o mesmo deve possuir. Essa concepção “conduziu, já na segunda metade do século XX, à consolidação de uma trilogia que teve grande sucesso: saber (conhecimentos), saber-fazer (capacidades), saber-ser (atitudes)”⁹³. Talvez isso explique a busca por professores que tenham um dado perfil: tenha domínio de conteúdo, tenha domínio de classe e saiba ensinar.

Interessante notar que, ao mesmo tempo em que os professores são críticos em relação à formação existente hoje, principalmente no que diz respeito a conteúdo, não tecem comentários (críticos) sobre a formação, muitas vezes deficitária, que era recebida naquele período, ou mesmo em relação à formação que possuíam quando começaram a lecionar, ou que possuíam os seus professores.

Mas, além dessas mudanças na formação, muitas outras mudanças são expressivas na educação da região. Por exemplo, para os professores Alcir, Joaber, Felisbela e Chiquito, naquele período, era tudo diferente, os alunos respeitavam mais os professores, que, por sua vez, possuíam mais prestígio e eram mais valorizados financeiramente. Assim como recordam mudanças nas escolas, em que as famílias eram mais presentes e os alunos, por sua vez, mais estudiosos, os professores eram mais rígidos, mas, também, mais responsáveis e também dedicados.

Podemos ousar afirmar que a escola mudou, o Estado também mudou, os interesses mudaram. No entanto, talvez o que não tenha mudado, segundo os professores Raimundo e Luiz Carlos, é o descaso governamental pela Educação.

Hoje em dia talvez os alunos não precisem trabalhar tanto quanto antigamente e os castigos físicos não sejam tão usuais. O acesso ao ensino está muito mais fácil e a visão dos pais, que não queriam que seus filhos estudassem, talvez tenha mudado. Mas isso não é sinal de que os alunos ficaram mais interessados nos estudos.

É interessante notar que, mesmo em períodos tão distintos, com tantas mudanças notadas por aqueles que ajudaram a narrar uma história, essa história, o “eu”, ou os “eus” que narram, poderiam perceber essas mudanças de uma outra forma, talvez diferente, ou não.

Talvez se “eu” tivesse narrado um pouco da minha vida, enquanto narrava a história daqueles que me contaram um pouco das suas...

Quem sabe se eu tivesse narrado que, como a professora Felisbela, também precisei trabalhar desde cedo para ajudar meus pais. Talvez se tivesse contado que, como o professor

⁹³ (NÓVOA, 2009, p. 3).

Joabel, precisei acordar por muitos anos, não todos os dias, mas nos finais de semana, às quatro horas da manhã para ir ao mercado ajudar ao meu pai nas compras para a mercearia dele. Talvez se tivesse contado que, como a professora Gracinha, também precisei estudar para as provas sentado num banquinho, ou numa cadeira de metal, ou de fitilho, ou, até mesmo, por trás do balcão, para ter um pouco mais de silêncio, enquanto trabalhava na mercearia, interrompendo os deveres escolares para atender aos clientes; ou se eu tivesse contado que, assim como ela, minha vida de estudante também começou muito cedo. Talvez se tivesse dito que também conheço muito bem o açude do sítio “Morcego”, ao qual o professor Chiquito se referiu, o qual fez muito parte da minha infância quando viajávamos com meu pai para a cidade de Campo Grande, de onde ele também é natural, assim como o professor.

Se eu tivesse contado que para mim não é estranho ouvir falar de famílias grandes e numerosas, pois cresci tendo sete tios maternos e ouvindo contar que minha avó teve 10 filhos, entre um total de 16 gestações. Se dissesse que conheci e fui aluno de muitos dos professores aos quais o professor Arimatéia se referiu, e se tivesse narrado também que tive contato com ele próprio ainda durante a graduação, nas reuniões departamentais. Se tivesse dito que o Colégio Estadual e o Colégio Diocesano não são nada estranhos para mim, por ter estagiado no primeiro e ensinado no segundo. Se eu tivesse narrado que conheço a realidade da Casa do Estudante de Mossoró, assim como o professor Raimundo, não por ter morado nela, mas por ter convivido com amigos que lá viveram e que nos contavam alguns dos dramas que por lá passaram.

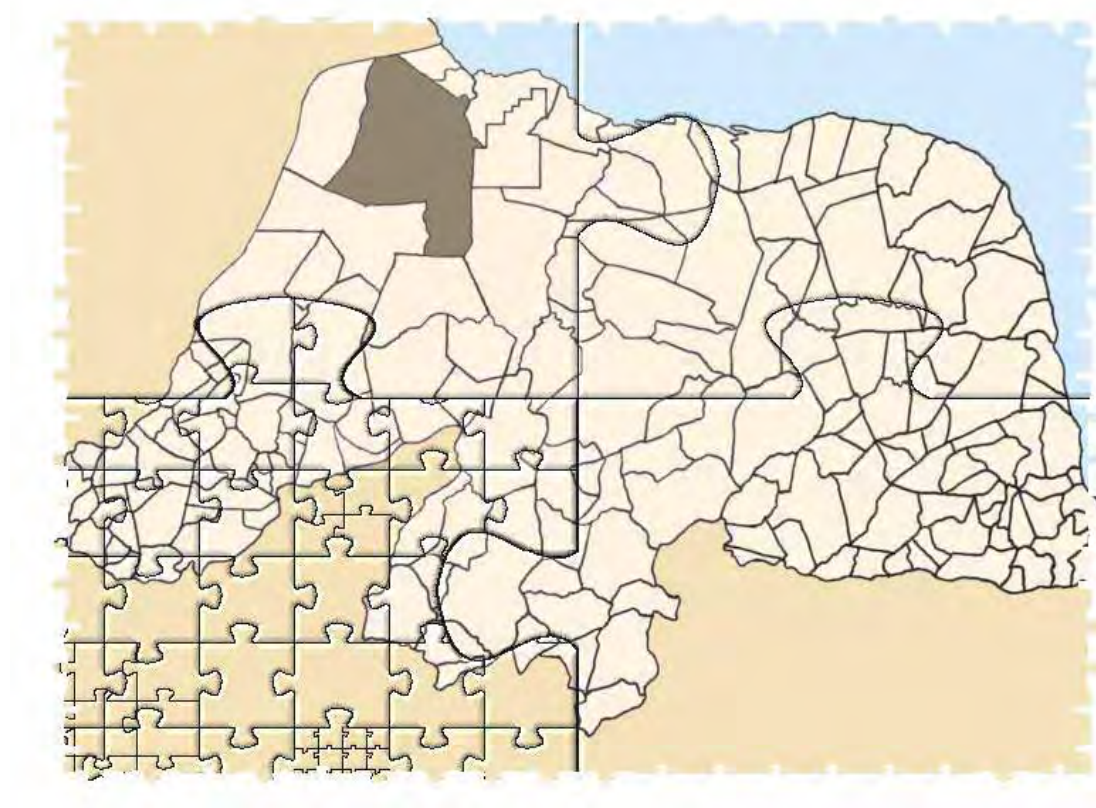
Se tivesse falado que, como muitos deles, também contei com o apoio e sacrifício dos meus pais para estudar, mas que não me foi estranho ter ouvido narrar que os pais não apoiavam os estudos dos filhos, querendo que os mesmos trabalhassem, por ter crescido ouvindo contarem histórias desse tipo. Ou ainda, que, como o professor Luiz Carlos, também conheci e recorde de muitos alunos que foram fazer faculdade em Mossoró, mas que eram do interior do Estado do Rio Grande do Norte ou do Ceará.

Certamente se eu tivesse contado tudo isso, minha narrativa seria outra. Talvez motivasse a produção de outros significados. Talvez tudo tivesse mudado, como mudou Mossoró, como mudou a região, como mudou o ensino. Não que as minhas histórias e minhas memórias não tenham impregnado as narrativas. Mas, para você, leitor, tudo poderia ter outro significado, por mostrar que, muito do que os colaboradores viveram faz parte de uma região, de uma cultura. Talvez fosse normal perceber outras relações, ou criar outras impressões...

Talvez o panorama continue muito parecido com os das décadas de 1940, 1950, 1960, 1970..., ou não.

Mesmo assim, percebo que muita coisa mudou: as escolas não mais são exclusivamente dos sexos femininos ou masculinos; os padres não mais lecionam nessa instituições; hoje não temos apenas o quadro e o livro didático para dar aula, ou o “giz e o cuspe”; os professores, em sua maioria, possuem formação específica direcionada para o ensino; algumas escolas são bem equipadas; Mossoró cresceu e se desenvolveu; o número de cursos de licenciatura em Matemática na região aumentou e o número de escolas também...

Mas você já deve ter percebido que esse é o ponto. Não o ponto final, mas o ponto que escolhemos para encerrar a nossa história, nossa narrativa. Essa é a nossa peça-história, peça-narrativa, peça-mapa, peça-versão, peça-quebra-cabeça. Poderia ter sido narrada de outra forma, com outras características, mas o eu, ou “os eus” que criei, escolheu narrá-la assim. Essa é a montagem do quebra-cabeça que nos foi possível, a ordenação das peças que achamos pertinente, é o nosso aventar de possibilidades, nossa mobilização, nossa versão, pura invenção, sobre a formação de professores de Matemática de uma região...



(Re)começo

*Agora nós caminhamos
Para aqui finalizar,
Sinalizando, todavia,
A intenção que deixará
De novos jogos e peças
Continuarmos a criar.*

*Agora recomeçar,
Retomar e remontar.
Perceber a relação,
Juntando para falar
Do que pode ter ficado
Sem aqui se encaixar.*

*É o DESENLACE de um SOLO,
De uma REGIÃO, de um CAMINHO.
O EXTERNO é internalizado,
DEPOIS não tá mais sozinho.
Isso na UNIVERSIDADE,
Caminhada sem espinho.*

*MUDANÇAS em nós fizeram,
E pudemos estudar
Desde PADRE a POLÍTICA
Pra EDUCAÇÃO aqui focar.
Essa é a PRÁTICA de criar.
NOVAmente (RE)COMEÇAR...*

REFERÊNCIAS:

ABRANTES, A. C. S. **Ciência, Educação e Sociedade:** o Caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbecc). Tese de doutorado do Curso de Pós-graduação em história das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro. 2008.

ALBUQUERQUE JR, D. M. **História:** a arte de inventar o passado. Bauru/SP: EDUSC, 2009.

ALONSO, K. M. Educação a distância no Brasil: A busca de identidade In: Preti, O. (Org.), **Educação a distância:** Inícios e indícios de um percurso. Nead/IE – UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996, p. 57-74.

ARAÚJO, M. M. A educação escolar cidadina (Rio Grande do Norte, 1924-1927). In: MIGUEL, E. B. M.; VIDAL, D. G.; ARAÚJO, J. C. S. (org.). **Reformas educacionais:** A manifestação da Escola Nova no Brasil (1920-1946) (Coleção memória da educação). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 139-154.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Tradução: Mario W. Barbosa)

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

_____. **Revisitando uma região: traços da formação de professores de Matemática no interior paulista.** 2012. (No prelo)

_____. Ensaio de macramé: História Oral e Educação Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória:** ensaios na interface História Oral-Educação Matemática. 1.ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1. CD ROM

BERNARDES, M. R. **As várias vozes e seus regimes de verdade:** um estudo sobre profissionalização (docente?). Bauru, 2003. 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

BLOCH, M. **Apologia a História ou O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001. (Tradução André Telles).

BORGES, R. M. R.; SILVA, A. F. D.; DIAS, A. L. M. . Ciência, Cultura e Educação na História dos Centros de Ciências no Brasil. In: VII Enpec, 2009, Florianópolis. **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2009.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 19- 32.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. ed. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. ed. 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto no 19.890, de 18 de abril de 1931**. 1931. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129393/decreto-19890-31>>. Acesso em: 26 set. 2012.

_____. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto-Lei n. 4.244 - de 9 de Abril de 1942**. 1942. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-sino%20secund%E1rio.htm>. Acesso em: 11 set. 2012.

_____. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de Janeiro de 1946**. 1946. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8777-22-janeiro-1946-416416-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 set. 2012.

_____. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases de 1971 - Lei 5692/71**. 1971. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>>. Acesso em: 03 set. 2012.

_____. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases de 1961 - Lei 4024/61**. 1961. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>>. Acesso em: 05 set. 2012.

_____. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei nº 5.540, de 28 de Novembro de 1968**. 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>. Acesso em: 20 set. 2012.

BRITO, A. J.; CRUZ, S.S. L. e FERREIRA, J. P. C. A inserção do Movimento da Matemática Moderna na UFRN. **Diálogo Educacional**. PUCPR. V. 6. (18). p. 91 a 100. maio/agosto. 2006.

BRITO, A. J.; GUTIERRE, L. S. A formação de professores que ensinavam matemática no Rio Grande do Norte entre 1960 e 1970: o convênio SUDENE/USAID. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 9., 2007, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte: [s.n.], 2007.

BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929 - 1989). ed. 2. São Paulo: Editora Unesp, 1992. (Tradução: Nilo Odália).

CASCUDO Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 3ª Ed. FVR/CM, 1995.

CECINE. Universidade Federal de Pernambuco. **Centro de Ensino e Ciências do Nordeste**. 2012. Disponível em: < <http://www.cecine.ufpe.br/>> Acesso em: 28 ago. 2012

COSTA, A. N da. **Mossoró**: nossa terra. Natal: SESC-RN, 2008.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Rio Claro, 2011. 289f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás**. Rio Claro, 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1440. O Liso e o Estriado. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (Volume 5) Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. p. 158-190. (Tradução de Peter Pál Pelbart).

_____. 1933. Micropolítica e Segmentaridade. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (Volume 3). Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 76 – 106. (Tradução de Suely Rolnik).

_____. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (Volume 1) Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10 – 39.

_____. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (Volume 1) Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10 – 39. (Tradução de Aurélio Guerra Neto).

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 74, dez./1967.

_____. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 250, dez./1981.

_____. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 251, dez./1981a.

_____. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 257, dez./1982.

_____. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 296, dez./1985.

_____. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 317, dez./1987.

FELIPE, J. L. A. **A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”**. João Pessoa, Paraíba: Grafiset, 2001.

_____. **Mossoró; um espaço em questão**. ESAM/FGD, 1980.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Rio Claro, 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. ed. 4. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FILGUEIRA, M. C. M. **Dominação Política e Universidade**. Mossoró: Editora Fundação Vingt-un Rosado – Coleção Mossoró, 2006.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR): memórias e história**. Curitiba, 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999. (Tradução: Salma Tannus Muchail)

FREIRE, D. J. **Mossoró, 1954**. ESAM/FGD, 1991.

FREIRE, M. D. Paradigmas de Segurança no Brasil: da ditadura aos dias atuais. **Aurora**, nº 5, p. 49-58, 2009.

GAERTNER, R. **A Matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. 249 f. Tese (Doutorado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GAERTNER, R.; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema** (Rio Claro), nº 30, p. 47-61, 2008

GALETTI, I. P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista**: orientação para tecer paisagens. 2004. 204 f. Dissertação (Mestrado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GARNICA, A. V. M. Analisando imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os grupos escolares. **Bolema** (Rio Claro). Vol. 23, N. 35A, 2010.

_____. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAUJO, Jussara do Loiola (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 1, p. 77 - 98.

_____. Presentificando ausências: a formação e a atuação de professores de Matemática. In: Maria da Conceição Ferreira dos Reis Fonseca. (Org.). **Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente**: Educação Matemática (Parte IV - Coleção Didática e Prática de Ensino). ed. 1. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2010a, p. 555-569.

_____. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010b.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Bolema** (Rio Claro), v. 25, nº 41, p. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N. História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática. **Anais do V Congresso Internacional de Ensino da Matemática (V CIEM)**. ULBRA, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. ed. 8. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

GOMES, M. L. M. **Formação e atuação de professores de Matemática, testemunhos e mapas**. 2012. (No prelo)

GUTIERRE, L. S.. **O ensino da Matemática no Rio Grande do Norte (1950-1980): trajetória de uma modernização**. 2008. 150 f. Tese (Doutorado) - UFRN, Natal, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. (Tradução: Beatriz Sidou)

KNIJNIK, G.; BOCASANTA, D. M. Do ofício da pesquisa: pílulas neoaforísticas. In: ALRO, H.; RAWN, O.; VALERO, P. **Critical Mathematics Education: Past, present and future – festschrift for Ole Skovsmose**. Sense Publishers, 2010. p. 01 – 20.

KULESZA, W. A. Igreja e educação na Primeira República. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 25, 2002, Caxambu. Anped. Caxambu: Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/wojciechandrzejkuleszat02.rtf>. Acesso em: 28 set. 2012

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MAIA, A. F. R. (org.). **Vingt-un e a educação**. ESAM/FGD, 1991.

LOZANO, A. A. C. **Os Livros Didáticos de História e a Doutrina da Segurança Nacional**. São Bernardo do Campo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)**. Bauru, 2003. Relatório de Iniciação Científica. Fapesp/Departamento de Matemática, Universidade Estadual Paulista, Bauru (SP), 2003.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. Rio Claro, 2012. 379f. Tese (Doutorado em

Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e marginalidade**. Rio Claro, 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

MAURÍCIO, L. A. **Centro de Ciências: origens e desenvolvimento – uma relação sobre seu papel e possibilidades dentro do contexto educacional**. Dissertação de mestrado em Educação no Instituto de Física/Faculdade de Educação USP, São Paulo. 1992.

MAZZONI, J. R. A reforma universitária e o ciclo básico. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 24., 2001, Caxambu. Anped... Caxambu: 2001. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T1121598294951.DOC>. Acesso em: 02 outubro 2012.

MEDEIROS, S. A Docência (e a formação docente) na Educação a Distância (EaD): notas para reflexão. **Educação em Perspectiva** (Viçosa), v. 1, n. 2, p. 231-354, jul./dez. 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MELO, P. B. **Minhas memórias da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró**. ESAM/FGD, 1982.

MELO, S. B. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976**. Campinas, 1982. 312f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

MENDES, L. F. G. **Educação para a Gestão da Mobilização e Segurança Nacional**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2009.

MENEGHETI, P. A. Trajetória do Ensino no Brasil: ensino secundário e o exame de admissão. In: **Anais do VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012.

MORAIS, M. B. **O uso da História como Recurso Metodológico no Ensino de Matemática**. 2010. 70 f. Monografia (Graduação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2010.

NASCIMENTO, P. D.; LEITE, T. S.; GALVÃO, K. M.; MACIEL, F. M. F. F. Casa da Estudante: psicologia corporal em uma residência para estudantes do ensino médio. In: **Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais**. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004.

NIELSON NETO, H. **Filosofia Básica**. 2. Ed. São Paulo: Atual Editôra LTDA, 1985.

NÓBREGA, A. T. **A coleção Mossoroense e a construção dos mitos**: Dix-sept Rosado, o Herói Limoeiro. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NONATO, R. **A escola do outro tempo (professores de Mossoró)**. 1968.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación** (eletrônica), n. 350, p. 1-10, 2009. Acesso em: 03/01/2013. Disponível em: http://www.ince.mec.es/revistaeducacion/re350/re350_09por.pdf

NUNES, C. O. “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 35-60, 2000.

PAIVA, M. M. A. (Re)Construção da Escola Primária no Rio Grande do Norte. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. **IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - "Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação"**, 2006. 4227 – 4237. Acesso em: 06/02/2012, disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/382MarluciaPaiva.pdf>.

POUPART, J. A. Entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In : POUPART, J.; DESLAURIES, J-P.; GROULX, L-H. ; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. ed. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Tradução de Ana Cristina Nasser. p. 215 – 253.

RAMOS, A. G. **O primeiro ciclo na universidade brasileira**: contribuição para o estudo de sua implantação e funcionamento. Rio de Janeiro, 1979. 312f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (RJ), 1979.

RIBEIRO, M. M. G.; GUEDES, N. C. Fragmentos de histórias sobre ser docente: uma abordagem histórico-crítica de pesquisa. In: IBIAPINA, I. M. L. M.; RIBEIRO, M. M. G.; FERREIRA, M. S. **Pesquisa em educação**: múltiplos olhares. Brasília: Líber Livro Editora, 2007. p. 97 – 118.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, J. B. C. **O Colégio de Antônio Gomes, centro pioneiro da educação secundária em Mossoró e sua região**. ESAM/FGD, 1991.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de Matemática: (im)possibilidades de leitura**. Rio Claro, 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

ROSADO, V. et alii. **Antonio Gomes de Arruda Barreto – o peregrino da Educação Sertaneja**. FVR/CM, 1992.

SANTOS, C. D. **Difusão do consumo produtivo: reflexos na economia urbana de Mossoró (RN)**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SAVIANI, D. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, p 143-155, 2009.

SEARA, H. F. **Núcleo de Estudo e Difusão do Ensino da Matemática – NEDEM – “Não é Difícil Ensinar Matemática”**. 2005. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SILVA, B. C. **Breve história do CECINE: como a ciência virou dúvida e investigação**. 2012 (mimeo)

SILVA, D. S. **Educandário da zona urbana de Mossoró; patronos**. ESAM/FGD, 1984.

SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade**. Rio Claro, 2006. 480f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

SILVEIRA, E. S. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e Conhecimento**, v.1, p. 1-7, 2007.

SILVEIRA, R. J. T. Educação e Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento no contexto brasileiro pós-1964. In: 62ª Reunião Anual da SBPC, 2010, Natal. **Anais da 62ª Reunião Anual da SBPC**. Acesso em 28/12/2012. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/2648.htm>

SOUZA, A. C. C., DIGIOVANNI, A. M. P., VIANNA, A. C. Um texto e um outro. **Zetetiké**. v. 18, n. 34, p. 235 – 238, 2010.

SOUZA, A. C. C.; SOUZA, C. D. As narrativas da modernidade. **Pesquisa Qualitativa**. Ano 2, n. 1, p. 37 – 48, 2006.

SOUZA, F. F. **História de Mossoró**. FVR/CM, 1949.

SOUZA, G. L. F. **Três décadas de Educação Matemática**: um estudo de caso da Baixada Santista no Período de 1953 – 1980. Rio Claro, 1998. 279f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 1998.

SOUZA, K. C. A. A poesia de repente improvisa o passado: narrativa, memória e identidade. In: VON ZUBEN, M. C. et alli. (orgs.). **Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais**. Mossoró: Edições UERN, 2012.

SOUZA, L. A.; GARNICA, A. V. M. **As Matemáticas Modernas**: um ensaio sobre os modos de produção de significado ao(s) movimento(s) no ensino primário brasileiro. 2012 (No Prelo).

SOUZA, L. A. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. Rio Claro, 2011. 419f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

UNESCO. **Brazil - National Centre for Research and Development in Science Teaching**. Paris, August 1968.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico**: Licenciatura Plena em Matemática. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2009. (mimeo).

VALE, A. M.; GOES, R. R. Sobre a história do professor leigo do Brasil (Paraná) nos séculos XX – XXI : diversidades das situações, precariedade, desafio econômico-político e ético. In: **Anais do VII Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares**, 7., 2010, São Paulo. Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares. São Paulo: 2010. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T1121598294951.DOC>. Acesso em: 05 outubro 2012.

VIANA, A. (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. ed. 2. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

APENDICES

APENDICE 1
Carta de cessão

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____,
RG _____, declaro para devidos fins ceder a Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em ____/_____/_____, sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

_____, ____ de _____ de 2012.

APENDICE II

Carta de retorno – Apresentação do material

Caro colaborador,

Por meio desta, gostaria de apresentar o material que encaminho para a devida apreciação e legitimação. Trata-se de material produzido a partir da entrevista concedida a mim para o projeto de pesquisa *Formação de Professores de Matemática na Região de Mossoró (RN): construção de uma história por meio da oralidade*. Este projeto visa compreender e construir uma versão histórica sobre a formação de professores de Matemática na região de Mossoró, Rio Grande do Norte, antes da criação do primeiro curso superior para formação de professores nesta área, datado do ano 1974.

Entrego ao(a) senhor(a), um envelope contendo, além do texto que está lendo, um *CD-R*, um texto chamado *Transcrição*, outro com o título *Textualização*, e um documento intitulado *Carta de Cessão*. A seguir explicamos do que trata cada um destes arquivos:

- *CD-R*: Neste *CD-R*, segue cópia digital do áudio da entrevista concedida, além da *Transcrição* e da *Textualização* desta entrevista (são os mesmos textos que seguem impresso, caso o(a) senhor(a) queira uma cópia digital).
- *Transcrição*: O texto intitulado **Transcrição** é a reprodução literal para a forma escrita da entrevista gravada. Nesse texto, o(a) senhor(a) vai encontrar todos os gaguejos, repetições, esquecimentos, retornos, vícios da linguagem, indicações de gestos e outros detalhes da gravação, que são traços normais da oralidade. Não há a necessidade de se deter na leitura minuciosa desse texto, caso o(a) senhor(a) não deseje.
- *Textualização*: Já o texto indicado como **Textualização** é um texto gerado a partir da transcrição. Neste texto, buscamos limpar muitos destes traços da oralidade, mas optamos por preservar outros (que mostram muito da regionalidade e dos traços de linguagem do(a) senhor(a)), indicamos notas de rodapé para esclarecer informações, pelo senhor(a) concedidas, àqueles que, por ventura, possam ler nosso trabalho e não conheçam a região. Pedimos ao(a) senhor(a), caro(a) colaborador(a), uma atenção maior a este texto, pois este é o documento gerado pela entrevista que pretendemos incorporado ao nosso trabalho dissertativo. Pedimos atenção ainda às informações por nós complementadas em colchetes [] e em notas de rodapé, com o intuito de verificar se destoamos do sentido que o(a) senhor(a) possa ter dado ao falar sobre determinado assunto; atenção ainda às perguntas que realizamos em **CAIXA ALTA E NEGRITO** (como indicado), com o objetivo de esclarecer alguns detalhes. Gostaria que se sentisse à vontade para complementar informações que ache relevante para a proposta de pesquisa. Nossa intenção com esse texto é que o(a) senhor(a) legitime-o, reconhecendo-se como autor do mesmo.
- *Carta de cessão*: A **carta de cessão** é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (*Textualização*) pelo senhor legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização das imagens, áudios e documentos que o senhor possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhor(a) neste trabalho.

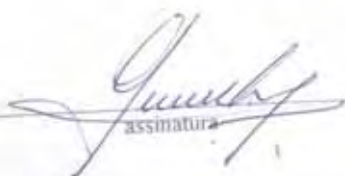
Saudações,

Marcelo Bezerra de Moraes.

CARTA DE CESSÃO

Eu, Raimundo de Freitas Melo,
RG 386.940/CE, declaro para devidos fins ceder à Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em 23 / outubro 2011, sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos à ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

Natal, 25 de junho de 2012


assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Alciné Leopoldo Dias da Silveira
RG 66.664-RN, declaro para devidos fins ceder à Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em 21/ outubro /2011, sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

Natal 25 de junho de 2012.

Alciné Silveira
assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, FELISBELA FREITAS DE OLIVEIRA, RG 092.404-RN, declaro, para os devidos fins, que concedo a Marcelo Bezerra de Moraes a cessão plena dos direitos sobre a entrevista que lhe concedi, em 18 de outubro de 2011, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo a terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa a vir determinar.

Mossoró, 26 de junho de 2012

Felisbela Freitas de Oliveira

CARTA DE CESSÃO

Eu, J. DABEL AZEVEDO DANTAS
RG 198.646, declaro para devidos fins ceder à Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em 18/OUTUBRO / 2011, sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

ADSSON, 27 de FEVRO de 2012

J. DABEL AZEVEDO DANTAS
assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Francisco de Assis Silva
RG 102.505-ITERN declaro para devidos fins ceder a Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em 13/ fevereiro 2011 sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

Mossoró, 10 de setembro de 2012

Assis Silva
assinatura

Obs.: ITER-RN

CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria das Graças Bezerra Sathler
RG 134613 - RN _____, declaro para devidos fins ceder à Marcelo Bezerra de Moraes,
RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que
lhe concedi em 12 de julho / 2012, sobre a textualização do registro oral que me
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos à ele
concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando
vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele
possa vir a determinar.

Mossoró, 12 de julho de 2012

Maria das Graças Bezerra Sathler
assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, JOSÉ ARIMATEA SOUZA,
RG 164.171 RN, declaro para devidos fins, ceder à Marcelo Bezerra de
Morais, RG 002.406.762 RN, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação
da entrevista que lhe concedi em 19 / outubro / 2011, sobre a textualização
do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das
imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a
entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes,
que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

MOSSORÓ - RN, 11 de OUTUBRO de 2012.


Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, **LUIZ CARLOS AVELINO DA TRINDADE**, RG 139.818 SSP/RN, declaro para devidos fins ceder a Marcelo Bezerra de Moraes, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 21/10/2011, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Em Natal RN, 04 de setembro de 2012.



LUIZ CARLOS AVELINO DA TRINDADE
Professor



Professor Joabel



Professor Arimatéia



Professora Gracinha



Professor Raimundo



Professora Felisbela



Professor Chiquito



Professor Luiz Carlos



Professor Alcir